

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ADRIANO JOSÉ DE SOUSA

**Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da
Urbanização de São Mateus**

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2021

ADRIANO JOSÉ DE SOUSA

**Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da
Urbanização de São Mateus**

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Antônia Terra de Calazans Fernandes.

SÃO PAULO

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S725c Sousa, Adriano Jose de
Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus / Adriano Jose de Sousa; orientador Antonia Terra de Calazans Fernandes - São Paulo, 2022.
303 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História de São Mateus. 2. Histórias das Periferias. 3. História de São Paulo. 4. História Urbana. 5. História Oral. I. Fernandes, Antonia Terra de Calazans, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: SOUSA, Adriano José de.

Título: Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovado em: 09/12/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr^a Antônia Terra de Calazans Fernandes

Instituição: FFLCH/USP

Julgamento: Não votante

Prof. Emérita Raquel Glezer

Instituição: FFLCH/USP

Julgamento: Aprovado

Profa. Dr^a Silvia Lopes Raimundo

Instituição: IC/UNIFESP

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Paulo Roberto Ribeiro Fontes

Instituição: IFCH/UFRJ

Julgamento: Aprovado

IN MEMORIAM

Dedico este trabalho a Aldo Leite da Silva, um de nossos agentes históricos da urbanização de São Mateus, falecido em 23.12. 2021. Participou da minha formação política e intelectual bem como da de diversos líderes comunitários, estudantes e professores de São Mateus e zona leste. Este trabalho traz uma pequena parte de seu legado.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só existe graças às nossas e nossos agentes históricos do processo de urbanização de São Mateus: Maria Elza Araújo, Teresinha Camargo Silva, Maria Aparecida Trajano (Tia Cida), Geralda Fernandes Morais, Rose Fernandes Morais, Orinho Ferreira, Aldo Leite da Silva e Pedro Luis Caranicolov. Suas vozes representam as muitas vidas dedicadas às agruras e alegrias da construção do espaço urbano de São Mateus, ponto de referência para a cidade naquilo que produz de luta social, consciência política, cultural e vida comunitária.

Agradeço primeiramente a meus pais, José Temista de Sousa e Antônia Rosa de Sousa, imigrantes do Piauí que chegaram a São Mateus no final dos anos de 1980, após uma década vivendo na Vila Prudente. Ele metalúrgico, ela dona de casa, mãe e costureira. Demoraram mais de três décadas para autoconstruírem nossa morada no Parque Boa Esperança, distrito do Iguatemi. Dois sobreviventes da pandemia da COVID-19, mesmo com corpo já tão frágil e idade avançada. Cada linha deste trabalho tem tudo das caminhadas que vocês fizeram comigo por aqui e pela cidade.

Às minhas irmãs Eliane Maria de Sousa e Erika Cristina de Sousa, primeiras orientadoras intelectuais da minha vida, que me ensinaram as primeiras letras, abriram-me os olhos para a importância dos estudos, das diferentes formas de cultura e do respeito ao próximo e a nós mesmos.

À minha companheira de vida, amor, trocas intelectuais e de construção política no movimento negro Elaine Correia de Oliveira, que muda todo dia minha visão sobre muitas coisas na vida, inclusive na interpretação de São Mateus. Você é minha maior inspiração de como uma mulher negra pode superar o lugar dado a ela na sociedade, sem nenhuma arrogância, com ternura, inteligência, sensibilidade e capacidade ímpar de se doar e se importar com outro.

À dona Maria do Carmo, minha sogra e Tia Crispina Ferreira, que muito me ajudaram em casa com a alimentação, afazeres domésticos e em momentos de doença, sempre com grandes conselhos e palavras reconfortantes.

Às companheiras e companheiros de luta na *União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os da Classe Trabalhadora (UNEafro-Brasil)*, espaço onde esse trabalho nasceu, em especial o núcleo *Rosa Parks* com professoras e professores de luta como Anderson Vilar, Marcos Cesar Costa e Anderson Alk, corretor gramatical de parte dessa dissertação e presença decisiva na reta final deste trabalho. Às antes educandas e hoje lideranças Débora Dias e Stephanie Felício, que muito me ensinaram sobre o ser professor e hoje são grandes

companheiras de caminhada. À Catia Cipriano, por ser minha terapeuta nesse momento pandêmico, ajudando-me a organizar as ideias, ações e a derrotar a ansiedade dia a dia. À Bianca Santana, Vanessa Nascimento e Jean Camoleze por me introduzirem no projeto do acervo da UNEafro, com a *Fundação Rosa Luxemburgo*, de suma importância para que pudesse prosseguir na pesquisa na virada do último ano. A Douglas Belchior por confiar responsabilidades e ensinar que homens negros pensam, elaboram e são capazes de ter voz e construir vida coletivamente mesmo em meio a uma sociedade tão racista e excludente como a nossa. À Rosangela Martins nossa grande mestra, pensadora e prática das construções políticas na quebrada e a partir da organização das mulheres negras e periféricas.

Ao *Coletivo de Pesquisadores Periféricos Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás (CPDOC Guaianás)*, trabalho de cultura e pesquisa autônomo que levanta, registra e difunde os patrimônios históricos e memórias da classe trabalhadora no extremo Leste de São Paulo, que me acolheu em 2018 com grande entusiasmo. Desde então, nossos debates são combustível para que eu estude e trabalhe valorizando sempre mais tudo o que faço. Allan Cunha, Daniela Soledade, Fernando Filho, João Pedro Rodrigues, Ireldo Alves, Juliane Cruz, Nisia Oliveira, Renata Eleutério, Sandro Oliveira (nosso parceiro) vocês são chave!

Às parceiras e parceiros do *Laboratório de Material de Didático e Ensino de História (LEMAD/DH-USP)*, em especial Eva Santos, uma das primeiras incentivadoras para que eu voltasse à *Universidade de São Paulo (USP)* para fazer o mestrado, sendo assim durante toda a pós-graduação, acreditando em nosso potencial e partilhando suas conquistas com o grupo. Não poderia deixar de citar o parceiro Victor Pastore, companheiro de disciplinas de pós e de diálogos sobre educação popular e materiais de pesquisa. Ao técnico Marcos Oliveira que sempre esteve à disposição para ajudar nas atividades realizadas no Laboratório. Ali conheci também a Bruna Oliveira, grande parceira na reta final deste trabalho, adequando o texto às normas da *Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)* e revisando a gramática quando necessário, e de quem indico o ótimo trabalho para quem precisar de revisão acadêmica!

Aos professores do *Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)*, campus zona Leste, sempre solícitos no apoio as nossas atividades de pesquisa. Desde a elaboração de mapas no *Google Earth*, com participação decisiva do Prof. Ricardo Barbosa da Silva, a todo o apoio da Silvia (Silvinha) Lopes Raimundo, uma das avaliadoras da banca de qualificação deste trabalho e, desde então, presença constante, seja na indicação de leituras, andanças no *Fórum de Cultura da Zona Leste* ou na organização do curso de

extensão *Histórias dos Bairros Periféricos, Negros e Operários da Zona Leste* no final do ano passado na UNIFESP.

A todos os técnicos e técnicas do *Museu Paulista* da USP, que me abriram caminho para a pesquisa no *Acervo Aguirra*, bem como às funcionárias e funcionários do *Arquivo Municipal de São Paulo*, sem os quais o levantamento de recortes de jornais sobre São Mateus não seria possível.

A todo o pessoal dos coletivos de cultura de São Mateus. Em especial a Danylo Paulo e Midria Ferreira por cederem seus poemas para este trabalho e formações que realizo. À Daniela Pereira Lima por me chamar a contribuir com o minidoc *Laranjeiras e o Seu Lugar na História* e pelos diálogos sobre memória e projetos culturais. Essa é a turma do *Sarau do Vale*. Carlos Otelac, organizador do *Sarau do Seu Camilo* e bibliotecário da *Biblioteca Camilo Pedro dos Reis* do *CEU São Mateus* em muito me ajudou com materiais biográficos e poéticos do homônimo, essenciais a esta pesquisa. Não poderia deixar de mencionar Toni William Cross do *Coletivos Coletores* e a fotógrafa Daniela Cordeiro, pelos frutíferos diálogos, acolhimento e pelo raro e precioso exemplar de *Memórias de Um São*.

Aos amigos desde a graduação Alexandro Silva (logo no primeiro dia de aula!) e Flávio Pereira, grande parceiro de Sapopemba. Vocês são referências pra vida! Não poderia me esquecer de Victor Aguiar, lenda viva e físico nuclear, Isaac Sayeg, Viviam Serra Marques, Prof. Sênior Paulo Cesar Giannini, Prof. Dr. André Sawakuchi e Priscila Leal, povo do *Instituto de Geociências (IGc-USP)*, espaço que me introduziu à Universidade de São Paulo por meio do treinamento técnico da *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)* e no trabalho com o *Programa de Treinamento de Recursos Humanos (PRH-Petrobras)*.

Ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)* que, por meio do processo nº 134147/2018-9 (cotas de pós graduação), possibilitou-me as condições materiais necessárias à realização deste trabalho, apesar do contexto histórico adverso.

À Prof.^a Emérita Raquel Glezer, por nos apresentar os clássicos sobre urbanização e história e por sua avaliação na banca de qualificação que foi de grande valia para a continuidade deste trabalho.

À Antônia Terra de Calazans Fernandes, orientadora e professora acima de tudo, que sempre acreditou na minha capacidade e valorizou os saberes que trazia desde os tempos de graduação, acompanhando linha a linha tudo o que escrevia, acolhendo a autonomia de elaboração deste estudo e dos *Kits Didáticos Mulheres Periféricas e Negros em Cena: Lutas dos Movimentos Negros (1930-1990)*.

RESUMO

SOUSA, Adriano José de. Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Agentes Históricos da Urbanização de São Mateus. 2021. 309 pp. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Pouco explorado em termos historiográficos, o tema das periferias de São Paulo necessita de uma abordagem crítica sobre as memórias das e dos agentes históricos de sua urbanização bem como da documentação de seus processos históricos, cujas fontes encontram-se espalhadas pela cidade. Os indícios desses processos foram aqui obtidos pelo pesquisador por meio da produção de fontes orais no diálogo com moradores e em relatos jornalísticos de periódicos locais, textos literários e canções levantadas de diferentes acervos, que remetem ao processo de formação territorial de São Mateus, Subprefeitura do extremo Leste da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1950 e 2000. A pesquisa em questão aborda as transformações deste território, notório pelas lutas sociais por infraestrutura urbana e serviços públicos ao longo deste período, com destaque especial para a atuação dos movimentos de saúde, moradia, transportes e ambiental entre os anos de 1970 e 1990 e na questão cultural, da década de 1980 até a contemporaneidade. Imbricadas à vida cotidiana dos moradores, essas mobilizações são fatores marcantes na história, configuração espacial e institucional da região. O estudo das memórias das e dos agentes históricos do processo de urbanização de São Mateus tem como fontes subsidiárias de estudo os debates de vereadores sobre o distrito presentes nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, que ajudam a entender como as relações entre Estado e mobilizações periféricas interferem na formação de memórias destes espaços. Ao longo da pesquisa entendemos que era essencial tanto a elaboração de cartografias e fotografias como a busca de material do gênero em arquivos (públicos e pessoais) e em bancos de dados virtuais que pudessem nos ajudar a entender as transformações espaciais e urbanas de uma localidade predominantemente rural em urbana, com historicidade própria, dentro do conjunto que se convencionou denominar periferia de São Paulo.

Palavras-Chave: História de São Paulo. História das Periferias. São Mateus. Memória Oral.

ABSTRACT

SOUSA, Adriano José de. Daily life and social struggles in São Paulo suburbs: historical agents of São Mateus urbanization. 2021. 309 pp. Dissertation (Master's Degree in Social History) - College of Philosophy, Languages and Human Sciences, São Paulo University, São Paulo, 2021.

Explored little in historiographic terms, the theme of São Paulo suburbs needs a critical approach regarding the memories of the historical agents of its urbanization as well as the documentation of its historical processes, whose sources are spread out throughout the city. The indications of these processes were here obtained by the researcher by producing oral sources from dialogues with the inhabitants and journalistic accounts of local newspapers, literary texts and songs taken from different collections, dating back to the process of territorial formation of São Mateus, subprefecture in the far east side of São Paulo City, between 1950 and 2000. The research at hand approaches the transformations of said territory, notorious for the social struggles for urban infrastructure and public services along that time period, with special emphasis to the actions of health, habitation, transportation and environmental movements between 1970 and 1990, and in the cultural issue, from the 1980s until present days. Overlapping with the inhabitants daily life, those struggles are a striking factor in the history, spatial and institutional configuration of the region. The study of the memories of the historical agents of São Mateus urbanization process has as subsidiary sources the debates of city councillors about the district in the *Annals São Paulo City Hall*, which helps in the understanding of how the relations between the State and suburban mobilizations interfere in the formation of the memories of these places. Throughout the research, we understand as essential the preparation of both cartographic maps and photographs as a search for the subject matter in public and private archives as well as in virtual data bases that could help us understand the spatial and urban transformation of a location predominantly rural into an urban one, with its own historicity, inside the group that is conventionally called São Paulo suburb.

Keywords: History of São Paulo. History of the Suburbs. São Mateus. Oral Memory.

Lista de Ilustrações

- Imagem 01: Mapa da Subprefeitura de São Mateus com seus distritos e territórios vizinhos.
..... p. 21
- Imagem 02: SOUSA, Adriano. Colaboradores em seus bairros: Referências Espaciais do Território. p. 55
- Imagem 03: SOUSA, Adriano. Totem do Projeto *Meu Bairro Minha Cidade* no Céu São Mateus. Parque Boa Esperança, distrito do Iguatemi. p. 76
- Imagem 04: SOUSA, Adriano. Trabalhos de Memória em São Mateus. p. 83
- Imagem 05: Reprodução de Mapa do Vale do Aricanduva no Século XVIII realizada por Fernando Deli..... p. 95
- Imagem 06: Planta da Cidade de São Paulo e Arredores..... p. 98
- Imagem 07: Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
..... p. 100
- Imagem 08: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe Imagem do Morro do Votossununga). p. 101
- Imagem 09: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe Imagem do Sítio do Meio). p. 102
- Imagem 10: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe da Estrada do Rio Claro, correndo paralela à Adutora do Rio Claro).... p. 103
- Imagem 11: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe da Sede da Fazenda do Oratório e do Rio Iguassú ou Oratório). p. 106
- Imagem 12: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe do Córrego Mombassa). p. 107
- Imagem 13: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe da Cia Industrial de Mauá ou Pilar/visão invertida do mapa). p. 108
- Imagem 14: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. s/d.
(Detalhe das Oito Casas). p. 109
- Imagem 15: Mappa Topogrâphico do Município de São Paulo. Folha 71. (Sistema *Sara*)
1930..... p. 111
- Imagem 16: Mappa Topogrâphico do Município de São Paulo. Folha 71. Sistema *Sara*, 1930
(Detalhe Arruamentos no Atual Largo de São Mateus). p. 112

Imagem 17: Camada Político Administrativa de São Mateus e Sapopemba (Detalhe Largo de São Mateus).....	p. 113
Imagem 18: Detalhe das Fazendas do Sudeste da Parte Leste de São Paulo. Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos. <i>São Paulo Tramway Light & Power</i> , 1943.	p.115
Imagem 19: Planta do Sítio do Fonseca. 1949.....	p. 126
Imagem 20: Planta do Sítio do Fonseca. 1949 (Detalhe Cidade São Mateus, Linha da Light e Caminho que Vae para a Cidade).	p. 127
Imagem 21: Planta dos Terrenos da Vila Nova York (Detalhes do Córrego Aricanduva e Avenida do Gaaguaçu). 1947.....	p. 128
Imagem 22: São Paulo (Detalhe dos Arredores da Estrada do Caguaçu). Cia Melhoramentos, 1951.....	p. 129
Imagem 23: São Paulo (Detalhe São Mateus). Planta Cia Melhoramentos.....	p. 130
Imagem 24: Reprodução do Contrato 1286 da Sociedade Civil de Terrenos São Mateus. 1952.	p. 133
Imagem 25: Evolução Demográfica do município de São Paulo: Anos de 1950 a 1960.	p. 143
Imagem 26: Evolução Demográfica do Município de São Paulo: décadas de 1960 e 1970.	p. 144
Imagem 27: Mapa do <i>Projeto São Mateus</i>	p. 178
Imagem 28: Matéria do “Diário Popular” <i>São Mateus Guerreiro</i> , não por acaso, traz como símbolo dos problemas urbanos de São Mateus o ônibus lotado.....	p. 183
Imagem 29: Edifício atual da sede da Regional de São Mateus na década de 1980, segundo Maria Elza Araújo.....	p. 210
Imagem 30: Sede atual da <i>Subprefeitura de São Mateus</i> no Jardim Colonial.....	p. 210
Imagem 31: Orinho Ferreira no armazém/mercearia da família no Jardim Laranjeiras, jun. 1982.....	p. 223
Imagem 32: Padaria <i>Skina</i> no cruzamento da Avenida Mateo Bei com a Avenida Sapopemba (ao fundo a Estação São Mateus do Monotrilho, à esquerda).....	p. 224
Imagem 33: Pequeno Comércio em São Mateus.	p. 224

Imagem 34: Praça São Mateus, atual Praça Felisberto Fernandes da Silva e o supermercado *Barateiro*. p. 227

Imagens 35 e 36: Visão Diurna e Noturna de Condomínios de Prédios Convivendo Lado a Lado com Galpões e a Mata Atlântica no *Parque São Lourenço*. p. 250

Lista de Tabela

Tabela 01: Evolução Demográfica de São Mateus por Distritos. p. 142

Abreviaturas e Siglas

AAZL – Associação de Agricultores da Zona Leste
ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABC/ABC Paulista - Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul
ABCD – Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema
AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros
APA – Área de Proteção Ambiental
AR – Administração Regional
AR IG – Administração Regional de Itaquera-Guaianases
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
Av. – Avenida
BNH – Banco Nacional de Habitação
BRT – Sistema de Ônibus de Trânsito Rápido (ou *Bus Rapid Transit*, em inglês)
CBN – Central Brasileira de Notícias
CBPO – Companhia Brasileira de Projetos e Obras
CD – Conselho Distrital
CDL – Câmara de Lojistas de São Mateus
CDP – Centro Democrático Popular
CDPs – Comitês Democrático Populares
CDM – Clube Desportivo Municipal
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CEI – Comissão Especial de Inquérito
CEU – Centro de Educação Unificado
Cia/Co – Companhia/ *Company* (em inglês)
CMTC – Companhia Municipal de Transportes Coletivos
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo
CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo
CPA – Centro Profissionalizante de Adolescentes
CPDOC Guaianás - Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás
CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito
CPS-FGV – Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas

CPT – Centro Profissionalizante do Trabalhador
CPV – Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro
Cr\$ – Cruzeiro (moeda)
CTR – Central de Tratamento de Resíduos Leste I
Dgnº. – Digno
DPH – Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo
Dr. – Doutor
DRR – Defensores do Ritmo de Rua
Ed./ed. – Editora/edição
EDUSP – Editora Universidade de São Paulo
E.E. – Escola Estadual
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMTU – Empresa Metropolitana de Transporte Urbanos
Exa. – Excelência
Exmo. – Excelentíssimo
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU-USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
FCZL – Fórum de Cultura da Zona Leste
FESAB – Federação de Sociedades de Amigos de Bairro de São Paulo
FFCL-USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
FHC – Fernando Henrique Cardoso
FIAM-FAAM – Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado
FM – Modulação em Frequência (*Frequency Modulation*, em inglês)
FMUSP – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
FUNAPS – Fundo de Atendimento à População Moradora em Habitação Subnormal
GEA – Grupo Ecologia Arco-Íris
GND – Grupo Não Degradação
GPME – Grupo Pierre Martin de Espeleologia
h. – hora
HABI – Superintendência de Habitação Popular
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEB-USP – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

IGc-USP – Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Nacional

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

LEMAD/DH-USP – Laboratório de Material de Didático e Ensino de História do Departamento de História da Universidade de São Paulo

LGBT – Comunidade/Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

Liga-SP – Liga das Escolas de Samba de São Paulo

LPs – Discos de Vinil (*Long Play*, em inglês)

LTDA – Limitada/Sociedade Limitada

m² – metro quadrado

MCP – Movimento Cultural das Periferias

MDF – Movimento de Defesa dos Favelados

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MP-USP – Museu Paulista da Universidade de São Paulo

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MSZL – Movimento de Saúde da Zona Leste

MTV – *Music Television* (em inglês)

n./nº – número

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPB – Partido Progressista Brasileiro

PRH-Petrobras – Programa de Treinamento de Recursos Humanos da Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima (Petrobras S.A.)

PROEDUR – Programa de Estudos em Demografia e Urbanização

PRP – Partido Republicano Paulista

PRT – Partido Republicano Trabalhista

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSC – Partido Social Cristão
PSP – Partido Social Progressista
PST – Partido Social Trabalhista
PT- Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAE – Repartição de Águas e Esgotos do Estado de São Paulo
RMSP – Região Metropolitana de São Paulo
R\$ - Real (moeda)
S.A. – Sociedade Anônima
SAB – Sociedade de Amigos de Bairro
SABESP – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
Sacismat – Sociedade de Amigos do Bairro de São Mateus
SASP – Sociedade dos Amigos das Escolas de Samba de São Paulo
SEHAB – Secretaria Municipal de Habitação
Sempla – Secretaria Municipal de Planejamento
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC – Serviço Social do Comércio
Sr. – Senhor
SUS – Sistema Único de Saúde
TCA – Trabalho Colaborativo Autoral
UESP – União das Escolas de Samba de São Paulo
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNEafro-Brasil – União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os da Classe Trabalhadora
UNICID – Universidade Cidade de São Paulo
UNICASTELO – Universidade Camilo Castelo Branco
UNICSUL – Universidade Cruzeiro do Sul
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNMP – União dos Movimentos de Moradia de São Paulo
USP – Universidade de São Paulo

VAI – Programa de Valorização das Iniciativas Culturais da Juventude na Cidade de São Paulo

VMB – Vídeo Music Brasil

ZEIs – Zonas Especiais de Interesse Social

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
De Quais Territórios Falamos?	20
Recortes Temporais	23
Fontes Pesquisadas	25
Referenciais Teóricos	32
Estrutura dos Capítulos.....	36
CAPÍTULO 01: MEMÓRIAS DE QUEM CONSTRÓI AS PERIFERIAS NA ZONA LESTE...39	
1.1 Quem são nossas e nossos agentes históricos?	40
1.2 Estudos de História Oral e os Bairros da Zona Leste	56
1.3 Os Trabalhos de História e Memória Construídos Pelos Moradores de São Mateus	66
CAPÍTULO 02 – ENTRE LOTEAMENTOS, FAZENDAS, SUBÚRBIOS E PERIFERIAS: A ESTRUTURAÇÃO DE SÃO MATEUS EM MEIO A TERRITÓRIOS RURAIS	84
2.1 São Mateus no Contexto das Periferias e Subúrbios – Passado e Presente	85
2.2 Os territórios de Fazendas nos espaços da Urbanização de São Mateus: Fazenda do Oratório e Fazendas Limítrofes	93
2.3 A Cidade São Mateus e a passagem do Cotidiano Suburbano Para Os Problemas de Uma Periferia	117
2.4 Do Subúrbio à Periferia: São Mateus como Periferia da Cidade Edificada	141
CAPÍTULO 03: MOBILIZAÇÕES E CONQUISTAS SOCIAIS URBANAS DE SÃO MATEUS: MEMÓRIAS DOS MORADORES E OUTRAS FONTES	157
3.1 <i>São Matheus Guerreiro</i> : Memórias e Documentação das Mobilizações Sociais entre os anos de 1950 e 1980	158
3.2 Movimento Popular de Saúde de São Mateus: Articulações Territoriais na Luta por Centros de Saúde, Hospital e Pronto-Socorro	171
3.3 Os Transportes em São Mateus: Drama na Luta Pela Circulação na Cidade	181
3.4 A Luta Contra o Lixo: Entre Aterros, Parques e Áreas de Preservação Ambiental.	189
3.5 A Questão da Moradia em São Mateus: Da Busca Por Lotes aos Movimentos de Moradia, Mutirões e Conjuntos Habitacionais.....	196
3.6 A Construção de um “Poder Para os Moradores”: Administração Regional e as Territorialidades de São Mateus	208
CAPÍTULO 04: MEMÓRIAS DAS CULTURAS E DO COTIDIANO EM SÃO MATEUS: VIVÊNCIAS DOS MORADORES NO BERÇO DO SAMBA E DA LITERATURA	220
CAPÍTULO 04: MEMÓRIAS DAS CULTURAS E DO COTIDIANO EM SÃO MATEUS: VIVÊNCIAS DOS MORADORES NO BERÇO DO SAMBA E DA LITERATURA	221
4.1 Diálogos Literários e Oraís sobre o Cotidiano de São Mateus	221
4.2 E o Samba Coloca São Mateus em “Primeiro Lugar”	240
CONCLUSÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO	254

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES.....	267
Livros e Artigos.....	267
Documentos.....	273
Anais da Câmara Municipal de São Paulo	273
Sites.....	274
Entrevistas	277
Músicas.....	277
Poemas.....	278
Jornais.....	279
ANEXOS.....	283
Anexo A – Propaganda do Empreendimento <i>My Click São Mateus</i>	283
Anexo B – Músicas	283
Anexo C – Poemas	290
Anexo D – Fotos do Pesquisador com Agentes Históricos	297

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Essa é somente a vida de muitos em São Mateus;
 Mas também é a vida de muitos na zona norte;
 Na zona sul, na zona oeste e na nossa zona leste. [...]
 Pequeno e pobre e humilde, mas um bairro meu.¹

Na canção “Lei da Periferia” (Anexo B) - o grupo de jovens *rappers* do *Consciência Humana*, parte da *Posse DRR* (Defensores do Ritmo de Rua) que unia na São Mateus² da década de 1990 grafiteiros, *rappers* e dançarinos de *break* – destrincha a realidade de uma família do território corroída pelo desemprego, onde a mãe sofre com o marido alcoólatra e os filhos atraídos pelo universo do crime. Uma realidade passível de ocorrer em qualquer espaço de periferia da cidade de São Paulo como uma “lei” quase inescapável para o trabalhador, negro e pobre com poucas oportunidades de trabalho e estudo em um período de desindustrialização e avanço do neoliberalismo no país. Mas, ao mesmo tempo, a percepção geral da vida precária dá lugar à esperança de viver em “um pequeno e pobre e humilde, mas um bairro meu”, onde é possível criar alternativas de vida apesar das dificuldades.

Observar a vida social de diversos espaços da cidade, abstrair dela sentimentos, sentidos, “leis” e memórias parece ser uma tendência de cada morador do município de São Paulo e de outras cidades do mundo, porém em algumas localidades – como as periferias das grandes cidades – essas falas e interpretações desses espaços são emudecidas, esquecidas ou generalizadas pela visão de quem planeja, governa, produz e tenta determinar os rumos da cidade. Mas como o morador da periferia pensa a cidade a partir do que vive em seu bairro? Que perspectivas têm? Quais narrativas de memória constrói? De que modo atuam, como agentes históricos de transformações concretas, em seus espaços? Nesta pesquisa investigaremos como isso se dá em São Mateus, “cidade”, “distrito”, “bairro” e “extremo” da Zona Leste de São Paulo.

¹ CONSCIÊNCIA HUMANA. **Lei da Periferia**. In: **Entre a Adolescência e o Crime** (CD). São Paulo: DRR/Posse. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z37bj05qQtI>. Acesso em: 30 jul. 2021. O grupo *Consciência Humana* formou-se no início dos anos de 1990, deixando sua marca no cenário do *Rap Nacional* por conta das denúncias que fez com relação ao “Esquadrão da Morte” da Polícia Militar de São Paulo. O *single* “Lei da Periferia” faz parte do disco *Entre a Adolescência e o Crime*, lançado em 1998 pelo selo “D.R.R Produções Fonográficas”. Ver: FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA, Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 93.

² Território localizado na zona Leste da cidade de São Paulo cujas características serão detalhadas nesta introdução.

De Quais Territórios Falamos?

Em nossa investigação de mestrado, trataremos da maneira que a relação memória e urbanização se desenvolveu em São Mateus, espaço localizado no extremo Leste da cidade de São Paulo. Este território delimita hoje uma das Subprefeituras da Zona Leste do município. Porém, a depender do momento histórico, das vivências dos moradores e das divisões administrativas e territoriais da cidade a área pode ser classificada como bairro, distrito ou Administração Regional.

Neste estudo teremos por base a delimitação espacial atual de São Mateus apresentada pela Subprefeitura (Imagem 01), ou seja, abordaremos um espaço que possuía em 2010, segundo o histórico demográfico do município de São Paulo³ uma população total de 426.794 habitantes, subdividida nos distritos do Iguatemi (127.662 habitantes), São Rafael (143.992 habitantes) e São Mateus (155.140 habitantes). Ao longo de nosso trabalho, porém, utilizaremos a palavra Subprefeitura ou Regional para se referir a todo o território de São Mateus para não haver, assim, conflito de identificação com as subdivisões de sua espacialidade e, quando tratarmos de sua centralidade, a identificaremos como um de seus *distritos* bem como utilizaremos o termo *subdistrito* quando São Mateus for parte de outras *Regionais* em determinados momentos históricos (como veremos no capítulo 03 à elevação a “Distrito de Paz” era acompanhada, também, da designação como Regional).

Do ponto de vista de sua hidrografia e limites territoriais, segundo o *Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo* (DPH), São Mateus possui dois rios – Aricanduva e Rio das Pedras – e quarenta ribeirões fazendo divisa, ao Sul com as cidades de Santo André e Mauá. De acordo com a publicação foram aí morar, a partir da década de 1950, imigrantes do Nordeste, Minas Gerais e Paraná.⁴ É marcado, segundo dados dos *Planos Regionais para Subprefeituras* de 2016⁵, pela possibilidade de implementação de parques municipais e, até mesmo, estaduais nas áreas remanescentes de Mata Atlântica que margeiam seus principais córregos e rios (Aricanduva, Caaguaçu, Limoeiro), como é o caso do “Parque Linear Nascentes do Aricanduva”, “Parque Morro do Cruzeiro”, “Parque Cipoaba”, “Parque Linear Limoeiro” e “Parque Caaguaçu”, só para citar os principais.

³Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em: 15 out. 2020.

⁴ DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Programa Patrimônio e Referências Culturais nas Subprefeituras: São Mateus**. São Paulo: DPH, 2013, p. 21-22.

⁵ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cadernos de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Perímetros de Ação** (São Mateus). São Paulo: PMS, 2016.

São Rafael”. Podemos citar, também, a Av. Bento Guelfi⁹, que faz a interligação entre o distrito do Iguatemi e a divisa com a cidade de Mauá que, segundo os *Planos Regionais* para as Subprefeituras, tem potencial para se tornar uma centralidade local em um futuro próximo. Hoje há escolas, postos de saúde, redes de água e energia (insuficientes e precários, diga-se) espalhados por todo o território da Subprefeitura, embora ocupações de moradias mais recentes ainda sofram com a falta desses equipamentos.

O processo de instalação das estações da “Linha 15-Prata” (monotrilho) no corredor das Avenidas Sapopemba e Ragueb Choffi, culminando com a inauguração de sua principal estação - São Mateus, na centralidade da região, “Praça Felisberto Fernandes Silva” - induz o aumento da especulação imobiliária e da construção de condomínios de prédios destinados à chamada “classe C”¹⁰ por toda São Mateus, inclusive em áreas mais afastadas dali como o “Jardim Alto Alegre”, margeando a Avenida Bento Guelfi.¹¹ A previsão de expansão da “Linha-15-Prata” do Metrô pela Avenida Ragueb Choffi - sendo prevista a inauguração da estação “Jardim Colonial” (em construção) até 2021¹² - faz com que novos comércios e serviços sejam instalados ao longo de seu trajeto, expandindo a centralidade do território, até uma década atrás mais concentrada no entorno da Avenida Mateo Bei. Nesta área, por exemplo, temos o “Parque Industrial São Lourenço”, que possui indústrias de tintas e

⁹ Segundo os *Planos Regionais* a localidade tem potencial para construção de novos comércios, já que possui áreas ocupáveis e já está ali instalado o Céu Alto Alegre. O entorno, que possui bairros como 3ª Divisão, Jardim Limoeiro e Recanto Verde do Sol é marcado, porém, por ser via de acesso à Central de Tratamento de Resíduos Leste I (CTR), na divisa com a cidade de Mauá, na área em que funcionava o aterro sanitário São João I e onde hoje opera o São João II, que marcam negativamente a história local. Ver: **Cadernos Regionais Perímetros de Ação** (São Mateus), p. 17.

¹⁰ A chamada *Classe C* ou *Nova Classe Média* é um fenômeno econômico e social das últimas duas décadas, fomentada pelo período de crescimento econômico verificado durante o período denominado *Lulismo* (2003-2016), marcado pelo aumento da exportação de *commodities* e fomento ao crédito e consumo no mercado interno. Segundo o *Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas* (CPS-FGV), em pesquisa de 2014, esse extrato social encontrava-se na faixa de renda entre R\$ 2005,00 e R\$ 8640,00 por família. Foi o grupo social responsável por aquecer o comércio de carros populares, linha branca (eletrodomésticos e eletroeletrônicos) e o ramo imobiliário, possuindo um mercado fornecedor específico até o momento atual. Ver: <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>. Acesso em: 21 set. 2021.

¹¹ Exemplo disso é o *Jornal SP Zona Leste*, edição de Julho de 2019, destinado a fazer propaganda do empreendimento *My Click*, localizado próximo à estação São Mateus da Linha 15-Prata do metrô inaugurada no final de 2019. No jornal, além do acesso ao Parque do Carmo (vendido como importante área de lazer) e ao Shopping Aricanduva (centro comercial) há a ênfase na área como importante via de articulação de diversos modais de transportes: “A ótima infraestrutura de transporte público também é responsável pelo enriquecimento local, com o terminal São Mateus, que atende a 21 linhas da SPTrans, e do corredor Metropolitano São Mateus-Jabaquara, operado pela Metra, além de outras linhas da EMTU-SP. O acesso é feito por vias como a Rodovia Nova Trabalhadores e as Avenidas Aricanduva e Sapopemba”. Ver: JORNAL SP LESTE SÃO MATEUS. **My Click**: São Mateus, ed. 67, jul. 2019 (ANEXO A).

¹² Ver: G1 PORTAL GLOBO DE NOTÍCIAS. **Governo de SP Promete Entregar Estação Colonial da Linha-15 Prata do Monotrilho em 2 Anos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/27/governo-de-sp-promete-entregar-estacao-jardim-colonial-da-linha-15-prata-do-monotrilho-em-2-anos.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2020.

autopeças e que, aos poucos, recebe condomínios para moradia em seus lotes não ocupados, além de mercados e redes de lanchonete em antigos galpões industriais fechados.¹³

Este breve compilado de informações constitui-se de pesquisas realizadas pela Prefeitura de São Paulo ou sob sua supervisão e revelam, em parte, o que pensam sobre São Mateus os empresários do ramo imobiliário e de outras áreas, enxergando possibilidades de uma urbanização que viabiliza uma série de formas lucrativas de ocupação do espaço. Porém, também é possível elencar nelas possibilidades de ocupação pública de São Mateus por atores sociais e moradores do território.

Recortes Temporais

Ao unirmos indícios das transformações do território a interesses dos moradores sobre ele, trataremos do processo histórico de urbanização de São Mateus por meio do ponto de vista de oito colaboradores residentes nos três distritos relacionados, além de abordarmos produções culturais e de memória dos moradores de São Mateus. Ao pensarmos os recortes temporais da pesquisa, chegamos à conclusão de que seria difícil a delimitação de uma única temporalidade para ela, pois assim como as marcas materiais da urbanização dos territórios guardam elementos variados representativos de suas diversas temporalidades¹⁴, também isso pode ser verificado nos processos de memória. A mistura de tempos aumenta se levarmos em consideração as lembranças diversas de moradores que chegam ao território em diferentes momentos nos anos de 1940, 1970 e 1980, cada qual relacionando o momento contemporâneo com a trajetória de vida que tiveram em São Mateus. Optamos nessa pesquisa, portanto, em pensar três temporalidades, articulando processos históricos do território, da cidade e da história do país. São eles: urbanização do meio rural e constituição do padrão periférico de ocupação do espaço (1940-1978); crise da habitação, infraestrutura e movimentos populares (1978-2000) e contemporaneidade (2000-2020).

¹³ O grupo *São Lourenço*, em seu sítio descreve São Mateus como área “em franco desenvolvimento”. O Parque, segundo informações de seu *site*, é o único condomínio industrial para locação disponível na cidade de São Paulo. O local é descrito da seguinte forma: “Em 1985 o empresário Lourenço Chohfi fundou o Parque Industrial São Lourenço I. Um empreendimento composto de armazéns de alto padrão na zona Leste de SP. No decorrer do tempo, junto com seus filhos e netos surgiu o Grupo São Lourenço com a finalidade de administrar e construir edifícios comerciais e armazéns logísticos e industriais.” Desenvolveremos ao longo desta pesquisa considerações sobre o fato de o Parque Industrial não se realizar na prática como a propaganda preconiza. Disponível em: <http://www.gruposalourenco.com.br/quemsomos>. Acesso em: 12 set. 2019.

¹⁴ LEPETIT, Bernard. É Possível Uma Hermenêutica Urbana. In: **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 139-140.

O primeiro momento é marcado fundamentalmente pelos projetos desenvolvimentistas e rodoviariaristas, que incluem dois períodos de industrialização e imigração acentuada – principalmente nordestina – para São Paulo: o imediato Pós-Segunda Guerra, no final dos anos de 1940, durante o período democrático marcado pelo desenvolvimentismo e trabalhismo¹⁵ - e, a partir do Golpe de 1964, com os projetos de modernização conservadora implementados durante a Ditadura Civil-Militar. A característica urbana principal deste momento é o loteamento intenso de territórios rurais no entorno da área edificada da cidade, para suprir a demanda por moradia dos trabalhadores da indústria que aqui chegavam, aliada à instauração intensa de vias rodoviárias como as avenidas radiais e suas conexões, preconizadas pelo *Plano de Avenidas* elaborado por um conjunto de urbanistas liderado por Prestes Maia, como interventor municipal indicado pelo interventor estadual Adhemar de Barros entre 1938 e 1941 e na década de 1960, eleito por meio de eleições. A partir dos anos de 1970 esse padrão se intensifica ainda mais, com a construção de viadutos, expansão das marginais dos rios Pinheiros e Tietê, surgimento das favelas em áreas públicas ainda não ocupadas e os primeiros grandes conjuntos habitacionais da *Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB)*, a exemplo do que ocorreu em Artur Alvim, Itaquera e Cidade Tiradentes.¹⁶

O final desta década, marcada pela crise inflacionária e o arrocho salarial, decorrência da política econômica do “Milagre Brasileiro” viu surgir uma série de movimentos populares sejam sindicais ou de bairros. Eles questionavam o custo de vida, a defasagem salarial e aquilo que Lúcio Kowarick chama de espoliação urbana¹⁷, ou seja, a tradução da exploração capitalista no não fornecimento de bens de consumo urbanos coletivos, como postos de saúde, transportes, serviços de energia, água e esgoto a quem ajuda a produzir a cidade com o seu trabalho. Esse processo a que Bonduki chama de redução do custo da reprodução da mão-de-obra¹⁸, acontecia desde os anos de 1940, aliado ao padrão periférico de crescimento da cidade, só que nos anos de 1970 a escassez ganha novos contornos, pois além da crise monetária a cidade enfrenta uma crise de moradia, com os lotes comerciáveis mais escassos e o poder de

¹⁵ Para uma introdução aos principais debates sobre a democracia e a agência histórica dos trabalhadores nesse período, ver: GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

¹⁶ Livro que celebra os 40 Anos da COHAB I traz um panorama desse período, a partir das análises de cientistas sociais sobre o território. Ver: MARCELINO, Júlio Cesar José. (Coordenador) **40 Anos de Janela: Livro Comemorativo dos Quarenta Anos de COHAB I**. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2019.

¹⁷ KOWARICK, Lúcio (Org). **As Lutas Sociais e a Cidade**: São Paulo, Passado e Presente. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 46.

¹⁸ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 288.

compra dos trabalhadores cada vez mais limitado. Esse período que abarca também os anos de 1980, agrega a intensificação de outros problemas ocorridos durante a década de 1990, como a violência urbana crescente, desindustrialização e desemprego estrutural. Nesse contexto é que a juventude das periferias, uma das principais vítimas da violência e do desemprego, cria diversas manifestações de contestação ao “sistema” e às condições de vida enfrentadas nesses espaços¹⁹, seja no *Hip Hop*, teatro, como na literatura e no samba.

O período contemporâneo delimitado aqui pelos últimos 20 anos, é marcado pela especulação imobiliária e qualificação das centralidades de muitas das periferias de São Paulo, principalmente com obras de mobilidade urbana, na esteira das movimentações econômicas induzidas pelos *Programas de Aceleração do Crescimento (PAC)* e *Minha Casa, Minha Vida*, também articulados durante o período conhecido do “Lulismo” (2003-2016).²⁰ Ainda assim mantêm-se problemas semelhantes aos enfrentados desde os anos de 1970, em ocupações urbanas mais recentes e nos bolsões de pobreza dos territórios como os bairros de “Vila Flávia” e “Divinéia” (São Mateus); “Parque das Flores”, “Rodolfo Pirani” e “Vera Cruz” (São Rafael) e “Limoeiro”, “Recanto Verde do Sol”, “Jardim Nova Vitória” e “Jardim Alto Alegre” (Iguatemi), só para citar alguns exemplos.

As falas dos moradores reunidas nessa pesquisa partem do presente e dialogarão com o período que vai da década de 1940 aos anos de 1990, em que pese a diversidade de contextos históricos envolvidos, pois a principal linha organizativa das problemáticas aqui abordadas se referirá às transformações específicas do território de São Mateus naquilo em que elas dialogam com as mudanças urbanas da cidade no contexto de consolidação do padrão centro-periferia de crescimento urbano de São Paulo, principalmente entre os anos de 1950 e 1980.²¹

Fontes Pesquisadas

Para concretizar a relação entre as memórias dos moradores no território e as temporalidades descritas, organizamos um processo de pesquisa de fontes dividido em cinco

¹⁹ Um dos documentos mais pungentes desse período criado pelo escritor Ferréz em sua ficção *Capão Pecado*, que narra a história de Rael, jovem do bairro do Capão Redondo que precisa lidar o tempo todo com os problemas estruturais do território como falta de renda, violência urbana e poucas opções de lazer. Ver: FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Objetiva, 2005.

²⁰ Para obter mais informações sobre o conceito e o período a que se refere ver: SINGER, André. As Raízes Sociais e Ideológicas do Lulismo. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP, n. 85, 2009.

²¹ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. 1 ed. São Paulo: EDUSP/Editora 34, 2000, p. 218-219.

eixos: História Oral; *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*; cartografias; jornais (locais, produzidos por movimentos de bairro e das mídias de grande circulação) e *websites*.

O eixo *História Oral* contou com uma rede de oito colaboradores articulados a partir das atividades do pesquisador no núcleo local da *UNEafro-Brasil* (Rosa Parks)²² e do contato com o *Instituto de Memória e Tradição do Samba de São Mateus*²³: Tia Cida, Aldo Leite, Pedro Caranicolov, Maria Elza Araújo, Orinho Ferreira, Teresinha Silva, Rose e Geralda Fernandes. Tia Cida, Rose e Geralda Fernandes, conhecemos no *Instituto de Tradição e Memória do Samba de São Mateus* e, os demais colaboradores, foram articulados através de contatos de professores da *UNEafro-Brasil*. O processo de realização das entrevistas foi composto pela produção de um roteiro com questões que incentivassem os moradores a elaborarem memórias sobre suas trajetórias de vida e relações com o espaço urbano local e vivências em outras áreas da cidade. Para organização desse processo baseamo-nos principalmente nas considerações dos historiadores orais José Carlos Sebe Meihy²⁴, um dos pioneiros da História Oral no país e do italiano Alessandro Portelli²⁵, estudioso das memórias da resistência antifascista na Itália e de populações negras no pós-abolição norte-americano.

A pesquisa no acervo digital do *Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo* concentrou-se no conjunto de registros dos debates parlamentares que constituem os *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, digitalizados em suas seções de 1904 até as reuniões contemporâneas. Reunimos aí documentos compreendidos entre as décadas de 1950 e de 2000, onde foi encontrado o termo “São Mateus” em debates relacionados aos problemas urbanos locais. Foram localizadas 455 menções ao todo, seja ao bairro, subdistrito, distrito, Regional ou relação às áreas do São Rafael e Iguatemi. Contêm em seus textos, principalmente, indicações e requerimentos dos vereadores que se dirigiam ao poder executivo na intenção de fazer ressoar reclamações locais organizadas pelos moradores. O principal objetivo de trazer essas fontes para o conjunto documental desta pesquisa é, além de delinear um panorama dos processos de mudança urbana no território, registrar a interação dos movimentos comunitários com a política institucional (quando solicitam a ação dos

²² A *UNEafro-Brasil* é um movimento negro e de educação popular que possui atualmente mais de 30 núcleos espalhados pela grande São Paulo, interior do estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <http://uneafrobrasil.org/>. Acesso em: 19 out. 2020.

²³ O *Instituto Cultural da Tradição e Memória do Samba de São Mateus* funciona atualmente na Rua Monte Mandirá, nº40, no Jardim 9 de Julho, em São Mateus. Divide espaço com a *Casa de Cultura Municipal de São Mateus*. Realiza nesse espaço, desde 2016, sambas com artistas da região e seus convidados e também promoveu o *show* “Memória Negra do Samba Paulista” no *Circuito SESC* em 2019.

²⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

²⁵ PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. In: **Proj. História** (PUC). São Paulo: Educ, n.14, fev. 1997.

representantes em prol do território) e o modo como os vereadores referem-se aos bairros das periferias de São Paulo. Esse conjunto constituirá um segundo nível documental nesta pesquisa, que será “comentado” pelas fontes orais, principais elementos problematizadores dos processos históricos do território.

O conjunto de fontes cartográficas selecionadas nesta pesquisa²⁶, assim como os *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, trazem os registros do processo de urbanização no território só que, neste caso, cumpre a função de evidenciar visualmente a ocupação do espaço rural e urbano no extremo Leste de São Paulo da década de 1940 à contemporaneidade. A pesquisa desses materiais foi realizada em quatro frentes distintas: *Histórico Demográfico On-line da Prefeitura de São Paulo*²⁷; *Acervo Aguirra de Mapas, Plantas e Registros Imobiliários do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP)*²⁸; estudos conduzidos pelo geógrafo Aroldo de Azevedo entre os anos de 1940 e 1950; e o mapa digital da cidade de São Paulo (plataforma “Geosampa”)²⁹.

O “Histórico Demográfico do Município de São Paulo” apresenta uma série histórica que vai de 1872 a 2010, baseando-se nas contagens populacionais nacionais como *Censo Demográfico*, que teve sua última edição realizada em 2010. Tudo isso expresso em mapas e tabelas que demonstram o crescimento populacional na cidade ao longo deste período. Além destes dados há o registro de plantas panorâmicas da cidade e de seus limites geográficos, realizadas tanto pela Prefeitura como por empresas interessadas em documentar detalhes do espaço urbano municipal. Exemplos disso são os mapas da *Light and Power* (1943 e 1950) e da *Melhoramentos* (1951). Esses três exemplos de cartografias trazem, entre outros elementos, a representação de vias (muitas delas ainda sem nome), linhas de transmissão de energia, rios, loteamentos urbanos planejados e/ou em processo de ocupação e divisões territoriais de fazendas e sítios.

A pesquisa de plantas e mapas no *Acervo Aguirra*, sob guarda do *Museu Paulista da USP (MP-USP)*, foi de extrema importância para que pudéssemos mapear parte das fazendas e loteamentos de terrenos existentes em meados das décadas de 1940 nas áreas da bacia do Aricanduva e na divisa com o atual ABC paulista, como a planta do loteamento do bairro “Vila Nova York”, vizinho de São Mateus, e da “Fazenda do Oratório”, depois desmembrada

²⁶ Para garantir a nitidez de algumas das imagens, parte delas foi alterada nos softwares *Corel Paint* e *Gimp 2.10.24*.

²⁷ Ver: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/index.php. Acesso em: 19 set. 2019.

²⁸ ACERVO AGUIRRA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:GLAM/Museu_Paulista/Listas/Mapas_da_cole%C3%A7%C3%A3o_Aguirra. Acesso em: 17 out. 2020.

²⁹ Ver: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 17 out. 2020.

em lotes que, em parte, pertencem atualmente à subprefeitura de São Mateus. Segundo o historiador Walter Pires, o acervo de João Batista de Campos Aguirra é fundamental para entender as divisões fundiárias e suas transformações no território da cidade do final do século XIX até a metade do século XX. Aguirra assessorava compradores e vendedores de terrenos com as informações que obtinha sobre eles e doou seu acervo ao *Museu Paulista da USP* em fins dos anos de 1950³⁰.

Uma última relação de cartografias dos arredores a Leste de São Paulo durante os anos de 1940 e 1950 foi selecionada das pesquisas realizadas pelo geógrafo Aroldo de Azevedo professor na *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP)*, presentes tanto no livro *Subúrbios Orientais de São Paulo*, fruto de suas pesquisas de campo na década de 1940³¹ como na investigação coordenada por ele na série de quatro volumes *A Cidade de São Paulo*.³² Em ambas há artigos sobre os povoados suburbanos localizados nos arredores de Penha, Itaquera, São Miguel, Itaquaquecetuba e Poá, visando entender suas configurações espaciais e relações com a cidade de São Paulo, lançando mão das cartografias como um dos elementos principais de análise.

Os documentos jornalísticos ou informativos trazem importantes registros da realidade e cotidiano de São Mateus, contribuindo para entendermos suas transformações urbanas e os discursos de memória construídos a partir deles. Para esta finalidade, debruçamo-nos sobre três acervos para compormos uma diversidade de visões sobre o território: *Arquivo Municipal de São Paulo*, *Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro* e *O Estado de S. Paulo*. Dentro deles dividimos a documentação em três categorias: jornais locais, publicações de grande circulação e boletins informativos de movimentos sociais.

No *Arquivo Municipal* encontramos a pasta “São Mateus”, sob a guarda de sua biblioteca. Trata-se de um importante conjunto documental do qual fizemos o registro por meio de fotografias de celular dos recortes em papel compilados pela biblioteca, obtidos a partir de assinaturas das publicações e doações. Este acervo conta com pastas de recortes de jornais dos principais bairros e distritos da cidade de São Paulo. Nesta série de documentos encontramos recortes sobre São Mateus que datam desde 1979 até 2008, oriundos de diversos jornais, entre eles: *Gazeta de São Mateus*, *Cidade de São Mateus*, *Jornal da Sapopemba*, *Gazeta do Tatuapé* (jornais locais); *Diário Popular Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*,

³⁰ PIRES, Walter. Arquivo Aguirra: Fonte Documental Sobre a Formação Territorial de São Paulo. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 10/11, p. 61.

³¹ AZEVEDO, Aroldo de. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945.

³² AZEVEDO, Aroldo de (Org.). **A Cidade de São Paulo**: Estudos de Geografia Urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

Diário Popular (periódicos de grande circulação). Cabe destacar aqui duas edições, por conta de seu teor memorialístico sobre São Mateus: *A Gazeta de São Mateus*, de setembro de 1995, e *Cidade de São Mateus*, de outubro de 1986, ambas celebrando o aniversário da Regional. Percebemos que essas edições comemorativas trazem importantes padrões de memória da história dos bairros de São Paulo, como a celebração dos “feitos” dos “pioneiros” do bairro.

O jornal *Gazeta de São Mateus* foi fundado em 1993 por Lucy Mendonça, também sua editora, sendo uma das primeiras publicações a abordar ostensivamente as memórias da localidade. O periódico representa, predominantemente, o discurso de setores comerciários da Subprefeitura que tendem a vê-lo como “cidade” e não como “periferia”. O jornal *Cidade de São Mateus*, porém, já aborda a história e memória do território em 1986, com discurso semelhante ao da *Gazeta* no que se refere à celebração dos pioneiros. É dele a matéria *Passo a Passo na Terra dos Beis*³³, que traz uma entrevista com o advogado Odon Vieira Lima, contando suas experiências na região quando criança, na década de 1950, sendo seu pai um “fundador do loteamento Cidade São Mateus.”

Os jornais de grande circulação como *Diário Popular*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* são essenciais como apoio para o estudo das memórias e documentação dos movimentos sociais urbanos locais. Matérias publicadas entre 1979 e 1997 dão uma dimensão de como esses periódicos foram importantes no registro de tais eventos, principalmente o “Movimento de Saúde”.³⁴ Neste sentido, cumpre importante papel a pesquisa no acervo eletrônico do jornal *O Estado de S. Paulo* que, além de documentar a ação dos movimentos sociais, traz importantes documentos sobre a questão do lixo no território (caso da “Usina de Compostagem São Mateus”)³⁵ e registros da vida social em São Mateus ainda nos anos de 1950³⁶.

Também sobre as mobilizações sociais, mas com outro caráter, pois elaborados pela própria população temos os boletins informativos de movimentos locais reunidos no acervo eletrônico do *Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro (CPV)* que possui periódicos dos principais movimentos sociais urbanos e rurais do país ao longo dos anos de 1970 e 1980. Lá encontramos uma importante série documental, publicada entre os anos de 1978 e 1979,

³³ CIDADE SÃO MATEUS. **Passo a Passo na Terra dos Beis**. 17 out. 2020.

³⁴ Algumas delas são: JORNAL DESCONHECIDO. **Aqui a Saúde de São Paulo Começa a Melhorar**. 15 nov. 1979; DIÁRIO POPULAR. **São Mateus Tem Tradição de Luta**. 15 mar. 1997; FOLHA DE SÃO PAULO. **Em São Mateus Mobilização Já Soma Vitórias**. 28 jan. 1981; DIÁRIO POPULAR. **São Matheus Guerreiro**. 20 ago. 1985.

³⁵ O ESTADO DE SÃO PAULO. **Industrialização do Lixo**. 07 nov. 1979.

³⁶ O ESTADO DE SÃO PAULO. **Na Cidade São Mateus Benção e Inauguração da Igreja do Padroeiro**. 11 nov. 1955.

contando com seis boletins da *Pastoral Operária Setor São Mateus* sob o título *O Ajudante*³⁷, uma coletânea de reivindicações comunitárias do território à época, além de elementos sobre a ocupação de seus bairros, estratégias de organização popular e noções de territorialidade dos autores. Outro documento também levantado nesse contexto foi o *Boletim Saúde Para Todos*³⁸, de 1981, que narra a reunião do *Movimento de Saúde* com o secretário estadual da pasta à época, Adib Jatene, na “Igreja São Mateus Apóstolo”.

A sistematização da leitura dos jornais serve, nesta pesquisa, para contextualizar as ações sociais e históricas dos moradores no território, contribuindo para identificar as principais lutas sociais e intervenções no espaço dialogando, deste modo, com as fontes dos *Anais da Câmara* e das cartografias, no sentido de fornecer uma diversidade de representações de São Mateus que são articuladas com a elaboração subjetiva das experiências de vida dos moradores entrevistados.

Neste sentido, são de frutífero diálogo com as falas dos colaboradores os trabalhos de memória e produções artísticas que pensam o território, levantados no contato com espaços culturais, artistas e educadores de São Mateus. São principalmente fontes literárias, compilações de memórias, canções e projetos de história eletrônicos (elaborados em meios digitais, como blog e vídeos) que nos ajudam a compor a diversidade de memórias da região que foram problematizadas.

Dentre as produções literárias, temos o poema *Paulistana Periférica*³⁹, da poeta Midria Pereira da Silva e o cordel *São Mateus da Zona Leste*⁴⁰, de Luiz Carlos Poeta. Tivemos a oportunidade de conhecer ambos os poetas no contexto de saraus realizados nas *Casas de Cultura Municipais de São Mateus* e do “Parque São Rafael” no ano de 2018, organizados pelo grupo de artistas que compõem o *Sarau do Vale*, que ocorre todo segundo sábado do mês no “Jardim Recanto Verde do Sol” no distrito do Iguatemi. Ambos os trabalhos são elaborações poéticas sobre as memórias e experiências de vida de cada autor em São Mateus, sendo que Midria aprofunda a relação com outros territórios da cidade. Merece destaque aqui, também a poética de Camilo Pedro dos Reis, morador do Jardim Colonial e lutador social do bairro entre os anos de 1960 e 1990, que cantou São Mateus e a vida de seus trabalhadores em versos.

³⁷ SETOR SÃO MATEUS DA PASTORAL OPERÁRIA DE SÃO PAULO. *O Ajudante*. (6 edições) 1978 a 1979.

³⁸ MOVIMENTO DE SAÚDE DE SÃO MATEUS. *Saúde Para Todos*. Ano 04, n. 06, jan. 1981.

³⁹ SILVA, Midria Pereira da. *Paulistana Periférica*. São Paulo: editado pela autora, 2018.

⁴⁰ FLORENTINO, Luiz Carlos. *São Mateus da Zona Leste*. São Paulo: editado pelo autor, 2018.

Na senda dos trabalhos de memória, contamos com livro *Sarau Gosto de Conquista*⁴¹, produzido pelo coletivo de mesmo nome que conta, através de poemas, memórias de moradores, artigos e outras produções artísticas, a história e desafios contemporâneos do “Jardim da Conquista”, bairro do distrito do Iguatemi, ocupado e fundado pelo *Movimento dos Sem Terra* em 1988. Sobre o mesmo bairro e já entrando no setor de mídias eletrônicas, temos em 2015, o site *A História da Conquista do Conquista*⁴², projeto de *Trabalho Colaborativo Autoral (TCA)* de alunos do último ano do ensino fundamental da “EMEF Carlos Correia Mascaro”, localizada no Jardim da Conquista, que sistematizou diversos documentos do processo de ocupação do bairro.

Abordando as memórias de formação da centralidade de São Mateus obtivemos, por meio de uma de suas autoras, a jornalista e moradora de São Mateus Gabriele Helene Silva, o projeto *São Mateus Outras Histórias*⁴³, realizado por um grupo de estudantes de jornalismo como trabalho de formatura da *Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM)*. É composto por um volume teórico que possui considerações sobre a história de São Mateus e por quatro entrevistas em vídeo com moradores que participaram das lutas sociais no território entre os anos de 1970 e 1980, compondo o minidocumentário *Cidade que Luta*, disponível no *Youtube*.⁴⁴ Todos estes trabalhos constituem levantamento da produção de memória e história de bairros de São Mateus levada a cabo pelos próprios moradores, em chave diferente da produção acadêmica, na qual a experiência de vida comunitária é o pressuposto para seleção e abordagem das documentações trabalhadas.

As fontes e materiais comentados até aqui expõem o principal objetivo deste estudo, que é o de construir um trabalho de pesquisa histórica urbana de um território da periferia de São Paulo que possa tratar de diversos dos seus aspectos indo além das representações negativas do senso comum, do poder público e das mídias jornalísticas que retratam as periferias apenas como território de altos índices de violência e problemas urbanos. Esse horizonte realiza-se pela articulação das vivências sociais de São Mateus do ponto de vista dos próprios residentes. O entendimento dos processos de construção das memórias dos moradores e o que elas destacam sobre o território dialogam direta ou indiretamente com os

⁴¹ SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014.

⁴² Ver A CONQUISTA DO CONQUISTA. Disponível em: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 15 set. 2019.

⁴³ FERREIRA, Victoria; MILAN, Bruna; SILVA, Gabriele; SIMÕES, Felipe. **São Mateus Outras Histórias**. (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). São Paulo: FIAM-FAAM, 2017.

⁴⁴ Ver: CIDADE QUE LUTA. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCGsx1HYprO75V40st6ZSZ> Pg. Acesso em: 20 out. 2020.

indícios documentais das principais transformações de um espaço que tem como ponto nevrálgico um loteamento que se torna centralidade articulando diversos bairros em um período de três décadas.

Referenciais Teóricos

Ao longo do estudo, destacam-se quatro grandes áreas do saber: memória, história urbana, urbanismo e geografia. O diálogo entre elas será intenso nesta pesquisa, mas há que se ressaltar, porém, que haverá uma relação entre estudos clássicos sobre a história de São Paulo e das periferias e novos conceitos e saberes, elaborados principalmente por moradores dos próprios territórios periféricos, sejam eles produzidos academicamente ou não. Entendemos que, dessa forma, não só traríamos um maior destaque para as possibilidades de documentações específicas do território, bem como ficaria fortalecido o entendimento das memórias dos residentes, com discursos analíticos que dialoguem mais diretamente com aquilo que verbalizam e documentam.

Entre os clássicos sobre as periferias de São Paulo, temos a bibliografia produzida pela *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP)* e pelos *Departamentos de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia)* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP nos anos de 1970 e 1980. Ainda no quesito ocupação do espaço, cumpre ressaltar, também, a contribuição dos geógrafos paulistas entre as décadas de 1940 e 1970.

No primeiro caso destacamos os estudos de Nabil Bonduki⁴⁵, Raquel Rolnik⁴⁶ e Ermínia Maricato⁴⁷ sobre a produção capitalista da cidade e dos espaços de suas periferias, em uma perspectiva que pensa possibilidades de planejamento urbano em que seja efetivado o direito efetivo à cidade, com moradia de qualidade, acesso a equipamentos públicos e espaços de lazer, dentre outros elementos.

No contexto das Ciências Sociais uspianas, temos um cenário mais diversificado, com a antropologia urbana, a ciência política e a sociologia urbana. No caso da antropologia

⁴⁵ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013.

⁴⁶ _____ & ROLNIK, Raquel. **Periferias**: ocupação do espaço e reprodução da força trabalho. São Paulo: USP, 1978.

⁴⁷ MARICATO, Ermínia (Org). **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982.

urbana foi importante a contribuição de *A Política dos Outros: O que o Morador de Periferia Pensa da Política e dos Poderosos*⁴⁸, de Teresa Pires do Rio Caldeira que, ao conhecer os espaços do Jardim das Camélias, no distrito de São Miguel Paulista, construiu uma interpretação das principais características de um bairro de periferia a partir da visão de seus moradores. Análises interpretativas, mas que nem por isso deixaram de abordar o morador como sujeito social de seus destinos também foram efetivadas por Eder Sader⁴⁹, sobre as mobilizações populares que tomaram as periferias da cidade ao longo dos anos de 1970 e 1980 e por Lúcio Kowarick, organizador do clássico *As Lutas Sociais e a Cidade*⁵⁰, que contou com os principais estudiosos do período à época, como os pesquisadores da FAU-USP e sociólogos uspianos.

A geografia, como forma de análise e descrição das principais funções espaciais construídas pela ocupação urbana, aborda com seu conjunto de plantas, mapas e fotos, os espaços que não faziam parte da cidade edificada e compactada nos anos de 1940 e 1950. Além dos estudos coordenados por Azevedo, temos os de Langenbuch⁵¹ na década de 1970, sobre os subúrbios que se formavam no entorno das estações ferroviárias e depois ao redor dos entroncamentos rodoviários que surgiam nas periferias de São Paulo. A perspectiva histórico-geográfica, contribuição de Bernard Lepetit⁵², permitirá fazer a mediação entre as memórias do espaço e suas transformações e permanências concretas, movimentando e contrapondo à fala descritiva dos geógrafos a elaboração das memórias dos colaboradores deste estudo. Sobre a interação entre Itaquera e São Mateus - representada pelo histórico da “Fazenda Caaguaçu”, localizada entre os dois espaços - teremos os estudos do geógrafo Fernando Deli⁵³ sobre a ocupação destes territórios e o trabalho de Rachel Bonomo⁵⁴ sobre a

⁴⁸ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁴⁹ SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena - Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo: 1970-1980**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

⁵⁰ KOWARICK, Lúcio (Org). **As Lutas Sociais e a Cidade: São Paulo, Passado e Presente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

⁵¹ LANGENBUCH, Jurgen Richard. **A Estruturação da Grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento e Coordenação Geral/Fundação IBGE/Instituto Brasileiro de Geografia, 1971.

⁵² LEPETIT, Bernard. É Possível Uma Hermenêutica Urbana. In: **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

⁵³ DELI, Fernando. **Da Fazenda Caguaçu à Área de Preservação Ambiental: A APA do Carmo no Cerne da Zona Leste Paulistana**. São Paulo: FFLCH-USP, 2010 e DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2005.

⁵⁴ BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999.

“Fazenda do Carmo”, sucessora da “Caguaçu”, e onde foi travada importante luta dos moradores contra a instalação de um aterro sanitário e pela posterior implementação de uma área de preservação ambiental. Como meio de caracterizar as possibilidades de delimitações territoriais de São Mateus ao longo de sua história - realizadas por movimentos populares, Igreja Católica e Prefeitura - utilizaremos as definições clássicas de Claude Raffestin⁵⁵ que servirão de apoio para nossa compreensão das transformações históricas do que é considerado como Subprefeitura de São Mateus.

Releituras ou abordagens de algumas lacunas desses trabalhos podem ser vislumbradas em estudos elaborados pelos próprios moradores, como os da socióloga Valeria Tenório⁵⁶, da historiadora Lucirene Carignato⁵⁷ e *Fórum de Cultura de São Mateus*⁵⁸, sobre o território em estudo e *Negros em Guaianases: Cultura e Memória*⁵⁹ da historiadora Sheila Alice Gomes da Silva e *Fazenda da Juta: Uma Trilha Entre o Rural ao Urbano*⁶⁰ da assistente social Deocleciana Ferreira sobre territórios limítrofes a São Mateus que partilham de relações sociais e processos históricos em diálogo, utilizando-se, também, da História Oral como método estruturantes de suas investigações.

A leitura das memórias de nossos colaboradores será problematizada em conjunto com os dados e falas sobre as organizações comunitárias da “Fazenda da Juta” articulados por Deocleciana Ferreira (também moradora do bairro) quando tratam da ocupação do território pelos movimentos de moradia em fins da década de 1980 e pelos compradores dos lotes rurais nos anos de 1970.

A pesquisa de Tenório, moradora do Jardim da Conquista, em São Mateus, traz além das falas dos moradores do *Movimento dos Sem Terra*, que articularam a formação do bairro, uma análise densa sobre o fato de a moradia dos mais pobres se localizar nas áreas sobrando da cidade (mananciais e reservas ambientais) e o significado disso para os residentes.

O empenho do *Fórum de Cultura de São Mateus* em levantar dados e narrativas sobre a história cultural da localidade, explora os sentidos das memórias produzidas pelos

⁵⁵ RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

⁵⁶ ALMEIDA, Valéria Tenório. Jardim da Conquista: Segregação Urbana e Mobilização Social. In: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista** – O Canto Poético. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, 91-112.

⁵⁷ CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007.

⁵⁸ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015.

⁵⁹ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019.

⁶⁰ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

trabalhadores da cultura do lugar em suas obras, revelando a criatividade e subjetividade da arte produzida nos territórios ocupados na urgência da sobrevivência, nas qual os moradores também manifestam suas angústias, alegrias e proposições para o lugar.

A pesquisa de Carignato sobre as memórias da circulação e atuação política das mulheres do *Movimento de Saúde da Zona Leste (MSZL)*, atuantes principalmente entre São Mateus e Sapopemba será um dos eixos principais para entender a atuação dos movimentos de base em São Mateus entre os anos de 1970 e 1980.

Além dos três trabalhos que tratam diretamente de São Mateus, fizemos a perspectiva comparativa com o bairro de Guaianases, que teve seu processo de ocupação estudado por Sheila Alice Gomes da Silva com as memórias negras desse território em muito semelhantes às narrativas negras presentes em nosso espaço de estudo, principalmente as referentes aos grupos de samba.

Estes trabalhos, bem como os de História Oral, serão apoiados por reflexões sobre o fenômeno da memória e sua capacidade de elaboração sobre os espaços da cidade e na abordagem de agentes históricos cujas lembranças e subjetividades foram negligenciados até metade do século XX por parte considerável das ciências humanas. Neste sentido teremos as memórias dos idosos paulistanos no estudo clássico de psicologia social de Ecleia Bosi⁶¹, as reflexões do sociólogo Michel Pollack⁶² sobre memórias silenciadas e subterrâneas e as considerações de Hartog⁶³ sobre a relação entre memória e história na contemporaneidade, dentro do contexto da elaboração de histórias locais.

Em um setor transversal da pesquisa, levantamos e investigamos os conceitos de periferia e subúrbio que informam o processo histórico em estudo, que encontramos Caldeira tanto em *A Política dos Outros e Cidade de Muros* como com Souza Martins em *Subúrbio*⁶⁴ e na bibliografia da FAU-USP abordada. A esses estudos será agregado o trabalho do sociólogo Tiarajú Pablo D'Andrea⁶⁵ sobre os sujeitos periféricos, que traz importante debate sobre os diferentes conceitos de periferia produzidos na academia e fora dela, e a atuação de grupos culturais para ressignificar seus espaços de moradia em locais de vivência e transformação

⁶¹ BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁶² POLLACK, Michel. A Memória, o Esquecimento e o Silêncio. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

⁶³ HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *In: Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, jul/dez. 2006, p. 261-273.

⁶⁴ MARTINS, José de Souza. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História do Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do Fim do Império ao Fim da República Velha**. 1 ed. São Paulo/São Caetano: Ed Hucitec, 1990.

⁶⁵ D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitos e Sujeitos Periféricos**. *In: Novos Estudos CEBRAP (Dossiê Subjetividades Periféricas)*. jan.-abr. 2020, p. 19-36.

social. Esse estudo ajudará na problematização das memórias das trabalhadoras e trabalhadores da cultura da região, potencializando as análises com recorte territorial específico.

Estrutura dos Capítulos

Levando em consideração o exposto sobre as principais fontes da pesquisa e as principais linhas de abordagem de nossos referenciais bibliográficos, chegamos à divisão de temas e capítulos para esta dissertação.

O primeiro capítulo, intitulado *Memórias de Quem Constrói a Periferia na Zona Leste*, apresenta os nossos sujeitos históricos, elucidando quem são, a forma como chegaram a São Mateus e as relações básicas de trabalho e circulação que possuem na cidade, aproveitando-se a oportunidade para introduzirmos a metodologia de História Oral a ser empregada nesta pesquisa, que privilegia entender os mecanismos de construção das memórias de vivências da urbanização em espaços periféricos da cidade de São Paulo. Em um segundo momento, tratamos de outros estudos acadêmicos sobre a Zona Leste que também utilizam a metodologia da História Oral, problematizando a dispersão documental dos registros sobre a ocupação urbana local e as diferentes potencialidades do método da História Oral apresentadas por estes estudos de constituir séries documentais e arranjos narrativos mínimos para tratarmos das histórias da Zona Leste. Por fim, o capítulo traz os principais trabalhos de memória já produzidos pelos moradores do território e suas contribuições para a construção de diferentes representações de São Mateus, que dialogam com os diferentes momentos em que foram elaboradas e, assim como esta dissertação, também utilizam depoimentos dos residentes para a construção de sua tessitura narrativa.

O segundo capítulo, intitulado *Entre Loteamentos, Fazendas, Subúrbios e Periferias: a Estruturação de São Mateus em Meio a Territórios Rurais* investiga o processo de urbanização do território rural que, aos poucos dá lugar ao loteamento “Cidade São Mateus” e bairros adjacentes, em um processo histórico que vai de fins dos anos de 1940 até meados da década de 1970. Baseia-se principalmente nas memórias de Tia Cida dos Terreiros, moradora de bairros de São Mateus desde 1948, nas lembranças de Aldo Leite da Silva que chegou ao território nos anos de 1970 e de Maria Elza Araújo que aportou ali no início da década de

1980. Os relatos memorialísticos de *A Gazeta de São Mateus* e *Cidade de São Mateus* compõem o diálogo com essas fontes, evidenciando a existência de outros memorialistas locais. As falas de ambos serão contextualizadas pelo conjunto de fontes cartográficas que tratam do histórico rural da região, marcado por duas grandes fazendas: “Caguaçú”, que passou a ser chamada de “Fazenda do Carmo” e “Fazenda do Oratório”, que algumas bibliografias apontam como base para lotes que ajudaram a formar São Mateus. Seu processo de urbanização incipiente, indicado pelo aumento da intensidade dos arruamentos e infraestruturas urbanas é documentado não só pelas cartografias, como pelos pedidos de nomeação de ruas e reivindicações por transporte, asfaltamento e construção de escolas presentes nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*. Essas duas camadas de informação ensejaram a análise dos termos subúrbio e periferia e o seu potencial para explicar as diferenças e semelhanças entre o passado e presente da ocupação urbana e vivências dos moradores de São Mateus.

O terceiro capítulo, intitulado *Mobilizações e Conquistas Sociais Urbanas de São Mateus: Memórias dos Moradores e Outras Fontes*, traz as memórias de moradores que participaram desses processos, como Aldo Leite, Tia Cida, Pedro Caranicolov, Teresinha Silva e Maria Elza Araújo, que trouxeram em suas falas três dos principais temas de mobilização local que as fontes jornalísticas e dos *Anais da Câmara Municipal* também documentam: o *Movimento de Saúde da Zona Leste*, as mobilizações por moradia e contra os aterros sanitários no território. A ideia aqui foi a de ampliar a análise sobre as reminiscências das lutas sociais - que já aparecem no primeiro capítulo por meio dos trabalhos de memória. Além dessas lutas, outro fator que foi colocado em tela trata-se da autonomia de São Mateus como “Administração Regional” em 1986, tema que merecerá tópico exclusivo, pois relacionado com as lutas sociais locais e importante elemento de definição da territorialidade e identidade do então subdistrito pertencente a outras Regionais. Há que se ressaltar que Aldo Leite, um de nossos colaboradores, foi uns dos primeiros administradores regionais de São Mateus, entre 1989 e 1991, trazendo relato dessa experiência. Entendemos que as lutas sociais urbanas são aspecto fundamental da urbanização dos bairros periféricos de São Paulo e da evidenciação da ação dos sujeitos históricos do território como pessoas públicas.

O quarto e último capítulo, intitulado *Memórias das Culturas e do Cotidiano em São Mateus: Vivências dos Moradores no Berço do Samba e da Literatura* problematiza a questão do cotidiano dos moradores de São Mateus, trazendo as falas dos moradores relacionadas com lazer, consumo e cultura, que revelam diferentes visões sobre espaços de sociabilidade, lazer e resolução de problemas do dia a dia como as “Comunidades de Samba,”

“Parque do Carmo”, “Morro do Cruzeiro”, “Avenida Mateo Bei”, “Pça Felisberto Fernandes da Silva”, o antigo supermercado “Barateiro”, dentre outros elementos que vão além das dificuldades enfrentadas no território e das lutas sociais para superá-las. Essas falas serão colocadas em diálogo com textos literários e canções produzidas por artistas da região como os poemas de Luiz Poeta e Midria Ferreira da Silva e alguns sambas de grupos como o *Berço do Samba de São Mateus*, *Escola de Samba Amizade Zona Leste* e *Comunidade Samba da Maria Cursi*, analisados a luz dos textos de Sheila Alice da Silva⁶⁶ e Amailton Azevedo⁶⁷ historiadores que abordam em seus trabalhos a relação entre samba e história urbana.

Essa estrutura de capítulos visa trazer à tona – de forma panorâmica e indicando temas que podem ser aprofundados ou complementados por pesquisas futuras - parte das inúmeras possibilidades de trabalho sobre memórias que podem existir nos bairros de periferia e algumas identidades existentes na região de São Mateus, local diverso e desigual, que tem em si, como em outras periferias de São Paulo, as contradições da produção capitalista do espaço urbano. A este território como a outros das periferias de São Paulo são atribuídos os mais variados estigmas generalizantes sobre locais violentos e sem produção de pensamento. As respostas que os moradores dão a isso em sua vida cotidiana, na produção de memórias e de variadas formas de vivência têm provado o contrário.

⁶⁶ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019.

⁶⁷ AZEVEDO, Amailton Magno. **A Memória Musical de Geraldo Filme: Os Sambas e as Microafricanas em São Paulo**. (Tese de Doutorado em História). São Paulo: PUC, 2006.

CAPÍTULO 01: MEMÓRIAS DE QUEM CONSTRÓI AS PERIFÉRIAS NA ZONA LESTE

Os moradores de São Mateus não só “contarão” ao longo dessa dissertação as histórias dos bairros em que viveram e vivem, como irão rememorar durante as entrevistas realizadas as ações e experiências de quem ajudou a constituir o espaço urbano em seus locais de moradia. As vivências urbanas, neste sentido, podem ser compartilhadas e analisadas a partir da construção dialógica de depoimentos com os métodos da História Oral, importante trilha para se reconstruir, estabelecer revisões ou fazer a leitura crítica dos marcos de memória da cidade de São Paulo. Muito já se discutiu em estudos clássicos da historiografia sobre a relação entre memória e história, suas diferenças, pontos de convergência e tensionamento na construção de narrativas sobre o passado. Neste capítulo, começaremos a problematizar como isso ocorre no Extremo Leste da cidade de São Paulo, tendo como escopo de análise um grupo de oito histórias de vida entrelaçadas ao processo histórico de urbanização de São Mateus.

Apresentaremos, também, nossos colaboradores com suas minibiografias e cartografias no território, dialogando com trabalhos de memória realizados pelos moradores sobre a centralidade de São Mateus, Jardim da Conquista, distritos de São Rafael e Iguatemi com formatos e temas que vão desde matérias de jornal, coletâneas de histórias dos bairros e seus residentes, até reflexões sobre a ocupação desses locais por movimentos de moradia e registros das histórias de grupos culturais locais. Como exemplo de jornais e livros de memórias temos *Zona Leste Meu Amor e Zona Leste Fazendo História* de Cida Santos e os jornais *Cidade São Mateus* e *A Gazeta de São Mateus*. Para exemplificar os trabalhos feitos por coletivos culturais temos: *Sarau Gosto de Conquista, A Conquista do Conquista, São Mateus Outras Histórias, Memórias de Um São e Meu Bairro, Minha Cidade*. Tanto em um caso como em outro, os depoimentos dos moradores são matéria-prima da construção das narrativas históricas. A ideia principal é entender qual o lugar das falas dos residentes e produções de memória desse espaço em um debate mais amplo sobre a relação entre História Oral e as possibilidades de estudo das histórias urbanas de bairros periféricos da Zona Leste de São Paulo. Esse debate será feito com base na discussão de textos de Alessandro Portelli, Lucirene Carignato, Sheila Alice da Silva e Deocleciana Ferreira, estudos sobre História Oral já realizados sobre cidade e em territórios periféricos da localidade mencionada

1.1 Quem são nossas e nossos agentes históricos?

Uma das possibilidades de pesquisas realizadas por meio da História Oral é o levantamento de vivências, informações e interpretações sobre determinados processos históricos que são invisibilizados em detrimento de visões canônicas estabelecidas por padrões de memória e por recortes e documentações consagrados na historiografia. Lidar com narrativas oriundas de um espaço urbano da cidade como São Mateus, constituído nos últimos 70 anos e por agentes históricos em sua maioria negras e negros, trabalhadores e migrantes nordestinos⁶⁸, faz com que esta pesquisa se some a algumas das possibilidades de revisão da historiografia da cidade de São Paulo, desenvolvidas principalmente sob o prisma da *Nova História* - que ganha destaque na produção acadêmica mundial a partir dos anos de 1970, segundo Peter Burke⁶⁹ - e da *História Social do Trabalho*, de influência marcadamente thompsoniana, que privilegia aqui o primado das experiências culturais articuladas à formação de consciência de classe dos moradores das periferias da cidade.⁷⁰ Neste sentido, dentro do contexto da Nova História, Ulpiano Bezerra de Menezes pensa, por exemplo, formas de elaborar a escrita da história urbana capazes de embasar a estruturação de um museu da cidade (seu horizonte era a cidade de São Paulo), procurando estabelecer sobre qual cidade é possível falar:

A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores e outros heróis (e dos vilões), dos donos do poder de ontem e hoje? Ou, conforme a fonte de informação, a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos poetas oficiais, dos urbanistas, planejadores e tecnocratas? Dos habitantes? Quais? Do

⁶⁸ São Mateus é marcado pela forte presença de imigrantes nordestinos e seus descendentes nos três subdistritos que o compõem, como pudemos observar em nossa vivência social no território. A população negra constituía, em 2016, 45,6% da população do território de São Mateus como um todo, conforme dados levantados pela *Secretaria de Promoção de Políticas da Igualdade Racial*. Ver: PREFEITURA DE SÃO PAULO. **São Paulo Diverso**. São Paulo: SMPPIR, 2016.

⁶⁹ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p.17.

⁷⁰ Ao longo desta dissertação teremos alguns desdobramentos da leitura de Thompson no Brasil por historiadores (as) como Paulo Fontes e Lucirene Carginato e sociólogos(as) como Luício Kowarick e Vera Telles que tratam da consciência de classe nas periferias a partir da cultura de seus moradores, desenvolvendo para esta realidade específica a formulação do autor de que “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que esses homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.” Ver: THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa**: Vol. I – A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 10.

homem da rua e daquele que, com suas mãos a constrói? Simples instrumento?⁷¹

Partiremos aqui, portanto, de uma concepção aberta do fazer historiográfico que dialoga com as considerações apresentadas por Menezes, onde as narrativas dos diversos agentes históricos de uma realidade vivida (inclusive os historiadores que também participam desses processos) podem, também, fornecer suas versões e reflexões sobre o passado. Deste modo, escolhemos a História Oral como modo de colocar um primeiro alicerce para entendermos as histórias de São Mateus do ponto de vista de quem as vive e constrói, indo além das considerações técnicas do poder público ou de estereótipos muitas vezes ventilados pela imprensa de grande circulação sobre territórios das periferias de São Paulo. O historiador que aqui constrói essa análise sobre memória, história e espaço urbano periférico de São Paulo, é parte dessa articulação historiográfica e de memória por viver em São Mateus há 30 anos, praticamente desde quando nasceu. Morou primeiramente no Parque Boa Esperança, localizado no distrito do Iguatemi e, há dois anos, reside no Jardim Tietê, próximo à principal centralidade do bairro, a Avenida Mateo Bei, no distrito de São Mateus. Sua vivência territorial, desde as andanças pelos bairros de São Mateus com sua mãe para vender roupas porta a porta até a intensificação dessas experiências no contexto dos núcleos de educação popular da Uneafro-Brasil - a partir de 2016 - influenciaram as articulações feitas ao longo deste trabalho entre mapas, movimentos políticos, culturais e a participação dos moradores-colaboradores nesses processos. Sua visão de um território diversificado e com a agência dos moradores em sua construção é o principal mote das entrevistas realizadas.

Esse dado é importante, pois levando em consideração o que pensa Alessandro Portelli para a composição de trabalhos desse gênero - em que uma de suas bases está assentada na produção de fontes orais - o historiador se faz presente como uma das *vozes parciais* que compõe o trabalho. Segundo Portelli, “a história oral não tem sujeito unificado; é contada por uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador”⁷². Esses diversos pontos de vista referem-se aqui aos nove moradores de diferentes localidades de São Mateus apresentados no capítulo que, com suas histórias de vida e memórias específicas, trarão as narrativas de diferentes contribuições para construção dos espaços urbanos do distrito, em contraposição “à

⁷¹ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O Museu na Cidade x A Cidade no Museu: Para Uma Abordagem Histórica dos Museus de Cidade. *In: Revista Brasileira de História*. São Paulo: Apuh, v. 5, n. 8/9, set.1984/abr.1985, p. 199.

⁷² PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. *In: Proj. História* (PUC). São Paulo, v. 14, fev. 1997, p. 39.

frieza objetiva do registro muitas vezes tendente ao ‘estático’ das fontes escritas”.⁷³ Nove moradores da região, sendo um deles o historiador e os outros oito colaboradores⁷⁴ que, em cada entrevista, reafirmam o caráter não-objetivo das fontes orais já que são

artificiais, variáveis e parciais [...] sempre resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente. Documentos físicos são fixos, eles existem tenhamos ou não ciência deles e não mudam uma vez que tenhamos os encontrado. Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que pesquisas o chamem para existência.⁷⁵

Desse modo, temos a presença de nossos oito moradores construindo junto com o historiador uma narrativa que ainda não existia antes das entrevistas, para tratar de suas vivências na região, porém dentro das bases colocadas pelo historiador em um roteiro de entrevistas que, entre outras coisas, provoca-os a discorrer sobre: suas origens e chegada à região; formação da família na localidade; relações com a vizinhança; participação ou não em articulações políticas de reivindicação de serviços públicos; atividades de lazer que exerciam no distrito ou em regiões próximas; localidade onde compravam itens de subsistência e bens duráveis; e relação com a natureza local, só para citar os principais eixos das conversas. Forma que Jose Carlos Meihy chama de “história oral temática mesclada à história oral de vida”, modo de se fazer História Oral que mistura história de vida dos indivíduos com o enquadramento da narrativa a temáticas pré-estabelecidas, problematizadas junto a outras fontes.⁷⁶ Portelli vê modelos como este onde o historiador roteiriza a entrevista como de grande interferência do investigador na produção das fontes,

pois é o historiador que seleciona as pessoas que serão entrevistadas, que contribui para a moldagem do testemunho colocando as questões e reagindo

⁷³ Há toda uma historiografia oriunda, principalmente da *Escola dos Annales*, que questiona desde os anos de 1920 a objetividade do registro escrito e o foco dado a ele como único meio para as pesquisas históricas. Neste sentido, as afirmações de Portelli sobre a parcialidade e diversidade de versões das fontes orais devem ser lidas sob o prisma da intenção do estudioso em defender a sua validade em relação aos demais tipos de fontes para os estudos historiográficos. Portelli reafirma, com isso, que há ainda uma grande influência positivista no ato de a maioria das pesquisas históricas privilegiarem as fontes escritas e desconsiderarem a possibilidade do uso de fontes orais. O historiador oral procura empreender operação inversa ao que Grespan traz como uma das características principais da *Escola Histórica* e do *Positivismo* que pregam “a neutralidade do saber como esvaziamento da subjetividade do cientista, procedimento que permitiria dizer adequadamente o objeto, refletir sua realidade ou, na famosa frase de Ranke, contar a história como ela aconteceu.” Para o historiador oral, segundo o Portelli, os sentidos que o colaborador - e o próprio historiador - dão à história vivida informam tanto sobre a história como os elementos factuais de sua fala. Ver: GRESPLAN, Jorge. *Considerações Sobre o Método*. In: PINSKY, Carla Bessani (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 293.

⁷⁴ Para cada colaborador foi emitida uma carta de cessão de uso das entrevistas prevendo o uso de seu conteúdo nesta pesquisa e em trabalhos futuros. O documento foi assinado por todas e todos e está arquivado em poder do pesquisador.

⁷⁵ PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. In: **Proj. História** (PUC). São Paulo, v. 14, fev. 1997, p. 35.

⁷⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 165.

às respostas; e que dá ao testemunho sua forma e contextos finais (mesmo se apenas em termos de montagem e transcrição)⁷⁷.

Os diálogos com os moradores ocorreram também informados pelo interesse do historiador pelas informações geográficas, históricas, políticas e afetivo-espaciais do território em que vive. Essas questões bem como a experiência de vida do historiador no lugar impactaram na elaboração do roteiro, forma de apresentar os testemunhos e também nos critérios para a escolha dos colaboradores. As transcrições das entrevistas realizadas foram feitas seguindo o modelo da textualização, definido por Meihy como aquele em que “são eliminadas as perguntas, tirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico.”⁷⁸ Optou-se pela seleção de colaboradoras e colaboradores que possuem significativa circulação nos bairros do território, e que morassem em São Mateus no mínimo desde a década de 1940, vivenciando experiências do processo histórico de urbanização de seus três territórios ou de pelo menos um deles. A ligação afetiva com o bairro em que vivem e a participação em iniciativas comunitárias ou de suas vizinhanças foram elementos decisivos na escolha dos entrevistados e entrevistadas. Em maior ou menor grau, são referências em seus territórios e o pesquisador soube da existência desses agentes em espaços coletivos e públicos que frequenta como a Uneafro-Brasil e o Instituto da Tradição e Samba de São Mateus. São eles: Aldo Leite da Silva, Maria Aparecida Trajano (Tia Cida), Maria Elza Araújo, Pedro Caranicolov, Teresinha Camargo, Rose Fernandes Morais, Orinho Ferreira e Geralda Fernandes Morais.

Aldo Leite, falecido aos 71 anos de idade, imigrante vindo do Rio Grande do Norte, passou por diversas profissões na área de comércio e serviços, entre elas vendedor ambulante de roupas, cobrador de ônibus e visitador sanitário, todos trabalhos que o fizeram circular de forma intensa pelo território não só de São Mateus e da Zona Leste, como da Zona Sul de São Paulo e em Osasco e Mauá:

Quando eu cheguei aqui em São Paulo em 70, eu fui para a casa de uns parentes meus em Osasco. Depois trabalhei um tempo vendendo politone em Mauá. Politone é aquela fotografia para fazer pintura... são aqueles quadros que se faziam em casa de família. Trabalhei com aquilo um tempo, foi o meu primeiro trabalho aqui em São Paulo. Depois eu fui lá para a zona sul e ali haviam uns parentes meus que vendiam roupa na rua e eu também fui vender roupa na rua. Vendia roupa de cama, de mesa, cobertor. Trabalhei com isso um tempo lá. Depois trabalhei como cobrador de ônibus. [...] Eu ainda fiquei trabalhando lá na zona sul um bom tempo vendendo e como cobrador de ônibus. Depois eu trabalhei como cobrador de ônibus um tempo aqui na

⁷⁷ PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. In: **Proj. História** (PUC). São Paulo, v. 14, fev. 1997, p. 37.

⁷⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 201.

antiga empresa Vila Carrão, mas aí meu pai já estava aqui. Ficamos por aqui, fomos fazer outras coisas, vender roupa durante um bom tempo.⁷⁹

Aldo trabalhou nos últimos anos de sua vida com uma terapia holística chamada “biomagnetismo”. Ao longo de sua fala abordou a temática das migrações campo-cidade com especial destaque à questão sanitária no território (ausência de asfalto, principalmente no distrito do Iguatemi com esgoto a céu aberto e proliferação de doenças como consequência disso) e as dificuldades que os imigrantes tinham para circular na cidade e se entenderem como cidadãos. Chamou atenção o tom grave e projetado de sua fala, praticamente discursando como figura pública, sempre tratando de suas concepções socialistas, histórico de militância (fora militante clandestino em oposição a Ditadura Civil-Militar) e projetos políticos, destacando sua atuação como Administrador Regional de São Mateus - entre os anos de 1989 e 1991 na gestão de Luiza Erundina. Chegou a São Mateus em 1971, conforme narra ao responder à primeira questão do roteiro “Por que veio morar em São Mateus?”

em fevereiro de 71 o meu pai veio para cá com a família toda e não tinha como ficar lá naquela região [zona sul de São Paulo]. Ele veio para essa região aqui porque o meu tio, casado com a irmã da minha mãe, Laurencio, morava na Santa Bárbara. Eles ficaram ali um bom tempo... Era o único que estava trabalhando de carteira assinada e fui morar ali no Jardim Helena, na época a antiga rua 7. Fui em uma imobiliária que havia aqui em São Mateus, era em uma pracinha e aluguei essa casinha e eles ficaram lá... Moramos lá quase oito anos.⁸⁰

Aldo Leite morava com sua família na Zona Sul da cidade. Graças aos laços familiares que tinha na Zona Leste, migrou para São Mateus indo morar na casa de parentes até conseguir se instalar em uma moradia alugada no Jardim Helena, subdistrito do Iguatemi. A chegada a São Paulo e instalação em um bairro periférico devido à presença de familiares é memória e vivência comum a muitos nordestinos que aqui chegaram, como retrata Paulo Fontes em seu estudo sobre os imigrantes nordestinos em São Miguel⁸¹.

Em entrevista realizada em maio de 2018, deparamo-nos com história semelhante, de Maria Elza Araújo, 56 anos de idade, professora e vice-diretora da *EMEF Vinicius de Moraes*, localizada no Jardim Tietê, distrito de São Mateus. Hoje participa do “Movimento de Moradia

⁷⁹ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

⁸⁰ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

⁸¹ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008, p. 54-57. Aqui o historiador utiliza-se de depoimentos de migrantes para defender a tese de que a chegada de nordestinos a São Miguel e São Paulo, no geral, era empreendimento planejado junto a rede de parentes e “conterrâneos” (amigos) que aqui já estavam. Essa constatação buscava combater a ideia presente em alguns estudos clássicos sobre o tema de que as migrações nordestinas eram feitas sem planejamento por conta da emergência na fuga da seca e da dificuldade no acesso à terra nos estados do Nordeste.

Leste 01”, que compõe a *União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UNMP)*, atuante em parte da Zona Leste da cidade.⁸² Migrou junto com sua família vindo do Ceará para São Paulo (no bairro da Vila Maria) ainda na década de 1970, chegando a São Mateus no início dos anos de 1980 graças, também, ao apoio de familiares que já residiam na região:

Sou cearense e moradora de São Mateus desde 1983. Eu vim para São Paulo em 74 junto com mais cinco irmãos. Viemos para São Mateus em 83 em decorrência da situação financeira dos meus pais. Meu pai era tecelão e ficou desempregado na época e aí o pouquinho de dinheiro que ele recebeu da empresa, da rescisão, ficou na mão e uma tia que morava aqui na Favela da Vila Flávia falou com ele: ‘tem um barraco próximo para comprar’. E meu pai com medo de não conseguir arrumar emprego rápido e ficar desempregado, não conseguindo arcar com o aluguel, veio conhecer São Mateus e comprou esse barraco.⁸³

Foi trabalhadora da indústria têxtil ao longo dos anos de 1980, primeiro na Vila Maria e depois na Mooca. Mudou de emprego por conta de dificuldades no acesso a um transporte público que garantisse sua chegada pontual ao trabalho, pois no período havia apenas uma empresa privada de ônibus que servia à área central de São Mateus, a *Vila Carrão*, caracterizada em parte da documentação pesquisada como de grande ineficiência, como veremos nos capítulos seguintes. Após trabalhar em um motel no território passou a circular por São Mateus como vendedora de *Yakult* no início da década de 1990, quando concluiu sua formação básica em supletivos, o que a levou a cursar História e se tornar docente nos anos 2000.

Eu trabalhava em uma empresa de tênis que ficava na Vila Maria, bairro em que a gente morava antes que viéssemos para São Mateus. Só que na época a condução era muito ruim, o que tinha de opção de ônibus era a empresa Jardim Vila Carrão, que ficava ali na Mateo Bei. Só tinha ônibus lá e era muito difícil para ir trabalhar na Vila Maria naquela época. Então eu acabei saindo da empresa, saí da firma. Passou pouco tempo eu estava grávida novamente do outro [filho] porque eu acabei retomando o casamento e fui trabalhar em uma empresa pequenininha, uma oficina de costura. Na época eu era costureira. Passado um tempo eu fui trabalhar na Mooca.⁸⁴

A questão da moradia é muito cara à Maria Elza, e isso foi perceptível ao longo de todo seu relato, com os detalhes que colocou sobre a fuga do aluguel, estrutura das casas em que morou (na Vila Flávia, a casa da família era de madeira), e sobre parentes que o pai acolhia em casa para que tivessem onde morar. Outro detalhe marcante dessa entrevista foi a atitude da colaboradora de segurar o roteiro de entrevistas e ler todas as questões antes de respondê-las, mantendo o controle da narrativa com sua fala. Neste caso, as intervenções do

⁸² Ver: <https://sp.unmp.org.br/organizacao-interna/movimentos-filiados/>. Acesso em: 22 set. 2019.

⁸³ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO, realizada em 04 mai. 2018.

⁸⁴ Idem.

pesquisador em relação às questões que elaborou foram reduzidas, se comparado com o que ocorreu nas outras entrevistas.

Maria Aparecida Trajano - mais conhecida como Tia Cida - mulher negra, paulistana, 80 anos de idade, moradora do Jardim Vila Carrão (Carrãozinho) localizado no distrito do Iguatemi é bastante documentada como figura pública no território e na cidade.⁸⁵ É referência para trabalhos de memória sobre São Mateus como verificaremos ao longo deste capítulo. Nascida em São Paulo, passou a viver em São Mateus em 1948 e trabalhou boa parte da vida como empregada doméstica, porém começou a participar cada vez mais dos projetos sociais da Igreja Católica de São Mateus ao longo dos anos de 1970, tornando-se diretora de creches locais na década de 1990. Nesse ínterim, também ajudou a organizar o *Movimento de Saúde da Zona Leste*. É conhecida no circuito do samba paulistano pelos sambas que ocorriam em seu quintal e que ajudaram a formar grupos como *O Quinteto em Branco e Preto*⁸⁶ e o *Berço do Samba de São Mateus*⁸⁷, lançando o seu próprio álbum em 2013, após se aposentar. Durante a entrevista, além dessas experiências, tratou dos detalhes de sua formação nas *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)*, do estranhamento de chegar a um bairro com poucas casas, das grandes distâncias percorridas para ir ao único grupo escolar existente na região nos anos de 1950, além das suas agruras familiares para criar três filhos sozinha. A entrevista com ela foi realizada em 13 de maio de 2017. Chegou em São Mateus ainda criança como relata em resposta a questão “Qual a sua origem antes de morar em São Mateus?”

Antes de morar aqui no Carrãozinho... Eu mudei para São Mateus em 1948. Estava com oito anos. Então eu me lembro que fiquei sete anos no Jardim Popular, depois nos mudamos para Talarico, na Rua Economia. Da Rua Economia a gente mudou para São Mateus porque o meu padrasto comprou um terreno em São Mateus, na Luiz Mota. Então aos domingos ele ia com a turma dos amigos dele construir... Ajudava a construir e, em menos de 15 dias que ele tinha comprado, a gente mudou para lá. Na primeira chuva forte que deu a casa caiu. Ai meu Deus...a lembrança que eu tenho dessa casa caída rapaz é incrível.⁸⁸

Em sua resposta, Tia Cida trata inicialmente do itinerário de moradia que teve em bairros próximos a São Mateus na Zona Leste, como Vila Talarico e Jardim Popular até sua chegada a São Mateus em 1948, por conta de um terreno comprado ali pelo padrasto junto à

⁸⁵ Exemplos disso são matéria da revista *Carta Capital* publicada em 2016. Ver: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/39377/aos-74-anos-tia-cida-e-personagem-central-de-resgate-e-renovacao-do-samba-na-periferia-de-sao-paulo>. Acesso em: 07 jul. 2019. E o *Programa Ensaio*, da “TV Cultura” de 2014. Ver: https://tvcultura.com.br/videos/46423_ensaio-tia-cida-30-11-2014.html. Acesso em: 07 jul. 2019. Além disso, temos o álbum de samba *Tia Cida dos Terreiros* lançado pelo “Selo SESC” em 2013.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em: 13 mai. 2017.

loteadora *Cidade São Mateus*⁸⁹. É daqueles relatos que nos detalhes da vida em comunidade - queda de sua casa, precariamente autoconstruída em mutirão - acabam abordando o complexo problema da moradia em bairros das periferias em formação, seja nos anos de 1950 ou nas décadas posteriores. A forma como relata, com humor, é tributária da condição de superação desse problema advinda das melhorias que obteve em sua qualidade de vida, que se relacionam às mudanças urbanas do próprio território ao longo de sua história. O relato de Tia Cida trata da São Mateus ainda rural que era loteada no fim dos anos de 1940 e da São Mateus urbanizada de 2017, trazendo o ponto de vista da sambista negra hoje reconhecida após uma longa vida de dissabores comuns a muitas mulheres negras. Suas relações de trabalho fizeram com que circulasse por diversos espaços da cidade primeiro como doméstica, ao trabalhar no bairro dos Jardins e, depois, em um mergulho nos três territórios de São Mateus, como assistente social, no contexto das Comunidades Eclesiais de Base nos anos de 1970, até se tornar diretora de creche:

Antes de morar aqui eu era doméstica. Trabalhei muitos anos... Daí eu fui estudar porque me mandaram. O Franco me mandou estudar. Porque eu trabalhei na Igreja. Eu deixei de ser doméstica quando o Franco me chamou para trabalhar na paróquia. Na paróquia eu desenvolvia um trabalho social. E até pegar jeito...Eu me lembro que tinha duas favelas que ninguém entrava, mas eu conhecia o pessoal de lá. Então eu comecei a trabalhar na favela em São Mateus, atrás do banco Itaú... Ia na Favela da Maria Cursi fazer visita nas casas, ver a necessidade do pessoal, montar uma equipe de emprego, ver quem estava desempregado. O D. Paulo dizia, olha vocês tem que conhecer a Tia Cida. Não, ele dizia tem que conhecer a Cida Preta.⁹⁰

Tornou-se referência para moradores de territórios de São Mateus e para a Igreja Católica local, por conta de seu conhecimento dos bairros e pela diversidade de atividades que realizava. Revela na sua fala que o trabalho comunitário fez com que mudasse a sua qualidade de vida, ao estudar e se empenhar em uma ocupação gratificante para si. Pesa aqui para essa mudança a amizade com Franco Zamperi, pároco de São Mateus, alinhando à Teologia da Libertação. Esse vínculo de Tia Cida com a Igreja progressista é reafirmado com a menção do reconhecimento por D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo à época.

A quarta entrevista foi realizada em maio de 2018 com o educador popular, estudante de História e ex-secretário de escola Pedro Caranicolov, 50 anos de idade. Desde os anos de 1980 é morador do Jardim Santo André - bairro do distrito do Parque São Rafael - dedicando

⁸⁹ A loteadora *Cidade São Mateus*, de propriedade de Beis e Irmãos aparece de forma recorrente em relatos de memória sobre as “origens do bairro”, mas também em documentação cartorial, jornalística e dos *Anais da Câmara* dos anos de 1950 como veremos ao longo da dissertação. Nos *Anais da Câmara*, por exemplo, aparece como “Sociedade Civil de Terrenos de São Mateus”.

⁹⁰ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

boa parte de sua vida ao trabalho em escolas públicas, seja na *E.E. Henrique Liberalli*, localizada no mesmo bairro em que mora, ou nos “CEUs (Centros de Educação Unificados) da Zona Leste”, abordando questões ambientais relacionadas ao território. Passou pela assessoria do mandato parlamentar do vereador Toninho Véspoli (*Partido Socialismo e Liberdade - PSOL/SP*) entre 2013 e 2018. Ao falar de suas primeiras formas de trabalho, já evidencia sua ligação com o bairro, descrevendo seu território, geografia e atividades:

O Jardim Santo André – e São Mateus – são locais de serviços. É uma atividade econômica muito voltada para a questão do comércio, agora mais serviços. Indústria aqui não havia, eram poucas as indústrias. Os meus pais, o pessoal aqui era de origem operária. Era a tendência natural do filho, a minha geração, ir para o trabalho operário, né? Aí no meu caso foi diferente, o meu pai não queria que eu fosse operário. Nem eu nem meu irmão. Eu como toda a minha geração tentei ficar no SENAI, mas não deu certo. Meu primeiro emprego foi de entregador de lanche na Avenida Paulista. Nunca me esqueço foi dia 21 de fevereiro. Foi o dia que Sarney lançou plano Cruzado. Na Avenida Paulista...Eu trabalhei em três empregos de entregar lanche na Avenida Paulista. Depois, como caminho natural, arrumei emprego de office boy em dois escritórios.⁹¹

Após estágio de agricultura orgânica na *Instituição Bom Par*, localizada no Jardim São Gonçalo (distrito do Iguatemi), agora Pedro dedica-se ao curso de História na *Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID)*, pois quer se tornar professor e pesquisador do bairro na área. Em seu relato, referindo-se ao fim dos anos de 1980, período de planos econômicos como o *Cruzado*, que visavam conter a hiperinflação, fica nítida a questão de São Mateus como território com algumas oportunidades nas áreas de comércio e serviços, porém insuficientes e escassas atividades industriais, precisando seus moradores buscarem empregos em outras áreas mais centrais da cidade como a Avenida Paulista, caso de Pedro, ou industriais na Mooca, como Maria Elza. O caráter de um distrito predominantemente dormitório fica nítido em sua fala.

Pedro vem de família ucraniana, por parte de pai, e portuguesa, por parte de mãe. Seu pai morava na Vila Invernada (próxima ao atual do bairro do Anália Franco) na casa da avó de Pedro, mas por conta de conflitos familiares, veio com mulher e filhos para São Mateus em 1980, instalando-se no Jardim Santo André pois havia conseguido um emprego no Polo Petroquímico de Mauá, próximo ao bairro.

Eu nasci em São Caetano do Sul, em 29 de junho de 1971. [...] Eu morei de 73 até 77 na Vila Invernada quando eu comecei a vir para São Mateus. A gente veio definitivamente mesmo em 1 de maio de 1980 para São Mateus, no Jardim Santo André, nessa mesma casa. [...] Na Petroquímica o meu pai viu essa região do Jardim Santo André. Ele sempre gostou de mato, de sítio e

⁹¹ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

aqui tinha um aspecto bem rural ainda. Aí nessa época minha avó era umbandista e tinha ido para o candomblé e precisava de um bode preto. Um parente falou de um cara chamado Zé Fominha que tinha um sítio aqui. Onde está aquela alça do rodoanel era o sítio do Zé Fominha e ele vendia bode. Então a gente veio comprar o bode, o cabrito [...] Aí o meu pai me trouxe de carro para o Jardim Santo André, para conhecer. Havia poucas casas ainda, a rua era de terra. Não tinha nada aqui, parecia uma vila do interior. [...] Essa casa que eu estou agora estava à venda, que era do seu Armando, um antigo morador. Aí o meu pai comprou a casa.⁹²

O aspecto rural do Jardim Santo André e o bairro ainda com poucas casas são importantes elementos do relato de Pedro. A relação com a natureza e a preservação do meio ambiente esteve presente em muitas de suas falas, como quando narra com bastante nostalgia a paisagem local e seus mergulhos no Córrego Caaguaçu - próximo à sua casa e com nascentes no Morro do Cruzeiro, importante patrimônio natural da cidade de São Paulo.⁹³ Rememorou as lutas sociais contra os aterros sanitários construídos próximos ao Morro do Cruzeiro: aterro Sapopemba, desativado nos anos de 1980 e os aterros São João I e II instalados pela Prefeitura em um dos sopés do morro entre os anos de 1990 e 2000. A questão ambiental e as memórias dessa luta serão abordadas no capítulo 03 desta pesquisa, sendo o relato de Pedro importante eixo para desenvolvimento do tema.

A quinta entrevista foi realizada em duas fases, a primeira em outubro de 2018 e a segunda em fevereiro de 2019 no bairro Jardim Laranjeiras, distrito do Iguatemi, com o comerciante Orinho Ferreira de 59 anos de idade. Conversei com o colaborador em um espaço misto de biblioteca, videoteca e discoteca que ele mantém em sua casa, localizada no segundo andar de uma das padarias de sua família. Chegou ao bairro em 1970, junto com seus pais e irmãos. Orinho começa a entrevista falando das ocupações de moradia atuais existentes no entorno do Jardim Laranjeiras comparando-as com a sua infância no bairro, quando o chão era de terra e havia poucos e pequenos barracos de madeira, sendo que morava em um deles com sua família.

Sou nascido no Ceará, vim para cá com oito anos. Nasci em 62 e na década de 70 chegamos aqui nesse bairro. Nós chegamos aqui em 70, eu tinha oito anos e já comecei a estudar nessa escola que eu te falei na 3ª [3ª divisão, bairro próximo ao Jardim Laranjeiras]. Nós já éramos sete irmãos, família grande, porque hoje o total é quatorze. Meu pai trabalhava e nós morávamos inclusive nessa esquina aqui em um barraquinho. E meu pai trabalhava de camelô, naquele tempo mais conhecido como marreteiro. No caso dele, vendia alumínio. E saía aí no meio do mundo, algumas vezes até pelo interior. E nós, a molecada, brincando aqui. Ou seja, esse bairro aqui

⁹² ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

⁹³ DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Programa Patrimônio e Referências Culturais nas Subprefeituras**: São Mateus. São Paulo: DPH, 2013, p. 30.

Adriano eu acompanhei o desenvolvimento dele todo. Não havia mais de dez ou quinze casas aqui em 70. O começo que inclusive que não era igual a hoje. Hoje tem ocupação pelo MST e ocupações irregulares [...] Em 74 e 75 você chegava com sua família e ocupava e pronto. Não tinha ninguém por trás organizando.⁹⁴

Aqui Orinho deixa evidente que é um dos moradores mais antigos do bairro, delineando um discurso semelhante ao de Pedro, quando trata de um território periférico à centralidade de São Mateus que, nos anos de 1970, contava com ocupação urbana incipiente - sequer havia escola no bairro. A complexidade de ocupação dos poucos terrenos disponíveis no território que leva, atualmente, à organização de movimentos para obtenção da moradia, é comparada a uma dinâmica de ocupação mais simples, na qual o morador chegava e construía sua casa em terrenos disponíveis no local.⁹⁵ Orinho trabalhou por pouco tempo como operário na indústria e fora do próprio bairro, entre seus 14 e 16 anos. Dedicou-se, desde então, ao comércio, atuando em uma das padarias do bairro em diversas funções e, hoje, como entregador de pães, junto com seus familiares:

Eu comecei a trabalhar com quatorze anos, inclusive eu tenho a carteira profissional como símbolo de que um dia eu trabalhei. Porque a gente que trabalha em comércio, a turma acha que você não trabalha. Mas eu só trabalhei de verdade como empregado até os dezesseis anos. Depois compramos um bar, inclusive com esse dinheiro da firma em que trabalhei, de plástico bicolor, e nunca mais largamos o comércio. Bar, padaria e bar. A ocupação sempre foi no comércio. Eu acho que o bar foi comprado em 79. Mas aí por conta de uns desacertos lá com o meu pai, eu larguei e fui trabalhar de empregado. De 1986 para cá eu fixei, a padaria era minha, o bar do meu pai e até hoje só no comércio.⁹⁶

A importância do comércio como uma das primeiras atividades nos bairros de periferia fica latente na fala de Orinho, cuja família viu nessa ocupação um meio de sobrevivência já nos anos de 1970, em um período de estruturação do bairro. Fator destacado nos relatos de memória do jornal *A Gazeta de São Mateus* sobre a centralidade do território ainda em meados da década de 1950, quando o comércio exerce papel preponderante na estruturação de “Cidade São Mateus”.⁹⁷

⁹⁴ ENTREVISTA COM ORINHO. **Parte 01**. Realizada em 10 out. 2018.

⁹⁵ Realidade intermediária, em que moradores do Jardim Laranjeiras e bairros adjacentes reclamam do descaso de loteadores no território no final dos anos de 1970 será debatida no capítulo 03, a partir de texto de *O Ajudante*. Ver: Terrenos Clandestinos: Assembleia do Dia 27 Realizada no Jardim Augusta. In: **O AJUDANTE**. 01.1979. Acervo Eletrônico do Centro de Pesquisas Vergueiro. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 11 mai. 2021.

⁹⁶ ENTREVISTA COM ORINHO. **Parte 01**. Realizada em 10 out. 2018.

⁹⁷ Uma das histórias de comerciantes locais que a *Gazeta de São Mateus* traz é a de Irineu Nascimento que, de pintor de automóveis, torna-se vendedor de materiais recicláveis e roupas junto com sua esposa Aurora. O comércio porta a porta e de armazéns marca o cotidiano do território ao longo de sua história como veremos ao

Nosso colaborador, assim como Pedro, também estudou História, só que havia acabado de se formar na *Universidade Camilo Castelo Branco - Unicastelo* (atual “Universidade Brasil”), em Itaquera. Preocupou-se ao longo de quase toda a entrevista com a exatidão dos dados que me fornecia ou se as informações que iria passar seriam úteis para ao nosso trabalho. O olhar de Orinho para o processo de urbanização do Jardim das Laranjeiras, rural por muito tempo e, hoje, assistindo à chegada de moradores com maior poder aquisitivo foi elemento marcante de sua fala. Assim como o relato de Pedro, é essencial para entendermos as diferentes temporalidades de ocupação da centralidade de São Mateus e dos distritos do Iguatemi e de São Rafael.

A sexta entrevista foi realizada em maio de 2018 com a agricultora, dona de casa e militante do *Movimento de Defesa dos Favelados (MDF)* Teresinha Camargo Silva, 66 anos de idade, que atua nas ocupações de moradia da região de São Mateus e na *Associação de Agricultores da Zona Leste (AAZL)*, no setor ligado à produção de frutas e hortaliças orgânicas. A conversa foi realizada em maio de 2019 na casa da colaboradora, localizada no Jardim Tietê, próximo ao bairro de São Mateus. Imigrante do Paraná, chegou a São Paulo em meados dos anos de 1970, na casa da patroa no Jaçanã até adquirir um terreno em São Mateus em 1978, local onde considerava possível comprar um lote com o poder aquisitivo que tinha à época (como empregada doméstica e casada com um operário):

Eu vim do Paraná e cheguei aqui em São Mateus em 78. Viemos em busca de trabalho eu e meu esposo e tínhamos uma filha de 9 meses. Só que não morava nessa casa. Morava noutra casa aqui no Tietê. Eu cheguei aqui em 79 [...] pelas condições financeiras, porque outros lugares eram muito caros para se conseguir um terreno. E eu morava no Jaçanã na casa duma mulher. Quando eu cheguei eu fui trabalhar como doméstica, e aí ela cedeu um espaçozinho para mim e meu esposo morar. Quanto mais longe [o terreno] era onde a pessoa conseguia [comprar seu lote]. E aí foi São Mateus onde eu consegui comprar um pedacinho de terreno para construir a minha casa.⁹⁸

Ao caracterizar São Mateus como um lugar distante (do centro) e com moradia mais barata, Teresinha acaba fortalecendo aquilo que Pedro e Orinho nos trazem sobre a facilidade em obter moradia na região na década de 1970. Aqui Teresinha fala de um bairro próximo à centralidade local, o que indica que mesmo próximo a áreas mais urbanizadas a ocupação do espaço tinha ainda terrenos acessíveis. Importante ressaltar que movimentos de moradia

longo deste trabalho. Ver: A GAZETA DE SÃO MATEUS. Nascimento, um Autêntico Bairrista. Set.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo**. (Pasta São Mateus). São Paulo, 1995.

⁹⁸ ENTREVISTA COM TERESINHA CAMARGO. Realizada em 03 mai. 2019.

pipocariam na região e em territórios próximos como a *Fazenda da Juta*⁹⁹ já nos anos de 1980. Embora na década de 1970 houvesse essa facilidade em comprar terrenos, as dificuldades de infraestrutura cobravam seu preço, como veremos nos capítulos seguintes por meio de falas da própria Teresinha. A história de como conseguiram emprego e, depois, comprar um terreno com a ajuda de um amigo, traz os percalços da vida familiar e a dimensão humana das relações de vizinhança e ajuda mútua que os indivíduos/famílias travavam para promover a ocupação do espaço:

O meu marido arrumou esse emprego na Souza Cruz, mas até começar a trabalhar foi uma barra. Nós não tínhamos mesmo [comida], eu fazia um mingau de fubá para minha filha tomar. Tinha vergonha de falar para as pessoas que eu não tinha nada em casa. [...] Daí eu tinha o fogão, mas não tinha o que comer. [...] Aí uma vizinha saiu, foi lá, arrumou uma cesta básica. Ela começou a me ajudar. Aí já arrumou o que era mais importante: o trabalho. Daí uma vizinha olhava a minha filha, e eu comecei a trabalhar em casa de família.¹⁰⁰

Em um primeiro momento Terezinha conta como tinha vergonha de que seus vizinhos soubessem que ela não tinha o que comer em casa, por conta do desemprego. Embora o marido já tivesse conseguido trabalho por mediação de um amigo, ainda passaram por dificuldades, debeladas pela ajuda da vizinha que, além do alimento, conseguiu um emprego como doméstica para ela. Outra vizinha cuidou de seus filhos para que pudesse ir trabalhar. A ida para São Mateus, com intermediação do mesmo amigo que arrumou emprego para seu marido, Juvenal, também é abordada:

Porque também nós estávamos na casa desse moço, Marcos, ele já ia vender essa casa. Ele fez uma negociação lá com o meu marido. Aí conseguimos comprar esse bequinho. Meu marido com muita dificuldade construiu um cômodo, um banheirinho, e aí fomos para lá eu, meu cunhado e as crianças. Depois disso ficamos trabalhando [morando] lá um tempo. Quando foi um belo dia, e já estávamos trabalhando, teve uma família que comprou esse bequinho e o meu marido procurando um terreno. Com esse dinheiro e com mais umas economias que ele fez porque tinha vendido um Jeep lá no Paraná. Daí que nós compramos aqui esse terreno, em São Mateus e viemos para cá.¹⁰¹

A compra de um “bequinho” e sua posterior venda para a compra de um terreno em São Mateus (já dos mais baratos da cidade), traz a dimensão da epopeia familiar e do arranjo social necessário para driblar as limitações materiais para se obter a moradia. O sentido familiar e de vizinhança da ocupação do espaço, com todos os seus percalços traz a

⁹⁹ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

¹⁰⁰ ENTREVISTA COM TERESINHA CAMARGO. Realizada em 03 mai. 2019.

¹⁰¹ Idem.

problemática de como abordar as vivências do padrão-periférico de crescimento da cidade para além das determinações socioeconômicas urbanísticas. A intensidade de sua vida no bairro e o detalhe com que narra as experiências familiares são marcantes nas falas e vivências das mulheres em bairros de periferia como bem pontua Carignato ao tratar das experiências das mulheres do *Movimento de Saúde da Zona Leste*.¹⁰²

O ponto de vista das mulheres que enfrentam diversas dificuldades para sobreviver em um território de urbanização incipiente ganha outros contornos no caso da operária e dona de casa aposentada Geralda Fernandes Morais, 92 anos de idade, e da professora do ensino fundamental I do município de São Paulo Rose Fernandes de Morais 53 anos. Mãe e filha são duas mulheres negras cujas histórias estão intrinsecamente ligadas à formação do bairro Jardim Colonial e às interações entre Vila Carrão e São Mateus, no eixo formado pelas Avenidas Rio das Pedras e Mateo Bei.¹⁰³ As entrevistas com elas foram realizadas nos dias 11 jul. 2020 (Rose) e 24 jul. 2020 (Geralda), utilizando a ferramenta *Google Meet*, por conta da pandemia do COVID-19. Há, porém, uma interação familiar forte entre ela, a mãe e o irmão Sérgio Fernandes de Morais, 58 anos, estampilha aposentado. Ele participa da entrevista de Rose a convite da irmã e também na de Geralda. Nesse caso, ambos os filhos travam uma partilha de memórias de família na qual a mãe coloca suas reminiscências e os filhos também intervêm para ajudá-la e, com isso, acabam colocando suas interpretações das vivências da mãe e da família. Como quando Geralda trata da compra de um terreno no Jardim Colonial ainda nos anos de 1950, onde viria morar apenas no final da década de 1970:

Eu morei na Vila Antonina, Vila Carrão. [...] Nós compramos a casa aqui, eu e minha irmã, o terreno. Construimos a casa, estava alugada. Meus avós morreram, meus pais também. Precisamos vender a casa lá do Carrão para alugar e repartir o dinheiro. Daí nós viemos para cá [Jardim Colonial]. [A mudança] foi tranquila porque eu já tinha o terreno e a casa aqui pegada [ao lado] da minha irmã. Nós compramos as duas juntas né, quer dizer que eu moro vizinha. A minha irmã já faleceu também. [...]. [Quando] comprei era solteira. [Deve ser anos 1950, intervém Rose]¹⁰⁴.

Trabalhou em uma tecelagem da família Matarazzo na Rua Joli, bairro do Brás até se casar, quando passa a morar com a sogra, de quem ajudou a cuidar ainda na Vila Carrão, assim como de seus pais. Após a morte da sogra, muda-se para o Jardim Colonial com a

¹⁰² CARIGNATO, Lucirene. **Vivências Femininas do Movimento de Saúde da Zona Leste de São Paulo**. São Paulo: PUC, 2007.

¹⁰³ Sobre essa interação trataremos mais no capítulo seguinte no qual nos debruçaremos sobre a documentação oral, escrita e cartográfica que evidencia as principais transformações locais durante o processo de urbanização da centralidade de São Mateus e suas relações com os territórios vizinhos.

¹⁰⁴ ENTREVISTA COM GERALDA MORAIS. Realizada em 24 jul. 2020.

família no início dos anos de 1980. Trata aqui das dificuldades que encontrou logo ao chegar ao bairro:

Aqui a rua não tinha esgoto, era poço, [Não tinha infraestrutura nenhuma, intervém Sérgio] aquela bomba... Bairro afastado mesmo. Não tinha luz, asfalto não tinha. Não tinha quase ônibus né Serginho? [ônibus era o que menos tinha, fala Sérgio] A empresa Carrão... [todos riem nesse momento]¹⁰⁵.

A empresa *Vila Carrão* chega mesmo a ser motivo de piada entre eles, devido à sua má qualidade, como já expusemos no caso das dificuldades enfrentadas por Maria Elza. Sobre a chegada ao Jardim Colonial, Rose também traz algumas memórias das diferenças que via entre o São Mateus e a Vila Carrão, em termos de infraestrutura urbana:

Meus avós faleceram, tiveram que vender a casa, fazer toda aquela divisão. Aí o meu pai resolveu que a gente tinha que vir para o nosso canto mesmo, nossa casinha aqui no Jardim Colonial. Porque essa minha casa no Jardim Colonial era alugada. Aí o meu pai falou. ‘Não, agora a gente vai para o nosso’. E aí em 81 nós viemos pra cá. Aqui a realidade era totalmente diferente da que eu vivia lá no Carrão. Aqui não tinha asfalto, questão de saneamento básico, na época ainda estava precária a questão de esgoto e tudo o mais. Eu vim e tomei um choque.¹⁰⁶

Sua ligação com os estudos é fala recorrente no depoimento, e vêm da consciência que desenvolveu de que uma pessoa negra deveria ser muito melhor que as não negras nesse quesito para que fosse minimamente respeitada na sociedade. Essa trajetória a levou não só ao magistério como também fez com que não estudasse mais próxima de casa na *EMEF Rodrigo de Melo Franco*, por ser uma escola supostamente de menor “qualidade”. Conta como o professor da EMEF localizada no Jardim Colonial olhou para seu histórico e a aconselhou a não mudar da escola localizada na Vila Carrão, tida como “melhor”:

Eu continuei a estudar no Carrão até a 8ª série porque o diretor do Rodrigo Melo falou assim que no meu caso, o meu currículo... As minhas notas eram altas. Aí ele aconselhou minha mãe que eu terminasse meus estudos na escola de lá, não viesse para cá. Terminasse meus estudos lá, porque ele falou assim que o nível da escola aqui não estava ao meu nível. E aconselhou que eu terminasse até a 8ª lá.¹⁰⁷

Todas as memórias e histórias de vida aqui elencadas articulam as dificuldades de se lidar com um território sem garantias mínimas de acesso ao mais básico da educação, trabalho, serviços de saúde e meios de circulação, entre outros fatores. São memórias negras como as de Tia Cida, Geralda e Rose, que trazem evidências dessa importante presença em

¹⁰⁵ Idem.

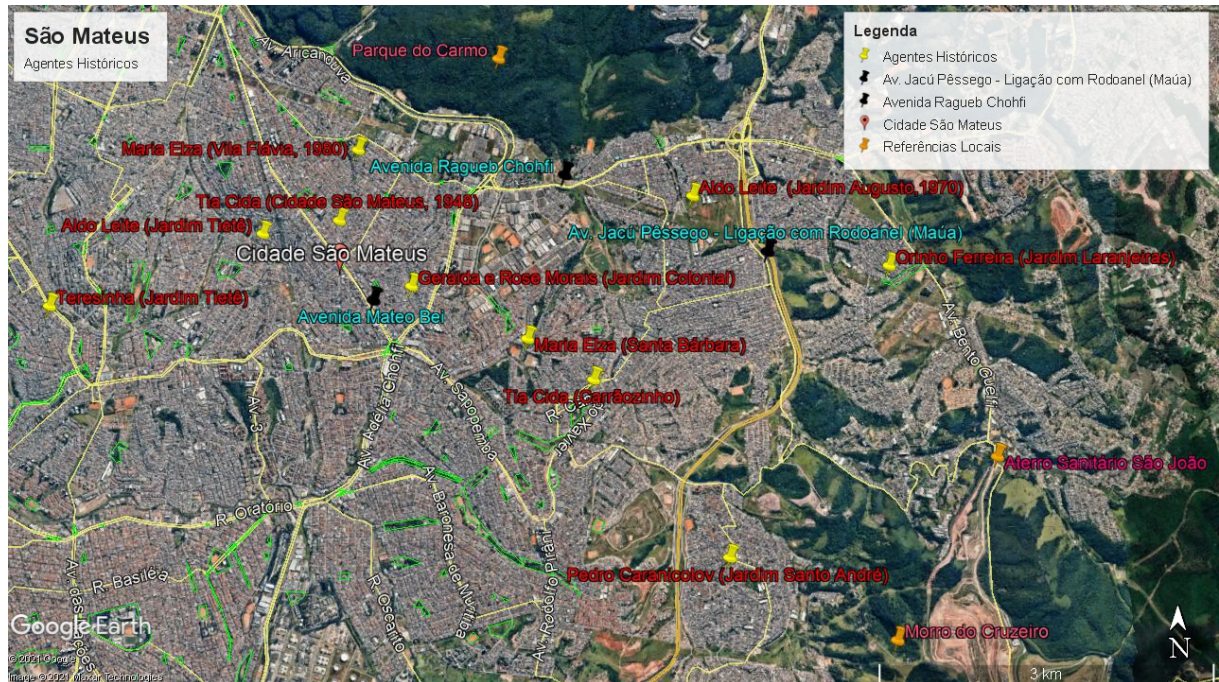
¹⁰⁶ ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES DE MORAIS. Realizada em 11 jul. 2020.

¹⁰⁷ Idem.

São Mateus envolvidas, em parte, com a dinâmica de comunidades de samba (como veremos no capítulo 04), uma das características mais conhecidas da Suprefeitura na cidade. São também memórias de luta social, ligadas à própria rotina de trabalho para a subsistência, baseadas na ligação com as comunidades do território, caso de Tia Cida, Aldo Leite e Teresinha Camargo. Ou de profundo envolvimento com o cotidiano e natureza de bairros onde o proveito do próprio espaço, misto de urbano e rural, serve para construção de uma identidade territorial própria, caso de Pedro Caranicolov com o Jardim Santo André e o Morro do Cruzeiro e Orinho Ferreira no Jardim das Laranjeiras. E mesmo de muita sobrecarga e relações familiares sofridas para as mulheres como Tia Cida, Geralda, Teresinha e Maria Elza.

Há que se destacar, neste ponto, as diferenças entre as memórias das mulheres e dos homens, pois elas colocam maiores detalhes sobre os desafios na formação da família, manutenção da casa e como isso fez com que estivessem menos no espaço público em alguns momentos da vida (caso de Maria Elza) ou como a tensão entre a esfera do trabalho fora de casa e necessidades domésticas - que se confundiam com os problemas de infraestrutura do bairro - acabou forçando, por outro lado, a organização de suas militâncias, trabalho e vida comunitária no território. Os homens, por outro lado, atem suas narrativas mais ao espaço público e do trabalho, sem fazer as mesmas articulações com a vida doméstica e familiar, algo que perceberemos ao longo da dissertação. A diversidade de locais de moradia (que também eram locais de articulação comunitária das colaboradoras e colaboradores no território) são referenciadas no mapa a seguir, com suas presenças em São Mateus ao longo de suas vidas, identificando o ano em que chegaram no distrito, para aqueles que moraram em mais de um bairro (Imagem 02).

Imagem 02 – Colaboradores em seus bairros: Referências Espaciais do Território.



Fonte: Plataforma *Google Earth*. Elaboração: Adriano Sousa, 2021.

A seguir, apresentaremos pesquisas acadêmicas que utilizam a metodologia da História Oral para a compreensão dos diferentes processos históricos de bairros do Extremo Leste de São Paulo, com agentes históricos que evidenciam o diálogo entre diferentes formas e usos de depoimentos orais que ocorrerão ao longo de nossa pesquisa, sendo subsidiárias à compreensão das vivências da construção da Subprefeitura de São Mateus, na comparação com espaços de historicidade semelhantes.

1.2 Estudos de História Oral e os Bairros da Zona Leste

A História Oral é um dos métodos mais utilizados para o estudo dos processos históricos dos diversos bairros da zona Leste de São Paulo. Em parte isso ocorre devido à dispersão da documentação referente aos processos históricos de ocupação dos espaços rurais desses territórios, bem como das experiências e sociabilidades de classe, raça e gênero nestes bairros das quais os moradores possuem farta memória “oralizável” que muitas vezes ainda não reconhecem como tal. A possibilidade de formar séries documentais com histórias de vida nesse contexto possibilita a organização de temas norteadores para as pesquisas, além de promover outros sentidos para elementos problematizados nas fontes escritas e imagéticas. Essas possibilidades assumem diferentes configurações a depender dos objetivos das pesquisas. Aqui abordaremos trabalhos que se dedicam ao estudo das culturas e experiências

dos trabalhadores, memórias sociais dos territórios e relacionadas às suas identidades negras. Pesquisas essas que se referem aos bairros de Guaianases, Fazenda da Juta, São Miguel Paulista, São Mateus/Sapopemba/Itaquera e Centocelle, parte da periferia de Roma, única exceção de território não localizado na Zona Leste de São Paulo.

A escolha de Alessandro Portelli para este tópico tem a ver com os padrões de memória sobre um “território periférico” que o historiador elenca em Roma. Pois é como uma periferia que Portelli se refere a Centocelli, distrito que reúne mais de uma localidade fora dos limites de Roma como as de Quarticciolo, Alessandrino, Tor Sapienza, Tor Ter Teste, La Rustica e que, historicamente, reúne a classe trabalhadora local, sendo ela norteadora da identidade local.¹⁰⁸ Embora em outro país com suas particularidades, percebemos algumas semelhanças entre Centocelle e alguns distritos da Zona Leste como as suas subdivisões (a exemplo da Subprefeitura de São Mateus em Iguatemi, São Rafael e centralidade) e a sua ocupação majoritariamente pela classe trabalhadora. Outro ponto muito comum, que também aparece em memórias não só da Zona Leste de São Paulo, como das periferias da cidade como um todo é a fórmula “aqui não existia nada, era tudo mato”, recorrente nas falas dos moradores de Centocelle:

No intervalo de poucos segundos, Dario de Angilis repete cinco vezes que ‘não tinha nada.’ Esta fórmula é muito recorrente em outras narrativas: ‘Não tinha eletricidade, não tinha nada’ (Franco Alcino); ‘Não tinha nada, umas poucas casinhas. Não havia nada aqui em Tor Sapienza’ (Luigi Moretti). Não havia nada significa tanto que a história estava ocorrendo em outro lugar, como que é ainda possível lembrar do começo da história neste lugar. O começo do centro de Roma perde-se na Antiguidade, enevado em lendas imemoriais; mas na periferia as pessoas ainda são capazes de lembrar como tudo começou.¹⁰⁹

O pesquisador vê nessas falas a configuração de uma memória da fundação, que demarca um início para a história da cidade, que ocorreria somente em Roma, como referência urbana milenar do lugar para somente recentemente haver a fundação da periferia, onde antes não havia nada. José de Souza Martins ao falar da relação entre São Caetano, São Paulo e a tentativa de criar narrativas de memória e história locais trata da atração quase fatal dos são-caetanenses pelas narrativas de fundação baseadas em pioneiros do lugar, buscando se aproximar da história de fundação da cidade de São Paulo, que teve seus “pioneiros” jesuítas e bandeirantes que trouxeram civilização a um espaço que “nada tinha antes”:

¹⁰⁸ PORTELLI, Alessandro. A América e os Subsolos: O Início e a Construção de Identidades em uma Periferia Romana. *In: Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 111.

¹⁰⁹ Idem, p. 115.

São ideias que decorrem de concepções conservadoras a respeito das desigualdades sociais, os primeiros e os outros, alguns fazem história e outros não. São ideias que vingaram através de um sistema escolar que durante muito tempo foi instrumento de difusão de uma concepção de história que é na verdade veículo ideológico de poder.¹¹⁰

Isso também ocorre na narrativa da história de São Mateus que circula em alguns de seus jornais locais e também publicada no *site* de sua subprefeitura, privilegiando proprietários de terras como fundadores:

A história de São Mateus remonta ao século XIX. Mais precisamente ao ano de 1.842, época em que existia uma fazenda de propriedade de João Francisco Rocha, onde se criavam cavalos, carneiros e bois. Posteriormente, a fazenda foi adquirida por Antônio Cardoso de Siqueira, que optou por dividi-la em 5 (cinco) glebas. Já no século XX, na década de 40, tudo não passava de uma grande fazenda: a Fazenda Rio das Pedras. Em 1.946, uma gleba de 50 alqueires de terras foi vendida à Família Bei (Mateo e Salvador Bei), dando origem a fazenda São Mateus.¹¹¹

No caso de Centocelli, Portelli antepõe a esse “início da história” evidências de uma vida social rural ligada ao fornecimento de produtos agrícolas à Roma que existiria desde a Antiguidade:

A história das periferias de Roma tem um duplo começo: aquele lembrado por imigrantes e exilados da periferia moderna; e o começo arcaico, enterrado sob o chão de uma terra antiga [...] Nos tempos de Roma (nas palavras da depoente Rita Volpe), a cidade terminava nas muralhas romanas; aqui era quase uma zona rural. Uma zona rural especial, porque estava ligada às necessidades da cidade próxima; os usos deste território estavam sempre conectados à cidade de Roma. Então encontramos traços primitivos de agricultura que remontam ao século VI a.C., encontramos conjuntos de edificações, que são fazendas bem desenvolvidas remontando ao século III.¹¹²

Em outra dimensão da história de Centocelle, já no século XX, durante o período entreguerras e no Pós-Segunda Guerra Mundial, o historiador aborda as memórias da chegada de imigrantes de diversos territórios da Itália e da própria cidade de Roma. No primeiro caso, por conta das remoções da população mais pobre da cidade histórica de Roma, em um processo de aburguesamento da cidade que deslocou contingentes de moradores para as

¹¹⁰ MARTINS, José de Souza. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História do Subúrbio da Cidade de São Paulo**: São Paulo Caetano, do Fim do Império ao Fim da República Velha. 1 ed. São Paulo/São Caetano: Ed Hucitec, 1990, p. 14.

¹¹¹Ver:[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20de%20S%C3%A3o%20Mateus,em%205%20\(cinco\)%20glebas.](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20de%20S%C3%A3o%20Mateus,em%205%20(cinco)%20glebas.) Acesso em: 10 nov. 2020.

¹¹² PORTELLI, Alessandro. A América e os Subsolos: O Início e a Construção de Identidades em uma Periferia Romana. *In: Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 116-117.

periferias. No segundo caso, ligados ao processo de industrialização e aumento da oferta de trabalho no Pós-Segunda Guerra que atraiu imigrantes de todo o país para Roma:

Centocelle recebeu trabalhadores da construção civil em geral, mas também membros da pequena classe média, comercial e clerical. [...] Os primeiros a vir a Centocelle foram as famílias expelidas do centro para a renovação urbana fascista ou os que se tornaram sem-teto por bombardeios no período da guerra. Então, entre a guerra e o boom econômico, em uma cidade cara e populosa, à medida que os bairros centrais eram progressivamente aburguesados, mais e mais pessoas eram empurradas para os limites da cidade.¹¹³

Esse universo apresentado por Portelli possui - guardadas as devidas diferenças de espaços e processos históricos - semelhanças com o que ocorre em São Miguel Paulista, São Mateus e outros espaços da zona Leste também no Pós-Segunda Guerra, marcado por crescimento econômico baseado em industrialização, urbanização e imigrações. No caso de São Miguel, constituía-se de um território rural ocupado por imigrantes vindos majoritariamente do Nordeste, atraídos pelo trabalho na indústria química e têxtil *Nitroquímica*, referência na ocupação espacial do bairro.

Paulo Fontes, historiador do trabalho de influência thompsoniana, aborda esse processo que envolve as lutas sociais dos trabalhadores no âmbito da fábrica e da urbanização do território. Para isso utilizou fontes orais produzidas por meio de entrevistas com uma rede formada por 42 colaboradores articulada junto à *Associação dos Trabalhadores Químicos Aposentados*, além de utilizar acervo de 53 entrevistas realizadas por alunos do curso de História da *Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)*.¹¹⁴

Em sua abordagem procurou utilizar-se das fontes orais não para preencher lacunas deixadas por outras documentações, mas para trazer as visões e experiências dos moradores relacionadas aos processos históricos analisados. Exemplo disso é como o processo de venda dos lotes rurais e formação de um bairro misto de dormitório e industrial é documentado nos classificados de imóveis de jornais como *A Hora* e, depois, com estatísticas e depoimentos dos trabalhadores/residentes do território:

‘Eis a oportunidade – magníficos lotes em São Miguel Paulista e na Vila Itaim’ anunciava em letras garrafais a propaganda no *A Hora*, diário de razoável penetração entre a população mais pobre da cidade. Enumerando as vantagens do negócio prosseguia: ‘90 prestações mensais sem juros – mensalidades desde Cr\$ 500’ [...] ‘um terreno para construção da casa própria [por] apenas Cr\$ por mês (...) no Jardim IV Centenário, no coração de São Miguel Paulista – o bairro de maior progresso industrial de São

¹¹³ Idem, p. 119-120.

¹¹⁴ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 34.

Paulo' era oferecido um 'presente' (...) cinco mil tijolos, uma porta e uma janela.¹¹⁵

A ocupação dos lotes rurais com vendas de terrenos a baixas prestações associadas ao oferecimento de tijolos é comum na formação das periferias de São Paulo - como veremos ao longo da dissertação - e também o seu caráter de bairro dormitório. Em São Miguel, porém, essa realidade tinha suas próprias características como Fontes tenta demonstrar, primeiro estatisticamente, e depois com os depoimentos dos próprios moradores:

Dos 97777 habitantes de São Miguel naquele período, 7704, ou seja, 9,6% trabalhavam nas cinco indústrias do bairro, sendo que 75% deles apenas na Nitroquímica. Em 1950, considerando apenas a população do distrito de São Miguel e somente os trabalhadores da Nitroquímica, chegaríamos a um significativo índice de aproximadamente 25% da população local trabalhando na indústria do bairro.¹¹⁶

[...] Artur Pinto de Oliveira conta que 'o transporte coletivo aqui sempre foi péssimo (...) e eu via aquele sofrimento dos meus amigos (...) o cara para entrar as 7 horas no Brás saía daqui as 4 horas da manhã. [eu pensava] aqui eu não pego ônibus, vou trabalhar a pé.' [...] Para mim, afirmava o líder sindical Adelço de Almeida, 'todo mundo em São Miguel trabalhou na Nitro.' 'Aqui em São Miguel praticamente todas as famílias [tinham alguém que] trabalhou na Nitroquímica' reitera Milton Furlan, mecânico na empresa entre 1960 e 1990, cuja família possui três gerações de trabalhadores na Nitro.¹¹⁷

Todas as fontes documentam, ao mesmo tempo, o impacto da industrialização no cotidiano de São Miguel e de sua urbanização, porém são as falas dos trabalhadores que evidenciam os porquês de suas escolhas em morar e trabalhar no mesmo bairro, marcando a função da fonte oral de evidenciar aquilo que é vivido pelos moradores e a visão que eles constroem dessas vivências eles constroem após toda uma trajetória no território. Veremos ao longo dos próximos capítulos como o padrão de loteamento de São Mateus e sua ocupação por trabalhadores assemelha-se ao de São Miguel. Entretanto, a dominante de "dormitório" do nosso território de estudo distancia-se da função industrial daquele bairro.

De todo modo, estudos como o de Fontes sobre a ocupação de bairros de São Paulo por operários fazem parte de um conjunto de textos de História Social do Trabalho no Brasil que, a partir dos anos de 1990, passa a considerar as fontes orais elemento primordial para obtenção de seus resultados, sendo a releitura da "República Populista" (1945-1964), e de seus processos ligados à classe trabalhadora, o seu principal objetivo:

Nesses estudos a história oral deu uma contribuição decisiva para a compreensão das experiências nos locais de trabalho e residência e para as

¹¹⁵ Idem, p. 98.

¹¹⁶ Idem, p. 99.

¹¹⁷ Ibidem, p. 100.

intrincadas relações entre os trabalhadores ‘comuns’, o sindicalismo e o jogo político do período, alterando significativamente a imagem consagrada sobre os mundos do trabalho e o espaço público antes do golpe de 1964.¹¹⁸

Nesta mesma chave de investigar as experiências da classe trabalhadora nas periferias de São Paulo por meio da História Oral, está Lucirene Carignato, com seu estudo sobre as vivências de mulheres no *Movimento de Saúde da Zona Leste (MSZL)*. Para compor esse estudo, a historiadora parte de sua experiência pessoal de moradora do território de Sapopemba e participante do movimento e de outras iniciativas políticas do período da Redemocratização como o próprio Movimento de Saúde, reativação da *União Nacional dos Estudantes (UNE)* e fundação do *Partido dos Trabalhadores (PT)* entre o final dos anos de 1970 e início da década de 1980¹¹⁹. Seu trabalho dialoga com esta dissertação não só por causa do uso da História Oral, mas também porque a territorialidade do movimento passa por São Mateus, Itaquera e Sapopemba. Segundo a historiadora, o movimento foi fundado em mobilizações que se articularam no Jardim IV Centenário (São Mateus) e no Jardim Nordeste (Itaquera), pautando a instalação de postos de saúde nestes bairros, contando com a contribuição decisiva das *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)*. Temos aqui, portanto, um exemplo no qual São Mateus é palco de um processo de articulação política que envolve a sua interação com outros territórios da zona Leste e da cidade de São Paulo:

O Movimento de Saúde surgiu a partir de pequenos e dispersos grupos, quase sempre inseridos nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), espalhados pela zona leste da cidade que vão refletir sobre os problemas relacionados à saúde. Dois desses grupos, um em São Mateus (J. IV Centenário) e outro em Itaquera (J. Nordeste), vão se destacar desde 1976 com pequenas ações de reivindicação junto à Secretaria de Saúde pedindo atendimento médico na região. Com o crescimento desses dois grupos e sua posterior junção, estrutura-se o Movimento de Saúde da Zona Leste (MSZL), assim chamado desde inícios dos anos 80.¹²⁰

Esses dois grupos se constituíram em comissões de saúde organizadas para reivindicar a presença de equipamentos e pessoal da área da saúde em seus bairros. Logo foram fundadas outras comissões em outros espaços da zona Leste como São Miguel, Ermelino Mattarazo, dentre outros. Carignato selecionou 10 mulheres que participaram do movimento para que dessem seus depoimentos de transformação pessoal, social e do território. O relato de Graça,

¹¹⁸ FONTES, Paulo. História Oral e História Social do Trabalho: Os Migrantes Nordestinos em São Paulo Entre os Anos de 1940 e 1960. In: GOMES, Angela de Castro. **História Oral e Historiografia: Questões Sensíveis**. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 85-86.

¹¹⁹ CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007, p. 12.

¹²⁰ Idem, p. 10.

moradora de Sapopemba, evidencia o processo de aprendizado do tornar-se “cidadão” que Carignato quer destacar em seu trabalho, abordando a vida de mulheres antes restritas ao espaço doméstico e que passaram, também, a se organizar politicamente:

Demorou (para ter conselho de saúde), era uma comissão que reivindicava, depois disso achamos necessário continuar porque aí tinha que trazer profissionais de saúde, era muito escasso, não tinha médico, para conseguir remédio, leite para as crianças.... Então essa comissão continuou em prol da manutenção dos recursos humanos, medicamentos e tudo a gente ia atrás. Depois o que aconteceu aqui começou a acontecer em São Mateus e toda a periferia de São Paulo. E aí houve uma interligação, as pessoas começaram a vir aqui, a primeira pessoa que veio aqui foi o Neder, falar com a gente sobre política de saúde, e depois a gente ia lá (J. Nordeste) nas reuniões deles também.¹²¹

O diagnóstico da insuficiência das comissões para atender às necessidades do bairro levou à exigência de implementação de conselhos fiscalizadores, demonstrando a complexidade a que o MSZL chegou e o impacto de suas agentes históricas nos territórios em que atuaram, além do salto de consciência que tiveram sobre os problemas da cidade. Esse percurso histórico (individual e social) será abordado com maior detalhe no capítulo 03 desta dissertação com base nos depoimentos de Tia Cida, Terezinha e Aldo Leite.

Também destacando a agência histórica das mulheres em Sapopemba, mas por meio da questão da moradia, temos o trabalho de Deocleciana Ferreira sobre o processo de ocupação do bairro Fazenda da Juta.¹²² A pesquisadora, doutora em Serviço Social, é moradora da Juta e trabalhadora do *Instituto Daniel Comboni*, um dos principais equipamentos de assistência social do bairro. Para trabalhar esta questão, delimita dois recortes históricos: Juta Velha, que abarca o período de loteamento do território rural da antiga *Fazenda da Juta*, entre os anos de 1960 e 1970; e Juta Nova, que abarca o processo das ocupações de moradia e luta de por projetos habitacionais públicos na década de 1980.¹²³ Essa divisão temporal/espacial é comum no processo histórico de muitos distritos da zona Leste, onde após uma etapa de venda de lotes rurais e ocupação do território por aqueles que não tinham condições financeiras de morar na “cidade edificada”, sucedeu-se um período de crise na oferta de moradia, especialmente nos anos de 1980. Esses elementos também se fazem presentes em São Mateus que, como veremos no tópico seguinte deste, teve no Jardim da

¹²¹ Idem, p. 100.

¹²² FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

¹²³ Idem, p. 23-26.

Conquista, um movimento de moradia intrinsicamente ligado, na origem, ao da Fazenda da Juta.

Em termos de metodologia, Ferreira opta por um trabalho de História Oral que privilegia entrevistas coletivas em encontros denominados “chás de memória” nos quais as moradoras e moradores, com a colaboração de pesquisadores ligados ao tema da moradia e partícipes da construção do bairro, partilham suas lembranças e documentos pessoais e coletivos como colher de pedreiro, fotografias e livros-atas, por meio dos quais foi possível tratar do processo histórico do território.¹²⁴ Foram separados em dois grupos, um com fundadores da *Associação de Moradores da Juta* em 1985 e outro relacionado ao movimento de moradia e regularização fundiária do bairro, parte do *Movimento de Moradia Leste-I*. A pesquisadora denominou esse processo de registro de “Vozes em Mutirão”. A participação mais efetiva das mulheres nos movimentos e mutirões, ponto que Ferreira destaca em seu texto, fica evidente por meio da fala de Cícera, uma das “construtoras” do bairro:

‘Os homens ficavam escondidos dentro das casas ou em pé, encostado na enxada, só olhando! E as muié ripava viu. Foi nós que fez! Foi as muié que fez viu? Não foi home não!’. Essa declaração teve o poder de despertar entre as demais companheiras um grande burburinho, todas concordando com o relato de Cícera. O debate levou à centralidade da questão de gênero, impulsionado pela perspectiva do empoderamento que perpassa a luta coletiva; que ganha confiança para expressar suas próprias opiniões, pensamentos e decisões; que conquistam seu espaço no mutirão; que conquistam a titularidade das casas; do convencimento do merecido respeito pelo trabalho realizado; da legitimidade e do direito de escolher em que campo da luta se deve focar; e da decisão sobre os rumos de suas vidas.¹²⁵

Esse tipo de relato faz parte da concepção de História Oral da pesquisadora, que privilegia a fala “de quem pisa naquele chão e pensa por meio dele”¹²⁶, ou seja, destaca a relevância do morador rememorando a história do próprio bairro com seu “conhecimento de causa”. Ferreira busca em seu estudo articular suas memórias de moradora, ativista da moradia e serviço social na Juta, com as análises sobre a formação urbana do bairro por meio das lembranças de seus residentes. Essa fórmula e a problemática de gênero é comum a outros trabalhos de memória sobre a questão da moradia no Extremo-Leste da cidade, como veremos a partir do próximo tópico e especialmente no capítulo 03, em texto sobre as mobilizações por moradia em São Mateus.

¹²⁴ Ibidem, p. 25.

¹²⁵ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018, p. 30.

¹²⁶ Idem, p. 35.

Em uma chave um pouco diversa do que vimos até aqui, temos o trabalho de Sheila Alice da Silva que centra seu foco nas experiências de vida negras no território de Guaianases, demonstrando sensibilidade para escutar os detalhes de suas trajetórias no território em busca pelo entendimento de como se desenvolvem as chamadas *microáfricas no bairro*¹²⁷. A pesquisa trabalha as denominadas “microáfricas” como reinvenções e, ao mesmo tempo, permanências de características africanas nas culturas afro-brasileiras, como a transmissão oral de saberes e a organização comunitária de suas sociabilidades. Pretende, portanto, por meio das cognições negras registradas com a História Oral, romper com narrativas universalistas, como as que atribuem prioritariamente aos europeus a constituição do distrito Guaianases. Segundo Sheila Alice da Silva,

escolheu-se a metodologia da história oral que se dedica a registrar as narrativas de experiências humanas de pessoas até então anônimas nas histórias universalistas [...] pelo sistema de ensino ocidental e um conjunto de valores cartesianos.¹²⁸

Exemplo disso é a história do casal Dona Conceição e Sr. Vicente - ele alfaiate e, depois, inspetor de alunos e ela, doméstica e dona de casa. Migrantes da zona rural de Minas Gerais, vieram para São Paulo na década de 1950 e tiveram aqui nove filhos. Sheila Alice da Silva procura mergulhar nos detalhes da vida de cada um, e em como o racismo afetou suas trajetórias, em um movimento diverso dos textos anteriores, que exploravam mais a articulação dos moradores com o processo histórico dos bairros em que viviam do que em suas histórias de vida em particular. Chama atenção a diferença de oportunidades entre ambos: enquanto Vicente conseguiu mudar de profissão, terminar os estudos e trabalhar na *Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo (USP)*¹²⁹

Dona Conceição sempre ficou presa ao trabalho doméstico, ora cuidando dos 9 irmãos e depois dos 9 filhos, ou trabalhando em bairros ‘nobres’, como os Jardins: uma experiência de sofrimento e trauma foi sendo revelada a cada palavra, de uma mulher negra forjada pelo esforço do trabalho pesado. [...] Seguindo os passos da mãe, torna-se empregada doméstica, uma herança compartilhada por vultosos grupos femininos. Além disso, ainda compartilha de outras similitudes, como o fato de

¹²⁷ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 144-145. O conceito de “microáfricas” foi cunhado por Amailton Azevedo em estudo sobre o samba de Geraldo Filme e manifestações comunitárias do ritmo em quintais de São Paulo. Ver. AZEVEDO, Amailton Magno. **A Memória Musical de Geraldo Filme: Os Sambas e as Microafricanas em São Paulo**. (Tese de Doutorado em História). São Paulo: PUC, 2006.

¹²⁸ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 146.

¹²⁹ Idem, p. 164.

não ter frequentado a escola num país que tinha na educação a materialização de um processo de seleção e exclusão.¹³⁰

Ambos trabalhavam antes no bairro e circulavam por muitos espaços da cidade, mas as desigualdades de gênero, aliadas ao binômio segregação espacial/racial são nítidas. Porém, o marido consegue superar essas barreiras, enquanto a esposa continuou presa aos padrões impostos pela sociedade ao seu gênero e raça. Em São Mateus, a história de vida de Tia Cida guarda muitas semelhanças com a do casal, mas um desenvolvimento diferente graças à sua atuação nos movimentos sociais do bairro, ao trabalho social que desenvolveu junto à Igreja e à autonomia que o samba aos poucos foi dando aos seus passos pela cidade.

Outro ponto marcante dessa entrevista, e que Sheila Alice da Silva pontua como característica marcante das “microafricanas”, é a transmissão oral de saberes entre gerações que ocorre quando a mãe de Dona Conceição a ensina a ler. Dona Conceição não pôde estudar em Minas Gerais por conta das obrigações com a família e por causa da distância de sua casa para escola: “mas eu sei ler e escrever do meu jeito porque eu aprendi com a minha mãe em casa. Para ir na escola tinha que andar 3 horas para chegar nela, e depois 3 horas para voltar. Não tinha ônibus.”¹³¹ A partilha oral de conhecimento é uma das características que a autora atribui às “microafricanas” como estratégias de sobrevivência somada aos laços comunitários a partir do samba, caso de dona Penha, idealizadora da comunidade *Samba na Sombra*, que será abordada no capítulo 04 junto à questão dos sambas em São Mateus.

Os trabalhos que utilizam a metodologia da História Oral produzidos sobre os bairros da Zona Leste, antes de tudo, apontam-nos trilhas sobre a maneira como os moradores pensam seus territórios e as práticas que desenvolvem neles. Por meio de narrativas territoriais de memória, descortinam vivências e identidades de espaços invisibilizados como parte de São Paulo, além de evidenciar a agência dos residentes na constituição da cidade.

Os exemplos aqui elencados trazem memórias de transformação de espaço rurais em urbanos, imigração, relação e aprendizado nos movimentos sociais por saúde e moradia, além das sociabilidades negras, marcantes nesses territórios. As histórias elencadas e problematizadas nesses trabalhos possuem similaridades com as narrativas de Tia Cida, Maria Elza, Aldo Leite, Pedro Caranicolov, Orinho Ferreira, Rose Fernandes, Geralda Fernandes e Terezinha Camargo. Nestes trabalhos bem como no nosso, são elas e eles e não as narrativas dos fundadores que nos fazem circular pelo tempo-espaço da Subprefeitura, caracterizando

¹³⁰ Ibidem, p 166.

¹³¹ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 166.

suas especificidades e relações com outros territórios da cidade. No tópico a seguir, continuaremos o debate sobre como depoimentos orais podem evidenciar as ações de agentes históricos na constituição urbana das periferias, tratando de uma seleção de trabalhos de memória que, nas duas últimas décadas, também se dedicaram a compilar histórias de vida e memórias, neste caso, sobre a história da urbanização e vida social de São Mateus e bairros/distritos específicos dentro da subprefeitura, como Jardim da Conquista e Parque São Rafael.

1.3 Os Trabalhos de História e Memória Construídos Pelos Moradores de São Mateus

Os trabalhos de história e memória que tem como objetivo destacar territórios da cidade de São Paulo como bairros e distritos são uma presença constante em publicações locais desde, pelo menos o ano de 1968¹³², quando é publicado o primeiro edital *Histórias dos Bairros de São Paulo* promovido pelo “Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo”, atualmente editado pelo *Arquivo Municipal de São Paulo*. O principal objetivo dessa série de editais é, até hoje, o de reunir memorialistas e/ou pesquisadores dedicados à investigação das histórias de determinados bairros e incentivá-los a elaborar suas narrativas sobre espaços específicos da cidade de São Paulo. Se recuarmos um pouco mais no tempo teremos outros textos, festas e eventos celebrativos no âmbito do “IV Centenário da Cidade de São Paulo” (1954), na esfera municipal. Um dos produtos desse momento é a coleção *A Cidade de São Paulo* organizada em quatro volumes pelo geógrafo Aroldo de Azevedo, que conta com a colaboração de geógrafos e historiadores das principais Universidades de então no Estado de São Paulo, como *Universidade de São Paulo (USP)* e *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC)*. Com sessões específicas sobre povoados ao redor da cidade, esses estudos trazem uma série de considerações geográficas e históricas sobre esses territórios, descritos como subúrbios da cidade de São Paulo e, também, relativos aos bairros considerados como “urbanizados” e parte da malha urbana.¹³³

Em outro âmbito, ao longo da década de 1980 e 1990, começam a surgir iniciativas de registro da memória da Zona Leste como é o caso dos livros de Cida Santos *Zona Leste Meu*

¹³² Ver: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes/index.php?p=8313. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹³³ Esse trabalho será abordado no capítulo 02 da dissertação, quando trataremos das questões relativas aos chamados subúrbios orientais da cidade de São Paulo. Ver: AZEVEDO, Aroldo de (Org.). **A Cidade de São Paulo**: Estudos de Geografia Urbana. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)/ Companhia Editora Nacional, 1958.

*Amor*¹³⁴ e *Zona Leste Fazendo História*¹³⁵ que trazem respectivamente as memórias dos lutadores sociais e as histórias de distritos específicos, como São Mateus. Dos anos de 1980, data a iniciativa de imprensa mais antiga de memória referente ao território de São Mateus encontrada nessa pesquisa: o jornal *Cidade São Mateus*, com o dossiê *Grande São Mateus*, presente na terceira edição do periódico publicada em outubro de 1986¹³⁶, que celebrava sua recente caracterização como distrito pela Prefeitura, trazendo elementos de seu cotidiano naquele momento e as “origens” rurais no final da década de 1940. Nos anos de 1990, temos a edição de setembro de 1995 de *A Gazeta de São Mateus* com o dossiê *São Mateus Festeja 47 anos de Fundação*¹³⁷, que traz depoimentos de moradores que pretendiam resgatar a história do distrito desde a abertura de suas primeiras ruas até o momento em que se torna “um grande centro comercial”.

No entanto, é ao longo das duas primeiras décadas dos anos 2000, com o aprofundamento e diversificação dos processos de urbanização local, que surge um número maior e mais plural de iniciativas de memória e história do território, a maioria delas de iniciativa de seus moradores ou utilizando-se dos depoimentos deles. Todas, porém, com o interesse de refletir sobre o processo histórico de formação urbana de alguns de seus bairros ou de toda a subprefeitura, por conta das aceleradas transformações presenciadas por seus autores. São iniciativas diversas que tem como produtos vídeos, textos literários, artigos acadêmicos e *sites*, partindo de sociólogos, estudantes, professores, poetas, jornalistas, museólogos e trabalhadores da cultura. Devido à grande variedade de abordagens e sujeitos produtores desses trabalhos, selecionamos para abordagem neste capítulo aqueles que, de alguma maneira, mobilizam memórias dos moradores por meio de depoimentos orais, de modo a estabelecer um diálogo entre as diversas formas de pensar o passado de São Mateus e a proposta que ora apresentamos nesta dissertação de produzir e analisar, com prioridade, um conjunto de fontes orais. São elas: *Sarau Gosto de Conquista*, *A Conquista do Conquista*, *São Mateus Outras Histórias*, *Memórias de Um São e Meu Bairro*, *Minha Cidade*. Passemos agora a uma breve descrição e análise de cada um deles.

O *Sarau Gosto de Conquista*, formado em 2013 por jovens moradores do bairro Jardim da Conquista, teve como objetivo o fomento à produção literária dos residentes, aliada à ideia de incentivar a ocupação de seus espaços públicos. Foi também preocupação do

¹³⁴ SANTOS, Cida. **Zona Leste Meu Amor: Personagens de Uma História de Lutas**. São Paulo: Ed. Marco Markovitch, 1999.

¹³⁵ SANTOS, Cida. **Zona Leste Fazendo História**. São Paulo: Ed. Marco Markovitch, 1997.

¹³⁶ CIDADE SÃO MATEUS. **Grande São Mateus**. 10.1986. São Paulo, 1986.

¹³⁷ GAZETA DE SÃO MATEUS. **São Mateus Festeja 47 anos de Fundação**. 09.1995. São Paulo, 1995.

coletivo fomentar reflexões sobre as memórias do bairro desde o início do processo histórico de sua formação urbana, em 1988, quando um grupo de ocupantes veio de diversos territórios da Zona Leste reivindicar moradia em um território rural localizado entre os bairros Parque Boa Esperança e Jardim Vila Carrão, conhecido como “gleba do Carrãozinho”.

O Sarau desenrolou-se em 2014 por meio de projeto de cultura financiado pelo programa de *Valorização das Iniciativas Culturais da Juventude (VAI)*¹³⁸ denominado *Conquista: O Canto Poético* que promoveu oficinas de produção e declamação de poesias, criação de histórias em quadrinhos, estêncil e coletas de relatos de memória dos moradores presentes nas ocupações que ajudaram a formar o bairro. Teve como produto final e síntese o livro *Jardim da Conquista: O Canto Poético*¹³⁹ que registrou tanto as produções literárias como seu processo de construção nas oficinas e relatos de memória, além de contar com os artigos acadêmicos do historiador Rosávio de Lima Silva, residente do bairro, sobre os cantadores nordestinos do bairro¹⁴⁰ e o de Valéria Almeida Tenório, moradora do bairro e integrante do coletivo, sobre a ocupação urbana do Jardim da Conquista e a problemática do acesso à moradia urbana no Brasil. Um dos principais objetivos do projeto, segundo seus idealizadores, foi a tentativa de reativar a tradição de luta comunitária do bairro por meio de um trabalho de criação literária e recuperação de memórias, promovendo uma reflexão intergeracional sobre passado e presente do Jardim da Conquista.¹⁴¹ Neste tópico, teceremos breves comentários sobre o artigo da socióloga Valéria de Almeida Tenório - produto de pesquisa de iniciação científica no Centro Universitário Fundação Santo André - e os relatos das moradoras Helena Oliveira Brasil e Maria Helena da Conceição, por meio dos quais é possível ter uma amostra dos principais temas e sentidos de depoimentos orais presentes no livro.

No texto de Valéria Tenório de Almeida sobressai-se a preocupação em comparar os problemas verificados no Jardim da Conquista em 2013 com os vividos na fundação do bairro, dentro de um processo histórico onde a luta por condições mínimas de moradia dá o tom da análise e narrativa. No artigo Almeida elenca trechos de relatos de dois moradores e de

¹³⁸ O programa de *Valorização das Iniciativas Culturais da Juventude*, vigente desde 2004 no município de São Paulo atua no apoio a iniciativas culturais da juventude das periferias da cidade de São Paulo.

¹³⁹ SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista** – O Canto Poético. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014.

¹⁴⁰ SILVA, Rosávio de Lima. A Expressão Cultural “Cantoria” no Jardim da Conquista. *In*: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista** – O Canto Poético. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 80-89.

¹⁴¹ SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista** – O Canto Poético. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 68.

um técnico da Prefeitura respectivamente: Sebastião Rosa, Hamilton Alves, participantes da ocupação inicial do território do bairro e de Flávio Souza, arquiteto da *Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB)* responsável pelo processo de regularização fundiária do Jardim da Conquista em 2013. Cada um representa uma fase distinta da história do bairro: ocupação, autoconstrução e regularização fundiária.

No grupo de memórias dos moradores duas características principais sobressaem-se: a vontade de fugir do aluguel e dos despejos em um contexto histórico onde o arrocho salarial e a hiperinflação dificultava o pagamento das mensalidades; e a insuficiência de unidades de moradia dos planos habitacionais da COHAB para atender a demanda daqueles que chegavam ao território. Articulando a fala dos moradores com a análise da crise de habitação nos anos de 1980, Almeida recorre à experiência de Hamilton Alves:

na época [referindo-se à década de 80] ocorriam muitos despejos na cidade. Na época do Sarney [que governou o Brasil de 1985 a 1990] a inflação era tão alta que as pessoas não conseguiam pagar o aluguel [...] foi quando começamos a ocupar. Ocupamos a Juta.¹⁴²

Almeida traz essa problemática também ao tratar do momento dramático de ocupação do bairro para autoconstrução, quando a apresentação do projeto de embriões da COHAB se mostra insatisfatório para atender à demanda de moradia local. Sebastião Rosa aborda esta questão: “Em 90 nós ficamos o ano inteiro esperando a definição da COHAB para começar o mutirão, no final de 90 nós não aguentamos mais, partimos para a autoconstrução.”¹⁴³ Por outro lado, a fala de Flávio Souza representa a visão técnica da Prefeitura, preocupada com o parcelamento, regulação e normatização da ocupação do solo, referindo-se ao bairro como “ocupação desordenada”, já no contexto de regularização fundiária do território no final da década de 2000:

‘com o plano diretor essa área foi enquadrada como ZEIs, Zonas Especiais de Interesse Social [...] quando uma área é incluída em ZEIs a legislação é flexibilizada. Eu consigo, por exemplo, em uma ocupação toda desordenada como é o caso dessa gleba, fazer um projeto de regularização e aprovar no município¹⁴⁴’.

Em outro setor do livro, o das memórias, temos relatos mais livres em que mulheres que viveram as agruras de organizar um movimento de moradia, utilizando-se do método de reivindicação da ocupação em um território sem infraestrutura urbana, expressam os desafios na construção de suas casas e, ao mesmo tempo, do bairro:

¹⁴² SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). *Jardim da Conquista – O Canto Poético*. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 93.

¹⁴³ Idem, p. 95.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 96.

quando conheci meu segundo marido eu morava na região de Santana, pagava aluguel. Ele tinha uns parentes aqui na região da leste, no Jardim Iguatemi. Um dia ele me trouxe para conhecer seus parentes. Quando cheguei aqui vi umas pessoas de facão, bota, enxada indo no sentido do morro. Dava para ver muita fumaça, barracas. Daí perguntávamos do que se tratava, o povo dizia que era pras pessoas que não tinham casa. Foi quando falei pro meu marido: vamos armar uma barraca lá também?”¹⁴⁵

Neste trecho Maria Helena da Conceição, agente comunitária de saúde, além de ressaltar sua necessidade de fugir do aluguel, relata os detalhes cotidianos da adaptação de um território rural para a ocupação urbana por uma grande população que ali chegava e se organizava comunitariamente com seus barracos. Helena Oliveira Brasil, costureira e artesã que morava de aluguel no Parque São Rafael, também descreve o ambiente da gleba e da organização popular quando ali chegou para começar a construir sua moradia:

o povo ia fazendo umas coivaras, só se via a fumaça. Aquilo ardia demais nos olhos e as fogueirinhas fumegantes. Vim uns três domingos seguidos e não aconteceu nada, meu marido vinha não. Ele dizia: isso é conversa, o governo não dá terra pra ninguém. Eu dizia que não era ‘dar’, a gente ia ‘ocupar’ e depois negociava com a prefeitura. Ele não acreditava de jeito nenhum. Até que um dia deu certo.¹⁴⁶

Em outro momento de sua fala relata que o coordenador da ocupação, Sr. João dizia “que só ia ter direito ao pedaço de terra quem tivesse um pedaço de cordão e um facão. Eu andava com tudo, até com meus documentos em uma sacolinha. Andava que nem a Maria Bonita”.¹⁴⁷ Quando diz que “nós fomos os desbravadores, pegamos na enxada, na foice, queimamos mato nesse Conquista”¹⁴⁸ reafirma o papel coletivo do movimento na construção e “conquista” do bairro. Além de tratarem das dificuldades de construir um território com o pé no barro e facão e enxada na mão - destacando que a intenção do movimento era ocupar para negociar a posse do terreno com a Prefeitura - fala do fato muito comum, até hoje, de serem as mulheres a tomarem a iniciativa de se organizar nos movimentos de moradia (como exemplificado no caso da *Fazenda da Juta*), sofrendo descrédito por parte dos homens ao apostar na saída do aluguel e obtenção da casa própria por esses meios.

As memórias do Jardim da Conquista também foram abordadas a partir de um trabalho escolar coletivo¹⁴⁹ de estudantes do 9º ano da *EMEF Carlos Corrêa Mascaro*, uma das escolas do bairro. Um *site*, produto da pesquisa feita pelos estudantes, foi elaborado no ano de

¹⁴⁵ Ibidem, p. 70.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 73.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 74.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 75.

¹⁴⁹ TCA é a sigla para *Trabalho Colaborativo Autoral*, obrigatório para os estudantes do ensino fundamental municipal de São Paulo desde 2015.

2014, de modo a entrelaçar a história do local com a fundação da escola e a questão habitacional na cidade, estado e país. Isto foi feito por meio do levantamento de relatos de moradores, notícias de jornal, informações presentes em *sites* da Prefeitura, e do diálogo com o texto de Valeria Almeida sobre o bairro.

O *website* foi dividido nos seguintes temas: *habitação, os conquistadores do bairro, planejamento do bairro, conquistas comunitárias, e um bairro musical*. Cada um desses itens traz a elaboração conjunta de estudantes e professores, sendo que alguns textos e apresentações de depoimentos ficaram a cargo exclusivo dos estudantes. O histórico dos principais movimentos sociais de moradia do país é destacado para, então, passar-se à descrição de como esses fatores se manifestam na Zona Leste de São Paulo e no Jardim da Conquista com a atuação de seus “conquistadores”. As memórias de origem dos movimentos organizados no entorno das Igrejas, no caso do Jardim da Conquista, estão relacionadas ao histórico de ocupação e lutas por moradia no bairro Fazenda da Juta¹⁵⁰ como podemos perceber no depoimento da líder comunitária Vera sobre a ocupação da gleba Carrãozinho:

Ela conta que tudo começou no mês de julho de 1987 em uma reunião do movimento dos trabalhadores sem terra (MST) que acontecia todos os domingos na Associação dos Moradores da Juta. [...] Em um domingo, no final de 1988, mais de mil pessoas se reuniram na frente da igreja para ouvir a notícia que um terreno grande, que antes seria vendido para a COHAB, estava agora à venda: Sítio Carrãozinho.¹⁵¹

A origem comum do movimento de moradia na Juta ou distrito de Sapopemba (ao qual o bairro hoje pertence administrativamente) é relatada por mais de um morador tanto no *site* como no livro *Jardim da Conquista – O Canto Poético*. Outra questão relevante colocada é que a terra não foi “invadida” ou “roubada”, mas sim negociada com o poder público após uma ocupação:

O valor de um terreno de 5x 25 metros saía por 200 cruzeiros, moeda vigente na época, e podia ser parcelado em 4 vezes. Isso gerou muita polêmica e discussões. Os líderes mais fanáticos achavam que o povo não deveria comprar, mas sim INVADIR o terreno. A decisão da maioria foi formar grupos a favor da compra e dispostos a tentar a sorte, que se reuniram no salão da Associação da Juta, onde montaram uma comissão de representantes para uma reunião com a prefeita Luíza Erundina.¹⁵²

Essa negociação redundou na compra do terreno pela COHAB. Mas o que importa aqui é o fato de Vera frisar que, entre duas propostas em debate no movimento, a da

¹⁵⁰ Ver: tese de Deocleciana Ferreira que explora as características das associações de moradores e movimentos de moradia na constituição do bairro da Fazenda da Juta. In: FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

¹⁵¹ Ver: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁵² Idem. Acesso em: 07 nov. 2020.

legitimação do território pelo poder público foi a que saiu vencedora, fato que pode indicar a vontade dos moradores de afirmar a legalidade do bairro e dignidade dos residentes junto aos bairros vizinhos e na cidade como um todo. Vontade essa que perpassa todo o levantamento feito pelos estudantes da *EMEF Carlos Corrêa Mascaro*.

As falas dos moradores mediadas pelos estudantes foram apresentadas no *site* no formato de discurso indireto. O depoimento de Seu Gildazio apresentado pelas estudantes Amanda Silva, Silvia Ribeiro, Victória Barbosa e Robson Lopes do 9º ANO B é exemplo disso:

Segundo ele, não havia nada nem mesmo padarias, apenas um pequeno armazém onde vendiam pães, leite e outros alimentos. Também não havia energia elétrica nem água potável, por isso o único meio era estourar os canos da Sabesp que passavam por aqui para a utilização da mesma.¹⁵³

Os estudantes, em sua maioria nascidos no final dos anos de 1990, trazem a lembrança da vivência de um morador no início desta década em que fica nítida a descoberta dos educandos de uma realidade de comércio raro e dificuldades no acesso a água, que não faz mais parte do universo deles.

Por fim, e não menos importante, uma outra questão elaborada pelo trabalho é a forma como a trajetória da escola se insere na história do bairro. Após a insuficiência do projeto da COHAB para atender a demanda por moradia no Jardim da Conquista, os moradores partiram para a ocupação de todos os espaços possíveis do bairro para promoverem a autoconstrução de suas casas. É nesse contexto que se insere, segundo o *site*, a reserva do terreno para a construção da escola:

Uma das maiores lutas dos moradores do Jardim da Conquista foi pela educação. Durante a construção do bairro, uma área foi demarcada e reservada para ser uma escola. Alguns moradores, inclusive, dormiam no terreno onde hoje ela está localizada para garantir que ele não fosse invadido. Nasceu assim, em 1997, a EMEF Professor Carlos Correa Mascaro, situada na Travessa Salve a Mocidade, 932.¹⁵⁴

Um outro trabalho de conclusão de curso sobre importante local de São Mateus resultou, também, em um *website* construído no contexto do bairro da Vila Flávia e inspirado por seu movimento cultural: *São Mateus Outras Histórias*¹⁵⁵, trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Jornalismo das *Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado (FIAM-FAAM)* que teve como uma de suas articuladoras a

¹⁵³ Ver: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁵⁴ Idem. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁵⁵ FERREIRA, Victoria; MILAN, Bruna; SILVA, Gabriele; SIMÕES, Felipe. **São Mateus Outras Histórias**. (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). São Paulo: FIAM-FAAM, 2017.

jornalista Gabriele Helene, integrante do espaço *São Mateus em Movimento*¹⁵⁶, localizado neste mesmo bairro. O trabalho foi realizado também por mais três estudantes de jornalismo da instituição: Bruna Di Giaimo Milan, Felipe Higino Simões e Victoria Vera Ferreira, porém o fato de Gabriele ser moradora da região – elemento destacado no volume escrito do trabalho como inspirador da investigação – faz-nos destacar a sua contribuição autoral. Infelizmente o *site* - que contava com textos e vídeos - não está mais no ar, entretanto o canal do *Youtube* do projeto preserva os depoimentos de alguns dos moradores, base do minidocumentário *Cidade Que Luta*, principal núcleo do trabalho *São Mateus: Outras Histórias*.¹⁵⁷

O webdocumentário *Cidade que Luta*, fazia parte de uma plataforma digital de webjornalismo, caracterizado como *jornalismo comunitário digital* (voltado para entender e mostrar os problemas diversos de uma dada comunidade) que tinha outras informações para além do documentário, como biografia dos colaboradores e história do bairro. Seu principal objetivo e do projeto como um todo era ajudar na

superação dos estigmas negativos da periferia demonstrando como um loteamento torna-se um bairro estruturado por conta das lutas sociais travadas pelos moradores (nos movimentos por infraestrutura primeiro e, depois, por cultura).¹⁵⁸

Pensado para tratar da história de desenvolvimento de um loteamento a partir de uma fazenda que se tornou “cidade”, o minidocumentário traz uma narrativa que procura mostrar como São Mateus desenvolveu-se ao longo dos anos - por conta das iniciativas de seus próprios moradores - procurando provar que um bairro periférico também pode ser lugar de desenvolvimento e diversidade de vivências. Focado na centralidade da subprefeitura, o material foca no bairro de São Mateus e em territórios vizinhos como Vila Flávia e Jardim Nove de Julho, e traz os depoimentos de agentes históricos como Maria Aparecida Trajano (Tia Cida), José Zico (Zé Zico, ex-deputado estadual), Rosa Maria (professora) e Franco Torresi (ex-padre da paróquia *São Mateus Apóstolo* e ex-subprefeito de São Mateus).

O vídeo começa com a apresentação textual do surgimento do loteamento de São Mateus atribuído à família Bei em 1946, contando a história do território a partir de trajetória de sua centralidade, com a sua primeira imagem sendo a movimentação da Avenida Mateo Bei, principal via/centro comercial local. Rosa relata que a área a Leste dos bairros da Penha

¹⁵⁶ Ver: <https://www.facebook.com/saomateusemmovimento/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁵⁷ Ver: **Cidade Que Luta**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_T1XGoOtsPY. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁵⁸ FERREIRA, Victoria; MILAN, Bruna; SILVA, Gabriele; SIMÕES, Felipe. **São Mateus Outras Histórias**. (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). São Paulo: FIAM-FAAM, 2017, p. 07.

e do Tatuapé era constituída basicamente de “mato”, evidenciando o processo de compra do lote associado ao fornecimento de tijolos:

São Mateus começou como agora né. Existia em São Paulo só até a Penha e até o Tatuapé. De lá pra cá era mato que a gente chamava né. Aí meu pai ficou sabendo daqui e a gente veio aqui e comprou um terreno que eles davam um terreno de 10 x 30 mais mil tijolos e mais mil telhas, vinham no pacote.¹⁵⁹

Diferente do Jardim da Conquista, onde temos uma memória de ocupação organizada e popular do espaço, reivindicando terrenos e programa de moradia do Estado, Rosa nos traz um momento histórico – não especificado – onde é possível ocupar os espaços de periferia comprando os lotes e as telhas, ainda que após essa transação os próprios moradores devessem construir sua moradia.

Outra memória recorrente em falas sobre a ocupação urbana de bairros de periferia é a dificuldade com a falta de asfalto nas vias abertas por loteamentos ou pelos acampamentos dos movimentos:

Meu tio tinha vendido o sítio que nós morava eu vim aqui para São Mateus ver se era um lugar...porque a gente não conhecia São Paulo. Eu achava que isso aqui era uma cidade imensa, tudo asfalto, não tinha mato. Cheguei aqui em São Mateus só tinha mato. [...]. Tinha a Mateo Bei asfaltada e tavam no dia que eu descí ali no...no empório que a Rosa falou [o Empório do Rocha, Rosa intervém] o Empório do Rocha com ônibus que eu descí ali que tinha que descer a Maria Cursi, tavam asfaltando a Maria Cursi¹⁶⁰.

Zé Zico relata que migrou do interior para a cidade e aqui trabalhou como torneiro mecânico, atuando nos movimentos de bairro, além de se tornar deputado estadual. Reitera – assim como Rosa - que ao chegar aqui teve a percepção de que “tudo era mato”, um contraste com a impressão que tinha, como jovem do interior, de uma São Paulo urbanizada e bem equipada.

Além dos desafios da ocupação urbana, *São Mateus Outras Histórias* também traz a narrativa da construção coletiva de espaços culturais no território, como podemos verificar pelo depoimento de Aluízio Marino, colaborador do *Coletivo São Mateus em Movimento*:

Eu acho que o espaço ganhou um outro desenho, foi realmente de ser um espaço mais coletivo. É uma coisa que eu sempre bati na tecla, vamo fazer reunião, vamo organizar a galera, vamo chamar todo mundo pra conversar. Não é dois, três, quatro que vão decidir, tem que decidir coletivamente e vamo puxar esse bonde de modo mais horizontal.¹⁶¹

¹⁵⁹ Ver: **Cidade Que Luta**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_T1XGoOtsPY. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁶⁰ Idem. Acesso em: 07 nov. 2020.

¹⁶¹ Ver: **Cidade Que Luta**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_T1XGoOtsPY. Acesso em: 07 nov. 2020.

Em seu depoimento transparece a intenção em articular o espaço comunitariamente, com a perspectiva de torná-lo autônomo suficiente para que não dependesse da instabilidade dos editais públicos. Gabriele Helene, em depoimento ao jornal televisivo *Olhar TVT*, ressalta o contexto em que se dá a construção coletiva do espaço “São Mateus em Movimento” na Vila Flávia:

os moradores daqui perceberam que aqui a gente ainda é excluído da sociedade, então algumas coisas não chegam até nós, essa democracia não tá aqui. A nossa política aqui dentro da favela, a gente faz na rua, a gente faz na esquina. A gente encontra alguém e é trocando ideia que a gente faz assim.¹⁶²

No mesmo programa, o *rapper* e articulador cultural Fernando Rodrigo Carvalho, o Negotinho, explica a sua trajetória e o momento de fundação do São Mateus em Movimento:

sou nascido e criado aqui no bairro Vila Flávia certo? São Mateus, 35 anos aqui dentro e aí nesses 35 anos de história, 20 deles são trabalhando no meio cultural, entendeu, fazendo hip hop, criamos o espaço São Mateus em Movimento no ano de 2007.¹⁶³

Misto de espaço cultural com organização coletiva e horizontal que busca dialogar com as sociabilidades dos moradores da Vila Flávia, o “São Mateus em Movimento” tem sua origem no *rap* nacional dos anos de 1990¹⁶⁴, que formou Negotinho culturalmente, mas abarca uma diversidade de linguagens e interesses, indo do grafite ao maracatu inspirando, também, o trabalho de memória do qual Gabriele Helene participou.

Tanto a busca de uma articulação cultural perene e estrutural no território, como a diversidade de linguagens com as quais as culturas de rua podem dialogar informando as transformações históricas de um local, também inspiram uma outra iniciativa de pesquisa em história e memória de São Mateus: o projeto *Memórias de Um São*, articulado pelo *Fórum de Cultura de São Mateus* e por diversos trabalhadores da cultura do território em 2014, sob coordenação da atriz Amanda Freire e da gestora cultural Priscila Machado. A pesquisa fez parte de um processo financiado por um projeto VAI (assim como o “Sarau Gosto de Conquista”) que contou com formações sobre memória e patrimônio histórico, história cultural local e sistema público de cultura municipal. Um de seus objetivos foi o de articular

¹⁶² OLHAR TVT. **São Mateus em Movimento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=6OicimSu4Dc>. Acesso em: 10 nov. 2020.

¹⁶³ Idem. Acesso em: 10 nov. 2020.

¹⁶⁴ São Mateus nos anos de 1990 contou com importantes expoentes do *Rap Nacional* como os grupos “De menos Crime”, “Consciência Humana” e a posse de *Hip Hop* “Defensores do Ritmo de Rua” (DRR), que articulava os diferentes grupos do território. Para mais informações sobre esse contexto cultural, ver: FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015.

as histórias coletivas e de artistas locais contemporâneos com as do movimento cultural *Vivarte* e seus agentes históricos.

Surgido em fins dos anos 1970, o “Vivarte” reivindicou a constituição de uma Casa de Cultura e de uma Biblioteca Circulante na região, pauta partilhada também pelos movimentos culturais de São Mateus na época da escrita do livro, resultado do projeto *Memórias de Um São*.¹⁶⁵ A epopeia em busca da casa de cultura e da superação da instabilidade das atividades culturais locais, perpassa toda a narrativa do trabalho. As principais bases da pesquisa são as fontes orais, vistas como melhor maneira de se articular e evidenciar as narrativas e vivências da cultura local:

Nas periferias, às margens, onde pouca ou nenhuma voz é ouvida, a arte e os artistas, no entanto, persistem. Resistem. A escolha pela metodologia fundamentada na história oral envolve, portanto, a marca dos caminhos e descaminhos, mas também sua organicidade, sua verdade. É pela voz de cada artista ou de cada grupo que se resiste. É por ela que se faz e se fará cultura e história.¹⁶⁶

A introdução de Mei Hua Soares, uma das articuladoras que participou das formações do processo, traz a dimensão de uma História Oral que, além de trazer à tona as memórias de grupos culturais que pouco circulam na cidade, pode fortalecer suas iniciativas. A organicidade e a verdade supostamente presente nelas têm a ver com a prática das lutas sociais e não com uma verdade de evidência científica. Para isso, o trabalho traz em seu bojo uma pesquisa que contou com coleta de entrevistas, documentos e informações sobre as principais manifestações culturais da região, organizadas e apresentadas de A a Z.

Apesar disso, são poucas as narrativas orais que aparecem em discurso direto: somente as falas de Tia Cida e da atriz Vanessa Garcia. Optou-se ao longo do trabalho pela síntese entre as informações trazidas pelos narradores e a construção narrativa do Fórum de Cultura. Esse texto retornará à cena em nosso estudo no capítulo 02 sobre o conceito de periferia, e no capítulo 04 da dissertação durante a análise do cotidiano de São Mateus a partir dos depoimentos de nossos colaboradores, da produção literária e do samba no território.

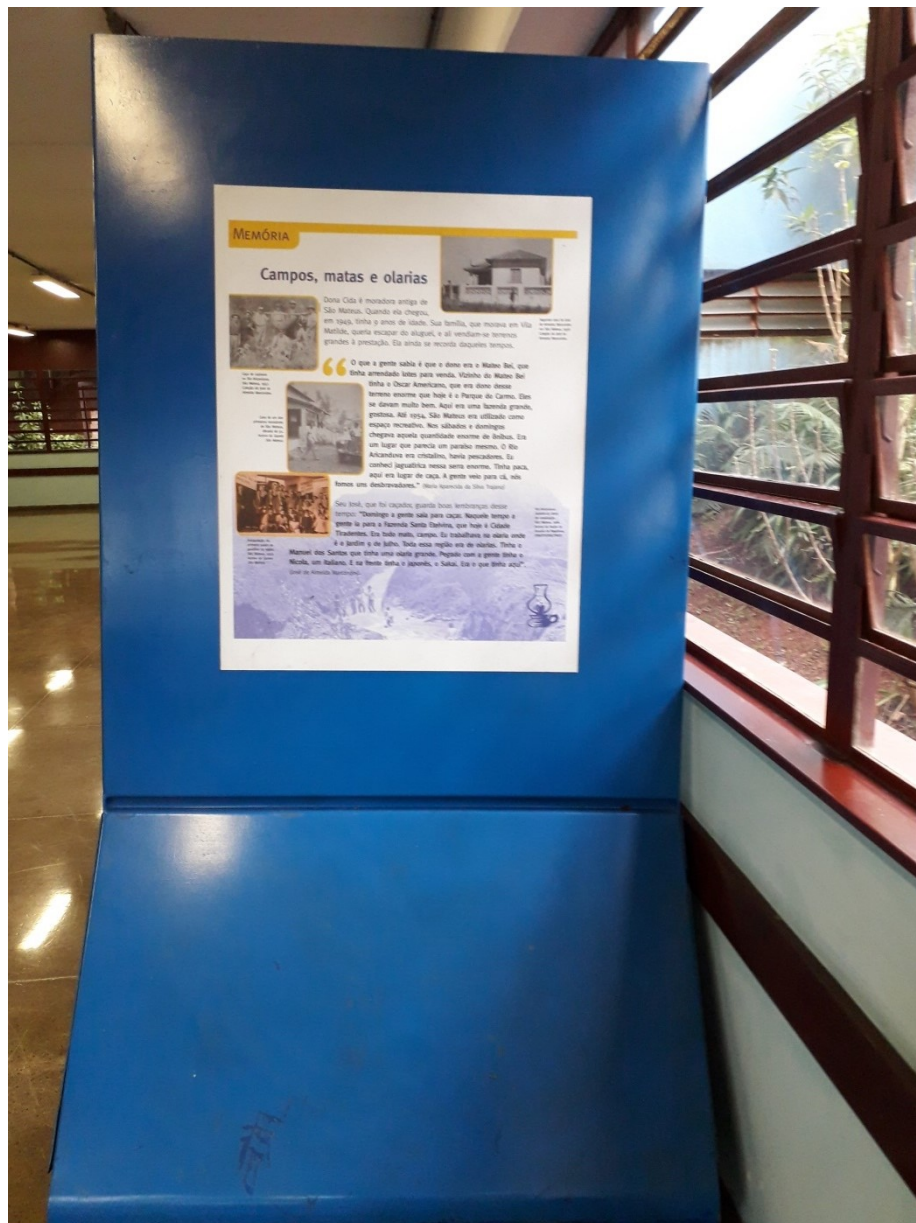
Passando agora para nosso único exemplo de trabalho de memória que não é coordenado pelos moradores de São Mateus, temos a série *Meu Bairro, Minha Cidade: Você Faz Parte Dessa História* elaborada pela empresa “Expomus”, sob encomenda da Prefeitura de São Paulo. Seu contexto de produção e sua concepção remete à efeméride de 450 anos da cidade São Paulo e, principalmente, à inauguração de 21 unidades dos *Centros de Educação*

¹⁶⁵ Idem, 2015.

¹⁶⁶ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 10-11.

Unificados (CEUs) nas periferias de São Paulo, durante a gestão de Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo (2001-2004), à época no Partido dos Trabalhadores (PT). Embora organizado “de fora do território” esse trabalho foi importante por difundir entre os moradores a história local de cada bairro em que os CEUs foram inaugurados. O projeto mobilizou parte das comunidades (que concederam entrevistas e acervo pessoal) e o acervo iconográfico do *Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH)* que, depois, foram transformados em publicação encadernada e em totens expostos em cada CEU, com painéis museográficos compostos pela síntese dessa documentação. (Imagem 03).

Imagem 03: Totem do Projeto *Meu Bairro Minha Cidade* no Céu São Mateus. Parque Boa Esperança, distrito do Iguatemi.



Fonte: SOUSA, Adriano, 2021.

As narrativas tratam dos seguintes temas: processo de ocupação urbana; desafios enfrentados por territórios na sua constituição urbana; respostas dadas pelas articulações comunitárias locais a essas problemáticas e, por fim, destacam os lugares dos bairros referências para os moradores. Aqui abordaremos exemplos de como os depoimentos de residentes foram utilizados para construir narrativas de memória de São Mateus e Parque São Rafael.

São Mateus é apresentado como um território que surge da ação empreendedora de loteadores dos terrenos, descendentes de imigrantes: a família Bei que teria criado um loteamento de clima bucólico, em território tributário da antiga *Fazenda São Francisco*¹⁶⁷:

Em 1842 a Fazenda São Francisco foi comprada por Antônio Cardoso de Siqueira, e seus herdeiros continuaram a criar gado, carneiros e cavalos até a década de 40 do século passado. Então a fazenda foi dividida em cinco partes e uma delas foi comprada por Mateo Bei. Nessa época em muitos lugares da cidade, como a região da Guarapiranga e da represa Billings, haviam empresários que sonhavam em criar grandes loteamentos para chácaras e casas de veraneio dos paulistanos. E por que não fazer o mesmo na bela região do vale do Rio Aricanduva, coberta de matas e clima ameno?¹⁶⁸

O primeiro período de ocupação urbana da região, a partir da década de 1940, é relatado por Tia Cida, que mais uma vez é referência de memória da “fundação de São Mateus”, com vivências desse período e dos anos de 1950 no território:

Até 1954, São Mateus era utilizado como espaço recreativo. Nos sábados e domingos chegava aquela quantidade enorme de ônibus. Era um lugar que parecia paraíso mesmo. O Rio Aricanduva era cristalino, havia pescadores. Eu conheci uma jaguatirica nessa serra enorme. Tinha paca, aqui era lugar de caça.¹⁶⁹

Este ambiente bucólico e de vivências rurais também é mencionado na fala de moradores de São Mateus em fontes como *A Gazeta de São Mateus* e nos depoimentos que produzimos com Teresinha Camargo e Tia Cida. Esse tipo de experiência é comum no Extremo Leste de São Paulo, principalmente em Itaquera e São Mateus nas décadas de 1940 e 1950, como veremos no capítulo 02 desta dissertação. A esse processo histórico de uma vida híbrida entre o rural e o urbano é contraposta, na narrativa dos painéis, a questão do forte

¹⁶⁷ Não encontramos nenhuma menção à “Fazenda São Francisco” na documentação que pesquisamos até aqui como ficará evidente no capítulo 02 desta dissertação, onde as *Fazendas Caaguaçu, Oratório e Juta* aparecem como as principais propriedades rurais locais das quais obtemos registro.

¹⁶⁸ PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade** – CÉU São Mateus. São Paulo: Secretaria da Cultura/Educação, 2004, Painel 02.

¹⁶⁹ Idem, Painel 03.

crescimento populacional local verificado nos anos de 1990 e 2000, como podemos notar na fala do ex-padre e aqui subprefeito, Franco Torresi:

Nós tivemos um crescimento muito grande de população. Nos últimos cinco anos alguns distritos cresceram 70%, como Iguatemi, e São Rafael, 54%. [...] São Mateus apresenta todos os problemas das regiões periféricas da cidade, com a particularidade um pouco agravante de que aqui ainda há terras livres para serem ocupadas. Muito crescimento nestes últimos anos aconteceu de modo desorganizado, com loteamentos abertos irregularmente, ocupações. Isso acarreta uma série de problemas nesses bairros mais recentes, e o loteamento irregular é a preocupação número um da população.¹⁷⁰

A fala de Franco evidencia, além do crescimento desigual entre os distritos, (ressaltando o fato de São Rafael e Iguatemi terem ocupação urbana mais recente) o fato de muitos dos lotes serem abertos irregularmente, realidade distinta da que o painel do “loteamento dos Beis” procura mostrar. Seriam, portanto, dois modos distintos de ocupação do espaço-tempo: um mais “organizado” dos pioneiros, com loteamento comercial e outro “desorganizado”, periférico, mais recente.

Embora tenhamos aqui a fala do subprefeito do território, que destaca os problemas a serem resolvidos na questão da moradia, também aparece a participação de residentes dos distritos do Iguatemi e São Rafael, que construíram suas moradias por meio de mutirões e conjuntos habitacionais. Dona Creusa, moradora do Jardim São Francisco (distrito do São Rafael) é exemplo dessa realidade: “minha função sempre foi do lar, até eu descobrir o movimento popular de moradia. Aí eu não quis ser mais do lar, agora eu sou da luta”.¹⁷¹ Sebastião Rosa, por sua vez, narra o processo da segunda ocupação do *Sítio Carrãozinho* que dá origem ao Jardim da Conquista: “então houve uma segunda invasão e as pessoas ocuparam essas áreas. E na *Travessa Somos Todos Iguais*, que tinha sido demarcada com 14 metros de largura, mal passam duas vans.”¹⁷² Ambos os depoimentos dialogam com as perspectivas de *A Conquista do Conquista* e *Sarau Gosto de Conquista*, no sentido de evidenciar o processo comunitário de construção de parte dos bairros da subprefeitura de São Mateus. No caso do Jardim da Conquista vale ressaltar que é um dos bairros onde se localiza o *CEU São Mateus* (ao lado do Parque Boa Esperança) tema e motivo do conjunto de painéis em análise.

Na narrativa do Parque São Rafael chama atenção o peso que possuem a constituição do *Conjunto Habitacional Pró-Morar Rio Claro*, as lutas por infraestrutura de serviços básicos no seu entorno e a relação dos moradores com o patrimônio ambiental local. A

¹⁷⁰ Ibidem, Painéis 06 e 08.

¹⁷¹ Ibidem, Painel 09.

¹⁷² Ibidem.

influência dos imigrantes europeus e japoneses, donos de parte dos primeiros lotes e o precedente das fazendas no território também é levantado, porém, logo de cara, o processo de industrialização, imigração e déficit de moradia na cidade ganha destaque, tendo como marco temporal a ocupação da região durante as décadas de 1970 e 1980, com a recepção dos moradores removidos de favelas localizadas na Vila Prudente, Aricanduva e São Mateus:

o bairro cresceu de forma desordenada a partir da década de 80, quando a remoção das favelas de Vila Prudente, São Mateus, Jardim Aricanduva e outros bairros levou os moradores a ocuparem áreas de antigas fazendas. A Igreja Católica ajudou a organizar a população, que conseguiu que o governo desapropriasse essas áreas e ali construísse novas casas. Assim surgiram o Jardim São Francisco, o Pró-Morar Rio Claro e muitas outras vilas.¹⁷³

O apoio da Igreja Católica no processo de obtenção da moradia aparece em diversas falas, como espaço comunitário predominante de reunião e fomentadora das lutas populares durante as remoções e processo de obtenção da moradia.¹⁷⁴ A constituição do conjunto habitacional Pró-Morar Rio Claro na década de 1980 e o processo de remoções de outros territórios é relatado por Dona Hilda, que saiu de uma favela no Jardim Itápolis, também em São Mateus, para sua nova moradia:

Eu morava numa favelinha no Jardim Itápolis, depois eu vim pra cá. Antes de construir o CEU era ali que a gente morava, em uns barraquinhos que tinha ali, até terminar as casinhas pra gente subir. Naquele espaço do CEU era tudo barraco. Nessa época não tinha escola, creche, não tinha nada.¹⁷⁵

O espaço onde se localiza o *CEU São Rafael* é foco da reconstrução histórica do território, seja como espaço que não possuía “nada” como o local da principal Igreja do distrito, a *Comunidade Ezequiel Ramin*, Goreti Novais lamenta o fato de a sede da Comunidade, importante espaço de articulação comunitária, ter sido derrubada para a construção do CEU:

quando o pessoal da Prefeitura veio para assinar o projeto do CEU doeu o coração, porque foram 20 anos de luta para construir a Igreja, mas a gente tem que pensar grande, nas crianças, no lazer. Foi a hora que nós demos o sim para o CEU.¹⁷⁶

Ao mesmo tempo em que há a preocupação com um espaço de memória do bairro há, também, a celebração do novo equipamento público que chega, o que leva ao debate sobre como os patrimônios históricos são pensados nas periferias da cidade e quais as opções de sua

¹⁷³ PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade** – CÉU São Rafael. São Paulo: Secretaria da Cultura/Educação, 2004, Painel 03.

¹⁷⁴ As lutas pela moradia em São Mateus serão abordadas com maiores detalhes no capítulo 03 desta dissertação.

¹⁷⁵ PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade** – CÉU São Rafael. São Paulo: Secretaria da Cultura/Educação, 2004, Painel 05.

¹⁷⁶ Idem, Painel 05.

preservação nestes territórios. A permanência dos espaços comunitários incentiva a reflexão sobre suas histórias e práticas, porém a opção de construção do CEU em outro espaço não aparece no texto e nem na fala de Goreti, lacuna que necessita de maiores investigações futuras para entendermos melhor o processo histórico da chegada do Centro Educacional no distrito.

A questão ambiental aparece nos painéis, seja nas lutas contra os lixões existentes no distrito de São Rafael, como também na fala de Odair Souza, que descreve as características naturais do *Morro do Cruzeiro*, com suas matas e nascentes: “o Morro do Cruzeiro é o único verde que temos, e por isso deve ser preservado. Tem 68 minas de água, e como não tem rede de esgoto, a água está sendo contaminada.”¹⁷⁷ Ademir Mota complementa com a vontade da comunidade de construir um parque no local: “Estamos querendo formar um parque estadual, da cabeceira do Aricanduva, da Quaresmeira e do Morro do Cruzeiro. A fauna. desta região é muito rica. Temos várias nascentes aqui.”¹⁷⁸ Uma das lutas históricas no território é pela retirada dos aterros sanitários instalados próximos ao morro, como o Sapopemba, desativado nos anos de 1980, como veremos no capítulo 03 de nossa dissertação.

Ao tratar dos bairros de São Rafael, Nova Conquista, Pró-Morar, Jardim Santo André, dentre outros, este conjunto de painéis trouxe moradores envolvidos nas lutas comunitárias pela urbanização de um distrito periférico, no que diz respeito aos problemas que possui na área ambiental, de moradia, dentre outros, com menos espaço para outras vivências cotidianas no território.

Tanto os painéis do “Meu Bairro, Minha Cidade”, como os trabalhos “Memórias de Um São”, “São Mateus Outras Histórias”, “A Conquista do Conquista” e “Sarau Gosto de Conquista” trazem um elenco de espaços de memória, construções comunitárias e de agentes históricos que ajudaram a articular mutirões, ocupações de autoconstrução, movimentos por serviços públicos, espaços assistenciais e culturais com seus grupos de atuação. É recorrente a memória do território sem estruturas urbanas mínimas para sobrevivência, problema enfrentado pelas articulações coletivas de moradores. Elementos como o meio ambiente, as “ocupações irregulares”, as diferentes faces dos territórios rurais – a depender do momento histórico de ocupação urbana – e as identidades construídas em cada espaço, evidenciam uma subprefeitura multifacetada que alarga a concepção de “bairros periféricos” e “dormitórios” com a qual estamos acostumados no senso comum.

¹⁷⁷ Idem, Painel 17.

¹⁷⁸ Ibidem.

Os usos dos depoimentos orais em muito guardam relação com trabalhos semelhantes produzidos por historiadores orais entre os anos de 1960 e 1970, como os de Paul Thompson. Em *A Voz do Passado* o historiador explica como a mobilização das falas das “pessoas comuns” em trabalhos comunitários de diversas linguagens pode fazer com que a história ganhe outro sentido para as comunidades que a produzem:

a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existem entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.¹⁷⁹

Estes trabalhos de memória, articulados pelos próprios moradores, fazem-nos pensar também nas semelhanças que possuem com a “história vista de baixo” tributária da *Nova História*, conforme comenta Peter Burke:

a expressão história vista de baixo parece oferecer uma escapatória a essas dificuldades [para fugir do termo história dos dominados] mas também gera problemas próprios. Ela muda seus significados em contextos diferentes. Uma história política vista de baixo deveria discutir os pontos de vista e as ações de todos os que estão excluídos do poder, ou deveria lidar com a política em nível local ou popular? Uma história da medicina vista de baixo deveria se preocupar com os curandeiros em oposição aos médicos, ou com experiências dos pacientes e os diagnosticados de doença?¹⁸⁰

Percebemos aqui que sempre há um outro sujeito que pode ser excluído da abordagem da “história vista de baixo”, quando tratada a partir de lugares sociais hegemônicos ou pelo ponto de vista dos sujeitos de poder em determinada área. Sempre há outras experiências partilhadas em uma mesma realidade que podem ser negligenciadas. Thompson também partilha de concepção similar ao entender que as fontes orais ao articularem as vozes das classes “subalternas” trariam mais “verdade” e “imparcialidade” à história que as fontes produzidas a partir de lugares de autoridade:

Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas agora podem agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem

¹⁷⁹ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 22.

¹⁸⁰ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 22.

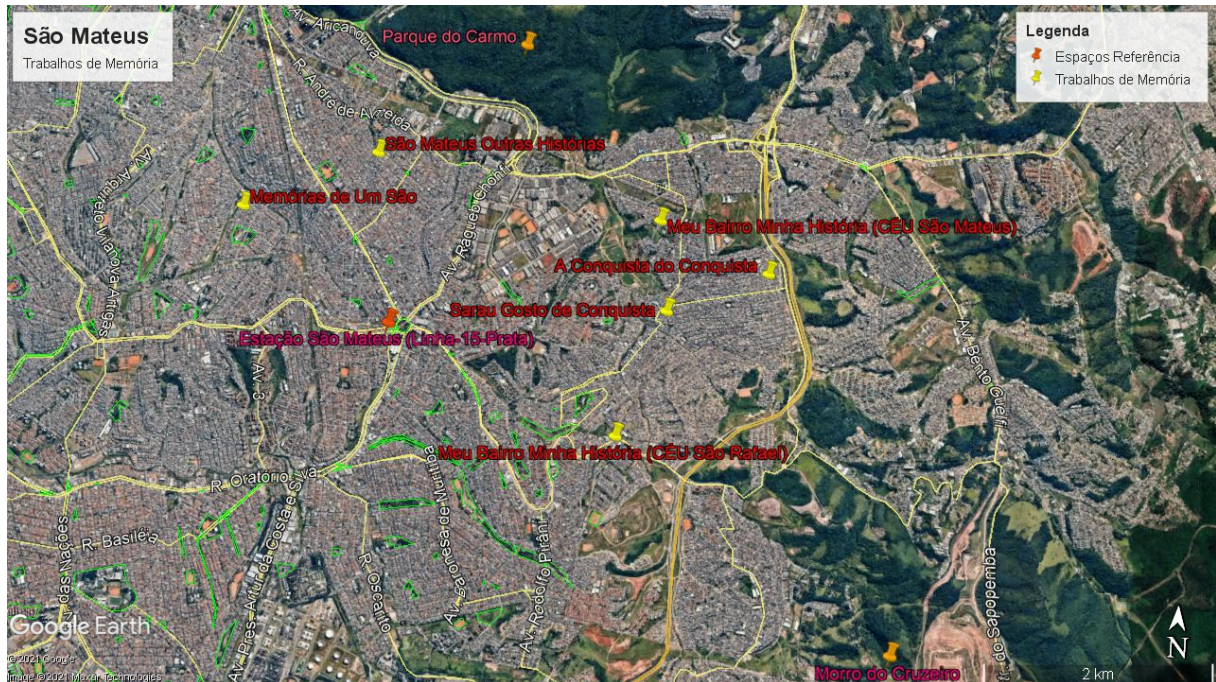
um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo.¹⁸¹

No caso dos trabalhos de memória que apresentamos, eles representam uma curva nessas duas estradas, já que se trata da articulação de uma “história daquilo que se vive e se enxerga ao redor” com arranjos entre os pesquisadores-moradores e depoentes-moradores na escrita e formulação de uma história/memória local. O ponto de vista de dentro de um território, seja do trabalhador do mutirão de moradia, da assistência social ou da cultura traz uma riqueza de detalhes e vivências que dificilmente encontraríamos em visões externas de pesquisa do território, com seus interesses e abordagens. Apresenta-se e se redescobre um espaço que já é conhecido nos seus detalhes e relações sociais pelos residentes no seu dia a dia. Só que aqui esses saberes ganham representações expográficas, poéticas, jornalísticas ou analíticas, sempre privilegiando a sistematização das memórias dos moradores. Descobrimos que nosso próprio espaço é fonte de saber para trabalharmos temas inerentes à urbanização, cultura, memória, monumentos, lutas sociais, que tradicionalmente pareciam dizer respeito somente a uma história mais ampla da cidade, que dificilmente abarcava questões semelhantes em alguns espaços das periferias e da Zona Leste em particular. É uma visão, portanto, articulada autonomamente, servindo-se da “história vista de baixo” e da ideia de dar “voz aos vencidos”, só que neste caso as próprias vozes articulam fontes e interpretações de quem não se considera subalterno ao tratar da própria realidade e de suas visões de cidade.

As visões e abordagens aqui apresentadas, assim como as das pesquisas sobre a Zona Leste introduzidas no tópico anterior deste capítulo, dialogam fortemente com a articulação de fontes orais construídas junto a agentes históricos locais em nossa dissertação, com paralelos entre suas histórias de vida e experiências em seus espaços de moradia, lazer e trabalho. Os lugares de elaboração e incidência destes trabalhos em São Mateus ficam mais evidentes na cartografia abaixo (Imagem 04).

¹⁸¹ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 26.

Imagem 04: Trabalhos de Memória em São Mateus.



Fonte: Plataforma *Google Earth*. Elaboração: Adriano Sousa, 2021.

Essas relações ressurgirão ao longo de nosso trabalho, mas dizem respeito principalmente às elaborações de memória no campo da cultura e da autoconstrução de moradias; à organização de movimentos populares e às narrativas que destacam espaços comuns de memória; as dificuldades para construir bairros periféricos e a valorização da vida comunitária em cada lugar de moradia. Nos próximos textos de nossa dissertação, aprofundaremos as particularidades do processo histórico da urbanização de São Mateus levantadas neste capítulo, enfatizando a leitura dos moradores sobre os contextos históricos de transformação do território, as diversas fontes destes processos, os trabalhos de memória produzidos por eles e os estudos acadêmicos sobre subúrbios, periferias, memórias e territórios da Zona Leste de São Paulo.

CAPÍTULO 02 – ENTRE LOTEAMENTOS, FAZENDAS, SUBÚRBIOS E PERIFERIAS: A ESTRUTURAÇÃO DE SÃO MATEUS EM MEIO A TERRITÓRIOS RURAIS

2.1 São Mateus no Contexto das Periferias e Subúrbios – Passado e Presente

Como vimos nos exemplos apresentados na introdução e no capítulo 01 desta dissertação São Mateus é, como muitas das periferias da cidade na atualidade, uma área que possui espaços diversificados na forma de sua ocupação e uso social. A geógrafa Ana Fani Carlos explica esse processo destacando a instalação de alguns empreendimentos imobiliários e empresariais em terrenos menos valorizados, como consequência do processo de valorização do solo urbano e de sua apropriação pelo capital financeiro, que não mais se contenta apenas com as áreas centrais da cidade. Para a pesquisadora, as periferias de São Paulo são territórios divididos entre indústrias, condomínios de alto padrão e população pobre (subempregada ou desempregada) muitas vezes forçada a ocupar áreas públicas ou de proteção ambiental - as únicas que lhes são financeiramente acessíveis.¹⁸² Embora São Mateus não conte até hoje com a presença de condomínios de alto padrão, tanto áreas mais valorizadas como as ocupações em áreas de preservação ambiental marcam presença no território. Orinho Ferreira, ao tratar daquilo que enxerga que deveria ser feito em seu bairro, o Jardim das Laranjeiras, aborda a questão das ocupações de moradia no seu entorno e na vizinha Cidade Tiradentes:

Falando do bairro do Laranjeiras, ele não tem mais para onde crescer. É um bairro que é limitado. Dá para ver que essas ocupações que temos aí estão onde era mata verde, área verde. [...] Vamos falar da natureza mesmo, dos rios, dos córregos que todos acabados, destruídos, abandonados. Por conta de ocupação irregular, por necessidade ou não, também estão destruindo tudo. A própria construção da Cidade Tiradentes foi uma grande agressão à natureza. Fizeram um trabalho de devastação mesmo, acabaram com a natureza e tudo que podia ali ser feito, caso fosse feito com mais calma. Não precisava fazer o que fizeram.¹⁸³

Para Orinho, o processo de ocupação da “mata verde/área verde” no entorno e em São Mateus como um todo, podia ser tanto fruto da necessidade de quem precisa morar ali quanto de uma falta de planejamento estatal, que é como enxerga a rápida construção do bairro vizinho de *Cidade Tiradentes*. A fala de Orinho marca um processo que tem seus

¹⁸² CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Metrópole de São Paulo no Contexto da Urbanização Contemporânea. *In: Estudos Avançados*. São Paulo: Edusp, v. 23, n. 66, 2009, p. 312-313.

¹⁸³ ENTREVISTA COM ORINHO FERREIRA. Realizada em 07 fev. 2019.

anteriores já nos anos de 1990, quando o bairro Recanto Verde do Sol, localizado no mesmo distrito e próximo à área remanescente de Mata Atlântica, era um espaço de compra de lotes mais baratos em relação à centralidade de São Mateus, como podemos verificar no suplemento imobiliário do jornal *Diário Popular*:

São Mateus, ao contrário de alguns vizinhos vive o seu desenvolvimento imobiliário graças, principalmente à sua infraestrutura. O comércio variado, localizado em sua maioria na Avenida Mateo Bei, além de atender às necessidades básicas dos moradores (que não precisam se deslocar para outros bairros a fim de fazer compras ou pagar contas) ainda oferece oportunidades de trabalho na própria região. [...] Foi-se a época em que São Mateus oferecia imóveis a preços acessíveis. Ao contrário dos bairros mais periféricos o local tem presenciado uma valorização constante. [...] Mas se procurarmos imóveis nas áreas periféricas como 3ª divisão e Recanto Verde do Sol os preços serão muito mais convidativos. Neste último bairro há uma grande oferta de terrenos disponíveis.¹⁸⁴

O texto do *Diário Popular* divide São Mateus em dois espaços: o local do comércio e da infraestrutura urbana instalada e a área de ocupação recente na periferia. A Avenida Mateo Bei e o Recanto Verde do Sol. Porém ambos colocados à venda pelo jornal, apresentando uma Regional com diferentes potencialidades de uso. A desigualdade e diversidade da ocupação do espaço, com suas centralidades, condomínios incipientes, obras de mobilidade urbana e ocupação “periférica” parece diferir, em parte, das definições mais clássicas da relação centro-periferia, tributárias da observação do modelo de padrão de crescimento urbano característico dos anos de 1970 e 1980, no qual esses territórios constituiriam segundo Jurgen Langenbuch:

porções de qualquer aglomeração urbana, não necessariamente grande, localizadas via de regra em porção próxima aos limites externos da área edificada, onde predomina a ocupação residencial pelas camadas mais pobres da população, estabelecida ali de modo bastante precário. Em tais espaços urbanos é comum haver uma elevada densidade demográfica acarretada pela extrema ocupação dos lotes por várias casas humildes, muitas vezes com paredes sem reboco, apenas lajes na cobertura, quando não por construções que podem ser qualificadas como casebres ou barracos, sendo às vezes difícil visualizar a transição para favela, fenômeno frequente ali.¹⁸⁵

Esse diagnóstico, que apresenta bairros com casas inacabadas nos “limites” da cidade, tem a ver com uma realidade ainda verificável em muitas áreas de São Mateus, principalmente dos distritos do Iguatemi e São Rafael e, mesmo, em áreas da centralidade de São Mateus como as comunidades da Divinéia, Vila Flávia e Vergueirinho. Esse padrão de

¹⁸⁴ DIÁRIO POPULAR. Valorização Chega a São Mateus. 28.06.1998. In: **Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1998.

¹⁸⁵ LANGENBUCH, Juergen. Depoimentos. In: **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 42, 2001, p. 89.

pobreza e precariedade urbana convive lado a lado com as novas possibilidades de moradia e mobilidade, mas também com outras formas de ocupação criativa do espaço público por atividades culturais e de produção do conhecimento que também pensam o que é a periferia atualmente.

Desse lugar social é que, nas últimas duas décadas, na esteira do aumento do número de estudantes universitários negros e pobres (por conta das cotas étnico-raciais e sociais em instituições públicas e privadas), pesquisadores oriundos das periferias e articuladores dos movimentos culturais nesses espaços, passam a fazer circular com mais intensidade no debate público conceitos que tratam das suas principais contradições sociais, mas também de suas potencialidades. Segundo D'Andreia essa articulação da juventude tem um antecedente na década de 1990, no âmbito da cultura do *Hip Hop* que denunciava as condições de violência e pobreza vividas nas periferias de São Paulo ao mesmo tempo em que ressaltava suas potências como a produção cultural e a vida comunitária desses territórios. Segundo o sociólogo:

Na década de 1990 havia um genocídio em curso. Nunca na história de São Paulo o índice de homicídios foi tão alto e estes aconteciam principalmente nas periferias. O principal alvo do genocídio eram (são) corpos negros e masculinos. É por isso que a enunciação periferia adotada nos anos 1990 partiu desse setor social buscando principalmente três objetivos: denuncia as condições sociais, unir as quebradas em guerra e pacificar esses territórios.¹⁸⁶

Essa cultura, predominantemente masculina, procurava abordar os problemas vividos cotidianamente por homens negros e da periferia em seus laços sociais com família e amigos, utilizando o termo “periferia” em substituição ao conceito de classe trabalhadora, menos utilizado no período devido à ascensão do neoliberalismo e declínio das lutas sindicais.¹⁸⁷ Ao longo das duas últimas décadas, o conceito passa a ser utilizado por uma geração de coletivos e grupos culturais periféricos (onde muitos dos seus integrantes possuem uma interface com a Universidade), porém, com ampla participação das mulheres, que se autointitulam “sujeitas periféricas”. Na esteira da luta por uma *Lei Municipal de Fomento à Cultura das Periferias* são desafiados a definir o que viria a ser periferia na atualidade:

ao se organizarem nos anos 2000, os coletivos culturais formaram redes e movimentos como o Fórum de Cultura da Zona Leste e o Movimento Cultural das Periferias (MCP). Esses movimentos protagonizaram a construção de uma Lei de Fomento à Cultura das Periferias, baseando-se no argumento de que alguns territórios mereceriam uma atenção especial. Logo,

¹⁸⁶ D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. In: **Novos Estudos CEBRAP** (Dossiê Subjetividades Periféricas), jan.-abr. 2020, p. 23.

¹⁸⁷ Idem, p. 25.

para a escrita da lei, era necessário formular uma definição territorial de periferia, com o intuito de definir quem estava dentro (e seria contemplado com os recursos) e quem estaria fora. Após meses de debates, chegou-se à seguinte conclusão: periferia seria composta pelos distritos onde mais de 20% dos domicílios tinham renda per capita de até meio salário mínimo.¹⁸⁸

Os territórios classificados nessa divisão são aqueles que correspondem aos extremos da cidade, como Capão Redondo, Campo Limpo, Jardim Ângela, Capela do Socorro e Grajaú na zona Sul; Brasilândia e Perus na zona Noroeste; e Sapopemba, São Mateus, Cidade Tiradentes, Itaquera, Ermelino Matarazzo, São Miguel, Itaim Paulista e Guaianases na zona Leste. Todos com predominância de população de baixa renda, serviços públicos precários e maiores taxas de violência e conseqüentemente menor expectativa de vida, sendo significativa a presença da população negra nesses espaços. Como afirma D'Andrea, espaços predominantemente periféricos, mesmo que possuam enclaves de centralidades com maior densidade de infraestruturas urbanas como o de São Mateus. O fundamento que norteou essa articulação dos movimentos culturais é elucidado por Marcello de Jesus, produtor cultural, professor de geografia e um dos articuladores do *Fórum de Cultura da Zona Leste*:

É com os pés calejados de tantos perrengues e enfrentamentos preliminares em suas quebradas, em combate aos coronelismos, políticas de balcão, na luta por políticas públicas inclusivas, é que diversos coletivos vão experimentando formas de organização locais e regionais. E não nos esqueçamos: a saída é coletiva. E para dar liga encontramos um termo que nos une: Periferia. E nesse contexto que nasce o FCZL. Da união entre diversas coletividades, redes e movimentos culturais da zona leste, com uma série de pautas e reivindicações para o lado historicamente desprivilegiado das cidade, as periferias.¹⁸⁹

A formulação do Fórum de Cultura da Zona Leste deixa bem nítida que seu principal identificador da desigualdade social e do não acesso às verbas públicas de cultura da cidade é a delimitação espacial de periferia e que só a articulação dos grupos que vivem e atuam nesses espaços poderia levar a alguma reversão desse quadro. Dentro desse contexto, temos também a organização de fóruns regionais da Zona Leste articulados com essa mobilização maior, caso do *Fórum de Cultura de São Mateus* que também tem a sua formulação de como abordar as periferias como vemos em sua principal publicação, *Memórias de Um São*:

Uma visão generalizada que se tem da região, assim como de toda região periférica, é a de carência, violência, sofrimento e esquecimento. Mas pouco se fala da história do lugar e das pessoas que o habitam. Quem lá (aqui) vive, assim como todo ser humano, constrói sua história e é constantemente

¹⁸⁸ Ibidem, p. 26-27.

¹⁸⁹ JESUS, Marcello Nascimento. A Saga Periférica: Bandeiras e Trajetórias de Luta (2013-2018). In: **Fórum de Cultura da Zona Leste**: Nenhum Passo Atrás. São Paulo: Forma Certa Gráfica Digital, 2019.

modificado e construído por ela. Onde há história, há uma memória a ser resgatada e revisitada.¹⁹⁰

A necessidade de se humanizar a abordagem das pessoas que vivem nas periferias, valorizando suas histórias a partir de suas memórias faz parte da concepção do projeto que visa o reconhecimento mútuo dos artistas e especificidade da arte local na interação com a comunidade. Tanto as condições precárias como as possibilidades sociais das periferias foram ressaltadas e elencadas também no seminário da *Internacional das Periferias*, realizado em 2017. Articulado por moradores/estudiosos desses territórios de diversos países em desenvolvimento com o envolvimento de entidades do terceiro setor como o “Instituto João e Maria Aleixo” e a “Fundação Tide Setúbal”, teve como um de seus resultados *O Manifesto da I Internacional das Periferias*. O documento é exemplo da atualização do conceito de periferia quando pensado pelos próprios residentes, opondo-se a visões eurocêntricas que as caracterizam como espaço da ilegalidade na ocupação e nas relações sociais vistas apenas sob o prisma da violência. Caracterizando-as como espaços multifacetados, a carta destaca transformações do próprio território, ao caracterizar as principais periferias urbanas do mundo como espaços onde temos a pluralidade de formas econômicas domésticas e comunitárias, formas próprias de organizar e construir os espaços públicos e privados, fortes laços de vizinhança e leitura estética específica da realidade, entre outros fatores, sem deixar de lado a abordagem de problemas como os altos índices de violência, desemprego e subemprego, intensificados conforme recorte de gênero e raça:

Deste modo, a definição de periferia não deve ser construída em torno do que ela não possuiaria em relação ao modelo dominante na dinâmica socioterritorial ou da distância física em relação a um centro hegemônico. Ela deve ser reconhecida pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território.¹⁹¹

Para entendermos o processo histórico que leva a essa periferia multifacetada dos anos de 1990 e início do século XXI, com suas formas específicas de ocupação do espaço, experiências sociais e configurações próprias em São Mateus, é necessário lançarmos um olhar cuidadoso para o período que se estende entre as décadas de 1940 e 1970 do século XX. É neste momento que ocorre a intensificação do povoamento dos espaços rurais da Zona

¹⁹⁰ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 15.

¹⁹¹ CARTA DA MARÉ: MANIFESTO DA I INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/noticias/3753/carta-da-mare-rio-de-janeiro-manifesto-das-periferias-as-periferias-e-seu-lugar-na-cidade>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Leste de São Paulo, em uma cidade marcada por forte processo de industrialização e imigração de trabalhadores, em sua maioria nordestina. Segundo Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello, as famílias que chegavam aos centros urbanos do país – a referência é São Paulo - iam morar

muitas na periferia, ainda cheia de poeira, sem iluminação pública, sem esgoto ou água encanada, as casas espremidas, um ou dois quartos, banheiro, cozinha, uma salinha, que pode virar quarto à noite. Outras nos bairros operários antigos: a casa já é um pouco melhor.¹⁹²

Os autores também descrevem em linhas gerais o processo de industrialização que mudou estrutura produtiva do país e a face das cidades e de suas ligações viárias durante o período desenvolvimentista e depois de modernização conservadora da Ditadura Militar:

Num período relativamente curto de cinquenta anos, de 1930 até o início dos anos 80 e, mais aceleradamente, nos trinta anos que vão de 1950 ao final da década dos 70, tínhamos sido capazes de construir uma economia moderna, incorporando os padrões de produção e consumo próprios dos países desenvolvidos. Fabricávamos quase tudo. O aço, até aços especiais, na Cia Siderúrgica Nacional, na Cosipa, na Usiminas, na Acesita, em Tubarão. Saíram da Petrobras e de suas subsidiárias, da indústria petroquímica, o petróleo e seus derivados, a gasolina, o óleo diesel, o óleo combustível, o asfalto, o plástico, o detergente, vários outros materiais de limpeza, os produtos que permitem a fibra sintética, etc. [...] Desenhamos um sistema rodoviário que cortava o Brasil de ponta a ponta, com algumas estradas de padrão internacional, as primeiras a Via Dutra, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, a Via Anchieta, de São Paulo a Santos e a Via Anhanguera, de São Paulo a Jundiaí e, depois, até Campinas.¹⁹³

Porém, os trabalhadores que construíam esse processo em São Paulo foram relegados ou aos bairros operários precários como Mooca, Brás, Vila Prudente e Bom Retiro ou ao sobretrabalho de construir novos bairros periféricos como São Mateus. Processo esse que é uma reconfiguração da formação da cidade edificada entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse período, a cidade de São Paulo experimentou forte processo de urbanização, por abrigar o centro das transações financeiras, comerciais e logísticas do café produzido no interior do estado de São Paulo e exportado pelo Porto de Santos. A capital passou a ser um ponto de encontro entre estradas de ferro que ligavam o interior do Estado a Santos e ao Rio de Janeiro. Na ocupação para além do “Triângulo Central” (representado pelos limites da Rua Direita, Rua São Bento e Rua XV de Novembro), integraram-se à malha

¹⁹² MELLO João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio e sociabilidade Moderna In: NOVAIS, Fernando; Schwarz, Lilia Moritz. (Org). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 600.

¹⁹³ Idem, p. 562-563.

urbana edificada territórios como Brás, Mooca, Ipiranga, Vila Prudente e Penha, que se articularam a outros espaços como São Caetano, Santo André, Mauá, etc. que constituíam o que alguns pesquisadores denominaram como “subúrbios da cidade”¹⁹⁴, também em processo de urbanização. Ao longo desse cruzamento de ferrovias, pertencentes às empresas *São Paulo Railway Co.*, *Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio de Janeiro* (depois *Central do Brasil*) e *Estrada de Ferro Sorocabana*, desenvolveram-se indústrias, chácaras e pequenos povoados.¹⁹⁵ Esse processo foi abordado por importantes estudos da geografia paulistana como os de Aroldo de Azevedo e Langenbuch e da sociologia urbana, como os de José de Souza Martins. Segundo Azevedo, os subúrbios se caracterizavam por serem mais que meros “arrabaldes da cidade”:

O conceito vulgar de subúrbio corresponde ao ‘arrabalde ou vizinhança de uma cidade ou de qualquer povoação’ o que, em princípio satisfaz e aproxima-se do conceito geográfico. Entretanto, não basta essa proximidade do centro urbano: torna-se necessário que haja uma certa interdependência entre a cidade e os seus subúrbios, uma relação ativa e passiva entre uma e outros. De fato, cumpre verificar a existência de um permanente contacto da população que neles vive, através de suas atividades costumeiras, do que produz e do que consome.¹⁹⁶

Para o geógrafo Langenbuch, também preocupado com as dinâmicas de ligação que os espaços suburbanos poderiam ou não ter com os espaços urbanos mais próximos, os subúrbios eram

as formas de implantação urbana incipiente, entrecortadas de trechos ainda rurais, que surgem nas bordas das cidades. [...] De acordo com a própria etimologia da palavra, subúrbio refere-se à parte da cidade localizada em contato com o campo em que a implantação urbana ainda é incipiente, ou seja, não integra a urbe de modo cabal.¹⁹⁷

Segundo Martins, o subúrbio também era uma área interligada ao espaço urbano, com características rurais e industriais que remontam a período anterior ao “boom do café”, sendo que

¹⁹⁴ Embora o uso do termo “subúrbio” não seja socialmente corrente na cidade de São Paulo como no Rio de Janeiro, por exemplo, parte da literatura sociológica e geográfica adota-o desde os anos de 1940 como veremos por meio de seleção de autores neste capítulo.

¹⁹⁵ Segundo Flávio Saes, ramos como a construção civil, comércio de materiais para a ferrovia (carvão, lubrificantes, equipamentos) e de mercadorias para os trabalhadores ferroviários desenvolveram-se ao longo do trajeto dessas ferrovias, o que também contribuiu para a urbanização desses espaços. Ver: SAES, Flávio. *São Paulo Republicana: Vida Econômica*. In: PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 215.

¹⁹⁶ AZEVEDO, Aroldo de. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945, p. 30.

¹⁹⁷ LANGENBUCH, Juergen. Depoimentos. In: **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 42, 2001, p. 86-87.

a indústria se espalhou rapidamente pelo subúrbio, que desde o século XVIII era o componente rural do urbano, nele integrado por uma economia agrícola e artesanal de ciclo curto e imediatamente dependente do comprador urbano, como a alimentação e os materiais de construção.¹⁹⁸

Os pesquisadores elencados forjam seus conceitos a partir das realidades que estudam: Martins empenhado em descrever como se viam os trabalhadores agrícolas, industriais e moradores em relação às narrativas históricas de São Caetano do Sul; Azevedo, preocupado em documentar o avanço da cidade sobre os territórios Orientais de São Paulo nos anos de 1940, principalmente nos arredores das ferrovias, problemática também cara a Langenbuch. Tratam de um processo de encontro de realidades, entre um território rural, o aumento de sua população e o surgimento ou incremento de povoados que, de uma maneira ou de outra, influenciariam a dinâmica urbana da cidade como um todo, não sendo apenas seus “arrabaldes”.

O território onde hoje está a subprefeitura de São Mateus possuía, principalmente nos anos de 1950 e 1960, algumas das características desses subúrbios, como o modo de vida rural, presença de olarias e relação de suas atividades com São Paulo, embora de muitas formas apartada ou com ligações frágeis com a cidade edificada. Entretanto, as interações dessa localidade com os “Povoados Orientais” e a cidade, começam a ganhar contornos urbanos a partir das décadas de 1950 e 1960, durante o processo nomeado por Teresa Pires do Rio Caldeira como “padrão centro-periferia de crescimento” que ocorreu, segundo a antropóloga, principalmente entre os anos de 1940 e 1980, sendo essa a forma que sucedeu à cidade concentrada no entorno da antiga Vila de São Paulo em fins do século XIX e início do século XX:

A segunda forma urbana, a centro-periferia, dominou o desenvolvimento da cidade dos anos 40 até os anos 80. Nela, diferentes grupos os sociais estão separados por grandes distâncias: as classes média e alta concentram-se nos bairros centrais e com boa infraestrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias.¹⁹⁹

Todo esse processo tem indícios elencados pelo pesquisador para este capítulo: plantas da cidade presentes no *Acervo Aguirra do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP)* e no *Histórico Demográfico da Prefeitura de São Paulo; Anais da Câmara Municipal de São Paulo*; relatos memorialísticos extraídos dos jornais *Cidade de São Mateus* e *Gazeta*

¹⁹⁸ MARTINS, Jose de Souza. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História do Subúrbio da Cidade de São Paulo**: São Caetano, do Fim do Império ao Fim da República Velha. 1 ed. São Paulo/São Caetano: Ed Hucitec, 1990, p. 08.

¹⁹⁹ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. 1 ed. São Paulo: EDUSP/Ed 34, 2000, p. 211.

de São Mateus; matérias do jornal *O Estado de São Paulo* e *Diário Popular*; estudos e produções artísticas dos próprios moradores e entrevistas realizadas pelo pesquisador com os sujeitos históricos do bairro. O trabalho de análise e interpretação dessas fontes e estudos, dedicado a evidenciar a diversidade das memórias possíveis do processo histórico da urbanização local e agências de seus sujeitos históricos auscultará os diferentes elementos da transição do espaço rural e suburbano ao espaço periférico. Neste sentido, serão objetos de análise desse capítulo as seguintes problemáticas: a) caracterização de tendências contemporâneas na ocupação do espaço da subprefeitura de São Mateus; b) documentação do encontro da urbanização de São Paulo com um território predominantemente rural ocupado por fazendas e sítios que tem como consequência a edificação da cidade em grande parte pelos próprios moradores; c) percepção dos residentes sobre a vivência em um espaço com características urbanas e rurais - o choque entre o desejo pela cidade e a valorização de uma vida “bucólica”; d) percepção que a “cidade estabelecida” tem da urbanização desses territórios a partir da acolhida de suas reivindicações por melhorias urbanas encontradas nos registros dos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*; e) caracterização das transformações de um espaço suburbano em outro dominado pelo padrão periférico de crescimento entre os anos de 1940 e 1970, principalmente.

Deste modo, o principal objetivo deste capítulo é o de articular interfaces entre história e geografia no exame das transformações espaciais e sociais na ocupação urbana do extremo Leste de São Paulo que levaram à formação de um território periférico articulado com o loteamento *Cidade São Mateus*, em meio a um espaço de fortes traços suburbanos.

2.2 Os territórios de Fazendas nos espaços da Urbanização de São Mateus: Fazenda do Oratório e Fazendas Limítrofes

Podemos encontrar antecedentes da ocupação territorial rural no espaço que foi se configurando como Extremo Leste urbanizado de São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul (ABC Paulista) e Mogi das Cruzes durante o século XX, desde pelo menos o século XVIII. O complexo ocupado pelas sesmarias de João Ramalho (correspondendo à parte do atual território do ABC Paulista e do extremo Leste da cidade) e de Mateus Nunes de Siqueira (compreendendo parte das atuais Vila Carrão e dos bairros do Aricanduva e Penha) são historicizados no século XVIII em compilação cartográfica realizada pelo geógrafo Fernando Deli, morador do bairro do Aricanduva e também funcionário da

“Secretaria do Verde e Meio Ambiente” no *Parque do Carmo*.²⁰⁰ Seus estudos de geohistória, em que utilizou principalmente documentação da cúria metropolitana e sobreposições de cartografias históricas deram destaque ao caminho e território do *Oratório* e à existência da *Fazenda Caaguaçu*, onde hoje se localiza o Parque do Carmo, ambos cartografados no século XVIII. Deli destaca o “extenso bairro rural do Caaguaçu”, tributário da fazenda como:

partindo aproximadamente do local que conhecemos atualmente como núcleo urbano central do distrito de Itaquera, na zona leste da capital, incorporando todo o Alto Aricanduva até atingir terras por onde hoje se estende para do grande ABC.²⁰¹

Por sua vez, e em interação com o Gaaguaçu, tínhamos a fazenda do Oratório e sua respectiva estrada que, segundo Deli é:

outro caminho que cabe destacar é o que se constituiu, provavelmente, no século XVIII, ligando a fazenda Oratório a São Paulo, indo também em direção à ponte da Tabatinguera e que, na referida fazenda, fazia o entroncamento com um dos caminhos que ligavam Mogi das Cruzes a São Bernardo do Campo em direção à serra do Mar, caminho este que cortava o Alto Aricanduva.²⁰²

A Fazenda do Oratório interagiu com a bacia do Tamandateí, mas também estava próxima do alto curso do Rio Aricanduva no mapa e o bairro rural do Caaguaçu estendia-se por parte dos territórios onde hoje se situam Itaquera e o distrito do Iguatemi. Ambos tinham caminhos que se ligavam à cidade de São Paulo, sendo que a estrada do Caaguaçu partia da fazenda homônima seguindo, em parte, traçados semelhantes aos das atuais Avenida Aricanduva e Avenida Rio das Pedras, importantes vias de ligação de São Mateus com a Vila Carrão. Sobre o caminho do Oratório podemos colocar hipótese semelhante em relação ao atual traçado das Avenidas Mateo Bei e Santa Adélia, paralelas à Aricanduva, no trecho em que Estrada do Oratório e do Caaguaçu estão próximas no mapa do século XVIII. Podemos visualizar a localização dessas estradas às margens do rio na composição de cartografias feita por Deli (Imagem 05).

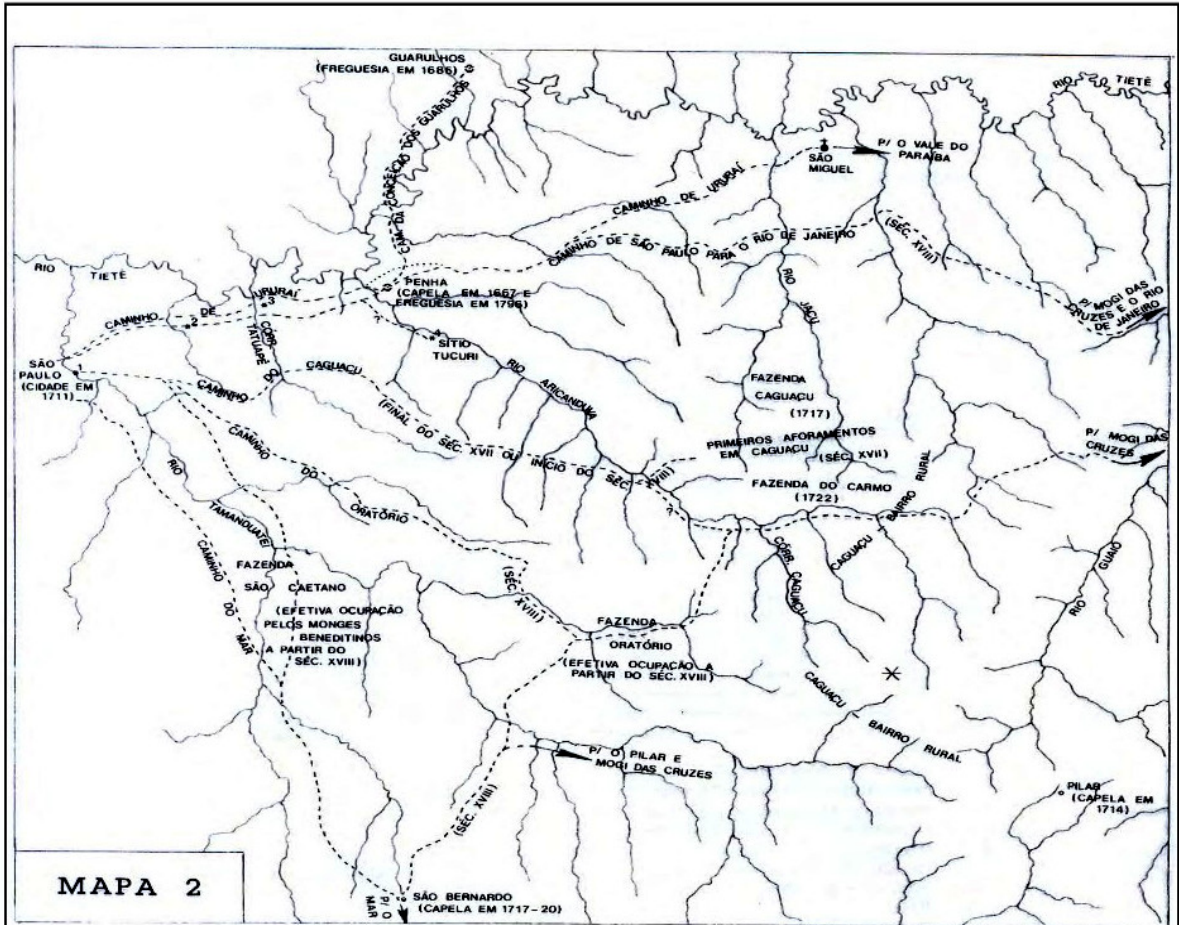
²⁰⁰ DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, 2005, p. 88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73974>. Acesso em: 01 dez. 2020.

²⁰¹ Idem, p. 87.

²⁰² Ibidem, p. 94.

Imagem 05: Reprodução de Mapa do Vale do Aricanduva no Século XVIII realizada por FernandoDeli.

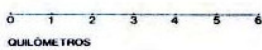
Mapa 2



MAPA 2

O VALE DO ARICANDUVA no contexto das relações de circulação no planalto paulistano, entre a segunda metade do séc. XVII e o final do séc. XVIII.

ESCALA



ORGANIZAÇÃO

FERNANDO RODRIGUES DELI

LEGENDA

- ⊙ NÚCLEO ELEVADO À SEDE DE FREGUESIA DURANTE O PERÍODO MAPEADO;
- POVOADO NUCLEADO POR CAPELA;
- ⦿ NÚCLEO DE ALDEAMENTO;
- PRINCIPAIS CAMINHOS;
- ⋯ PROVÁVEL TRECHO "ABANDONADO" DO ANTIGO CAMINHO DE URUPAI, APÓS A EXISTÊNCIA DO NÚCLEO DA PENHA;
- 1 PONTE DA TABATINGUEIRA;
- 2 MARCO DA MEIA LÉGUA (SÉC. XVIII);
- 3 PROVÁVEL CASA DE MATEUS NUNES DE SIQUEIRA (SÉC. METADE SÉC. XVII);
- 4 SEDE DO SÍTIO TUCURI (1724) — UM DOS DESMEMBRAMENTOS DO TAGUAPININGUA;
- REDE HIDROGRÁFICA;
- ✱ MORRO PELADO OU VOTUSSUNGA.

Fontes: Acervo da Hemeroteca do arquivo histórico municipal de São Paulo; AZEVEDO 1968; BONTEMPI (1970); Divisão do arquivo do estado (1998); DPU (1991); Entrevista concedida pelo pesquisador Wanderley dos Santos (1993, 1994); Exposição comemorativa do Aniversário de Itaquera (1989); LINGUITTE (1989); Mapa Topográfico do Município de São Paulo (1930); MERCÍLIO (1973); MARTINS (1962); MEDICI (1990); Museu de Santo André (1990); PETRONE (1964); Planta do Município de São Paulo (1900, 1903); SANTOS (1983, 1992)

Fonte: DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 18, 2005, p. 88.

A divisão que Deli faz em seu estudo da bacia do Aricanduva, entre seus Alto e Baixo cursos, com suas diferentes formas de ocupação, será importante referencial para nossas análises. Principalmente porque localizam esses dois espaços rurais no Alto Aricanduva, local onde às suas margens, ao longo dos anos de 1950, instalou-se o loteamento *Cidade São Mateus*. Tanto as narrativas de memória mais cristalizadas do território como alguns estudos, referências cartográficas e espaciais atuais guardam elementos das memórias desse espaço rural como veremos a seguir.

Entre os anos de 1930 e a década de 1950, podemos elencar um conjunto de documentos cartográficos que se referem à cidade de São Paulo, seus territórios ocupados e ainda por ocupar, loteamentos, fazendas, rios e outros elementos territoriais que hoje não mais existem ou que foram profundamente transformadas pelo processo de urbanização e metropolização da cidade.²⁰³ O processo histórico delineado por Deli para o século XVIII possui algumas permanências apontadas em registros não só cartográficos como orais e escritos produzidos ao longo do século XX, que apontam para uma diversificada ocupação de parte do atual território do Extremo Leste de São Paulo.

As cartografias aqui elencadas representam, até pelo menos os anos de 1940, os territórios onde estão localizados o Parque do Carmo, São Mateus, Jardim Santa Adelia, São Rafael, Iguatemi, Fazenda da Juta e Jardim Sapopemba, e as fazendas *Caaguaçu, Oratório, Juta, Guabirobeira, Iguatemy, Sítio Palanque e Cipoada*.²⁰⁴ Esse material foi produzido pelo poder público, contratado por ele ou por conta do interesse de empresas - como a *Light and Power* e a *Sara*. Ou ainda a mando de loteadores/proprietários interessados na venda ou exploração de seus terrenos. Também foram produzidos por estudiosos como Aroldo de Azevedo. Para analisar essa documentação, teremos como parâmetro as considerações de Harley sobre os sentidos, contextos e funções das cartografias nos estudos históricos:

O contexto pode ser definido como as circunstâncias nas quais os mapas foram elaborados e utilizados. Numa analogia com a 'situação de fala' num estudo linguístico, isto implica reconstruir os quadros físicos e sociais que determinaram a produção e o consumo dos mapas, os acontecimentos que

²⁰³ As imagens 02 e 04, presentes no capítulo 01, demonstraram como o espaço urbano tomou boa parte do território ao longo dos últimos 70 anos, restando o Parque do Carmo e o Morro do Cruzeiro como grandes focos de áreas verdes em São Mateus presentes, no entanto, nas bordas da cidade edificada. Ver p. 57 e 86 deste trabalho.

²⁰⁴ Nos planejamentos regionais para a subprefeitura de São Mateus discutia-se em 2016 a criação do *Parque Linear Cipoada*, entre o Parque São Rafael e a área central de São Mateus, às margens do córrego de mesmo nome. Esses fatos demonstram mais uma permanência dos referenciais rurais no território e sua resignificação em seus diferentes contextos históricos. Isso ocorre não só com a denominação "Cipoada", mas com as de outros espaços no território da subprefeitura e adjacências. Ver: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Cadernos de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras: Perímetros de Ação (São Mateus)**. São Paulo: PMSP, 2016, p. 36.

conduziram a essas ações, a identidade dos produtores e dos usuários dos mapas, e a maneira como eles percebiam o ato de produzir e utilizar os mapas num mundo socialmente construído. Estes detalhes podem nos revelar não apenas os motivos que sustentam os eventos cartográficos, mas também os efeitos que os mapas tiveram e a carga de informação que eles veiculam em termos humanos.²⁰⁵

Estruturaremos a leitura desses registros, nessas bases, tendo como eixo principal o território da Fazenda do Oratório, permanência do século XVIII e uma das duas maiores propriedades do território ainda no século XX. Localizado na divisa com Santo André e Mauá, aparece cartografada no estudo *Subúrbios Orientais de São Paulo* de Aroldo de Azevedo em mapa panorâmico da cidade de São Paulo. Nesta cartografia, é retratado o entorno dos territórios da malha urbana edificada da cidade, que tem como limite Leste o subúrbio da Penha, e temos a presença de outros subúrbios como São Miguel, Itaquera e Lajeado, que se comunicam de forme tênue com a cidade e entre si. Embora não comentada e analisada em seu texto, aparece localizado à margem esquerda do Alto Aricanduva, o território denominado “Oratório” que corresponde a parte do espaço que engloba o que hoje é o extremo Leste da cidade e Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema (ABCD) (Imagem 06). Nele não aparecem fazendas como Caaguaçu e outras presentes neste território, possivelmente sintetizadas ou englobadas pela representação do Oratório em um mapa que procura demonstrar o aspecto global da cidade e seus entornos. Talvez o autor não a tenha abordado de forma detida, por não ser ela um povoado de subúrbio nos anos de 1940 - seu principal interesse, já que via nesses aglomerados vetores do crescimento da cidade para o Leste.²⁰⁶ Porém, ao tratar de Itaquera uma década depois, Azevedo fala da Vila Carmosina, bairros vizinhos e sua ocupação urbana cada vez mais intensa e, também, da colônia agrícola da *Cia Agropastoril*, tributária da Fazenda Caaguaçu, que se formou no entorno desta vila com a presença intensa de trabalhadores japoneses, brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades:

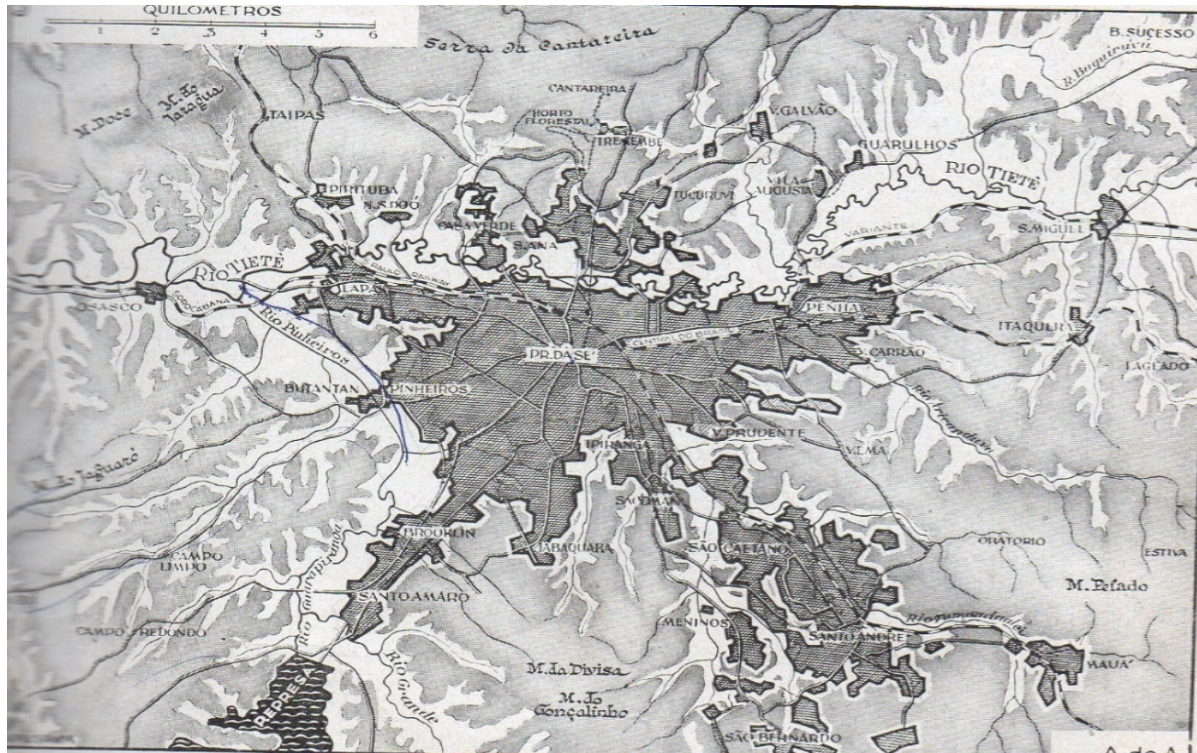
em sua área rural, merece uma referência importante o núcleo da Colônia, situado a menos de 5km do aglomerado de Itaquera, em terras pertencentes à antiga Fazenda Caaguaçu e estendendo-se à bacia do Jacú e alcançado o vale superior do Rio Aricanduva. Trata-se de uma criação da Cia Comercial Pastoril e Agrícola, que lhe deu tal nome para acentuar seu caráter rural e dividiu a grande gleba em mais de 600 lotes, por volta de 1920. Hoje acha-se quase inteiramente ocupada por pequenas propriedades agrícolas

²⁰⁵ HARLEY, Brian. Mapa, Saber e Poder. In: CONFINS, São Paulo, n. 5, 2009, p. 04.

²⁰⁶ AZEVEDO, Aroldo de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945, p. 45.

pertencentes sobretudo a japoneses, embora também trabalhem ali brasileiros, alemães, russos, lituanos, poloneses, tcheco-eslovacos, etc.²⁰⁷

Imagem 06: Planta da Cidade de São Paulo e Arredores.



Fonte: Azevedo, Fernando. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. FFCL-USP, 1945, p. 45.

As considerações de Azevedo e seu o silêncio sobre o que existia na margem esquerda do Aricanduva nos levam a pensar que não havia subúrbio ou concentração populacional significativa antes de 1945 onde hoje está o território de São Mateus. Outros materiais que levantamos, porém, podem colocar algumas dúvidas em relação a isso. Ao longo do processo de pesquisa localizamos uma planta específica da Fazenda do Oratório, proveniente do *Acervo Aguirra do Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. Não datada, a cartografia pode ter sido produzida nas décadas de 1940 ou 1950, se levarmos em consideração as inscrições dos nomes dos sucessores de Nestor de Barros presentes nela, a atribuição da propriedade da fazenda a eles (demonstrada em seu título) a data de morte do proprietário e data limite final de formação do Acervo Aguirra - 1962²⁰⁸. Nestor de Barros faleceu em 1946, de acordo com a linha de herança que parece em trabalho da *Secretaria de*

²⁰⁷ AZEVEDO, Aroldo de (Org.). *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana (Volume IV: Os Subúrbios Paulistanos)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 167-68.

²⁰⁸ PIRES, Walter. Arquivo Aguirra: Fonte Documental Sobre e Formação Territorial de São Paulo. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 10/11, p. 63.

Habitação do Município de São Paulo sobre a história do Jardim São Francisco - que também atribui à família Barros a propriedade dessa fazenda.²⁰⁹ Não sabemos quem produziu e quem utilizou a planta, sendo ela provavelmente uma expressão do que Harley trata como função específica dos mapas no exercício do poder, “que vão da construção de um Império mundial à manutenção do Estado-nação e à afirmação local dos direitos de propriedade”. O último item parece se encaixar mais no caso, dentro do contexto de uma possível divisão do território entre os herdeiros da família.²¹⁰ Um dos usos que podemos aventar, no contexto do acervo Aguirra, é o de fornecimento de informações a interessados na compra e venda de terras, já que João Batista Aguirra - organizador do acervo - além de proprietário de terrenos na Zona Sul da cidade, chegou a possuir um escritório em que compilava e fornecia informações sobre as propriedades rurais e urbanas da cidade – a *Informação Aguirre. Informações sobre títulos de propriedades imobiliárias*. Foi também integrante do *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (IHGB) o que demonstra como o seu interesse comercial era indissociável do conhecimento sobre a ocupação dos espaços em São Paulo.²¹¹

A planta (imagem 07) traz São Paulo (grafada como capital), Santo André e Mauá (descrita como “Mauá ou Pilar”), articulados à fazenda do Oratório e abarcando diversos referenciais espaciais locais. Alguns elementos dessa planta permanecem, seja de forma objetiva ou subjetiva, marcantes no território: Morro Votossununga, a *Adutora Rio Claro* e sua paralela Estrada do Rio Claro; o Sítio do Meio; Córregos Mombassa e Oratório; sede da Fazenda e Parque Industrial de Pilar ou Mauá. Além demarcar o alcance territorial da propriedade esses pontos perfazem até hoje alguns referenciais espaciais das subprefeituras de São Mateus, Sapopemba e de cidades limítrofes como as já destacadas Mauá e Santo André.

²⁰⁹ FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012, p. 14.

²¹⁰ HARLEY, Brian. Mapa, Saber e Poder. *In: CONFINS*, São Paulo, n. 5, 2009, p. 05.

²¹¹ PIRES, Walter. Arquivo Aguirra: Fonte Documental Sobre a Formação Territorial de São Paulo. *In: Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 10/11, p. 63.

Imagem 07: Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d.



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

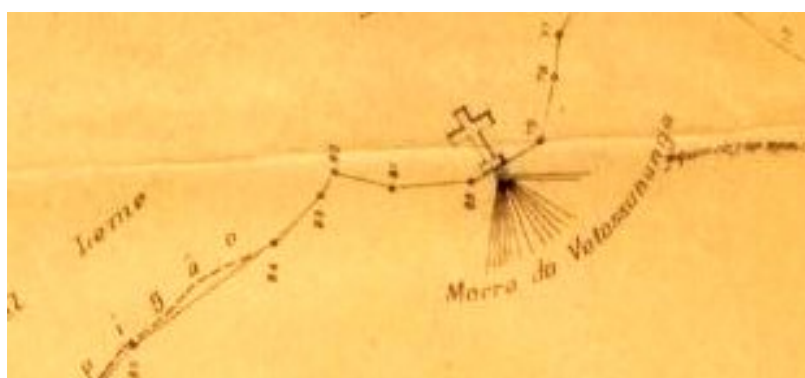
O *Morro Votossununga* (Imagem 08), que aparece como “Morro Pelado” na planta de Azevedo (ver Imagem 05) e no mapeamento de Deli (ver Imagem 05)²¹² é atualmente, o *Morro do Cruzeiro*, localizado entre os bairros do Jardim Santo André e 3ª Divisão em São Paulo, e a cidade de Mauá, sendo também próximo ao *Polo Petroquímico Mauá-Capuava*. Chama atenção o fato de ele possuir, na planta, uma cruz em seu cume o que, somado ao próprio nome “Cruzeiro”, pode ser um indicativo de atividade religiosa católica por ali. Segundo Pedro Caranicolov, o nome “Votossununga” teria origem indígena, significando “Morro Onde o Vento Assopra”, o que pode indicar também uma relação com culturas indígenas no território.²¹³ Segundo ponto mais alto da cidade depois do Pico do Jaraguá, ele

²¹² DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n°18, 2005, p.88.

²¹³ Essa fala foi registrada durante palestra de Pedro na Jornada do Patrimônio *Subindo o Morro do Cruzeiro: um Outro Olhar de São Mateus*, promovida pelo coletivo CPDOC Guaianás com apoio do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH) em agosto de 2019.

possui diversas nascentes importantes no território como a dos Córregos Caguaçu e Rio Aricanduva, além de ser espaço que preserva remanescentes de Mata Atlântica e onde os moradores reivindicam a instalação de um Parque Estadual.²¹⁴ O Morro atualmente é reconhecido pelo *Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo* (CONPRESP) como patrimônio natural da cidade de São Paulo.²¹⁵

Imagem 08: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d. (Detalhe Imagem do Morro do Votossununga).



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Outro ponto que também aparece no mapa e possui registros em narrativas históricas da Fazenda Oratório e de São Mateus é o “Sítio do Meio”, que aparece no mapa popular da Fazenda do Oratório, presente no livro *Novos Bairros: Jardim São Francisco*. O Sítio do Meio (Imagem 09), segundo o mapa popular elaborado por morador do *Parque Novo Oratório* (Santo André), corresponderia às áreas dos atuais Jardim São Francisco e Jardim Santo André, enquanto que os *Campos do Cardoso*, *Sepoada* e *Casa do Mato* (outros referenciais locais que também aparecem no mapa) corresponderiam a São Mateus.²¹⁶ Desses espaços, além do Sítio do Meio, apenas a “Casa do Mato” aparece na planta da herança de Nestor de Barros. Deste modo, portanto, se contarmos os espaços presentes no mapa popular e atribuídos ao Jardim São Francisco e Jardim Santo André, o território atual de São Mateus

²¹⁴ Ver: <https://www.gazetasaomateus.com.br/caminhada-ecologica-s-o-s-morro-do-cruzeiro/>. Acesso em: 26 set. 2020.

²¹⁵ O Morro do Cruzeiro é o segundo ponto mais alto da cidade, menor apenas que o pico do Jaraguá. É conhecido, também como Morro Votossununga e Morro Pelado. Tornou-se Patrimônio Natural Municipal em 2016. Ver:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re0616TombamentoZEPEC262004142004pdf_1503077865.pdf Acesso em: 25 set. 2019.

²¹⁶ FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012, p. 16.

corresponderia a mais da metade dos sítios da Fazenda do Oratório que incluíam também os *Campos da Boiada e Rio das Pedras*, segundo esta cartografia.

Imagem 09: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d. (Detalhe Imagem do Sítio do Meio).



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

O Sítio do Meio que, segundo o raciocínio do cartógrafo do mapa popular, estaria próximo a São Mateus, aparece na planta do Oratório ao lado da Adutora do Rio Claro (Imagem 10), meio de condução de água para abastecimento que aparece com um traçado já bastante definido, o que indica que à época de produção da planta o planejamento e, até mesmo a execução de sua obra, já estariam bastante avançadas. As datas de início de sua construção divergem a depender da fonte, mas se localizam no geral entre os anos de 1920 e 1930. Segundo a *SABESP (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo)*, herdeira da manutenção da adutora, a obra realizada pela *RAE (Repartição de Águas e Esgotos do Estado de São Paulo)* começou em 1939 e terminou em 1976, possuindo as seguintes funções:

Em junho de 1939, foi lançado oficialmente o primeiro trecho da adutora Rio Claro, entre os quilômetros 0 e 78, enquanto prosseguiram as obras na parte superior entre os quilômetros 78 e 86, inaugurada dois anos depois. [...] Há 37 anos, em 1976, a Sabesp concluía as obras de duplicação do Sistema Rio Claro, empreendimento necessário para que o sistema pudesse abastecer uma extensa área da zona leste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), incluindo parte das cidades do ABC, Mogi das Cruzes, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba e Arujá, além dos bairros da capital – Guaianazes, Itaquera, Itaim, Vila Formosa, Vila Alpina e Artur Alvim, entre outros. [...] Atualmente, o Sistema Rio Claro abastece 1,5 milhão de pessoas, atendendo o bairro de Sapopemba, na capital paulista, e parte dos municípios

de Santo André, Ribeirão Pires e Mauá. Representa 5,8% do abastecimento de água da Região Metropolitana de São Paulo.²¹⁷

Ao lado da Adutora temos a indicação da *Estrada do Rio Claro* (Imagem 10), seguindo traçado paralelo ao duto e servindo à nova dinâmica territorial criada por sua construção. Deli, em seu artigo sobre a urbanização no Vale do Aricanduva, trata da importância da Estrada e da Adutora para a ocupação e circulação local a partir da década de 1920:

Na década de 1920, o crescimento urbano de São Paulo e a construção da Adutora do Rio Claro para melhorar o abastecimento da água na cidade tornaram necessária a implementação de uma via mais moderna de longo percurso, adaptada ao uso do automóvel. [...] Esta nova via que aproveitou em seu trecho inicial parte de um outro antigo caminho, mas que se desenvolveu em quase sua totalidade por um leito novo - criando novas relações de comunicação. Recebeu inicialmente o nome de estrada da RAE (Repartição de Águas e Esgotos do Estado de São Paulo), ficando logo conhecida como Estrada de Sapopemba.²¹⁸

Imagem 10: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d. (Detalhe da Estrada do Rio Claro, correndo paralela à Adutora do Rio Claro).



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Registros da Câmara Municipal de São Paulo mostram, 20 anos depois, a repercussão local da obra da adutora. Requerimento de obras na Estrada do Sapopemba, feito pelo

²¹⁷ Ver: **MEMÓRIA: DUPLICAÇÃO DA ADUTORA DO RIO CLARO EM 1976 AMPLIOU OFERTA DE ÁGUA PARA A REGIÃO LESTE**. Disponível em: <http://site.sabesp.com.br/site/imprensa/noticias-detalle.aspx?secaoId=65&id=5370>. Acesso em: 26 nov. 2020.

²¹⁸ DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, 2005, p. 94.

vereador Francisco Batista²¹⁹ em 1965 traz um outro olhar da relação entre a Estrada de Sapopemba e a adutora do Rio Claro, indicando que alguns trechos do duto foram construídos em meados dos anos de 1940, deixando herança no solo que dificultava a circulação de veículos automotores:

Percebe-se que é das mais importantes a posição geográfica, a importância vital, no setor econômico e social, da Estrada do Sapopemba. Todavia ela segue paralela à adutora do Rio Claro em alguns trechos, a adutora há cerca de 20 anos, deixou sulcos com mais de 10 e outros com 15 metros, de profundidade. Com o movimento intenso de toda aquela região esses sulcos ao lado da Estrada do Sapopemba, vêm sendo verdadeira cilada, verdadeira armadilha a todo o sistema viário dessa importante avenida.²²⁰

No início da década de 1960, em uma região de intersecção entre Sapopemba, Jardim Santa Adélia, São Mateus, Santo André e Mauá (com processo de urbanização já em curso) surge um requerimento relacionado à necessidade da construção de uma ponte sobre o eixo da adutora, feita pelo vereador Emílio Meneghini²²¹:

Sr. Presidente, nobres colegas: - Velho problema aflige, há muito, há muito mesmo, a população dos bairros de Sapopemba, Jardim Santa Adélia, Cidade São Mateus; Vila Primavera, Vila Diva, principalmente, e Santa Clara. Refiro-me, Srs. Vereadores, a uma ponte, ainda de madeira, construída no final da Avenida Sapopemba, no seu eixo sobre a adutora do Departamento de Águas e Esgotos. É um problema que, na minha opinião, já se tornou calamidade. A todo instante, os ônibus que por ali transitam derrubam as laterais dessa ponte, tornando-a perigosa até aos pedestres.²²²

A presença da adutora, tanto no período da Fazenda do Oratório como no momento em que já temos bairros em formação, demonstra o quanto as obras públicas interferem no cotidiano da cidade em suas formas urbanas ou rurais, já que o Oratório é considerado parte da capital na cartografia. As diferentes denominações de seus espaços e de seu impacto no território, seja na cartografia de heranças ou na popular e no registro dos problemas cotidianos da cidade na *Câmara dos Vereadores*, fazem-nos entrever as diferentes questões enfrentadas em um mesmo território no espaço de vinte anos: da comprovação dos limites e divisões de

²¹⁹ Vereador ao longo da década de 1960 e depois durante os anos de 1980, passando por Partido Democrata Cristão (PDC), Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Participou das comissões de justiça, educação e finanças nesses dois períodos. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 17 set. 2021.

²²⁰ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **240ª Sessão Ordinária**. 20 Dez. 1965, p. 168. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

²²¹ Emílio Meneghini foi vereador por dois períodos: de 1960 a 1969 e entre 1993 e 2000. Em 1969 renunciou ao mandato por ter se tornado deputado estadual. Passou por PDC, PTB e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), participando das comissões de urbanismo e educação. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

²²² ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **224ª Sessão Ordinária**. 10 Nov. 1961, p. 256. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

uma fazenda, passando pela questão da distribuição de água e chegando à garantia de circulação em uma estrada precária ao lado de uma obra que mexeu com as estruturas do solo local. Saímos em um curto espaço de tempo de problemáticas de uso do solo rural para entender a expansão urbana, para um momento em que a urbanização e seus dilemas começam a se fazer sentir nesse “arrabalde” de São Paulo.

Também é digna de nota na apresentação da cartografia dos Barros, a presença dos rios Mombassa e Oratório. O rio²²³ Iguassú ou Oratório (Imagem 11) que no mapa aparece próximo à sede da Fazenda, marca atualmente a divisa entre São Paulo e Santo André, à altura dos bairros da Fazenda da Juta e do Jardim Santa Adélia. Tanto a sede da Fazenda como o – aqui - córrego são marcantes na pesquisa de Deocleciana Ferreira sobre as memórias da urbanização do bairro da Fazenda da Juta (que tem esse nome em referência a uma das fazendas que existiam dentro do Oratório, segundo a autora). A sede como local de reunião da *Associação de Moradores do Bairro*²²⁴ e de seus movimentos de moradia e o córrego como espaço de difícil mobilidade, com enchentes recorrentes e uma bacia hidrográfica degradada nos anos de 1980 e 1990.²²⁵ É, também o “ribeirão Oratório”, descrito como o limite Sul de São Mateus, na divisa com Mauá, em *Planejamento Regional* para São Mateus publicado pela Prefeitura em 1993.²²⁶

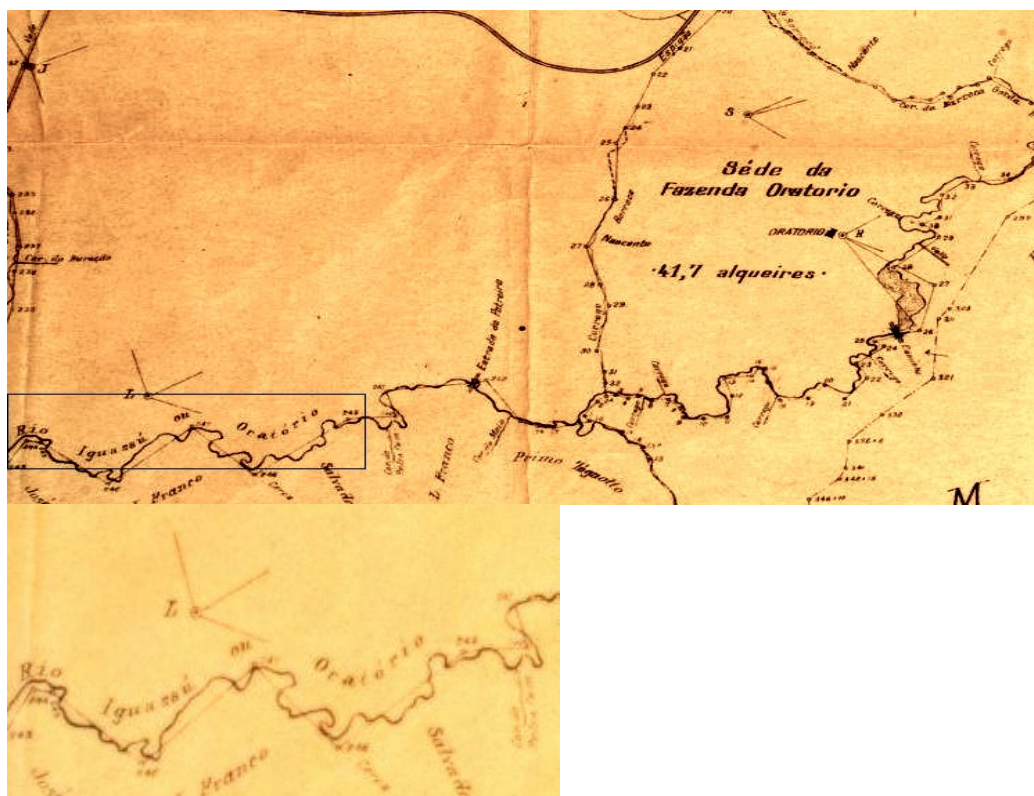
²²³ A terminologia rio é a que aparece na planta da Fazenda do Oratório, enquanto que nos estudos contemporâneos bem como na linguagem corrente o termo “córrego” é mais utilizado. O segundo termo em nossa visão também é associado ao estado de degradação e restrição dos cursos de água em meio a cidade urbanizada por conta da crescente demanda por moradia popular.

²²⁴ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018, p. 22.

²²⁵ Idem, p. 42-43.

²²⁶ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Base de Dados Para Planejamento: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993, p. 11. *In: Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus).*

Imagem 11: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d (Detalhe da Sede da Fazenda do Oratório e do Rio Iguassú ou Oratório).

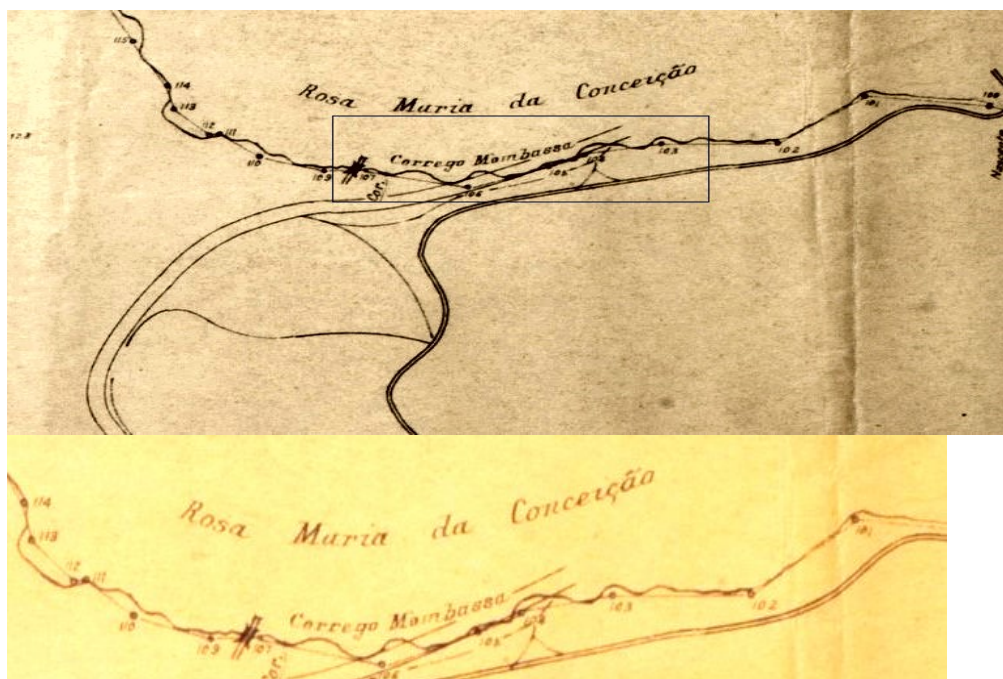


Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

O *Córrego Mombassa* (Imagem 12) indica também uma possível extensão territorial da fazenda. Valeria Almeida, em seu trabalho sobre o Jardim da Conquista, destaca a remoção de moradores do bairro, localizado às margens do córrego Mombaça, por conta das obras do Rodoanel realizadas ali em 2012.²²⁷ O rio, que passa pelos atuais distritos do Iguatemi e São Rafael, fazendo divisa com Cidade Tiradentes está localizado na periferia de São Mateus, passando próximo à Adutora do Rio Claro.

²²⁷ “Na região do Córrego Mombaça – Jardim da Conquista – várias famílias foram retiradas de suas residências para dar espaço à obra viária. Algumas foram ressarcidas dos gastos que tiveram na construção de suas casas ‘irregulares’ – ressarcimento, diga-se de passagem, insuficiente. Tanto que a maioria delas precisou voltar a pagar aluguel. Outras receberam a bolsa aluguel da prefeitura e ainda hoje aguardam o direito de dispor novamente de uma casa própria.”. Ver: ALMEIDA, Valéria Tenório. *Jardim da Conquista: Segregação Urbana e Mobilização Social*. In: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 177.

Imagem 12: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d. (Detalhe do Córrego Mombassa).



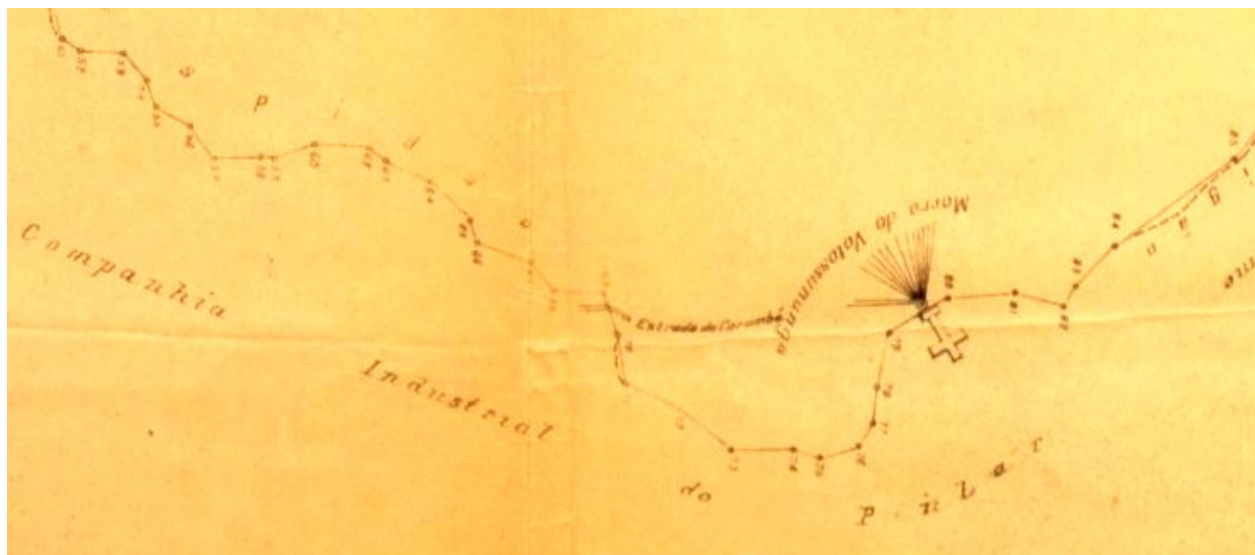
Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Outro elemento que chama atenção e merece uma pesquisa mais apurada é a presença da *Cia Industrial de Mauá ou Pilar* na planta (Imagem 13), que pode ser relacionada com o atual *Polo Petroquímico Mauá-Capuava*, que fica entre Mauá e Santo André. No mapa aparece próximo ao Morro Votossununga, bem como o polo atual. Segundo o *Planejamento Regional de São Mateus*, o complexo só teria entrado em funcionamento na década de 1970 sendo importante indutor do crescimento demográfico local.²²⁸ Isso, porém, pode ser questionado a partir da cartografia já que ela é datada de meados dos anos de 1940. Pode, portanto, ter havido um processo de industrialização local anterior ao que preconiza o planejamento, possivelmente influenciando a dinâmica populacional da localidade já nas décadas de 1940/50.²²⁹

²²⁸ “Foi apenas na década de 1970 que se acelerou o processo de ocupação urbana, incentivado pela melhoria das ligações com os bairros mais centrais da cidade, onde se concentravam as ofertas de empregos, e com a inauguração da refinaria de Capuava em Mauá, ao redor da qual se constituiu um polo petroquímico, gerador de fluxo de mão-de-obra.”. Ver: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Base de Dados Para Planejamento: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993, p. 11. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**

²²⁹ Segundo Langenbuch, no final da década de 1960 já estava em funcionamento polo industrial próximo à Estação de trem Capuava, entre Mauá e Santo André, mais um indício de que o polo já estava em funcionamento antes dos anos de 1970. Ver: LANGENBUCH, Jurgen. **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971, p. 182.

Imagem 13: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. (Detalhe da Cia Industrial de Mauá ou Pilar/visão invertida do mapa), s/d.



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

A presença desses pontos geográficos na Fazenda e suas representações podem ser utilizados para o entendimento da ocupação territorial local antes dos anos de 1950. Entretanto temos, também, importantes elementos de memória e de sua vida social registrados nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo* e em estudos como os de Deocleciana Ferreira e do livro *Novos Bairros, Jardim São Francisco* (que conta com importante documentação jornalística do *Diário do Grande ABC* sobre a dinâmica da Fazenda entre São Paulo e o ABC Paulista).

Destacamos da obra “Novos Bairros, Jardim São Francisco”, depoimento de Salvador Ângulo, morador do Jardim Ana Maria, em Santo André, ao *Diário do Grande ABC* em 2003, que traz importantes elementos da vida cotidiana da Fazenda da Juta ainda rural:

Em 1950 eu morava na Vila Lucinda e com minha carroça vinha até a Fazenda da Juta. Trilhava estradinhas de terra em busca de capim para meus animais. Também comprava frutas e legumes para revender. [...] A Fazenda da Juta era enorme. Parte pertencia ao herdeiro, sr. Rubem, e ia até o Morro Pelado, depois do atual Jardim Santo André, na zona leste. Ali ele tinha uma olaria e criava gado.²³⁰

Ângulo aqui caracteriza o espaço do atual Jardim Santo André como dotado da presença da produção agrícola, criação de gado e olarias nas proximidades do Parque São Rafael, Jardim São Francisco e Morro Pelado/Morro do Cruzeiro. Na planta dos Barros,

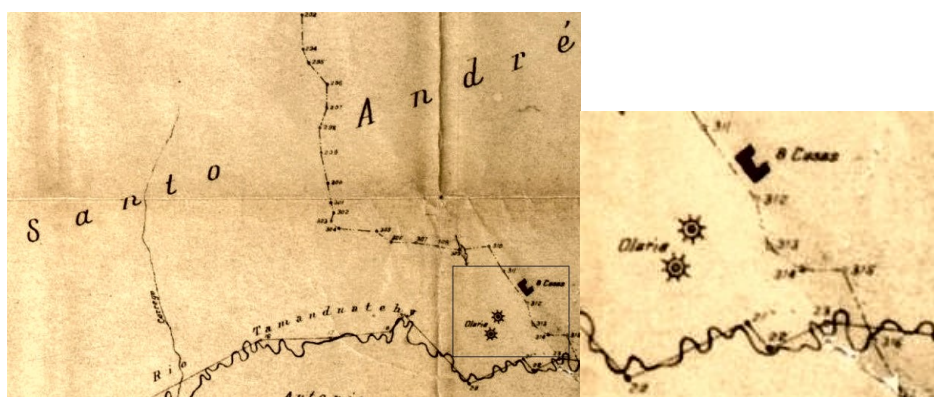
²³⁰ FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012, p. 18.

inclusive, podemos avistar algumas das olarias às margens do Rio Tamanduateí, já em Santo André (Imagem 14), embora não tenhamos registro delas próximas ao Morro Pelado. Comerciante de frutas e legumes, Salvador dependia da produção da Fazenda da Juta para fazer seus negócios. Também relata que:

Seguindo no sentido São Mateus havia uma pequena colônia, batizada de Cinco Casas. Ali moravam várias famílias. [...] Seus moradores não eram empregados da Fazenda da Juta. Faziam serviços braçais para os arrendatários e para quem mais os contratassem. [...] Em 1953 eu arrendei três alqueires de área que faziam divisa com o atual Jardim Santo Alberto [...] Nesta área plantamos milho e batata no primeiro ano. A colheita foi maravilhosa. Yassu Sakamoto, um japonês que morava nas terras da Família Cardoso Franco (Campo da Boiada) foi quem nos ensinou a preparar a terra. Nossos vizinhos eram japoneses: Takemi, Shygueton, Koyanague, Miamoto e Murakami, todos lavradores e alguns feirantes.²³¹

Ao descrever o caminho para São Mateus trata de uma colônia chamada “Cinco Casas”. Não sabemos de que espacialidade exatamente Ângulo fala dentro da fazenda, mas é interessante notar, também, a existência na planta dos Barros de um ponto denominado “Oito Casas” às margens do Tamanduateí (Imagem 14), o que deve ser indicativo de uma nomenclatura comum a colônias rurais do território no período. Esse conjunto também aparece próximo a olarias, presença marcante local, como mencionado por Ângulo. Pedro Caranicolov, também cita a existência de colônia com nomenclatura semelhante e seus resquícios ainda nos anos de 1950, às margens do Córrego Caguaçú, no Jardim Santo André.²³²

Imagem 14: Planta da Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros, s/d (Detalhe das Oito Casas).



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

²³¹ Idem, p. 18.

²³² Essa fala ocorreu durante palestra de Pedro na *Jornada do Patrimônio Subindo o Morro do Cruzeiro: um Outro Olhar de São Mateus*, promovida pelo coletivo *Centro de Pesquisa e Documentação História Guaianás* (CPDOC Guaianás) com apoio do *Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo* (DPH) em agosto de 2019.

Do ponto de vista da produção agrícola, Ângulo passa de comerciante a lavrador arrendatário, aderindo à produção de batatas e milho com orientações dos japoneses moradores dali como Yassu Sakamoto. Além da plantação de batata e milho, citada por Ângulo na Fazenda da Juta havia, segundo os *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, a plantação de trigo “alday” na altura de Santo André:

Além dessas características apontadas pelo agrônomo Ubirajara Pereira Barreto, de saudosa memória, temos outras observações valiosas, feitas na Fazenda Oratório do Município de Santo André, durante 4 anos, na seleção das sementes e aplicação, pelo Sr. Yoshimori Haga.²³³

A discussão em pauta era a aprovação de uma lei municipal para subsidiar a produção de trigo “alday”, uma espécie experimental do cereal, também realizada pela colônia japonesa no Oratório em período contemporâneo à produção com a qual interagia Salvador Ângulo. A produção de juta ao longo dos anos de 1920 e de batatas a partir de 1930, também é apontada em *Novos Bairros, Jardim São Francisco*, indicando fases distintas de produção e ocupação rural dos territórios do Oratório. Segundo livro da Secretária Municipal de Habitação (SEHAB):

o cultivo da juta era delicado para o clima tropical, e as dificuldades fizeram com que a produção fosse abandonada por volta de 1938. Os proprietários retomaram as atividades agrícolas tradicionais e a fazenda se tornou a maior produtora de batatas do Brasil.²³⁴

Antes grande produtora de fibra de juta e, depois, de batatas não sabemos, porém, se a fazenda foi, de fato, a maior produtora do legume no Brasil, mas segundo Deocleciana Ferreira, essa produção perdurou em parte do território da *Fazenda da Juta* até o final dos anos de 1940 (sendo os japoneses seus principais produtores) quando suas terras passaram por processo de loteamento²³⁵ que apontava para a urbanização do território:

Nesse período, haviam muitas famílias de japoneses que eram feirantes, moravam e cultivavam frutas, verduras e legumes. Eles trabalhavam nas propriedades da família Cardoso Franco, cujas terras eram conhecidas como

²³³ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **18ª Sessão Ordinária**. 19 Mar. 1948, p. 47. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 27 set. 2021.

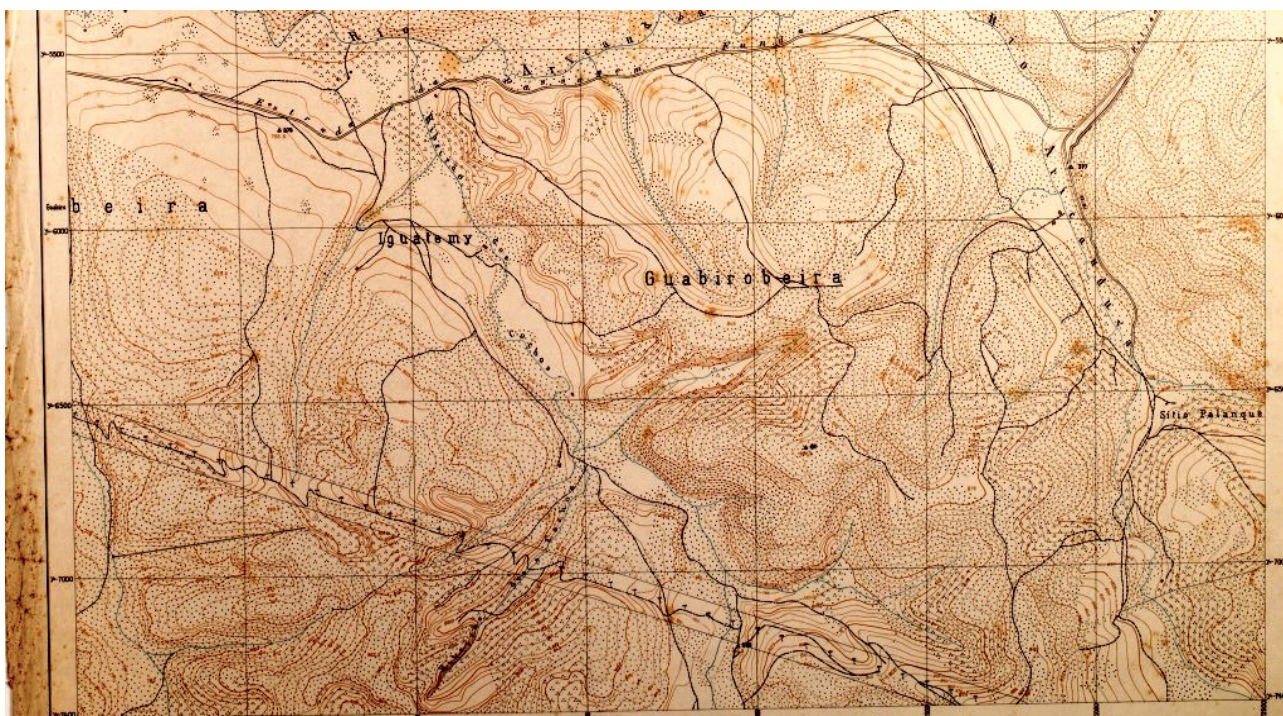
²³⁴ FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012, p. 17.

²³⁵ Segundo as narrativas de memória locais, parte da Fazenda da Juta foi vendida para a família Bei, para constituição de loteamentos em São Mateus, versão que também está presente no estudo da *Secretaria da Habitação* sobre o Jardim São Francisco. Essas memórias, como veremos adiante, dão mais importância às ações dos proprietários dos lotes do que às vivências dos moradores. Ver: HISTÓRICO SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438 Acesso em: 01 dez. 2020 e FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012, p. 20.

‘campo da boiada’. Ao longo dos anos, as lavouras que cultivavam cederam lugar aos loteamentos urbanos. Mesmo assim, alguns permaneceram como arrendatários para continuar cultivando suas hortas em uma parte da Fazenda da Juta. A pesquisa documental realizada, revela o período do cultivo e produção de batatas desenvolvido pelos japoneses. Está mencionado nos livros de registro do 9º Cartório de Imóveis de São Paulo, com certificação inscrita sob o nº 5.124, de 23 de março de 1950, que os japoneses arrendaram as terras da Fazenda da Juta, mas não conseguiram pagar as mensalidades, e tiveram penhorados seus produtos e maquinários agrícolas.²³⁶

Mapas do território produzidos nas décadas de 1930 e 1940 trazem mais peças que compõem o panorama da ocupação urbana no espaço onde estão São Mateus e Sapopemba hoje. Um deles é o levantamento aerofotogramétrico do *Sistema Sara*, que foi levado a cabo no final dos anos de 1920, durante a gestão do prefeito Pires do Rio. Em uma de suas folhas (Imagem 15) temos os territórios das Fazendas *Guabirobeira* e *Iguatemy*. Esses espaços hoje fazem parte do distrito do Iguatemi.

Imagem 15: Mappa Tophográfica do Município de São Paulo. Folha 71. (*Sistema Sara*) 1930.



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

²³⁶ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

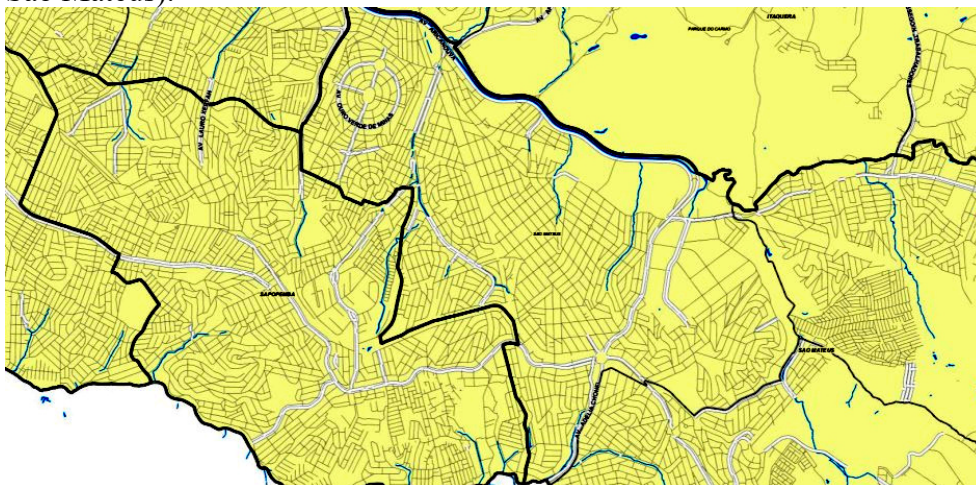
Essas fazendas aparecem nos mapas com poucos sinais de povoamento ou ocupação do espaço por obras públicas. O território apresenta sensíveis mudanças, porém, quando direcionamos o mapa para um espaço próximo à Fazenda da Juta. Aqui, além dela temos, se compararmos o mapa atual no *Mapa Digital da Cidade de São Paulo (Geosampa)* e o mapeamento da “Sara”, um território com arruamentos semelhantes ao da configuração atual dos bairros Cidade São Mateus, Jardim Tietê, IV Centenário, Jd Imperador e Nove de Julho, que correspondem à atual centralidade de São Mateus, como podemos ver nas imagens 16 e 17 ao comparar essa cartografia com o mapa administrativo local extraído do Geosampa:

Imagem 16: Mappa Tophográfica do Município de São Paulo. Folha 71. Sistema *Sara*, 1930 (Detalhe Arruamentos no Atual Largo de São Mateus).



Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Imagem 17: Camada Político Administrativa de São Mateus e Sapopemba (Detalhe Largo de São Mateus).



Fonte: Plataforma *Geosampa*. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 28 nov. 2020.

A densidade de arruamentos no levantamento aerofotogramétrico é bem maior do que a verificada na área da *Gabirobeira* e do *Iguatemy*, principalmente onde os atuais territórios de Sapopemba e São Mateus se encontram. Podemos vislumbrar, ao Sul, a passagem da Estrada do Rio Claro sobre a superfície desenhada. Não é possível afirmar que este território pertencia à Fazenda da Juta ou a um loteamento. Fato é que as principais narrativas de memória local e levantamento documental feito por nós (que serão melhor detalhadas no próximo tópico deste capítulo) localizam o processo de urbanização desse território a partir do final dos anos de 1940, o que não impede que o traçado de algumas de suas ruas e lotes tenha sido delineado já na década de 1930. Como representação, a fotografia aérea é mais próxima da “realidade objetiva” que a planta dos Barros, por exemplo. Segundo Kuvásney o levantamento foi realizado no final dos anos de 1930, por conta da necessidade de implementar o *Plano de Avenidas* de Prestes Maia e Ulhoa Cintra sendo “necessária uma planta cadastral para seu andamento e somente pela via da aerofotogrametria isso seria feito de forma rápida.”²³⁷ O traçado das ruas existente já na década de 1930 (mesmo em um território sob domínio das fazendas), pode indicar que os arredores da Fazenda do Oratório seguiam a tendência geral de espraiamento de São Paulo, embora sem ocupação urbana, nos raios do mapa que estão fora do domínio da cidade edificada e nos eixos radiais de seus subúrbios, conforme coloca Eliane Kuvásney:

O círculo de meia légua – a área urbana – densamente ocupada com construções e, na extensão dessa área urbana, também adensados a leste, o

²³⁷ KUVASNEY, Eliane. **A Representação da Cidade de São Paulo nos Albores do Século XX: Os Mapas Como Operadores na Construção da Cidade Espraiada.** (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH-USP. 2017, p. 440.

Belenzinho e o Brás; ao sul a Vila Mariana e o norte do Ipiranga e, a oeste, Higienópolis e Perdizes. Além desses adensamentos, vemos os arrabaldes também adensados: a Lapa, a oeste; a Penha, a leste e, com menor densidade, Santana, ao norte. A área suburbana entre o círculo de meia légua e o círculo de 6km apresenta-se praticamente toda arruada, mas com ocupação difusa, exceto próximo às vias de ligação com os arrabaldes.²³⁸

No ano de 1943, temos uma representação da *Tramway Light & Power* que mostra um cenário de ocupação local sem grandes sobressaltos urbanísticos. A versão aqui utilizada foi retirada do *site do Histórico Demográfico de São Paulo*.²³⁹ Provavelmente foi produzida dentro dos interesses de manutenção e expansão das redes de transmissão de energia e transportes da empresa. A *Planta da Cidade de São Paulo e dos Municípios Circumvizinhos* (Imagem 18) apresenta, além da própria cidade de São Paulo, uma série de manchas urbanas ao seu redor como Guarulhos e Santo André, com desenho urbano incipiente. A porção Leste, objeto de nosso estudo, apresenta uma série de fazendas como *Carmo, Caguassú, Juta, sítios Palanque e Iguatemy*, também presentes na aerofotogrametria do sistema *Sara*. É digna de nota a recorrência da Fazenda do Carmo e da Fazenda Caaguaçu, que, junto com a Fazenda Oratório compõem o corredor entre as quais a indicação dos arruamentos da década de 1930 similares à Cidade São Mateus estão localizados, no eixo da antiga Estrada do Oratório²⁴⁰. Neste mapa, a presença dos arruamentos não se faz presente, o que nos leva a pensar que para a *Light*, tanto seu desenho como sua possível ocupação ainda não tinham grande importância.

Em termos de estruturas viárias, partindo da Vila Carrão, temos a Avenida Rio das Pedras que sofre um corte abrupto na região da Vila Henrique Botão, não chegando a se comunicar com as fazendas supracitadas. Na região da Juta é marcante a presença da Adutora Rio Claro e da Estrada do Rio Claro que a margeia, além da Estrada da Passagem Funda, que se interliga ao Lajeado, outro importante aglomerado suburbano da época, que se formou no

²³⁸ Idem, p. 440-441.

²³⁹ PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO E DOS MUNICÍPIOS CIRCUMVIZINHOS. Disponível em: <http://s>

mul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg. Acesso em: 01 dez. 2020.

²⁴⁰ Segundo Fernando Deli a fazenda Caguaçu foi propriedade dos Carmelitas desde o século XVIII, na década de 1920 foi vendida à Cia Agropastoril de São Paulo e, depois, no início dos anos de 1950 a Oscar Americano, tornando-se a Fazenda do Carmo. E, após isso, a partir dos anos de 1970, fragmentada em diferentes glebas adquiridas pela Prefeitura para a constituição do Parque do Carmo, *Serviço Social do Comércio* (SESC) e de reservas de terras para moradia popular pela *Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo* (COHAB). Curiosamente ambas aparecem no mapa da *Light* concomitantemente, porém tanto na planta do sistema *Sara* como nas posteriores aparece somente a menção à Fazenda do Carmo. Como veremos nos próximos capítulos, o Parque do Carmo, que faz divisa com os Jardins 09 de Julho e Colonial em São Mateus, e uma das principais áreas de lazer dos moradores do território. Ver: dissertação de Fernando Deli, que traz amplo panorama do histórico da Fazenda e seus usos do século XVIII até o período em que se torna área de preservação ambiental nos anos de 1980. In: DELI, Fernando. **Da Fazenda Caguaçu à Área de Preservação Ambiental: A APA do Carmo no Cerne da Zona Leste Paulistana**. São Paulo: FFLCH-USP, 2010, p. 21-22.

entorno da linha férrea, interligado à Vila Santa Etelvina. A malha urbana propriamente dita está presente nos arredores da Penha e Itaquera, sendo que as regiões mais próximas da Fazenda da Juta, dos sítios Iguatemy e Guabirobeira são Lajeado e Vila Carmosina ao Norte, Penha, vilas satélites e Santo André ao Sul conforme indica a Imagem 18.

Imagem 18: Detalhe das Fazendas do Sudeste da Parte Leste de São Paulo. Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos. *São Paulo Tramway Light & Power*, 1943.



Fonte: Histórico Demográfico da Cidade de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg. Acesso em: 28 nov. 2020.

A informação mais importante desse mapa para nós, porém, é a presença de uma estrada, sem nome, que parte da Estrada do Caaguçu e segue até uma encruzilhada ao Sul, onde estão a Estrada do Rio Claro e a Estrada da Passagem Funda. Ela segue o mesmo traçado da atual Avenida Mateo Bei, centralidade de São Mateus. Há, também, uma linha de transmissão (que não sabemos se apenas projeto ou já instalada) que margeia o Córrego Aricanduva até cruzar, mais ao Leste, com a Estrada da Passagem Funda. Embora sem o traçado dos arruamentos como no mapeamento do sistema *Sara*, temos aqui a representação de estradas que foram apropriadas nas décadas seguintes para a articulação entre os atuais distritos de Itaquera, São Mateus e Sapopemba.

Todos os elementos levantados nas plantas e mapas até aqui trazem fortes indícios de que, por um lado, a ocupação rural das Fazendas da Juta e Oratório, com seus processos produtivos e interação com as obras da Adutora/Estrada do Rio Claro e, por outro, os processos ligados a arruamentos e estradas que estavam entre as fazendas e povoados existentes, forneceram as bases para o processo de urbanização intensificado nos anos de 1950. Mesmo que em alguns casos fossem representações de caminhos ainda não estabelecidos, demonstram o interesse em ocupar o espaço de forma diversa a já estabelecida.

Infelizmente tivemos pouco acesso à documentação cartorial que pudesse nos esclarecer melhor as diferentes fases dos loteamentos locais, o que poderá ser feito em pesquisas posteriores. Porém, o que foi levantado já diversifica o nosso olhar sobre as narrativas já existentes sobre o processo de ocupação desse extremo da zona Leste, trazendo elementos mais concretos sobre como a agência das pessoas que viviam ali e do poder público já delineavam possibilidades de ocupação do espaço para além do rural, com infraestruturas de circulação e distribuição de água em um processo de delimitação dos espaços que influencia os referenciais espaciais destes territórios até hoje. Neste quesito, podemos perceber que determinadas bases do território, como a Adutora do Rio Claro, a Avenida Sapopemba (antiga Estrada do Rio Claro), Morro do Cruzeiro, traçado do loteamento *Cidade São Mateus* e nomes de bairros (remetendo a antigas fazendas) constituem-se permanências históricas da morfologia urbana e das memórias da subprefeitura em suas bases ainda rurais. Característica para a qual nos alerta Bernard Lepetit, embora aqui pensado nas cidades europeias de origem medieval:

A rede viária é mais duradoura que o loteamento. Os lotes, cuja duração depende da forma e da dimensão (em geral, os maiores e os menores são os que se conservam melhor), resistem mais tempo do que os imóveis neles construídos. Os vazios resistem mais que os cheios, e as estruturas menos materiais duram mais que o construído: reconhecem-se na planta os vestígios dos antigos vilarejos fagocitados pelo crescimento urbano. [...] Na escala das grandes intervenções do urbanismo, mas também na das mil pequenas mutações renovadas que modificaram o tecido urbano, os tempos da cidade são fortemente demarcados.²⁴¹

No tópico a seguir, iremos ampliar o entendimento desse processo de permanências e mudanças no espaço urbano de São Mateus a partir das memórias, cartografias e registros de

²⁴¹ LEPETIT, Bernard. É Possível Uma Hermenêutica Urbana? In: LEPETIT, Bernard. **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo (EDUSP), 2001, p. 139.

debates na Câmara Municipal sobre a constituição do loteamento Cidade São Mateus e bairros limítrofes, delimitando alguns dos processos históricos de formação das periferias de São Paulo.

2.3 A Cidade São Mateus e a passagem do Cotidiano Suburbano Para Os Problemas de Uma Periferia

A ocupação territorial da hoje subprefeitura de São Mateus passa por distintas fases a partir do final dos anos de 1940 com loteamentos e ocupações de moradia em meio a uma territorialidade marcada pela zona rural e por remanescentes de Mata Atlântica que margeiam os cursos d'água da bacia do Aricanduva. Na década de 1970 o território atinge seu primeiro *boom* de crescimento populacional, conforme dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) que mostram um crescimento que vai de 29.586 nos anos de 1950 a 134.416 habitantes neste período.²⁴²

As dificuldades de sobrevivência dos moradores em meio a esse contexto são abordadas por Aldo Leite que chega a São Paulo em 1971 e, a partir da sua experiência de circulação nos bairros do Iguatemi como vendedor ambulante e visitador sanitário, rememora alguns traços da difícil interação da população com o espaço no entorno do Parque Boa Esperança, localizado no distrito do Iguatemi:

As pessoas vem morar aqui, mas quando elas chegavam vem na vinham do interior, diferente de hoje...Aquele era um período onde se dava a migração de quem vinha do interior do Brasil, dos mais diversos Estados para cá. E quando chegavam aqui compravam um terreno e faziam uma construção de qualquer jeito para 'se socar' lá dentro. Não tinha serviço de esgoto, não tinha água encanada, e a gente via as mães correndo igual a umas doidas com criança, com febre e outras coisas saindo daqui para levar as crianças no médico no Tatuapé e tinha um único ônibus que passava de hora em hora, mas demorava. E tinha o outro ônibus que passava naquela estrada ali, aquela época era chamada de estrada do Iguatemi, que ia para a Vila Ema... [...]. Aí eu me lembro que eu trabalhava na rua e eu via o povo daquela região [Iguatemi], especialmente as mães que vinham de fora... Chegavam aqui e aí tinham aquelas fossas com água contaminada e o diabo a quatro e a rua cheia de...você saia de casa e era um barro desgraçado. [...] Você 'sentava o pé', a bota que você usasse ou o chinelo quase ficavam atolados lá.²⁴³

²⁴² Ver: HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DA CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php. Acesso em: 12 dez. 2020.

²⁴³ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em: 13 mai. 2017.

A população local, predominantemente imigrante, enfrentava dificuldades desde a mais simples locomoção a pé, por conta da falta de asfalto, até a ligação com outros pontos da cidade, devido ao baixo atendimento por linhas de ônibus. A antiga Estrada da Passagem Funda – na época Estrada do Iguatemi no trecho em que passava pelo território do Iguatemi – é o local privilegiado de ligação com outros pontos da cidade e onde se concentrava o transporte coletivo. A quase ausência de rede de distribuição de água e saneamento básico levava ao uso ostensivo de poços e fossas, no contexto da moradia em casas autoconstruídas que Aldo descreve como “construídas de qualquer jeito” por conta do caráter emergencial com que eram erguidas. Sobre a vida em São Mateus também nos anos de 1970, Prudenciana Apariz - em entrevista concedida ao projeto *Face Leste* - trata da centralidade do território, orientada pelo loteamento “Cidade São Mateus” com diagnóstico não muito diverso da fala de Aldo:

Quando eu cheguei aqui só tinha a Mateo Bei asfaltada e tinha acabado de asfaltar. A luz era rabicho que puxava de uma casa para a outra. Para mim era bom porque me lembrava do tempo que morava no sítio. Mas hoje em dia a gente vê que não é legal, destaca. A rua que a gente morava só tinha barro. Um dia uma vizinha foi casar e tiveram que levar ela no colo até a Mateo Bei para tomar o carro e ir para a Igreja, porque não entrava carro quando chovia. Era lama só.²⁴⁴

Aqui Prudenciana traz o panorama da convivência entre o urbano e o rural no mesmo território, onde a falta de luz lembra o interior, mas também é uma carência no novo modo de vida urbano no qual passava a viver. Destaca a contradição de o asfaltamento ter chegado apenas à via principal do bairro de Cidade São Mateus, a Avenida Mateo Bei, centro comercial local, embora já houvesse ocupação urbana suficiente que justificasse a estrutura no interior dos bairros, sendo obrigatória a passagem pela via principal para chegar a outros espaços. Esse estado de coisas corrobora a observação sobre o padrão de chegada das “melhorias urbanas” aos bairros periféricos, feita por Caldeira ao estudar a urbanização do Jardim das Camélias (distrito de São Miguel Paulista) a partir dos anos de 1930, no qual o asfalto chega primeiro às vias principais do bairro, enquanto as ruas internas e predominantemente residenciais, continuam sem o pavimento. Aqui, Caldeira observa a situação do local no início dos anos de 1980:

Na avenida encontram-se as melhores casas e a maior parte das mais antigas. Ela é a rua mais antiga dos Jardim das Camélias. [...] Quando se sai da

²⁴⁴ LOPES, Rodrigo Herrero (Org). **Face Leste: Revisitando a Cidade**, São Paulo: Mitra Diocesana de São Miguel Paulista, 2011, p. 134.

Avenida e se desce para qualquer um dos dois lados, a impressão que se tem é de que tudo ainda está por fazer ou construir. O asfalto faz limite com ruas de terra totalmente esburacadas pelas águas pluviais e pelo esgoto a céu aberto.²⁴⁵

Na narrativa de Maria Elza, que compara presente e passado, temos o espaço da Vila Flávia, bairro que compõe a centralidade de São Mateus, no início dos anos de 1980, quando a Avenida Mateo Bei (ou trechos dela) seria ainda apedregulhada e não asfaltada, sendo suas ruas paralelas e transversais predominantemente de barro:

O bairro cresceu, agora é asfalto. Na época não era asfalto era cascalho né, era barro mesmo. Não tinha asfalto nas regiões. A Mateo Bei era a única que tinha...não era bem um asfalto. Era um cascalho que era jogado, mas asfalto mesmo veio bem depois. Eu nem lembro, não vou saber dizer o período, mas foi bem depois de 83. Acho que lá pelos anos 90. A minha rua foi bem depois.²⁴⁶

Para o geógrafo Jurgen Langenbuch, em seu estudo sobre a estruturação da metrópole de São Paulo - por meio da urbanização dos subúrbios-estação e subúrbios rodoviários - a Avenida Mateo Bei já se constituía como espaço urbano, de aspecto muito semelhante à rua principal do Jardim das Camélias, e consolidado no território entre fins dos anos de 1960 e início da década de 1970, quando produziu seu estudo:

a estrada de acesso tende a provocar a atração das atividades terciárias e das melhores construções às suas margens. O aspecto é nítido em todas as áreas suburbanas geradas pela circulação rodoviária. Veja-se a título de exemplo a Avenida Mateo Bei, que constitui o eixo da Cidade São Mateus, e pela qual circula a linha de ônibus mais antiga. Notam-se aí algumas edificações assobradadas e perfilam-se as principais casas do subúrbio.²⁴⁷

Aqui o geógrafo descreve a constituição de uma atividade comercial e de serviços e a concentração de edificações melhor estruturadas às margens da Avenida Mateo Bei, além de ser ela lugar de circulação da linha de ônibus mais antiga do território (para o geógrafo, a partir dos anos de 1940 as vias rodoviárias induzem o crescimento urbano da cidade assim como as ferrovias o faziam desde fins do século XIX). Hipoteticamente tributária do Antigo

²⁴⁵ CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 65-66.

²⁴⁶ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em: 04 mai. 2018.

²⁴⁷ LANGENBUCH, Jurgen. **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971, p. 203.

Caminho do Oratório, a via cumpriu e cumpre até hoje - assim como a Estrada do Iguatemi para o Iguatemi - o papel de interligação do loteamento com os outros espaços da cidade. Isso ocorreria desde a década de 1950, como aponta Odom Lima em memórias elaboradas em entrevista ao periódico *Cidade São Mateus*. Nelas o advogado e contador narra suas vicissitudes e dos moradores na estrada contínua entre a Avenida Mateo Bei e Avenida Rio das Pedras²⁴⁸, que ligava Cidade São Mateus à Vila Carrão e ao Tatuapé:

Ficamos muito tempo sem asfalto e quando chovia enfrentávamos muitos problemas. Lembro-me que muitas vezes os mais velhos e nós, as crianças, íamos com a enxada nas costas até onde estão o Rio Aricanduva e o Rio das Pedras, para cavar e permitir que os veículos passassem. Inúmeras vezes era necessária a baldeação. Pegávamos um ônibus até o Rio das Pedras, descíamos e atravessávamos o rio, pegávamos outro até o Jardim Aricanduva. Daí tomávamos outra condução para ir até a Rua Vilela. Da Rua Vilela tomávamos um bonde até o centro da cidade.²⁴⁹

Aqui Odom descreve as dificuldades com o asfaltamento e locomoção que foram duas das principais barreiras para que os moradores de São Mateus - e das periferias em formação - acessassem outros espaços do município. Há que se ressaltar, porém, que o processo em que as pessoas chegam antes da cidade e precisam construí-la mantém padrões muito semelhantes ao longo de duas décadas como a falta de uma linha de ligação direta com o centro da cidade, além da ausência de pavimentação adequada. Podemos verificar isso na fala de Tia Cida, que precisava ultrapassar a via composta pelas Avenidas Rio das Pedras e Mateo Bei utilizando-se de diversas baldeações para chegar até um dos bairros dos Jardins, onde trabalhava como doméstica:

Para ir trabalhar a condução aqui era muito difícil. Eu me lembro que quando eu trabalhava no Jardim Paulista eu tinha que tomar quatro conduções pra chegar lá. Tomava um ônibus até o Carrão, do Carrão até a Guilherme (inaudível)... do Carrão até a São Jorge, a Celso Garcia, da São Jorge tomava o bonde, o bonde deixava a gente na Praça da Sé... Gente eu andei de bonde fechado, andei de bonde aberto, depois tiveram os camarões que eram os bonde fechados... aí descia na Sé, atravessava da Praça da Sé até

²⁴⁸ A Avenida Rio das Pedras passa a assumir importante papel no final dos anos de 1940 para o povoamento e circulação entre os territórios de Vila Carrão e São Mateus. Segundo o *Dicionário de Ruas do Município* a via “passou a denominar-se Avenida Rio das Pedras em 1947 com registro no Processo nº 103.024/47, a pedido da Tecelagem Santa Terezinha S/A; naquela época, esta Av. começava na Estrada de Itaquera e terminava na Linha de Transmissão da Light. Através do Processo 123.161/48, a Cia. Imobiliária Aricanduva solicitou o registro do trecho entre a Estrada de Itaquera e a Praça Dois Corações. O nome Rio das Pedras, refere-se ao antigo Ribeirão das Pedras ou Rio das Pedras, que deságua no Rio Aricanduva. Este ribeirão, hoje canalizado, deu origem à Av. Riacho dos Machados.” Ver: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 19 set. 2019.

²⁴⁹ CIDADE SÃO MATEUS. Passo a Passo na Terra dos Beis: Entrevista com Odom Vieira Lima. 10.1986. In: **Acervo do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1986.

a Praça Ramos, para pegar o ônibus que descesse a Rebouças para ir rumo ao serviço. O ponto do ônibus era aqui e a Lorena era aqui. Atravessava a Rebouças a pé até a Lorena. Que sacrifício para você ir trabalhar...Eram quatro conduções para você ir. Então não dava para você vir para casa todo dia, você tinha que dormir no emprego.²⁵⁰

Esse caminho, reafirmado como importante via de ligação para o centro da cidade pelos residentes, porém é tido como secundário por Langenbuch e Fernando Deli. Ao tratar do desenvolvimento de subúrbios no entroncamento entre duas vias de circulação - Avenida Mateo Bei x Avenida Sapopemba – antiga Estrada do Rio Claro – Langenbuch coloca em segundo plano a Avenida Rio das Pedras como ponto de ligação com o centro da cidade:

Em Cidade São Mateus verifica-se semelhante concentração, se bem que mais modesta, no entroncamento da aludida Avenida Mateo Bei com a Avenida Sapopemba. A primeira que se prolonga com outro nome [Rio das Pedras], estabelece a ligação ao norte com Vila Carrão e Itaquera (esta aparentemente sem importância) e ao sul com Santo André. A segunda constitui a mais direta via de acesso à cidade.²⁵¹

Aqui Langenbuch fala da Avenida Rio das Pedras sem citá-la nominalmente, ao mesmo tempo em que traça um caminho - provavelmente da Estrada do Oratório - enquanto rota que liga São Mateus a Santo André. Porém, no final dos anos de 1970, para o geógrafo, o território tem uma única ligação mais efetiva com São Paulo, já que o autor trata a Avenida Sapopemba como principal estrada do bairro no acesso à “cidade”. O geógrafo é seguido por Deli nessa interpretação, que vê duas frentes de urbanização no vale do Aricanduva: uma que se interliga em fins da década de 1940 ao centro da cidade a partir da Avenida Sapopemba e que tem como eixo principal o loteamento da Cidade São Mateus e outra, interligada à Vila Carrão e Aricanduva que utilizaria o corredor das Avenidas Rio das Pedras e Dezenove de Janeiro para se interligar ao centro da cidade. Porém esta segunda frente só se consolidaria a partir dos anos de 1970, com o adensamento de Cidade São Mateus e Vila Carrão e a melhor estruturação da Avenida Rio das Pedras.²⁵²

Porém, tanto a documentação das *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, como as cartografias do loteamento Cidade São Mateus e dos arredores indicam, junto às fontes orais e textos de *O Estado de São Paulo* e *Diário Popular*, que a relação entre São Mateus e o eixo da Avenida Rio das Pedras possuía grande importância para seus moradores antes desta

²⁵⁰ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

²⁵¹ LANGENBUCH, Jurgen. **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971, p. 204.

²⁵² DELI, Fernando. **Da Fazenda Caguaçu à Área de Proteção Ambiental: A APA do Carmo no Cerne da Zona Leste Paulistana** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH-USP, 2010, p. 110-111.

década. Os *Anais da Câmara Municipal de São Paulo* e jornais *O Estado de São Paulo* e *Diário Popular*, apontam para uma ocupação populacional e urbana significativa de Cidade São Mateus durante a década de 1950, com a existência de outros bairros interligados à centralidade e articulações da população junto ao poder público por transporte e asfaltamento. A seguir temos o excerto da fala do vereador Tarcílio Bernardo²⁵³ que é bastante explícita no sentido da importância do eixo entre as avenidas Mateo Bei e Rio das Pedras para os moradores:

Indicamos ao executivo a necessidade de ser apedregulhada e nivelada a Estrada do Rio das Pedras em toda a sua extensão. [...] Trata-se de uma estrada que liga as vilas Carrão, Nova Manchester, Aricanduva, etc à Cidade São Mateus que se encontra em franco desenvolvimento. Se não for tomada tal providência, os ônibus que servem à Cidade São Mateus não poderão trafegar em dia de chuva.²⁵⁴

Aqui Bernardo exalta São Mateus como localidade em “franco desenvolvimento” e requisita a pavimentação com pedras, que parece ser padrão para as “estradas” (não se pensava ainda em avenidas asfaltadas para esta localidade) de então. A dificuldade de circulação nos dias de chuva, apontada por Odom, aparece aqui novamente, mostrando que era uma necessidade cotidiana da população superá-la. Corytho Baldoíno²⁵⁵ em uma das falas que faz sobre as dificuldades de transporte no território, ressalta a dificuldade com as baldeações:

Indico ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal a necessidade de urgentes providências, no sentido de exigir o cumprimento dos termos contratuais, com a companhia de auto-ônibus Vila Carrão-São Mateus, cuja linha que ia de São Mateus até a Praça Dr Paulo Ribeiro da Luz, atualmente interrompe seu itinerário na Parada Rio das Pedras, determinando custosa despesa de transporte aos moradores que se servem daquela linha. O desdobramento daquela linha, em duas secções, vem trazer **o dobro** no custo do transporte, o que, certamente, não pode continuar pois da Parada Rio das Pedras até a Praça Dr. Paulo Ribeiro da Luz, não existem mais de dois quilômetros de extensão.²⁵⁶

O primeiro ponto que merece destaque aqui é a reafirmação da circulação de uma linha de ônibus entre as Avenidas Rio das Pedras e Mateo Bei – feita pela empresa *Vila Carrão* – que não cumpria as regras contratuais e terminava seu itinerário antes do local

²⁵³ Tarcílio Bernardo foi vereador da 2ª à 4ª legislatura em São Paulo, entre 1952 e 1963, fazendo parte do Partido Trabalhista Nacional (PTN). Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

²⁵⁴ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **199ª Sessão Ordinária**. 14 Set. 1953, p. 25. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

²⁵⁵ Corinto Baldoíno Costa Junior foi eleito vereador para as 3ª e 4ª legislaturas entre 1956 e 1963. Partido não especificado. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

²⁵⁶ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **34ª Sessão Ordinária**. 23 Abr. 1956, p. 277. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

predeterminado, o que já aumentava as muitas baldeações como as já descritas por Tia Cida. A carência por transporte público em São Mateus também foi noticiada no jornal *O Estado de São Paulo*, conforme segue:

TRANSPORTES PARA O BAIRRO DE SÃO MATEUS: cerca de 300 moradores do bairro Cidade São Mateus, nas proximidades de Vila Carrão, estiveram ontem à tarde na Prefeitura, a fim de solicitar providências para se estender do centro da cidade para aquele local, uma linha de ônibus. Aproveitaram ainda o ensejo para reclamar medidas para reparação da estrada que serve aquele arrabalde. Os interessados foram recebidos pelo chefe de gabinete, sendo por ele informado que o prefeito iria tomar as providências por eles reclamadas, a fim de resolver a questão. Esclareceu, também, que já fora encaminhado à Secretaria de Obras, uma solicitação para atender ao conserto da estrada, devendo ainda, a partir de hoje, ser postos caminhões da municipalidade à disposição dos moradores daquela zona, para satisfazer, a título precário, dos moradores.²⁵⁷

O texto do jornal traz um importante elemento sobre o território, que é a caracterização de São Mateus como bairro próximo à Vila Carrão e não à Fazenda da Juta ou Sapopemba. O que mostra a visibilidade do referencial de ligação entre a Avenida Rio das Pedras e o loteamento para outros atores da cidade. A avenida que necessita de reparos não é nomeada, mas pela recorrência dos problemas na estrada e na linha de ônibus, tudo indica ser ela a via Mateo Bei - Rio das Pedras. Chama atenção também, mais uma vez, a pauta de uma linha de ônibus com ligação direta para a cidade. O número de moradores que o jornal conta na manifestação, 300, também é digno de nota, pois dá importante indicio do adensamento do bairro. Tanto a organização dos moradores como os problemas enfrentados com o asfaltamento e o transporte também aparecem em importante documento das memórias das lutas sociais do bairro publicado pelo *Diário Popular* em 1985:

Por um período de cinco meses a população ficou sem transporte, tendo que andar os 12 quilômetros até o Largo do Carrão. A outra empresa que passou a servir o bairro também estava deficiente e Nildo não teve dúvida: reuniu mulheres, crianças e todos os interessados e foi reclamar na empresa. Foi uma situação delicada, pois o dono da empresa me levou até a curva do Cascavel, Avenida Rio das Pedras, e mostrou os nove coletivos que se encontravam atolados. E novamente organiza-se outro movimento em 1952. Desta vez para o gabinete do prefeito para reivindicar melhorias para a Avenida Rio das Pedras que estava intransitável.²⁵⁸

²⁵⁷ O ESTADO DE SÃO PAULO. Transportes para o Bairro de São Mateus. 18 Jun.1952. In: **Acervo Virtual de O Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

²⁵⁸ DIÁRIO POPULAR. São Mateus Guerreiro. 20 Ago. 1985. In: **Acervo do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1985.

Nesta matéria o *Diário Popular* entrevistou Nildo Gregório, importante liderança comunitária do território na década de 1950, segundo memórias locais²⁵⁹, relatando a mobilização de moradores que se dirige à Prefeitura para exigir melhorias na Avenida Rio das Pedras no mesmo ano do fato relatado por *O Estado de São Paulo* e que, segundo Nildo foi resolvido “num passe de mágica”, três dias depois pela administração municipal. Interessante notar que o requerimento de Tarcílio Bernardo ocorre em 1953, o que traz à baila a questão do problema da falta de pavimentação persistir na Avenida, no mesmo trecho ou em outro espaço dela. De todo modo, a documentação ora apresentada nos traz elementos suficientes para afirmar que já nos anos de 1950, o loteamento Cidade São Mateus é responsável por articular uma ocupação e circulação territorial local de transição do rural para o urbano que se liga a outros territórios, seja no sentido Vila Carrão ou não. É o que podemos perceber por meio de outra fala de Coryntho Baldoíno:

Requeiro à Mesa se digne officiar ao Sr. Prefeito do Município, fazendo sentir a S Exa. a necessidade da criação de uma linha de ônibus da CMTC que venha a servir os moradores dos Jardins São Mateus, Ester, Santa Adélia, Vera Cruz, Colonial e Parque São Rafael, que estão praticamente sem condução visto a empresa que explorava a linha, inicialmente com três carros, está agora com apenas um e *esse* único muitas vezes deixa de trafegar para reparos. *A numerosa população* daquela zona da cidade está desesperada, pois a irregularidade na condução impede que os trabalhadores cumpram horário nos locais de trabalho sendo por isso muitas vezes despedidos.²⁶⁰

A fala de Baldoíno articula diversos espaços ao redor de Cidade São Mateus como Ester, Santa Adélia, Vera Cruz, Colonial e Parque São Rafael, enfatizando que são ocupados por uma *população numerosa*. Espaços esses com dinâmica histórica própria e diversa – embora interligada – com a de Cidade São Mateus. Daí o anseio de inclusão de São Mateus na

²⁵⁹ As referências a Nildo Gregório aparecem desde o histórico da subprefeitura de São Mateus até o cordel *São Mateus da Zona Leste* de Luiz Carlos Florentino (mais conhecido como Luiz Poeta) que abordaremos mais detidamente no capítulo 04 desta dissertação. Neste texto Poeta reitera o papel de Gregório na abertura da Avenida Mateo Bei e fundação da associação *Voz da Colina*: “com a linha no tripé/O trator cortava o chão/Da Mateo Bei a Rio das Pedras/Para Conselheiro Carrão/Num vai e vem de pessoas/No meio do poeirão/Fundador da Associação/Importante instrumento/De luta por melhorias/para todos os segmentos/Assim foi Nildo Gregório/Homem de grande talento.”. O próprio texto *São Matheus Guerreiro* serve a este objetivo, já que faz esta retrospectiva inspirado nas lutas sociais dos anos de 1970 e 1980 no território que noticiava naquele momento. Cida Santos em *Zona Leste Fazendo História* também reforça essa narrativa. Nildo Gregório é hoje homenageado com praça que tem seu nome, no espaço entre as Avenidas Rio das Pedras, Sampaio Afonso de Souza (antiga Estrada do Caguaçu) e Mateo Bei, onde segundo as memórias se deu a abertura desta avenida pelo tratorista em fins da década de 1940.

Ver: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php. Acesso em: 01 jun, 2021. Ver também FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: 2018, p. 09-10; e SANTOS, Cida. **Zona Leste Fazendo História**. São Paulo: Ed. Marco Markovitch, 1997, p. 82.

²⁶⁰ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **388ª Sessão Ordinária**. 27 Jun. 1958, p. 121-122. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

cidade, o que se faria pela estrada bem estruturada, mas também pelo meio de transporte estatal e com regularidade nos seus horários. Essa necessidade, comum a muitas periferias também é relatada por Murilo Leal, em seu estudo sobre as reivindicações organizadas por trabalhadores em seus bairros de moradia nos anos de 1950:

Em uma de suas inúmeras andanças pelos bairros de São Paulo, o vereador João Lousada participou de uma assembleia em Vila Matilde num domingo, na qual se reuniram moradores ‘dos bairros e vilas entre a Penha e Artur Alvim’. ‘A reivindicação mais sentida dos moradores daqueles bairros e vilas é o transporte. A companhia concessionária, que tem a responsabilidade de servir aquela população, vem-se demonstrando ineficiente. Os organizadores daquela assembleia elaboraram um memorial e colheram assinaturas dos moradores daqueles bairros e vilas, memorial que entregaram ao sr. Prefeito’.²⁶¹

Leal mostra em sua dissertação que a falta de ligação com a cidade era o motivo da perda de emprego de muitos, pois não conseguiam chegar ao seu local de trabalho, o que explica a urgência da demanda em bairros da Zona Leste entre Vila Matilde e Artur Alvim, o que ocorria de modo semelhante em São Mateus, conforme Balduino. Todas essas demandas levam à urgência do reconhecimento destes territórios como cidade e à urgência de integração com ela, colocando-nos frente a frente com concentrações urbanas em torno de algumas estradas como a Rio das Pedras, Mateo Bei, Iguatemi e Sapopemba. Essa dinâmica de ligação, porém, também indica um processo de estruturação interna que pode ser delineado por meio dos mapas, memórias dos moradores e *Anais da Câmara*.

Um dos exemplos que temos de cartografias que mostram a articulação de São Mateus com os arredores e sua presença como loteamento é a *Planta do Sítio do Fonseca* (Imagem 19), da qual não temos dados suficientes para saber dos objetivos de sua produção e uso, embora haja a possibilidade de ser mais uma tentativa de provar a propriedade de territórios às margens do Rio Aricanduva. Chama atenção o fato de nenhuma dessas propriedades (exceto Cidade São Mateus) ou o traçado delas aparecer em outras cartografias referentes ao mesmo espaço (produzidas no mesmo período ou alguns anos depois).

²⁶¹ LEAL, Murilo. **A Reinvenção do Trabalho no Vulcão do Inferno**. Um Estudo Sobre Metalúrgicos e Têxteis de São Paulo. A Fábrica, o Bairro, o Sindicato e a Política (1950-1964). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2006, p. 92.

Imagem 19: Planta do Sítio do Fonseca. 1949.



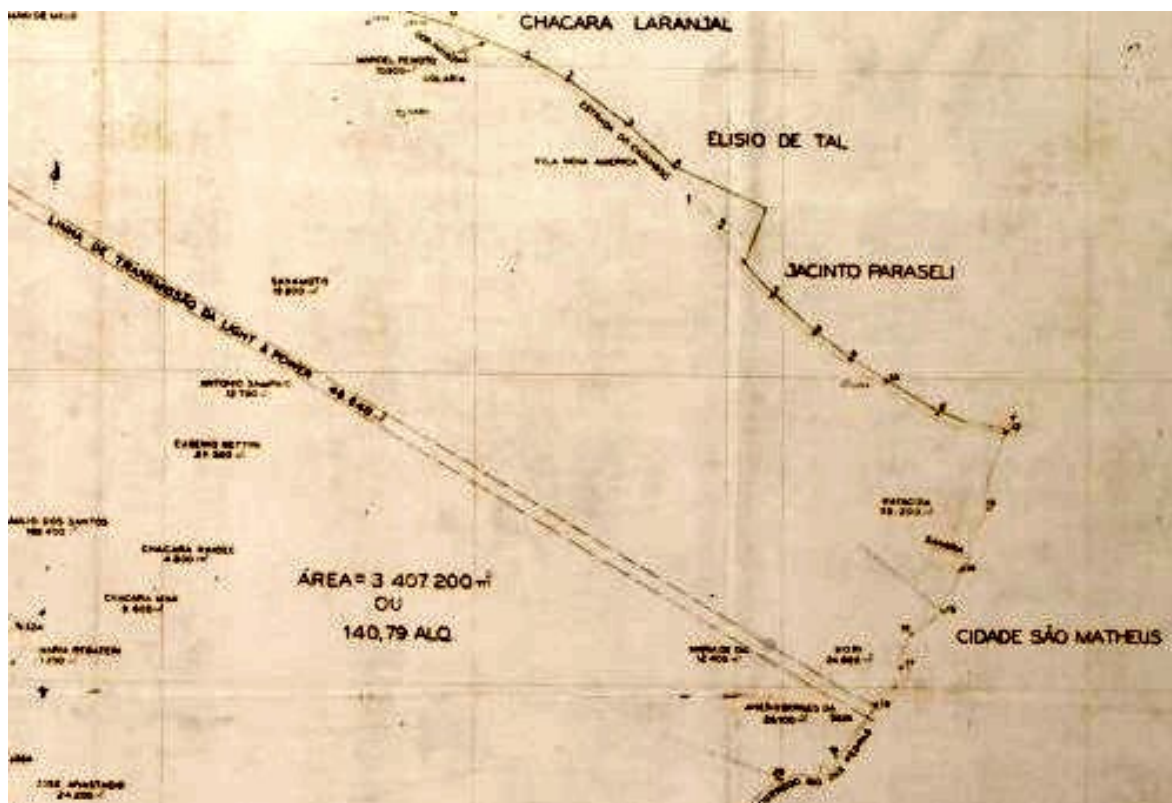
Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Nesta planta, além da própria aparição no mapa de *Cidade São Mateus*, temos a perspectiva de eletrificação indicada pela chegada (ou planejamento) de uma linha de transmissão nas proximidades do bairro (Imagem 20), margeando o traçado do *Caminho que Vae Para a Cidade*, que se confunde em um dos seus trechos com a Estrada da Barreira Grande, que ainda existe com esse nome atualmente e é paralela à atual Avenida Rio das Pedras.

Percebemos aqui também como o loteamento pode ter sido vanguarda de ocupação territorial no *Alto Vale do Aricanduva* como preconiza Deli, já que é o único espaço com indicação clara de área supostamente urbanizada. Segundo Langenbuch Cidade São Mateus fazia parte das categorias de *subúrbio rodoviário* e *subúrbio-loteamento*, fruto de uma estratégia agressiva de especulação e vendas induzindo a ocupação em espaços “vazios” da cidade. Não servidos por ônibus, seriam satélites de outros subúrbios como Itaquera e Santo André (no caso de São Mateus) e deixariam espaços não sistematicamente ocupados entre os locais que se instalam e a cidade edificada. Isso obrigaria os moradores a fazer grandes

deslocamentos a pé para chegar em outros espaços da cidade, como já salientado no caso da precariedade dos ônibus que atendiam o caminho Rio das Pedras-Mateo Bei.²⁶²

Imagem 20: Planta do Sítio do Fonseca. 1949 (Detalhe Cidade São Mateus, Linha da Light e Caminho que Vae para a Cidade).



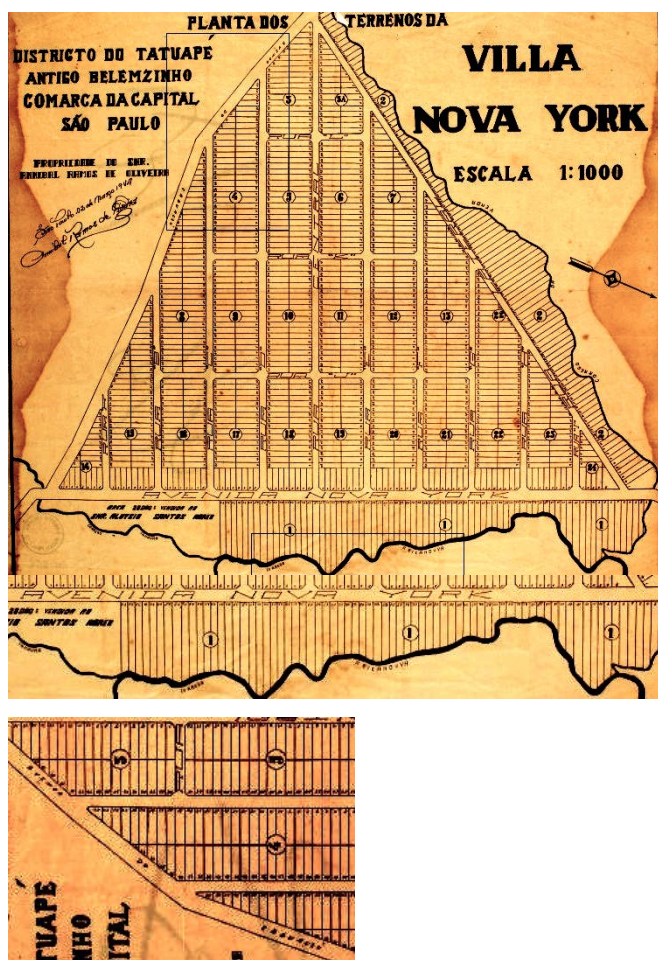
Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP.

Datada de 1949, outra planta proveniente do *Acervo Aguirra* para este território, é a de loteamento na Vila Nova York (Imagem 21), bairro que hoje se localiza em uma das entradas da Avenida Rio das Pedras e próxima a São Mateus. A cartografia traz mais um indicativo da movimentação em torno das propriedades do médio vale do Aricanduva com o planejamento de sua ocupação urbana. Além do traçado sinuoso do Rio Aricanduva (ainda não retificado para a construção da Avenida Aricanduva, o que ocorreu nos anos de 1980) registra também a “Avenida Caaguassú”, caminho que desde o século XVIII marcaria o território entre a ponte do Tabatinguera e a Fazenda Caguaçu conforme estudo de Fernando Deli.²⁶³

²⁶² LANGENBUCH, Jurgen. *A Estruturação da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971, p. 200-201.

²⁶³ DELI, Fernando. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, 2005, p. 92. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/artigo>. Acesso em: 13 out. 2021.

Imagem 21: Planta dos Terrenos da Vila Nova York (Detalhes do Córrego Aricanduva e Avenida do Gaaguaçú). 1947.



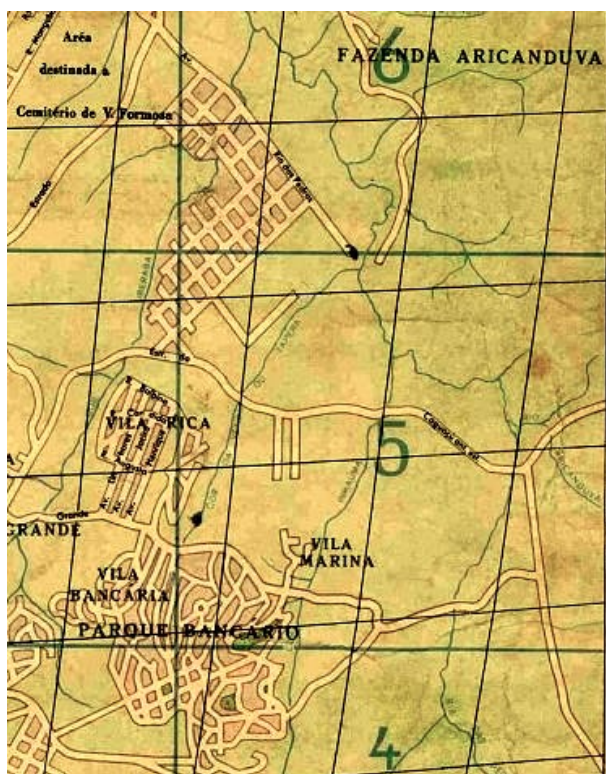
Fonte: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP. (Detalhes do Córrego Aricanduva e Avenida do Gaaguaçú)

Esta planta, além de reafirmar o caminho do Caguaçú como ligação de parte do vale do Aricanduva com o centro da cidade, traz elementos sobre o desejo de ocupação do espaço entre São Mateus e Carrão nos anos de 1940, quando ainda vinculado a uma circunscrição geográfica articulada ao Tatuapé e Belenzinho. Mais uma vez a Estrada do Rio das Pedras não aparece, o que se soma aos relatos da década de 1950 sobre a dificuldade de sua constituição.

Duas cartografias elaboradas como guias da editora *Melhoramentos* para orientar a circulação na cidade, publicadas pelo *site* do *Histórico Demográfico da Prefeitura de São Paulo* ensejam importantes observações sobre a ocupação urbana neste território no início dos anos de 1950. O mapa *São Paulo* (Imagem 22) publicado em 1951, representa uma cidade muito mais urbanizada que as plantas das décadas de 1930 e 1940, com grande densidade de ruas e avenidas. Há aqui o interesse explícito da *Melhoramentos* em enfatizar os espaços urbanos (inclusive os mais novos que se articulavam na zona Leste), para orientar o leitor a

lidar com a explosão urbana da cidade nos anos de 1950. Não por acaso, o mapa privilegia a indicação de vias e locais da cidade onde há linhas de ônibus, bondes, agências dos correios e radiotelegráficas, em uma clara preocupação em fornecer ao usuário do mapa orientações sobre como se locomover e se comunicar na cidade. Temos nela a presença da Avenida Rio das Pedras ao lado de terreno destinado à construção futura do *Cemitério da Vila Formosa*, aqui denominado *Cemitério do Carrão*. Publicada dois anos após à data atribuída à Planta do Sítio do Fonseca, não possui qualquer indicação ao loteamento de *Vila Nova York* e Cidade São Mateus, no contexto de arredores como *Vila Rica* e *Parque dos Bancários*. Porém, aparece na planta o traçado de uma estrada na mesma posição em que hoje está a Avenida Mateo Bei, ligada à Estrada do Caguaçu.

Imagem 22: São Paulo (Detalhe dos Arredores da Estrada do Caguaçu). Cia Melhoramentos, 1951.

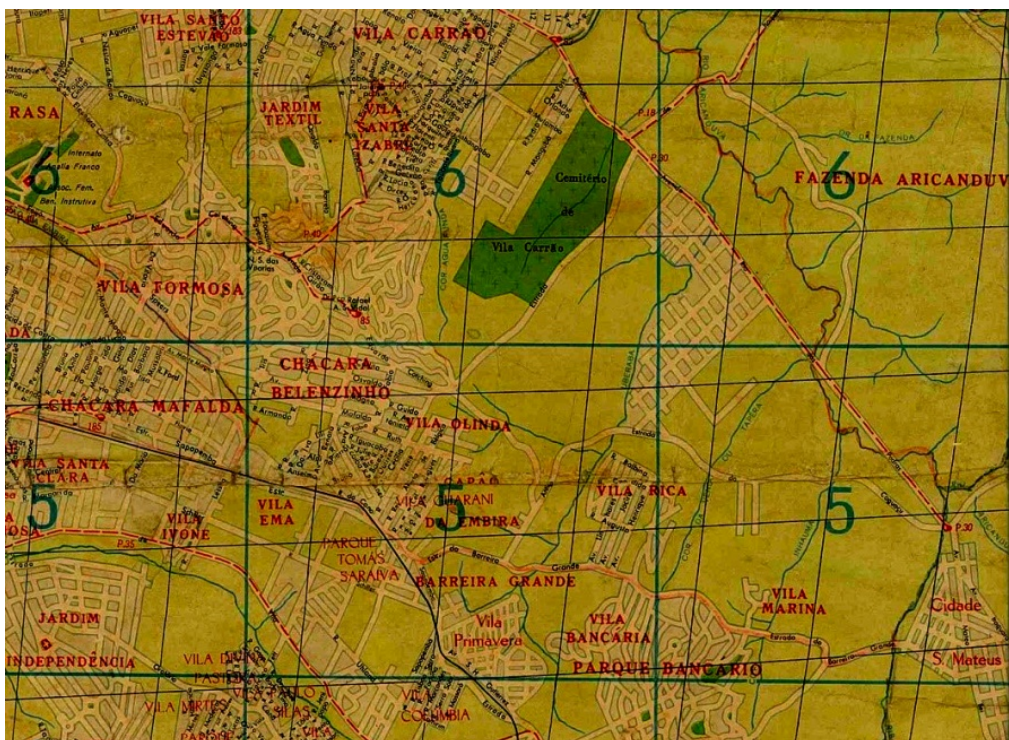


Fonte: Histórico Demográfico da Cidade de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1951.jpg. Acesso em: 05 dez. 2020.

O outro mapa também intitulado *São Paulo*, publicado em 1952 (Imagem 23) traz o delineamento em cartografia mais antigo que temos até agora do loteamento do bairro *Cidade São Mateus* (mais formalizado na gramática da cidade) indicando a Avenida Mateo Bei em linha contínua com a Avenida Rio das Pedras e ligada, a Oeste, à *Estrada da Barreira*

Grande, originária do bairro da Vila Ema. Ao Norte, e paralela à Avenida Rio das Pedras, temos a *Estrada do Caguassú*, comum às plantas anteriores, e que segue na direção Leste, para adentrar a Fazenda Aricanduva. O tracejado vermelho que vem desde o cruzamento da Estrada do Carrão com a *Avenida Conde de Frontim* (atual Radial Leste) segue até o limite da Avenida Rio das Pedras com a Estrada do Caguassú e Avenida Mateo Bei ao Sul. Ele indica, mais uma vez, a existência de uma linha de ônibus que serviria, também, à região de São Mateus com o início do seu trajeto no cruzamento entre as três avenidas.

Imagem 23: São Paulo (Detalhe São Mateus). Planta Cia Melhoramentos.



Fonte: Histórico Demográfico da Cidade de São Paulo. 1952. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1951.jpg. Acesso em: 05 dez. 2020.

A planta em questão, além de reafirmar que São Mateus estava ligada, ainda que de forma precária a outros espaços da zona Leste possuindo, inclusive, uma linha de ônibus, também traz a indicação de sua estruturação interna, com o traçado do que viriam a ser Cidade São Mateus, Vila Flávia e Jardim Nove de Julho, do lado Leste da Mateo Bei, e do que se tornaria o Jardim Tietê, a Oeste da Avenida. A maioria de suas vias ainda não possui nome indicado na cartografia, à exceção das Avenidas Mateo Bei e Itaquera (atual Rua André de Almeida). É possível, entretanto, observar que o espaço possui indícios de intensa ocupação a partir dos pedidos de nomeação de ruas feitos à Câmara Municipal, que as tornam mais visíveis ao poder público que a nomeação por números. Essas requisições vão

umentando em intensidade no tempo, sendo em menor quantidade, mas significativas nos anos de 1950, crescendo paulatinamente na década de 1960 e chegando a grande número nos anos de 1970. O pedido do vereador Lamanna Junior²⁶⁴ é significativo nesse sentido, trazendo dez ruas que deveriam deixar de ser número para terem nome:

PROJETO DE LEI N. 460-62

A Câmara Municipal de São Paulo decreta:

Artigo 1.o — Ficam assim denominadas as seguintes vias públicas localizadas no bairro Cidade São Mateus. no 3.o distrito de Itaquera:

1 — Rua Alexandre Ciccarelli a atual Rua ‘15’, que se situa entre as Avenidas Matteo Bei e Itaquera;

2 — Rua Fúria Franceschini a atual Rua ‘16’, que se situa entre a Rua ‘30’ e a Avenida Itaquera;

3 — Rua Eduardo De Martino a atual Rua ‘17’, que se situa entre as Avenidas Itaquera e Projetada;

4 — Rua Augusto Giórgio a atual Rua ‘18’, que se situa entre as Avenidas Itaquera e Projetada;

5 — Rua Luis Giudice a atual Rua ‘19’, que se situa entre as Avenidas Itaquera e Projetada;

6 — Rua Heitor Ximenez a atual Rua ‘20’, que se situa entre as Avenidas Itaquera e Projetada;

7 — Rua Amadeu Zani a atual Rua ‘21’, que se situa entre as Avenidas Itaquera e Projetada;

8 — Rua Padre Gabriel Malagrida a atual Rua ‘22’ que se situa entre a Rua ‘18’ e à Linha de Transmissão Cubatão-Paula Souza;

9 — Rua Padre Antonio Colbacchini a atual Rua ‘23’, que se situa entre a Avenida Matteo Bei e a Rua ‘17’;

10 — Rua Dr. Luís de Simoni a atual Rua ‘24’, que se inicia na Avenida Matteo Bei e termina na Linha de Transmissão Cubatão-Paula Souza;

Artigo 2.o — As despesas decorrentes da execução da presente lei correrão por conta das verbas próprias do orçamento.

Artigo 3.o — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.²⁶⁵

²⁶⁴ Lamanna Junior foi vereador da 2ª à 5ª legislatura, entre 1952 e 1969 atuando pelo Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Trabalhista (PRT). Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

²⁶⁵ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **318ª Sessão Ordinária**. 14 Set.1962. p. 06. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 01 Dez. 2020.

A indicação de Lamanna que contém um projeto de lei, localiza São Mateus no 3º distrito de Itaquera e menciona dez de suas ruas que precisavam ser nomeadas à época. Dentre elas colocaremos em destaque a rua 19, provável atual Rua Luis Guildice. Nela, em 1952, Eloy Bispo de Oliveira e João Pereira de Oliveira²⁶⁶, respectivamente carpinteiro e servente (provavelmente de pedreiro) adquiriram, conforme contrato de compra e venda (Imagem 24), o lote nº 11 da *Sociedade Civil de Terrenos Cidade São Mateus*, representada por Fábio Bei (que as memórias locais descrevem como filho de Mateo Bei, descendente de italianos que teria loteado o bairro no fim dos anos de 1940)²⁶⁷. Assim como o pedido de Lamanna, o documento também localiza o bairro no distrito de Itaquera, delineando um lote de 350 m² à venda pelo valor total de Cr\$ 122.500,00 com: Cr\$ 600.00 de entrada e vinte e nove parcelas de Cr\$ 600; oitenta e nove parcelas de Cr\$ 1160.00 e uma última mensalidade de Cr\$ 1260.00. De medidas modestas, contendo só o terreno (a casa deveria ser construída pelo proprietário) e com 120 parcelas que levariam dez anos para serem pagas, é o típico loteamento da zona rural de São Paulo na década de 1950 que segundo Nabil Bonduki, visava garantir ao trabalhador a segurança da casa própria e, ao empresário empregador da mão-de-obra desses moradores, a acumulação de capital pelo pagamento de baixos rendimentos aos empregados:

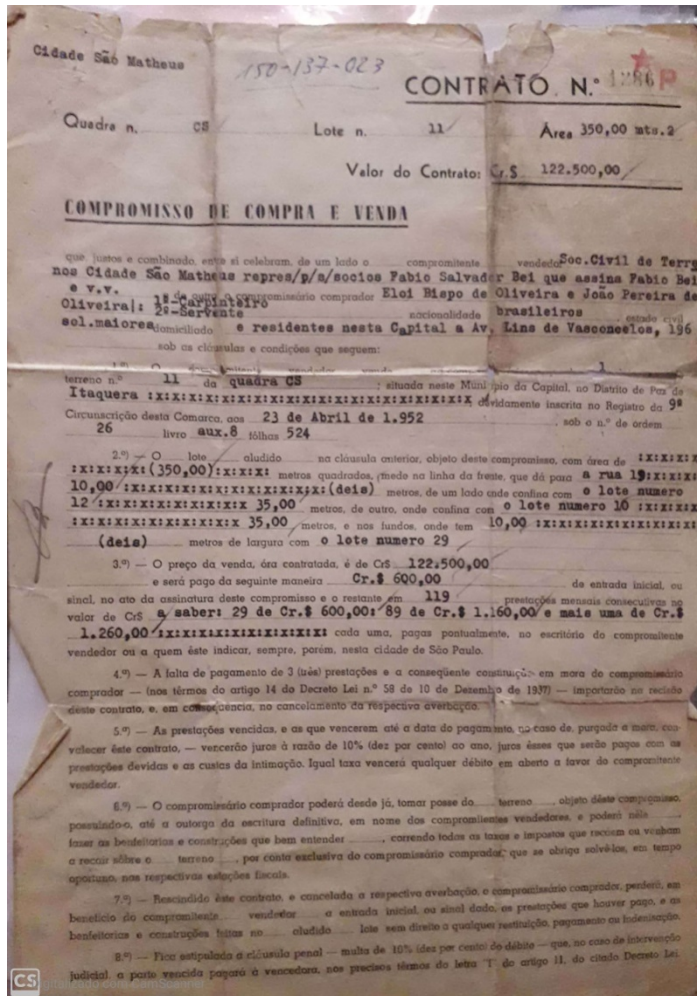
A enorme oferta de lotes baratos – pois distantes e desprovidos de benfeitorias urbanas – à venda nos quatro cantos da cidade, passíveis de serem pagos à prestação [...] com acesso a transporte público (mesmo precário, lento e complementado por longas caminhadas) – eis as condições que viabilizaram o mercado de loteamentos periféricos e criaram uma alternativa de massa para os trabalhadores de baixa renda.²⁶⁸

²⁶⁶ O contrato 1286 foi gentilmente cedido ao pesquisador pela família de Eloy Bispo de Oliveira e João de Oliveira. Segundo a família de Eloy e João, que eram irmãos, as mensalidades não foram pagas integralmente e o terreno devolvido à loteadora. O que nos faz concluir que mesmo com toda a facilidade do parcelamento ainda assim parte dos interessados não tinham renda suficiente para quitar o terreno. Eloy Bispo, por exemplo, veio a morar no Jardim Tietê apenas no final dos anos de 1970.

²⁶⁷ HISTÓRICO DA SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438. Acesso em: 17 jun. 2021.

²⁶⁸ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 287.

Imagem 24: Reprodução do Contrato 1286 da Sociedade Civil de Terrenos São Mateus. 1952.



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Todo esse processo é desencadeado pelos despejos na área central ocasionados não só pela execução do *Plano de Avenidas*²⁶⁹ desde o final dos anos de 1930, como por conta da *Lei do Inquilinato* que congelava os preços dos alugueis, que só poderiam ser reajustados por

²⁶⁹ Segundo o urbanista Hugo Segawa o Plano de Avenidas, editado com 360 páginas ilustradas em 1930, devia-se principalmente ao empenho do prefeito e urbanista Francisco Prestes Maia, que fora prefeito entre 1938 e 1946 e 1961 e 1965, importando de Alemanha e França a ideia de construção de avenidas radiais e perimetrais que marcou o desenvolvimento da cidade nos trinta anos subsequentes com vias como a 23 de Maio e a 9 de Julho ao sul; a Rangel Pestana e a Alcântara Machado a leste; a Rua da Consolação a oeste e Tiradentes ao norte. Ideia era constituir corredores através dos quais as edificações da cidade pudessem se espalhar em um sistema y denominado perímetro de irradiação. Também influenciou de forma decisiva nesse plano a priorização da circulação de veículos automotores, tributária da chegada da indústria automobilística no país e que como vemos em grande parte responsável pela urbanização de bairros periféricos com a estruturação de vias e linhas de ônibus. Ver: SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. In: PORTA, Paula. *História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX*. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 381-382.

meio da expulsão de locatários para a construção de novas edificações pelos locadores ou por meio da produção de novos contratos com outros moradores.²⁷⁰

Dentro desse contexto, onde o processo de construção da moradia por conta própria nas periferias era alternativa financeiramente possível, os residentes enfrentavam diversos percalços que podem estar vinculados, também, à falta de materiais de qualidade e outros recursos para estruturar suas casas. Depoimento de Tia Cida evidencia um exemplo dessas dificuldades, após a casa que sua família construiu em parceria com os vizinhos ter caído por conta de forte tempestade:

A companhia Mateo Bei ficou muito preocupada com a situação da minha mãe e do meu padrasto. Perdemos quase tudo, o pouco que nós tínhamos na casa a gente perdeu. Eles cederam uma casa para a gente lá onde hoje é o *Tá Teno* [loja de utensílios domésticos localizada na Avenida Mateo Bei]. Tinha uma casa da prefeitura lá, uma casa boa, grande. E nos colocaram lá até a gente ter condição de construir onde tinha caído. Nós ficamos na Mateo Bei, bem uns dois anos.²⁷¹

Segundo Tia Cida a loteadora dos Beis (aqui chamada por ela de “companhia Mateo Bei”) atuou no sentido de prestar assistência à família, instalando-a, porém, em uma infraestrutura da Prefeitura e não em um espaço do próprio loteamento. Somando a isso as carências de transporte e asfaltamento no território, somos levados a pensar até que ponto o loteadora se responsabilizava pelo bem estar dos moradores e quais os papéis que cumpriu, de fato, no processo de constituição do território, para além da compra e venda de terrenos. Reflexão que pode, oportunamente, ser expandida para outros loteamentos de periferia durante as décadas de 1940 e 1950.²⁷²

Um dos papéis que a loteadora cumpriu, segundo matéria de *O Estado de S Paulo* foi o de facilitar a estruturação da Igreja Católica no território em meados dos anos de 1950.

Segundo o jornal:

Às 8h do próximo domingo em solenidade presidida por Dom Paulo Rolim Loureiro, bispo auxiliar, será dada a benção litúrgica à Igreja de São Mateus Apóstolo, no bairro Cidade São Mateus, situado entre Vila Carrão e Itaquera.

²⁷⁰ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 254-255.

²⁷¹ Entrevista com Tia Cida. Realizada em 13 mai. 2017.

²⁷² Caldeira no já citado estudo sobre o Jardim das Camélias, aborda um loteamento constituído em 1935, mas que só foi efetivamente ocupado nos anos de 1960 e 1970. Coube ao loteador apenas a venda do lote, sendo que na década de 1960 um grileiro se apossou da propriedade vendendo terrenos com título de propriedade frágil. Além de não fornecer estrutura urbana básica ainda criou grande insegurança jurídica sobre o direito de propriedade dos moradores, algo muito comum nos loteamentos da periferia de São Paulo. Ver: CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Política dos Outros**: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 68-71.

O novo templo, construído em terreno doado pela firma Beis e Irmãos LTDA constitui parte do plano de novas paróquias na periferia da capital devendo, dentro em breve, ser a sede da paróquia que terá como titular o apóstolo São Mateus.²⁷³

Aqui percebemos que a loteadora procura atender a uma demanda da Igreja e dos moradores na estruturação de uma paróquia a partir do bairro. Isso demonstra que em 1955, já há a criação de uma espacialidade centrada em um “templo” que tem o loteamento de *Cidade São Mateus* como referência localizada entre Vila Carrão e Itaquera. A Igreja Católica já pensa em expansão para as periferias, incluindo São Mateus nesse contexto, e a loteadora entra com a doação do terreno para que seja construída a igreja.

Outro papel que parecia ser demandado à loteadora, mas que precisou de mobilização popular e intervenção da Câmara Municipal para se realizar, foi a desapropriação de um terreno para a construção de um grupo escolar. Segundo debate presente nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo* encaminhado pelo vereador Paulo de Tarso²⁷⁴ em 1956 era necessário entender-se com o loteador da área para obter o espaço para a construção da escola:

Eu acrescentaria ao requerimento do nobre Vereador, ainda, a designação de uma comissão, que teria incumbência de se entender com o loteador daqueles terrenos, visto tratar-se de um loteamento recente e, portanto, haver a possibilidade de ser encontrado outro terreno, que ofereça melhores condições para a construção do referido grupo escolar. [...] Entra em primeira discussão, com assentimento da casa, em globo, o projeto de lei n 415-54, do executivo, declarando de utilidade pública, para fins de desapropriação, área de terreno formada pelas ruas 12, 28, 29 e 10, na cidade de São Mateus, em Itaquera, de propriedade da Sociedade Civil de Terrenos Cidade São Mateus, para a construção de um grupo escolar.²⁷⁵

Em mais um documento que reafirma a localização de São Mateus no distrito de Itaquera, Paulo de Tarso trata da contradição de um loteamento que possui espaços para instalação de um grupo escolar (portanto ainda não totalmente ocupado por moradias ou outras funções), mas que ainda assim precisa ser provocado pelo poder público para apoiar a construção da escola. Segundo Odom Vieira Lima a ausência de escolas era um problema agudo no território no final dos anos de 1940, que fazia com que as crianças do loteamento

²⁷³ O ESTADO DE S PAULO. Na Cidade São Mateus Benção e Inauguração da Igreja do Padroeiro. 11.10.1955. In: **Acervo Eletrônico de O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

²⁷⁴ Paulo de Tarso foi vereador na 3ª legislatura, entre 1956 e 1959 pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 28 set. 2021.

²⁷⁵ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **11ª Sessão Extraordinária**. 24 Fev.1956. p. 128. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 28 set. 2021.

caminhassem até a Vila Nova York para conseguir frequentar o grupo escolar por não terem acesso, também, ao transporte público:

Voltamos no tempo para localizarmos o final de 1948 e início de 1949, para informarmos que a princípio nossa locomoção era feita a pé e, portanto, nosso raio de caminhada era limitado e somente para aquilo extremamente necessário, ou seja, ir à Escola Pública que se localizava no Bairro de Nova Iorque, na hoje Av. Rio das Pedras na altura da entrada para o Jardim Santa Terezinha, em propriedade de um japonês chamado Sr. Sakamoto, o qual também era dono de um armazém onde os pioneiros iam semanalmente fazer o suprimento.²⁷⁶

Estas memórias de Odom de Souza Lima fazem parte de relato não datado que circula na *internet*, sendo possivelmente de 1992²⁷⁷. Elas evidenciam outro papel que o loteamento dos Beis cumpriria no território, a abertura de vias baseadas nas trilhas rurais da fazenda que ali existia:

Por volta de 1948, outro cidadão de nome José Antonio de Souza, começou, por ordem dos proprietários da terra, Bei Irmãos & Cia., com um trator de propriedade da empresa a abrir ruas, o referido morador, motorista do trator ainda vive em nosso meio e é conhecido pelos antigos habitantes pelo apelido de ‘TURUNA’. [...] Foram abertas naquele tempo grande número de ruas, porém durante muitos anos permanecemos sem água, luz e esgoto.²⁷⁸

O trabalho com tratores para a abertura de ruas, embora promovido pela loteadora não era acompanhado da estruturação de uma rede de esgotos e nem mesmo de asfaltamento, como pudemos constatar por meio de outros registros. À demora generalizada para a chegada das estruturas urbanas nas periferias de São Paulo, Bonduki atribui a não fiscalização do Estado sobre a abertura de vias ou padrões de ocupação dos espaços pelos loteamentos, o que gerava um não reconhecimento pelo poder público de muitas vias abertas irregularmente pelos loteadores. Por outro lado, segundo Bonduki, havia desinteresse do Estado em investir nos bairros de periferia, o que aumentaria o custo das propriedades e da mão-de-obra que

²⁷⁶ SÃO MATEUS: 62 ANOS DE PROGRESSO. Disponível em: <https://www.omelhordobairro.com/saomateus/historia>. Acesso em: 12 dez. 2020.

²⁷⁷ A data aproximada de produção do texto, 1992, foi atribuída pelo pesquisador porque o autor dá a idade de 44 anos à região e pelo consenso tradicional da efeméride que tem como data referência a “fundação” de São Mateus em 21 de setembro de 1948: “hoje sem dúvida alguma, grande centro comercial e privilegiado berço residencial de nossa zona leste, procurarei apresentar os fatos iniciais por área de atividade, para que nossos leitores, conhecedores da realidade presente possam avaliar o progresso de Cidade São Mateus, que não obstante seus 44 anos de fundação tem sobrepujado a tantos outros até centenários, de nossa grande cidade.” No título do *site* faz-se a menção aos 62 anos de progresso de São Mateus. Mesmo a identificação do autor que não está presente no *site* onde está hospedado, foi deduzida pelo pesquisador por conta de trecho em que fala do “Sr Odom de Souza Lima, meu pai, em memória de quem transcrevo essas linhas.”. A relação com o pai e alguns elementos da São Mateus de fins dos anos de 1940 e início da década de 1950, também são narradas por Odom na matéria *Passo a Passo na Terra dos Beis*, publicada pelo jornal *Cidade de São Mateus* em outubro de 1986. Idem. Acesso em: 13 set. 2019.

²⁷⁸ Ibidem.

consequentemente teria que ser melhor remunerada para obter sua moradia.²⁷⁹ Isso explica, em parte, a corrida para nomeação de ruas junto à Câmara Municipal, como já explicitado. Esse contexto de ocupação de um loteamento por moradores convivendo ao lado de condições precárias de infraestrutura é verificado mesmo para espaços de ocupação mais antiga, como o aglomerado de Itaquera, centro do distrito ao qual São Mateus pertenceu entre os anos de 1940 e 1950:

Ao entrar-se em contato com o aglomerado, começa-se a tomar conhecimento dos seus problemas. Suas ruas não são calçadas, não passando muitas delas de simples caminhos, que se tornam quase intransitáveis nos dias de chuvas. Não possui água encanada nem rede de esgotos, a exemplo dos demais subúrbios orientais; a água é obtida em poços que chegam a ter de 18 a 20 metros de profundidade. [...] Foi somente no início da década atual que passou a contar com iluminação elétrica [...] o que era motivo de grande mágoa para seus habitantes, até há pouco obrigados a utilizar lampiões de querosene, mesmo assim é deficiente, limitando-se às residências, continuando suas ruas às escuras.²⁸⁰

Como vimos neste tópico e veremos na continuidade desse trabalho, a configuração de São Mateus não foge muito disso, seja no seu desenho urbano ou no fato de os lotes serem constituídos sobre uma base rural. As vias que eram abertas no loteamento Cidade São Mateus na verdade tinham como base caminhos preexistentes que Odom caracteriza como parte de “uma fazenda cortada nos vários sentidos por trilhas, onde circulavam carros de bois, transportando madeira para as olarias.”²⁸¹ Embora o histórico da subprefeitura fale na existência no território de uma fazenda denominada São Mateus, ainda não pudemos investigar essa afirmação em pesquisa de cartório que possa definir a transferência exata de propriedades entre remanescentes da Fazenda do Oratório ou da Juta que tenham sido loteadas para a constituição de Cidade São Mateus.²⁸² Na fala de Odom temos, porém, um importante

²⁷⁹ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 288-290.

²⁸⁰ AZEVEDO, Aroldo de (Org.). **A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana (Volume IV: Os Subúrbios Paulistanos)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 165.

²⁸¹ SÃO MATEUS: 62 ANOS DE PROGRESSO. Disponível em: <https://www.omelhordobairro.com/saomateus/historia>. Acesso em: 13 set. 2019.

²⁸² Temos disponível, porém, o estudo de Deocleciana Ferreira sobre a urbanização do bairro da Fazenda da Juta acusando, a partir de pesquisa no 9º *Cartório de Notas*, que parte do terreno da Fazenda Oratório foi vendida pelos herdeiros dos Barros, Daniel do Amaral Junior e Maria Leonor Ferreira de Barros do Amaral a Lourenço Choffi e Raul Ragueb Choffi, correspondendo a terreno entre a Estrada do Rio Claro e a divisa com Santo André, que em um dos seus limites confrontava com Cidade São Mateus nos terrenos da empresa colonizadora *Cruzeiro do Sul S.A.* Pelas indicações geográficas e levando em consideração narrativa de memória do jornal *O São Paulo*, da Arquidiocese de São Paulo que também coloca os Chohfi como loteadores do espaço que viria a se tornar do bairro de Santa Adélia, tudo indica que a venda identificada por Deocleciana se refere a este bairro: “A história da Paróquia Santa Adélia se mistura com a origem do Jardim Santa Adélia, que antes era uma fazenda do empresário sírio Ragueb Chohfi. Foi ele quem doou o terreno onde foi construída a igreja-matriz, com a condição de que fosse dedicada a Santa Adélia, em recordação do nome de sua esposa, Adélia Orbi

documento sobre a relação entre o espaço rural e um loteamento que se constituía: a convivência entre as dificuldades de um espaço urbano em construção junto a narrativas de memória e estratégias imobiliárias que preconizam o progresso ou exaltam a saúde de um ambiente rural e natural.

Uma das características do território destacadas por Odom neste período é a presença de olarias ao lado de hortas cultivadas pela colônia japonesa, além da existência de poucas casas construídas. No jornal *Cidade de São Mateus*, faz a seguinte fala sobre a questão agrícola:

Existia uma casa construída em 48, hoje uma casa de tinta, ali no início da Mateo Bei. Parte do Jardim Tietê e onde está o Jardim 9 de Julho existiam hortas de japoneses e olarias. Agora a primeira casa a ser construída no bairro foi a do meu pai.²⁸³

Azevedo, ao tratar da presença de olarias e de forte produção agrícola às margens do Tietê, faz uma breve descrição de dois dos principais afluentes do rio na região - o Aricanduva e o Guaió - relatando característica semelhante nas várzeas dos veios da bacia hidrográfica:

Os dois maiores (afluentes) possuem suas nascentes bem próximas uma da outra: o Aricanduva, que tem a direção SE-NO e alcança o Tietê nas vizinhanças da Penha; e o Guaió, que segue rumo diametralmente oposto do SO-NE, fazendo sua confluência não longe de Poá. [...] Alias o que tais cursos d'água representam para a vida humana é o único motivo que nos leva a lhes fazer aqui como além, uma referência particularizada. Em suas várzeas assentam-se as principais culturas; seus depósitos aluvionais fornecem barro para as olarias; em seus vales, concentra-se de preferência, o habitat humano.²⁸⁴

São Mateus pode ser caracterizado, portanto, como espaço similar a outras colônias agrícolas e subúrbios Orientais de São Paulo, onde a agricultura e as olarias próximas às margens do Aricanduva e Rio das Pedras aproximam o território do modo de vida do Cinturão Verde que engloba a Fazenda do Carmo e outros espaços Orientais. Isso favoreceu, também, intenções e usos do espaço relacionados às chamadas casas de veraneio ou internada na zona rural, como foi o caso da família Larisa:

Chohfi, que foi fundadora e benemérita do Hospital do Coração e que também dá nome a uma avenida importante do bairro." Ver: FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018, p. 57, e O SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.osaopaulo.com.br/noticias/paroquia-santa-adelia-comemora-50-anos-de-testemunho-do-evangelho-na-cidade#gsc.tab=0>. Acesso em: 08 dez. 2020.

²⁸³ CIDADE SÃO MATEUS Passo a Passo na Terra dos Beis. 10.1986. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1986.

²⁸⁴ AZEVEDO, Aroldo de. **Subúrbios Orientais de São Paulo.** (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945, p. 49-51.

Antes de se transformar nesse grande bairro, São Mateus era um lugarejo onde muitas famílias se refugiavam da agitada vida que levavam em São Paulo. Na década de 1950 a família Larisa foi uma das que escolheram o lugar para o descanso e descontração nos finais de semana. A agricultura era o passatempo preferido do senhor Larisa, que ensinou os filhos a amar a terra. A família adquiriu um lote de 4 mil metros quadrados onde todos os fins de semana poderiam ser encontrados o Sr Larisa, a esposa e os filhos.²⁸⁵

O trecho da matéria de jornal acima, retirado da edição comemorativa dos 47 anos da região de *A Gazeta de São Mateus*, traz-nos uma visão quase idílica de sua vida rural: um subúrbio dormitório caracterizado não apenas como local de moradia do trabalhador, mas também como espaço de descanso daqueles que queriam fugir da já agitada São Paulo dos anos de 1950. A agricultura para a família Larisa era basicamente um lazer domingueiro. Amália Inês Geraiges de Lemos e Maria Cecília França, em trabalho sobre a história de Itaquera reafirmam esse papel do espaço rural, só que agora como restaurador da saúde, citando a fala de um professor de geografia que residia no território neste período:

De 1914, em diante, muitas pessoas compraram lotes para ali passar os fins de semana. O clima de Itaquera era recomendado para os pulmões. Nessa época, havia seis ou oito trens por dia. Os lotes mais comuns eram de 20x50metros e por serem baratos, eram comprados por operários do centro. Operários especializados (como mecânicos, carpinteiros, eletricitas), que não se julgavam operários, compravam dois ou três lotes e faziam suas hortas neles.²⁸⁶

José de Almeida Marcondes em relato para o trabalho *Meu Bairro, Minha Cidade*, acrescenta às atividades locais entre São Mateus e Itaquera na década de 1950, a caça realizada na Fazenda Santa Etelvina (atual Cidade Tiradentes), reafirmando e listando as olarias presentes no Jardim 9 Julho, localizada às margens do Aricanduva:

Domingo a gente sai para caçar. Naquele tempo a gente ia para a Fazenda Santa Etelvina que hoje é Cidade Tiradentes. Era tudo mato, campo. Eu trabalhava na olaria do Jardim 9 de Julho. Toda essa região era de olarias. Tinha o Miguel dos Santos que tinha uma olaria grande. Pegado com a gente tinha o Nicola, um italiano. E na frente tinha o japonês, o Sakai. Era o que tinha aqui.²⁸⁷

Aldo Leite em memórias que sintetizam a territorialidade dos distritos de São Mateus e Iguatemi, trata da permanência de hortas e olarias no território duas décadas depois, sendo

²⁸⁵ GAZETA DE SÃO MATEUS. Um Lugar Para Lazer e Descanso. 09.1995. In: **Acervo do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1995.

²⁸⁶ LEMOS, Amalia Inês Geraiges de & FRANÇA, Maria Cecília. **Itaquera**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1999 (História dos Bairros de São Paulo; 24), p. 51.

²⁸⁷ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade (São Mateus)**. São Paulo: Secretaria Municipal da Educação e da Cultura, Painele 02.

as primeiras fundamentais para a compra de alimentos e as segundas para a construção das habitações pelos moradores:

Aquela região ali do Iguatemi possuía muitas hortas. A gente ia comprar verdura e fruta na horta. Ali mesmo atrás do Boa Esperança, entre o Boa Esperança e o Carrãozinho. Encostado aquele córrego ali, tinha três casarões que eram olarias, o que tinha na época que eu vim para cá, onde hoje é a Avenida Aricanduva, tinham algumas casas onde o pessoal fazia tijolo e telha. Não tinha nada ali, tinha construção, desde lá de baixo. Quando eu vim morar aqui, só tinha asfalto a Mateo Bei, a antiga estrada do Iguatemi que hoje é a Ragueb Choffi - que era uma mão que ia outra que vinha - e a Avenida Sapopemba.²⁸⁸

Por meio da fala de Aldo podemos constatar a permanência de espaços vazios em São Mateus nos anos de 1970, a caracterização das margens do Aricanduva como espaço de atuação de olarias e as hortas como importantes fornecedoras de alimentos também no distrito do Iguatemi. Além disso, temos a reafirmação de que somente as vias principais do território eram pavimentadas. Terezinha Camargo em suas lembranças sobre o território do Jardim Tietê no final da década de 1970 também ressalta o papel decisivo das hortas na subsistência local:

Sempre teve as hortas, os alimentos a gente comprava na feira. A gente comprava na feira as bananas. Horta aqui tinha muito quando eu vim para cá. Tinha várias hortas, tem até hoje né. Mas quando eu vim morar aqui a gente comprava em uma horta no Riacho dos Machados [atual nome do Rio das Pedras]. Aí depois lotearam onde tinha horta e fizeram casas.²⁸⁹

A chegada da urbanização acaba desarticulando algumas das hortas às margens do *Riacho dos Machados*, embora elas ainda se mantenham em diversos territórios de São Mateus, sendo Teresinha uma das agricultoras atuantes nesse quesito atualmente. De todo modo, a vinculação do espaço rural com o urbano neste bairro é marcante na vida da colaboradora até meados dos anos de 1980, quando se instalou no bairro.

De tudo o que foi visto, podemos afirmar que não só o loteamento *Cidade São Mateus* passou por forte processo de ocupação ao longo das décadas de 1940 a 1970 no território da atual subprefeitura. Porém, tanto as narrativas como a concentração de documentos referem-se predominantemente à sua centralidade e à ambivalência entre progresso urbano e suas características rurais. Mas, por meio dessas narrativas é possível entrever a articulação entre os três distritos através de seus poucos caminhos pavimentados e da ligação com o centro não só a partir de Sapopemba, mas também pelo Carrão por meio da Avenida Rio das Pedras. A ideia que o livro *Face Leste* atribui ao italiano Mateo Bei, quando do loteamento das glebas

²⁸⁸ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

²⁸⁹ ENTREVISTA COM TERESINHA SILVA. Realizada em 03 mai. 2019.

da Cidade São Mateus de “criar um bairro nobre, repleto de chácaras e casas de veraneio em uma região afastada”²⁹⁰ encontra eco nas narrativas do “rural idílico”, mas é contrariada pelas memórias dos moradores, documentos jornalísticos e da Câmara Municipal que mostram uma periferia onde a ocupação do espaço é tortuosa e torturante. Fica muito longe também da ideia de difundir “o loteamento de periferia com imagem de cidade-jardim”²⁹¹, num momento em que a desconcentração urbana e as preocupações sanitárias estavam em alta²⁹² como ressalta Nabil Bonduki, tratando da prática comum de muitos loteadores das periferias. Ou do loteamento *Jardim Nossa Senhora do Carmo*, promovido por Oscar Americano na divisa de Itaquera com São Mateus, que prometia: “ruas rasgadas com traçado rigorosamente técnico [...] preparadas para um sistema de pavimentação também moderno: o asfalto em lotes traçados de modo a oferecer amplidão de ar e luz”.²⁹³

Tendo em vista a base histórica de processos de ocupação urbana de um espaço rural, no próximo tópico teceremos uma breve discussão sobre a mudança de um padrão suburbano para um padrão periférico de estruturação de determinados territórios da cidade, a partir da visão dos moradores sobre o que vivenciam e entendem ser uma “periferia”.

2.4 Do Subúrbio à Periferia: São Mateus como Periferia da Cidade Edificada

Tratamos nos três tópicos anteriores da estruturação de um complexo de bairros em torno de *Cidade São Mateus* sobre territórios rurais ali existentes, a partir do final dos anos de 1940. Considerando-se o exposto até aqui, o que significou para o histórico de formação das periferias de São Paulo o processo de ocupação urbana de São Mateus?

²⁹⁰ LOPES, Rodrigo Herrero. **Face Leste: Revisitando a Cidade**. São Paulo: Mitra Diocesana de São Miguel Paulista, 2011, p. 129.

²⁹¹ Os loteamentos na cidade de São Paulo possuem uma história que tem a ver com a mercantilização do espaço que se alinha ao contexto de industrialização de São Paulo por meio do capital cafeeiro e organização da cidade com a intervenção de empresas estrangeiras como a *Light* e a *City* no início do século XX. Segundo Flavio Saes, a expansão da cidade por Vila América, Butantã, Lapa, Pacaembú e Alto de Pinheiros ocorre nesse contexto, sendo que a Vila América, começa a ser constituída já em 1915, enquanto os outros lotes são ocupados a partir dos anos de 1920. O padrão desses loteamentos, arborizados, com grande distância entre uma casa e sua ideia de qualidade de vida inspirou diversos loteamentos na cidade ao longo do século XX como os mencionados neste tópico, embora sua realização tenha se dado em contexto urbano muito diferente. SAES, Flávio. São Paulo Republicana: Vida Econômica. In: PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 228.

²⁹² BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 277.

²⁹³ BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta de Itaquera e de São Mateus Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo (São Paulo, 1984-1992)**. São Paulo: PUC, 1999, p. 29.

Segundo estudo realizado em 1993 pela *Secretaria Municipal de Planejamento (Sempla)* sobre o que havia de equipamentos públicos na região à época - um balanço da gestão Luiza Erundina que seria utilizada pela Prefeitura de Paulo Maluf, que se iniciava naquele ano - o processo de urbanização de São Mateus ganhou maior impulso com a construção de vias de acesso à cidade como a *Radial Leste/Aricanduva* e a construção do *Polo Petroquímico em Mauá*. A função predominante no território, segundo esse registro é a de local de moradia, não sendo

o comércio local, distribuído ao longo das vias de circulação mais intensa como a Avenida Mateo Bei a Avenida Adelia Choffi capaz de alterar o perfil de ‘bairro dormitório’ válido para o conjunto da região administrativa de São Mateus.²⁹⁴

A função industrial, embora presente, é considerada de baixo impacto para a geração de emprego local. O processo verificado em 1993 é uma continuidade do que ocorreu desde os anos de 1950, quando os trabalhadores que atuavam tanto na região central como em Mauá e no ABC paulista precisavam de lotes próximos aos locais de trabalho e a preços acessíveis. Necessidade essa, que gera uma ocupação incipiente do território que, historicamente, tende a se concentrar na área central de São Mateus como podemos verificar na tabela de evolução demográfica dos distritos (Tabela 01) e nos mapas da expansão da mancha demográfica na cidade entre as décadas de 1950 e 1980 presentes no *site do Histórico Demográfico de São Paulo* (Imagens 26 e 27).

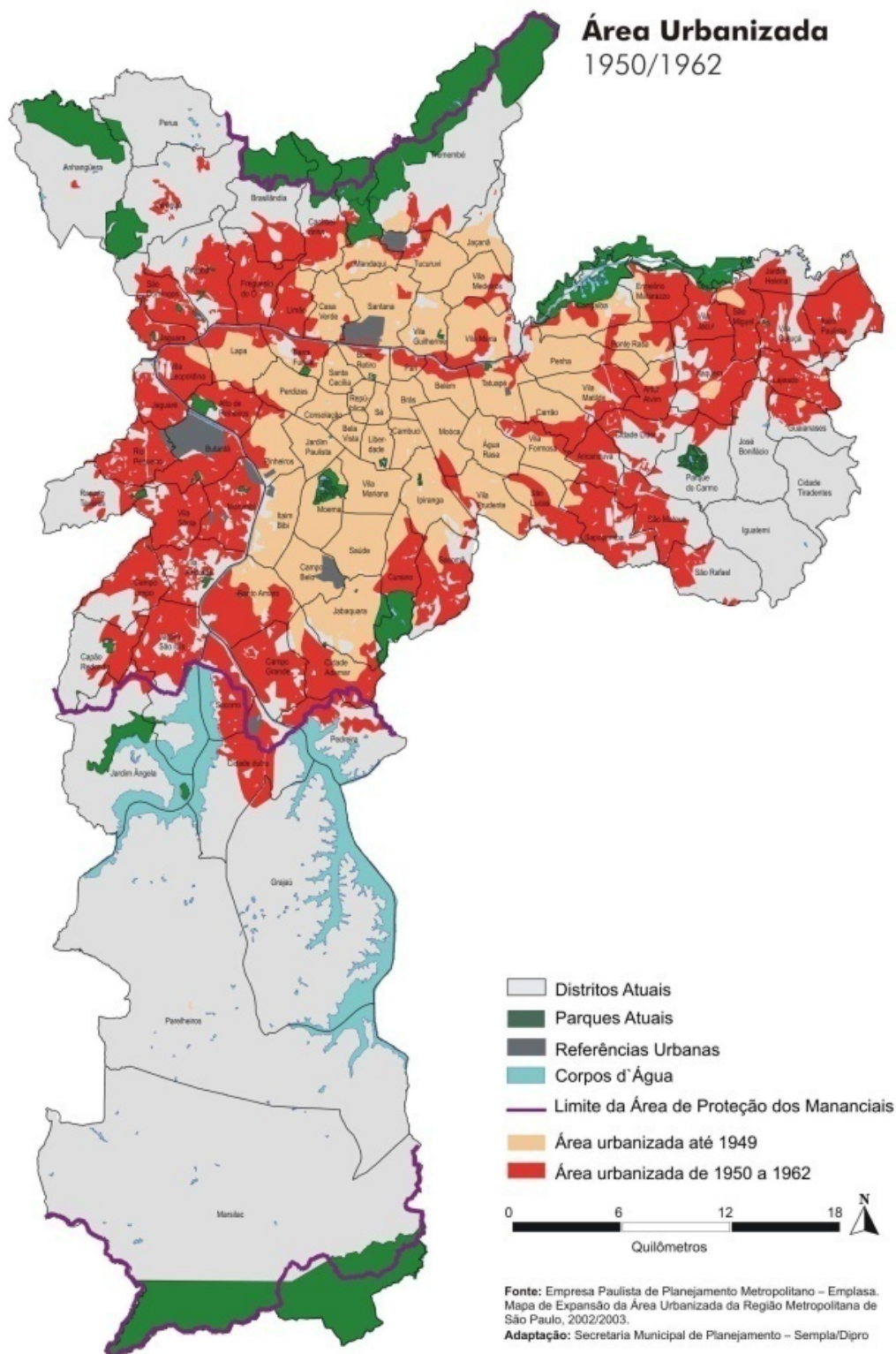
Tabela 01: Evolução Demográfica de São Mateus por Distritos.

Unidades Territoriais	População/Ano					
	1950	1960	1970	1980	1991	2000
São Mateus	29.586	57.823	134.416	221.459	300.446	381.718
Iguatemi	1.695	3.882	15.620	32.595	59.820	101.780
São Mateus	25.106	47.833	86.045	118.421	150.764	154.850
São Rafael	2.785	6.107	32.751	70.443	89.862	125.088

Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/tx_cresc.php. Acesso em: 15 set. 2019.

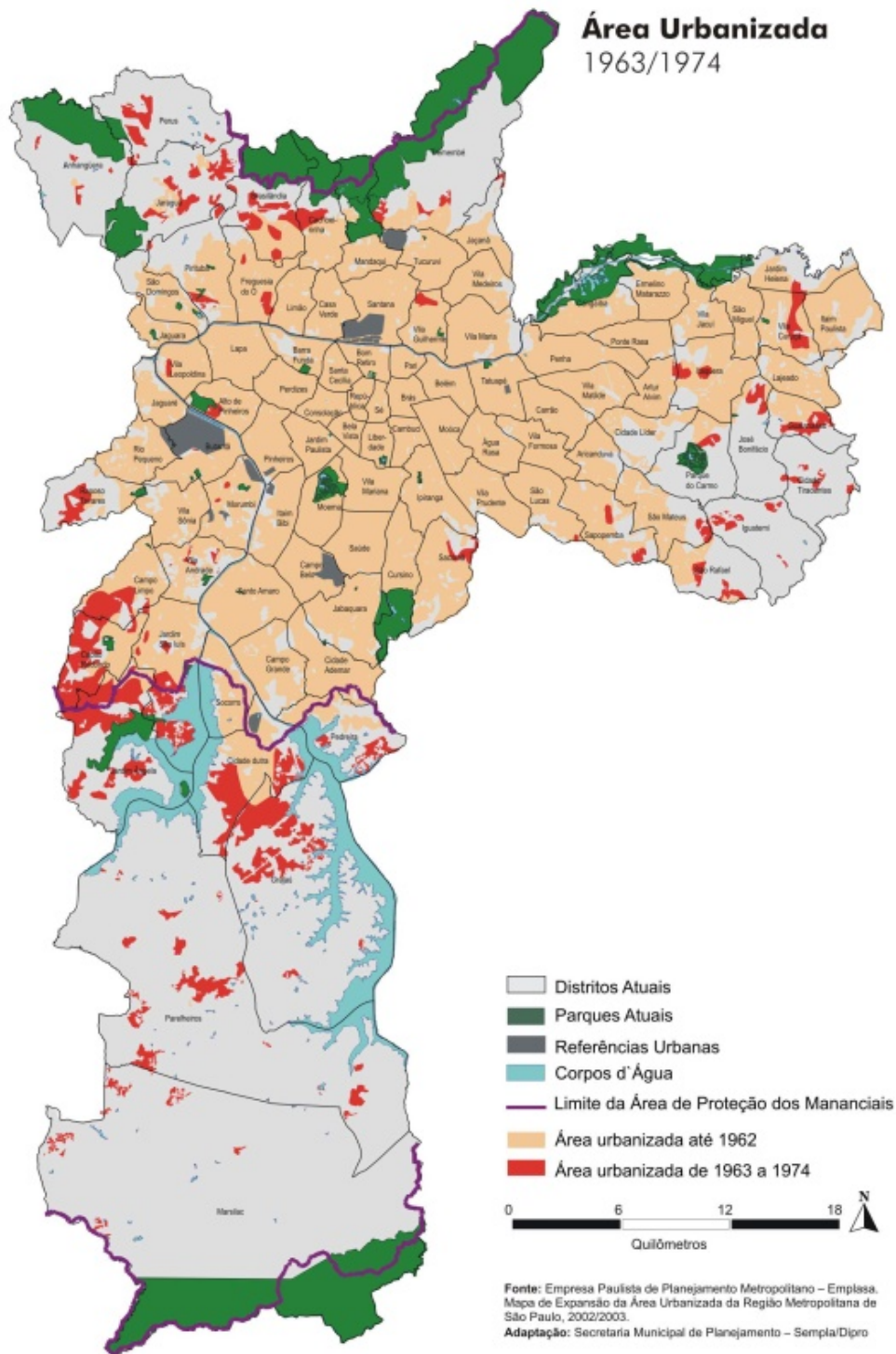
²⁹⁴ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Base de Dados Para Planejamento: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993, p. 14. In: **Acervo do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**.

Imagem 25: Evolução Demográfica do município de São Paulo: Anos de 1950 a 1960.



Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1950-1960.jpg. Acesso em: 15 set. 2019.

Imagem 26: Evolução Demográfica do Município de São Paulo: décadas de 1960 e 1970.



Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1970.jpg. Acesso em: 15 set. 2019.

Em 1993 segundo a Sempla a *AR São Mateus* possuía 299.894 habitantes, sendo 68.758 moradores do distrito do Iguatemi, 68.813 moradores do distrito de São Rafael e 162.623 moradores no distrito de São Mateus (mais que o dobro dos habitantes dos outros dois distritos somados). Aldo Leite, que foi Administrador Regional entre 1989 e 1981, traça

comparativo entre o presente e esse período ao ser questionado em nossa entrevista sobre o que significa o termo “periferia”:

Aquilo que está fora do centro, você tem o centro, você tem a distância. A mesma coisa quando você fala das doenças cardíacas. Tem as doenças pericárdicas, essa região periférica. As doenças pericárdicas, estão em volta do coração. O coração no centro e tal. A verdade é que essa região aqui hoje tem um pequeno comércio na Mateo Bei, outras áreas tem um comércio já mais desenvolvido. Você tem um núcleo industrial que você conhece bem ali, o São Lourenço. Tem uma outra área industrial encostada à Estrada do Pêssego. Ali é uma área industrial regulada. [...] Essa região aqui é caracterizada como área de São Mateus ou no entorno da subprefeitura de São Mateus, ela tem aproximadamente 900 mil habitantes ou 1 milhão de habitantes. Eu não saberia te dizer hoje, quando eu fui regional aqui, essa região toda tinha 72 vilas, hoje tem mais de 100.²⁹⁵

Aldo Leite tenta passar em sua fala a visão contemporânea de um território economicamente bem estruturado com suas áreas de comércio, serviços e indústria (muito diferente daquilo que o planejamento descreve para 1993), que teve um aumento expressivo em seu número de bairros entre o final dos anos de 1980 e 2017. Esse aumento se deve, se levarmos em conta o Planejamento Regional, à ocupação principalmente dos distritos do Iguatemi e de São Rafael, já que em 1993 o distrito de São Mateus praticamente não possuía mais “vazios urbanos” como ocorria no Iguatemi e São Rafael, áreas ainda fortemente marcadas pela ruralidade.²⁹⁶ Os mapas e tabelas com dados do Censo/IBGE corroboram essa visão com a ocupação intensa do distrito de São Mateus (que corresponde, predominantemente, ao loteamento Cidade São Mateus) já na década de 1950, com pequena mancha populacional na área atualmente pertencente ao distrito de São Rafael. Ao longo das décadas seguintes essa mancha se prolonga e chegamos aos anos de 1980, com aumento expressivo na área do Iguatemi, adjacente a Cidade Tiradentes. Hoje as áreas rurais ainda permanecem nesses distritos, embora em extensão mais reduzida.

Há que se notar, porém, a presença de expressiva população nos territórios rurais em 1950: 1695 habitantes no Iguatemi e 2785 moradores no São Rafael. Isso soma-se aos indícios do complexo de fazendas nessa região, apontado nas memórias, mapas e plantas reunidos até aqui, com produção econômica e vida social significativa desde os territórios das Fazendas da Juta/Oratório até Carmo/Caguaçu. Os mapas e plantas deixam evidente a intenção de proprietários (e possivelmente também grileiros) de lotear e especular sobre

²⁹⁵ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

²⁹⁶ PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Base de Dados Para Planejamento: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993. p. 12-13. *In*: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**.

terrenos na região e adjacências. A construção da Adutora Rio Claro desde os anos de 1930 e a presença de linhas de transmissão da *Light* já na década de 1940, fazem-nos entrever que já havia interesse do poder público e de algumas empresas em povoar a área embora, na prática, não tenham ocorrido movimentos mais incisivos desses agentes para constituir espaços urbanos bem estruturados.

O processo de urbanização de São Mateus, assim como o de outras regiões periféricas, foi regido por uma complexa teia de relações que envolvia uma gradativa substituição das zonas rurais por bairros para moradias de trabalhadores, porém sem o planejamento típico de uma vila operária. A estruturação real dos bairros caberia aos agentes históricos desses espaços. Obras de infraestrutura de grande porte (ou o projeto delas), não eram acompanhadas necessariamente de outras que distribuíssem entre os moradores seus benefícios como a água e a energia elétrica advindas delas, por exemplo. Sendo assim, a ocupação urbana de São Mateus traz uma série de questões que podem enriquecer as interpretações dos processos históricos envolvidos na constituição das periferias de São Paulo e suas diversas contradições entre planejamento e realidade, desejos dos moradores e dificuldades que enfrentaram. A prefeitura se limitava a promover o asfaltamento de algumas vias, instalação de guias e sarjetas e a construção de grupos escolares somente após grande insistência dos residentes como vimos no caso do pedido de regularização do leito da Avenida Rio das Pedras, do fluxo de sua linha de ônibus e instalação da escola no loteamento Cidade São Mateus. É o que vemos no texto de Bonduki com o exemplo de Vila Maria e Vila Formosa, bairros utilizados por Jânio Quadros como trampolim eleitoral, quando o parlamentar (então vereador, no final dos anos de 1940) levava à prefeitura os pedidos da população organizada por elementos de infraestrutura que já deveriam ter sido feitos pelos loteadores ou poder público.²⁹⁷

Uma das possibilidades de interpretação que esse processo enseja é quanto aos usos dos termos subúrbio e periferia, no contexto das historicidades do território. São Mateus enquanto loteamento e pequeno povoado nos anos de 1940 e 1950 pode ser considerado, como vimos, um “subúrbio-rodoviário” ou “subúrbio loteamento” na elaboração de Jurgen Langenbuch, por conta de sua ligação tênue à cidade edificada por meio de estradas precárias, com solução de continuidade e vazios urbanos entre a “cidade” e o “bairro”:

A cidade se expande sobre os núcleos suburbanos mais próximos, absorvendo-os em sua área edificada, desaparecendo a solução de continuidade existente. Na realidade esse processo é contínuo e se desenrola muito rapidamente. À medida que os subúrbios mais próximos são assim

²⁹⁷ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 297-300.

absorvidos, novos subúrbios se formam mais adiante, para serem em breve absorvidos. Grande parte da zona suburbana que destarte passa a se fundir territorialmente com a cidade, é de formação posterior a 1940, ou, quando é anterior, ainda conhece ampliações ou modificações antes de ser absorvida.²⁹⁸

No trecho supra, Langenbuch trata do processo de aglutinação desses subúrbios que se acelera entre os anos de 1940 e 1970, empurrando-os para as bordas da cidade e, até mesmo, para fora de seus limites legais. Impulsionados pela chegada de linhas de ônibus e pela especulação, esses subúrbios vão sendo cada vez mais denominados como “periferias”, à medida em que o termo é utilizado para identificar os espaços localizados “fora da cidade” com alta concentração populacional e deficiência nas suas infraestruturas. Para os moradores que chegam essa periferia é a cidade possível, com a realização árdua do sonho de construção de suas casas dentro dos seus próprios lotes, ainda que a energia elétrica quando disponível seja de “rabichos” e o barro nas vias e ausência de ônibus, entre outros problemas, sejam as barreiras cotidianas a serem superadas como nos trouxeram Prudência, Odom, Maria Elza, Tia Cida e Aldo Leite. A vida do trabalhador e a distância do seu local de trabalho, porém, fazem com que a cidade de fato não esteja ali, pois é onde se ganha o pão que os moradores consideram a cidade de fato, um outro lugar, como bem nos trouxe Tia Cida em seu relato sobre a ida ao trabalho nos Jardins.

Quando fazemos a leitura de alguns dos requerimentos de vereadores na Câmara Municipal, percebemos que eles utilizam o termo “periferia” já nos anos de 1950 para designar características do espaço de São Mateus em uma acepção que a coloca como local do morar e não do trabalhar e, também como espaço que não possui equipamentos urbanos suficientes, dependendo ora de outros territórios próximos, ora do centro da cidade em si. Em outros casos é tido como localidade que se encontra fora da cidade. É o que ocorre na “Discussão única do Requerimento n. 1945-50, do Sr. Castilho de Barros²⁹⁹, ‘solicitando ao Executivo informações sobre a criação de uma linha de Ônibus, entre a Cidade e a ‘Cidade São Mateus’.”³⁰⁰ ou no pedido de Valério Giuli³⁰¹ para disponibilização de terreno para construção de grupo escolar em São Mateus e Vila Ré em 1950:

²⁹⁸ LANGENBUCH, Jurgem **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971, p. 180.

²⁹⁹ Elvenar Castilho de Barros foi vereador da 1ª legislatura, entre 1948 e 1951, pertencendo ao Partido Social Progressista (PSP). Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

³⁰⁰ Valério Giuli foi vereador nas seguintes legislaturas: 1ª - de 01/01/1948 a 31/12/1951, 2ª - de 01/01/1952 a 31/12/1955 e 4ª - de 01/01/1960 a 31/12/1963, sempre pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Indico ao Exmo. Sr. Prefeito a conveniência de entendimentos com a Comissão do Convênio do Ensino, no sentido de serem construídos galpões na Cidade São Mateus e na Vila Ré [...] É do conhecimento de meus ilustres colegas que, até o presente momento, a Comissão do Convênio Escolar já construiu cerca de 42 galpões destinados a dar escola a 5040 crianças. Estas escolas de madeira, no estilo desmontável, estão prestando reais serviços à população da periferia, especialmente nos locais onde ainda não há população infantil para um grupo escolar.³⁰²

Em ambos os casos, embora de maneira diferente, transparece a urgência em se inserir a região no modo de vida urbano, seja como parte de um programa de instalação de grupos escolares, seja pelo funcionamento de ônibus que a liguem São Mateus à malha urbana. A crescente concentração de moradores precisava tanto que a “cidade” chegasse até eles como que eles chegassem até a “cidade”, entendida aqui como conjunto de serviços e infraestruturas como asfalto, escolas, meios de transporte e presença do Estado que permitissem a interação da população de São Mateus com a vida urbana (industrial e comercial, principalmente) em seu próprio território e em espaços centrais da cidade ou tributários destes. Realidade que moradores de alguns outros espaços em torno do centro como Mooca, Brás, Bom Retiro, Penha e Tatuapé e Santo Amaro já desfrutavam até certo ponto. Só que esses elementos citadinos mínimos pouco chegavam - ou aportavam de modo assimétrico no tempo/espaço - em extremos da Zona Leste, Sul e Norte-Noroeste entre os anos de 1950 e 1980.³⁰³

Nesse sentido, é a partir de abordagens como a desses vereadores, da imprensa e de pesquisas das ciências sociais e da geografia, que se desenvolve a formulação mais consagrada do termo “periferia”. Paulo Fontes, referindo-se ao período e local que estudou (1946-1966, em São Miguel Paulista), definiu periferias como os bairros afastados da região central e industrial da cidade, que experimentaram forte crescimento ao longo da década de

³⁰¹ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **337ª Sessão Ordinária**. 10 Nov.1950, p. 381. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 28 set. 2021.

³⁰² Idem. **265ª Sessão Ordinária**. 03 Abr. 1950, p. 16. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 28 set. 2021.

³⁰³ Segundo Raquel Rolnik, a cidade é uma segunda natureza construída por algumas sociedades humanas como organizadora de atividades produtivas humanas e símbolo de poder: “Sobre montanhas, rios e pedras da natureza primeira se implanta uma segunda natureza, manufaturada, feita de milhares de peças geométricas. Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza. [...] Centro e expressão de domínio sobre um território, rede de poder e da administração, lugar da produção de mitos e símbolos – não estariam essas características ainda presentes nas metrópoles contemporâneas?”. Esse exemplo, principalmente no que toca as relações de poder, administração e produção econômica na cidade acaba se coadunando com uma experiência e visão dos moradores de São Mateus de ausência desse tipo de cidade local em que vivem, como podemos perceber nas falas das colaboradoras e colaboradores ao longo de nossa pesquisa. Ver: ROLNIK, Raquel. **O Que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 07-08.

1950, sob impulso da iniciativa privada e ausência de regulação do Estado.³⁰⁴ Estudando o cotidiano e a cultura política do bairro Jardim das Camélias em fins dos anos de 1970 e início da década de 1980, a antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira problematizou o uso corrente e, às vezes, esvaziado do termo, seja no campo da política como nos estudos acadêmicos. “Periferia” foi utilizada “talvez em substituição a expressões mais antigas como subúrbio”.³⁰⁵ Rolnik e Bondunki no final dos anos de 1970, em pleno processo de explosão demográfica das periferias em São Paulo, utilizaram o exemplo de Osasco para definir estes espaços como aqueles formados na interação entre poder público, loteadores e trabalhadores, dilapidados por um processo de alta rentabilidade do capital no universo do trabalho e da valorização da terra na cidade, restando à classe obreira os espaços mais precários do município e da região metropolitana de São Paulo para adquirir lotes, erguerem suas casas e reproduzirem seu modo de vida.³⁰⁶ Ermínia Maricato em formulação contemporânea a de Bonduki e Rolnik, vê a periferia urbana como processo concreto tributário da industrialização de São Paulo mas também como uma “entidade” que tem lugar nos discursos de vários grupos sociais:

dos intelectuais acadêmicos aos tecnocratas do Estado, do político demagogo ao trabalhador, que apesar de integrar sua realidade está em situação que propicia distanciamento crítico, isto é, permite a consciência acerca dos descaso da administração pública em relação às áreas de residência da classe trabalhadora.³⁰⁷

As fontes e formulações teóricas que abordamos neste capítulo tratam de uma região em que o elemento rural está presente na realidade, ora como qualidade ora como obstáculo à formação de um espaço urbano onde as pessoas conseguissem acessar “a cidade”. A constituição de uma territorialidade a partir da Igreja Católica e da busca pela ligação com o centro da cidade por meio da Avenida Rio das Pedras, indicam que a atração pelo “idílico rural” perdia cada vez mais espaço para a ideia de “progresso” – no caso destes moradores, necessidade – que a constituição de um espaço com seu grupo escolar, linha de ônibus regular, ruas pavimentadas e nomeadas trariam para aquele “povoado de subúrbio”.

³⁰⁴ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008, p. 94.

³⁰⁵ CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 08.

³⁰⁶ Essa dinâmica, que ganha maior complexidade nos anos de 1970 em relação às duas décadas anteriores, não só em São Mateus como em diversas periferias de São Paulo, será analisada com mais profundidade no capítulo 03 deste trabalho, quando tratarmos da questão da moradia no território em questão. Para entender os detalhes da articulação loteador-poder público-morador ver: BONDUKI, Nabil Georges & ROLNIK, Raquel. **Periferias: Ocupação do Espaço e Reprodução da Força de Trabalho**. São Paulo: Programa de Estudos em Demografia e Urbanização PROEDUR (FAU-USP), 1978, p. 13.

³⁰⁷ MARICATO, Ermínia. Autoconstrução: A Arquitetura do Possível. *In*: MARICATO, Ermínia (Org). **A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa-ômega, 1982, p. 82.

Porém o padrão de ocupação do espaço seguiu a tendência da casa precária de Tia Cida e dos problemas de circulação destacados por Aldo Leite e de ocupações sem regulamentação que Orinho destaca para o território do Iguatemi. A lógica da moradia e da propriedade da terra como uma questão privada e não regulamentada pelo Estado acabava, portanto, afetando as outras dimensões da espacialidade urbana como a não estruturação da circulação, de espaços de lazer e preservação ambiental, dentre outras, o que levou a uma percepção histórica das periferias de São Paulo como lugar da “desordem”. As memórias de uma São Mateus em ponto de inflexão histórica podem ser confrontadas com as considerações de José de Souza Martins, em entrevista concedida pelo sociólogo no início dos anos de 1990 à *Revista Espaço & Debates*, quando compara a “vida tranquila do subúrbio” com o processo de periferização, que vê como a destruição do modo de vida anterior – supostamente organizado - trocado pela falta de planejamento e desordem social:

No subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano, hortas, galinheiros, fornos de pão e broa, jardins, muitas flores e um certo perfume suave suburbano. A periferia já é produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o reduzido espaço para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor. [...] A periferia é a designação dos espaços caracterizados pela urbanização patológica, pela negação do propriamente urbano e de um modo de habitar e viver urbanos.³⁰⁸

Discordamos dessa visão de destruição de uma vivência “quase ideal”, trocada por outra, desorganizada, em muito semelhante ao senso comum veiculado nos principais meios de comunicação de massas quando abordam as periferias. Não podemos estabelecer um lugar de bem viver urbano que seja o oposto de outro onde somente há desorganização e mal estar, o que pode levar a uma projeção da “desorganização espacial” ou de sua “organização” na avaliação da vida social e cultura de quem vive nesses espaços, limitando a possibilidade de análises mais abrangentes e humanas das realidades abordadas.³⁰⁹

³⁰⁸ LANGENBUCH; Juergen; MARTINS, Jose de Souza; NABIL, Bonduki. Depoimentos. In: **Espaço & Debates**, São Paulo, n. 42, 2001, p. 78.

³⁰⁹ Segundo Bernard LePetit, a relação entre urbanidade e espacialidade deve sempre ser levada em conta para a análise dos processos históricos envolvendo a cidade: “dissociar os estudos sobre a urbanidade e as pesquisas sobre morfologia urbana acarreta a perda da questão urbana em sua especificidade. A idade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos comportamentos citadinos com os ritmos mais sincopados da evolução de certas formas produzidas. A complexidade é imensa.”. É nessa perspectiva que buscamos trabalhar nesta pesquisa, propondo aos moradores dos territórios de São Mateus a rememoração e análise das transformações urbanas dos espaços em que vivem, trazendo a riqueza de suas subjetividades e indícios das permanências e mudanças nas espacialidades locais. Ver: LEPETIT, Bernard. É

Entretanto, podemos por essa chave, considerar que São Mateus era uma espécie de subúrbio de São Paulo seja à maneira de Souza Martins (com seu loteamento e espaço “organizado” ainda com poucas moradias) ou ao modo de Aroldo de Azevedo e Langenbuch, como povoado semi-urbanizado em meio a ambiente rural integrado de modo tênue (por uma estrada ou ferrovia) à cidade e a outros povoados de subúrbio. Esses espaços passam por acentuado processo de adensamento a partir dos anos de 1950, com o encontro de imigrantes de diversas regiões do país, ressignificando suas culturas rurais em um espaço urbano em constituição. É importante ressaltar que a categoria subúrbio aqui em São Paulo provém mais de interpretações acadêmicas, quando estas associam características urbanas incipientes a uma espacialidade predominantemente rural em alguns locais da cidade. Não há um uso corrente pela população, como ocorre no Rio de Janeiro por exemplo, em que a categoria aparece com frequência para designar os bairros do “asfalto” onde mora parte da população trabalhadora da cidade que não vive nas favelas.

Para entendermos melhor como parte dos residentes de São Mateus pensam seus próprios conceitos de periferia, elencaremos aqui excertos das falas dos nossos colaboradores que responderam à seguinte questão: o que vem à sua mente quando escutam o termo “periferia”? Vejamos primeiro como Terezinha, Pedro, e Dona Geralda pensam o território a partir de suas relações comunitárias:

Periferia para mim...Eu não me vejo em um ‘centrão’ de cidade, no meio de prédios. Eu me sinto mal. Eu não serviria para morar no Morumbi. Eu acho que na periferia, apesar das dificuldades do povo, aquilo que falava ainda é que o que mais germina ainda...É o povo que mais constrói, que se constrói ainda e onde se tem respeito ainda um pelo outro. Eu moro na periferia, mas eu sento aqui na minha calçada. Fala-se muito da violência. Mas eu sento aqui na minha calçada e posso ficar a tarde inteira aqui na minha calçada sentada conversando com os meus vizinhos. A hora que eu preciso de um arroz, eu vou aqui nos vizinhos, peço para qualquer um e eles me emprestam. Você está me entendendo? É isso acontece aonde? Acontece na periferia. Vai lá no Tatuapé, morar em um prédio. Você sai e é um que dá bom dia.³¹⁰

Terezinha, como vimos no primeiro capítulo, tem uma vida marcada pelos laços com a vizinhança, desde a compra de sua moradia, cuidados com os filhos, doação de alimentos quando precisou e obtenção de emprego quando seu marido estava desempregado. Embora não negue a existência da violência, reafirma a presença das boas relações de vizinhança, que não enxerga em bairros ocupados por prédios ou condomínios, que vê como espaços de

Possível Uma Hermenêutica Urbana? *In*: LEPETIT, Bernard. **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001, p. 141.

³¹⁰ ENTREVISTA COM TERESINHA CAMARGO. Realizada em 03 mai. 2019.

relações mais frias e impessoais. Visão semelhante tem Pedro, que pensa na positividade do encontro entre sujeitos diversos no mesmo espaço e em sua convivência pacífica:

Quando falamos em periferia eu penso naqueles moleques com roupas de time de basquete. Periferia eu vejo que é um local onde você pode ser você mesmo, sabe? Existem uns preconceitos sociais e tal. Mas digamos que é um local onde você consegue conviver com todos os gêneros né. É o alagoano com o cearense, o paulista caipira com o paulistano da capital, até mesmo o estrangeiro entendeu? Homossexuais, o grupo LGBT, embora não atue de maneira organizada, mas é uma presença constante. Existe o preconceito, mas aqui não é expresso. Aqui eu vejo um local de convívio onde você tem as suas raízes. Você tem a sua própria cultura, sua própria dinâmica, sua própria linguagem, sua própria forma de organização, sua própria forma de participação. A periferia eu chamo de caos organizado, caos auto-organizado.³¹¹

A visão de Pedro ressalta o encontro entre diferentes migrantes, gêneros e sexualidades que, embora seja marcado pelo preconceito em diversas de suas relações, teria a predominância de um acordo em comum, um potencial de “caos social” que se torna auto-organizado devido à necessidade de convivência um mesmo território. Por último e não menos importante temos a fala de Dona Geralda de Moraes, refletindo através de suas experiências de lazer: “Periferia...Maria Cursi! Timaiá, por causa do samba. Eu gosto de samba. Gosto de reunir os pessoal, para sambar. Vou lá sou elogiada pela minha idade, o pessoal acha que eu sambo demais, danço demais.”³¹² Dona Geralda enfatiza dois locais que ainda frequenta, do alto de seus 92 anos de idade: o *Samba Maria Cursi* e o *Samba do Timaiá* dois espaços dedicados ao samba que articulam principalmente parte da população negra dos três territórios, grupo do qual a moradora faz parte junto com sua família, reafirmando sempre a sua identidade. As periferias como espaços de potência cultural têm ganhado cada vez mais campo na mídia e nos estudos acadêmicos desde os anos de 1990, conforme vimos na introdução desta unidade.

Da mesma família Moraes, temos o início do bloco de falas que destacam aspectos problemáticos das periferias, que se aproximam das colocações dos vereadores na Câmara Municipal e dos conceitos mais clássicos do termo, com os depoimentos de Sérgio e Rose que tratam da ideia a partir da realidade que viveram na Vila Carrão e depois no Jardim Colonial:

[Sérgio] Quando eu era moleque essa palavra nem existia cara. Não era uma palavra recorrente. Não era periferia, mas não era região nobre... [Rose] Aí se for analisar a estrutura. [Sérgio] Ali demorou pra ter, não tem asfalto. Você não tem essa lembrança. Então não era um bairro afastado, mas também não era um bairro nobre. Agora quando a gente veio pra cá, aqui era um bairro afastado. Periferia era quebrada, o pessoal fala quebrada hoje. A

³¹¹ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

³¹² ENTREVISTA COM GERALDA MORAIS. Realizada em 24 jul. 2020.

gente fala que o cara morava na quebrada, era quebrada mesmo. Aqui não tinha asfalto, não tinha transporte, não tinha esgoto, não tinha transporte. Era assim, essa palavra ficou meio que...Antigamente quando o cara falava que estava na periferia, ele estava na periferia mesmo. Quando a gente veio morar aqui, essa palavra não tava muito em voga, ninguém falava ‘periferia’. Falava o cara mora longe. O bairro afastado. [Rose] E também aqui os termos que se usavam em relação a essa região era favela do Jardim Colonial. [Sergio] Você estava excluído.³¹³

O diálogo entre irmãos trata da experiência de morar em um bairro afastado que não era nobre – a Vila Carrão – e de estar no Jardim Colonial, que Sergio caracteriza como quebrada, bairro sem infraestrutura. Ressalta que nos anos de 1980, falava-se que as pessoas moravam longe e não na periferia, ao que Rose intervém e comenta que era recorrente o uso do termo “favela” para o Jardim Colonial.³¹⁴ Continuando na mesma linha da questão da precariedade de vida nas periferias, agora no contexto da moradia, temos o depoimento de Maria Elza:

De rápido a gente já pensa em casas sem acabamento. O que é incrível é que isso é uma lógica né. E uma região em que as pessoas são pobres né. E vou falar pela minha família mesmo. A gente tá aqui há mais de trinta e cinco anos em São Mateus e por fora a casa da minha mãe ainda não tem todo o acabamento. Quando você pensa em periferia você vai pensar em casas que não tem um padrão de construção. O acabamento muitas vezes fica só dentro, fora vai ficando, vai ficando... Região em que as necessidades das pessoas nem sempre são...Posto de saúde geralmente são precários, não temos o suficiente. Periferia é isso. Você já pensa em um lugar longe. Um lugar em que o acesso muitas vezes é difícil. Você associa à violência. Eu vivo nela e vejo várias coisas bacanas, mas em meu pensamento, quando você fala assim pra mim assim o que primeiro me vem à cabeça: essas casas sem acabamento. Essas casas que os tijolos ficam à vista não por estética legal, mas porque não há condições de fazer o acabamento.³¹⁵

Maria Elza, que participa do movimento de moradia no território, ressalta como marcante das periferias a presença massiva de casas sem acabamento. Coloca como exemplo a moradia de sua mãe na Vila Flávia que, mesmo após 35 anos, ainda não possui acabamento externo. Também destaca as precárias condições de acesso ao transporte público e a questão da violência. Embora perceba qualidades na região, entende que os problemas acabam predominando quando se fala em São Mateus como periferia.

³¹³ ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES DE MORAIS. Realizada em 11 jul. 2020.

³¹⁴ Sobre os usos do termo “favela” como caracterização de uma “cidade subnormal” também nos aprofundaremos no capítulo 03 baseando principalmente no estudo do arquiteto e urbanista Jorge Paulino. Ver: PAULINO, Jorge. **O Pensamento Sobre a Favela em São Paulo: Uma História Concisa das Favelas Paulistas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado FAU-USP, 2007.

³¹⁵ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em 04 mai. 2018.

A questão da distância em relação às centralidades econômicas, culturais e de poder da cidade³¹⁶ também vem à baila nas falas de nossos colaboradores. É o que percebemos pelo que diz Tia Cida:

Um lugar distante da capital de São Paulo. É um bairro distante. Não é só São Mateus. São Mateus é grande. Eu considero também Itaquera periferia de São Paulo, porque é chão. Você é abalado pelo trânsito, pela condução. Em Itaquera o metrô facilita, as linhas de ônibus para São Mateus são muito boas. Aqui agora, são dez para as duas, se eu quiser ir para cidade, dependendo do lugar que eu vou, eu vou chegar lá 3h30, 4h. Com essa condução toda que nós temos a gente ainda tem uma hora e meia, duas horas pra chegar até o centro. Quando eu falo centro, eu estou falando centro São Paulo, Sé. Se eu quiser caminhar mais para a frente a distância é maior. Sair daqui para Pinheiros com certeza é 4h. Eu não vou chegar lá antes das 5h da tarde.³¹⁷

Tia Cida reconhece que com a chegada do Metrô Itaquera e de diversas linhas de ônibus ao território ao longo de meio século, as distâncias em relação à chamada cidade do centro antigo e do quadrante sudoeste diminuíram, mas ainda assim são grandes. Para ela o que marca São Mateus ou Itaquera como periferia é a distância para se chegar a esses “centros”, grande desafio quando trabalhava como doméstica nos Jardins, conforme visto no tópico 03 deste capítulo e que ainda permanece de outras maneiras mesmo na metrópole com mais possibilidades de circulação. Para Orinho, a questão da distância vem somada com o problema do abandono das periferias e das pessoas que nelas vivem:

O que vem na minha cabeça? Vem exclusão. Vem fundão. Vem abandono. Falou em periferia na minha cabeça já vem tudo aquilo que está longe e distante do que é o centro. A referência do que você encontra de bom é no centro. Periferia na minha mente assim já vem aquela coisa da exclusão, de um modo geral da exclusão social, de pouco investimento em tudo. Por isso que eu te falei, quando você perguntou o que poderia vir pra cá: o hospital, ampliar mais os transportes públicos. Periferia é pobreza. De um modo geral o cara que mora na periferia, por mais que ele tenha um comércio, ele tenha um salário de R\$ 7 mil, é uma região pobre. Então na minha mente é assim, ou seja, pelo menos como é visto né.³¹⁸

Para Orinho, mesmo que alguém possua uma renda acima da média da maioria da população local, ela ainda estará morando em um território que não possui o mesmo investimento que o centro da cidade, visto como referência daquilo que se pode acessar de

³¹⁶ Segundo Tiarajú Pablo, a área central-sudoeste de São Paulo é caracterizada pela concentração da riqueza e das melhores condições de infraestrutura da cidade, tendo como epicentro a região da Avenida Faria Lima. Interessante notar que assim como o autor, que compartimenta o centro em centro antigo e área central sudoeste, Tia Cida também faz movimento parecido ao falar primeiro da “cidade” e depois de “Pinheiros” como duas centralidades distintas. Ver: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. In: **Novos Estudos CEBRAP** (Dossiê Subjetividades Periféricas). jan.-abr. 2020, p. 28.

³¹⁷ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

³¹⁸ ENTREVISTA COM ORINHO FERREIRA. Realizada em 07 fev. 2019.

bom no espaço urbano. Isso, somado à distância que São Mateus tem em relação ao centro intensifica a sensação de abandono.

As constatações de Orinho, bem como as de Maria Elza, Sergio, Geralda Rosemeire Morais, Aldo Leite, Pedro Caranicolov e Tia Cida, fazem-nos refletir sobre as divisões espaciais atuais da cidade em contraposição ao que se verificava entre os anos de 1940 e 1970. A mudança do padrão centro-periferia, predominante neste período, criou espaços mais complexos na cidade, mas nem por isso sem um centro e uma periferia identificáveis por suas condições de acesso à renda, trabalho e infraestrutura urbana, mas também por suas formas de organização comunitária e cultural.

Segundo Tiaraju Pablo, as condições socioespaciais da cidade, ligadas a seus processos históricos, levam a uma configuração do urbano que possui as seguintes camadas: centro tradicional (que inclui centro antigo com áreas como Sé, Anhangabaú, Luz e Liberdade); área central-sudoeste (que inclui Paulista, Faria Lima e Berrini, centros financeiros da cidade); subúrbio (área residencial de transição entre áreas centrais e periferias, bairros como Limão, Freguesia do Ó e Penha) e periferias (bairros distantes dessas centralidades e predominantemente pobres como Parelheiros, Cidade Tiradentes, São Mateus, Perus). As periferias seriam definidas em relação às diferenças geográficas e de renda em relação ao centro antigo e à área central sudoeste, enquanto que os subúrbios, de povoados nos arredores da cidade nas décadas de 1940 e 1950, seriam agora vilas de origem predominantemente ferroviárias, com padrões urbanísticos mais regulados pela Prefeitura e loteadores.³¹⁹

O desenvolvimento do qual trata Aldo Leite para São Mateus pode ser identificado como uma periferia em transição (enclave de riqueza ou classe média em meio a predominância de pobreza) termo utilizado por D'Andrea para caracterizar espaços com domínio de ocupações não reguladas pelo Estado e conjuntos habitacionais públicos que possuem espaços marcantes, embora não predominantes, de condomínios, obras de mobilidade urbana em suas centralidades, como ocorre em São Mateus nas avenidas Mateo Bei, Ragueb Chohfi e Sapopemba.

Temos aqui, portanto uma pequena síntese que dialoga com as falas de nossos colaboradores: distância em relação ao centro, pobreza e certo grau de desenvolvimento econômico e urbano marcando esses territórios. Mas há também, o lado da “potência” e

³¹⁹ D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. In: **Novos Estudos CEBRAP** (Dossiê Subjetividades Periféricas). jan.-abr. 2020, p. 23.

vontade de superação das limitações do lugar, apontado por Terezinha, Pedro, e Dona Geralda ao falar da cultura periférica e suas manifestações comunitárias também presentes nas considerações de Tiarajú Pablo. Essa potência também se manifesta no contexto das organizações populares por serviços públicos e infraestrutura urbana no território, atuantes entre os anos de 1970 e 1990 no território, que aprofundaremos no capítulo seguinte. Veremos como a transição do rural para o urbano periférico e, atualmente, para a interação com a *periferia em transição* tem a ver com as iniciativas comunitárias dos moradores em toda a sua riqueza de documentação oral, jornalística, boletins dos movimentos e debates na Câmara Municipal de São Paulo.

CAPÍTULO 03: MOBILIZAÇÕES E CONQUISTAS SOCIAIS URBANAS DE SÃO MATEUS: MEMÓRIAS DOS MORADORES E OUTRAS FONTES

O território de São Mateus, como vimos até aqui, possui um *corpus* documental significativo e variado sobre a sua ocupação espacial e vivências de seus moradores, expressas nos diversos trabalhos de memória, cartografias, *Anais da Câmara Municipal* e matérias de jornais locais e de grande circulação. Mais do que evidências e rastros da urbanização de um “arrabalde” de São Paulo entre o final dos anos de 1940 e 1950, demonstram como esse “povoado-subúrbio” vai aos poucos se tornando um território urbano, denominado como “periferia” da cidade, e reivindicando cada vez mais seu *status* de urbanidade dentro do município de São Paulo.

As formas coletivas de organização dos residentes, que cobravam uma maior articulação do território com as estruturas urbanas paulistanas, ao mesmo tempo exigiam uma melhor articulação interna das demandas locais de serviços públicos, tornando São Mateus cada vez mais visível e integrado à cidade. As trajetórias e significados dessas lutas encontram importante documentação e elaboração de memória nas falas dos colaboradores entrevistados para este trabalho, bem como nos jornais da imprensa liberal dos anos de 1970 e 1980 e nos periódicos locais das décadas de 1980 e 1990. Merecem destaque como elementos que ajudam a estruturar essa unidade as edições de 1978 do boletim *O Ajudante*, da “Pastoral Operária Setor São Mateus” e o informativo *Saúde Para Todos* do “Movimento de Saúde de São Mateus” que demonstram a posição determinante dos moradores no contexto das lutas sociais do período que corresponde aos embates com a Ditadura Militar e sua contribuição para o processo de redemocratização do país.

Por meio dessas fontes e das leituras historiográficas e sociológicas clássicas e contemporâneas do tema abordaremos, a seguir, um panorama histórico das principais mobilizações sociais urbanas organizadas em São Mateus entre os anos de 1950 e 1970 para, na sequência, tratar da atuação dos movimentos de saúde e de transportes, das questões da moradia e ambiental em suas principais elaborações e construções memorialísticas na década de 1980 e seguintes. Por fim, trataremos como esse clima de mobilizações ajudou a constituir um poder local, que conferiu mais um elemento de identidade territorial a São Mateus com a inauguração de sua “Administração Regional” em 1986 e correspondente atuação nos anos, imediatamente, posteriores.

3.1 São Matheus Guerreiro: Memórias e Documentação das Mobilizações Sociais entre os anos de 1950 e 1980

As mobilizações sociais nas periferias da cidade de São Paulo são vistas, no geral, como uma simples reação ao ambiente estrutural de precariedade de infraestrutura urbana e de negligência de serviços por parte do poder público com os quais os moradores se defrontam em seu dia a dia. Tomando como referência a produção de trabalhos de sociologia urbana do final dos anos de 1980 e da historiografia das décadas de 2000 e 2010 – oriundos, principalmente, da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC)* – percebemos que outros fatores devem ser levados em consideração. Um deles, diz respeito ao aprendizado subjetivo dos grupos que vivem as diversas privações na cidade, como um elemento essencial para entender suas mobilizações específicas, abordagem em que a influência thompsoniana se faz notar. Um dos exemplos nesse sentido é o apresentado pelo sociólogo Lúcio Kowarick, que trata do protagonismo dos sujeitos sociais e suas experiências na organização das lutas populares:

[...] malgrado uma situação comum de exclusão, elas (as lutas urbanas) não só se manifestam de maneira diversa, como também, sobretudo, as experiências acumuladas têm trajetórias e significados extremamente díspares: a recuperação destas experiências de luta, suas articulações e grau de organização mostram a necessidade de estudá-las nos seus micromovimentos, pesquisando situações concretas que apareçam no calor da hora e que apontam para impasses e saídas para as quais as condições estruturais objetivas constituem, na melhor das hipóteses, apenas um grande pano de fundo.³²⁰

Segundo a historiadora Lucirene Carignato, em seu trabalho sobre a organização e experiências do *Movimento de Saúde da Zona Leste de São Paulo*, também não é possível fazer um estudo dos movimentos urbanos que tenha como único argumento o caráter reativo às estruturas objetivas e, assim como Kowarick, não nega que é a significação dada às experiências pelas culturas individuais e sociais, junto às carências de infraestrutura nas periferias, o que dá o tom dessas reivindicações:

[...] ao acompanhar essas mulheres nessa trajetória, nosso interesse é entender o processo que as leva a se constituir como estes novos sujeitos históricos, formados a partir da enorme gama de situações e significados que suas experiências trazem e no contato com uma realidade de carências objetivadas em seus lugares de moradia [...] O apelo popular à satisfação das

³²⁰ KOWARICK, Lucio. As Lutas Sociais e a Cidade: Repensando um Objeto de Estudo. In: KOWARICK, Lucio (Org). *As Lutas Sociais e a Cidade – São Paulo*: Passado e Presente. São Paulo: Paz e Terra, 2 ed, 1994. p. 45-46.

necessidades objetivas é sempre revestido de uma gama de significados advindos da própria experiência construída por eles.³²¹

Essa interligação entre as condições estruturais da cidade (sua produção econômica e do espaço mediada pelas ideologias e práticas políticas do Estado) e as experiências dos moradores em seus bairros perpassam nossa compreensão da luta social nas periferias de São Paulo e do território de São Mateus em particular, informando sobre as principais características e motivações das iniciativas comunitárias que se desenvolveram ali.

Historicamente, a luta social no território pode ser dividida em dois eixos/momentos principais: o primeiro refere-se aos pequenos agrupamentos que fizeram o embate por infraestrutura urbana nas décadas de 1950 e 1960, com destaque para a associação “A Voz da Colina”, “Sociedades de Amigos de Bairro” e articulações adhemaristas e janistas; e, o segundo, ao *Movimento de Saúde da Zona Leste* ao longo dos anos de 1970 e 1980, com sua história de formação e consolidação, que teve como um de seus epicentros a região de São Mateus, gerando ou caminhando paralelo a reivindicações por transporte público de qualidade, meio ambiente, creches, moradia e asfaltamento, com forte presença da *Pastoral Operária*.

3.1.1 As SABs, Associações Comunitárias e Reivindicações de Vereadores.

O primeiro momento se desenrola no Pós-Segunda Guerra, durante o período democrático conhecido como República Populista (1945-1964). São Paulo caracterizava-se pelo predomínio político de duas correntes conservadoras que buscavam dialogar com a população periférica: o “Adhemarismo” do *Partido Social Progressista (PSP)*, tendo como figura central Adhemar de Barros e o “Janismo”, do *Partido Social Cristão (PSC)*, encabeçado pelo vereador Jânio Quadros. Não deixaria de existir também, nesse período, forte influência do *Partido Comunista Brasileiro (PCB)* nas organizações populares de bairro, assim como ocorria nos sindicatos e na indicação de quadros que disputavam mandatos eletivos por meio do *Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)*, já que o Partido Comunista Brasileiro se encontrava na ilegalidade desde 1947. Segundo Nabil Bonduki os “CDPs”, *Comitês Democrático Populares*, organizados pelo PCB em bairros periféricos entre 1945-47, foram os embriões do que viriam a ser as SABs (*Sociedades de Amigos dos Bairros*):

³²¹ CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007, p. 14.

[...] os comitês reuniam a população, levantavam os problemas das vilas, promoviam cursos de alfabetização ou de corte e costura, realizavam homenagens [...]. Os CDPs foram perseguidos e fechados quando o governo Dutra declarou o PCB ilegal. [...] Assim, em outra perspectiva, mas com discurso similar, as Sociedades de Amigos de Bairros (SABs), apoiadas por políticos populistas, deram continuidade ao trabalho dos CDPs, às vezes aproveitando suas lideranças.³²²

Em São Mateus, com base no que pesquisamos até o momento, não há indícios de que as SABs possuíam uma origem comunista, sendo sua atuação bastante ligada a partidos conservadores populistas ou mais voltadas a zeladorias locais, mas não necessariamente a uma militância política com interfaces partidárias. Em 1968, o vereador Alfredo Martins³²³, à época filiado ao *Partido Social Trabalhista (PST)*, da órbita janista, fez um relato empolgado da visita do governador Abreu Sodré e do prefeito Faria Lima ao território do “Vale do Aricanduva”, por ocasião do aniversário da Vila Carrão. Segundo o parlamentar “participaram dessas festividades todas as associações de amigos de bairro daquela região, bem como também os clubes desportivos do mencionado bairro.” Ao chegar ao largo de São Mateus, “fim do vale do Aricanduva, ali se reuniu com a sociedade local composta daquelas vilas que estavam ali representadas a começar pelo Jardim Ester, Jardim Colorado, Parque São Rafael, Jardim Santa Adélia, Jardim Sapopemba, Jardim Colonial, Cidade São Mateus.” O governador “chegou triunfante à região, aplaudido por todo aquele povo que ali estava.”³²⁴ Além de atribuir às *Sociedades de Amigos de Bairro* locais uma postura cordial em relação ao governador e prefeito, o vereador lista um total de sete sociedades de territórios articulados à “Cidade São Mateus”. Uma delas, do “Parque São Rafael”, teve uma de suas demandas – a iluminação pública – provavelmente articulada pela SAB local no mesmo ano de 1968 junto ao vereador Reinaldo Canto Pereira³²⁵, com histórico político no PSP, porém filiado à *Aliança Renovadora Nacional (ARENA)* na Ditadura Militar:

Requeiro à Mesa nos termos regimentais seja oficiado ao Sr. Prefeito Municipal encarecendo a S. Exa. a necessidade das providências administrativas do Executivo junto à Light - Serviços de Eletricidade S.A., para que seja instalada iluminação pública nas ruas do Parque São Rafael

³²² BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2013. p. 297-299.

³²³ Alfredo Martins foi vereador entre 1964 e 1992, passando pelo PST e pela ARENA. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

³²⁴ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **536ª Sessão Ordinária**. 30 Set. 1968. p. 52. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

³²⁵ Reinaldo Canto Ferreira foi vereador entre 1960 e 1969, passando pelo PSP e pela ARENA. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

localizado a seiscentos metros aproximadamente da Praça central da Cidade São Mateus, lado esquerdo da estrada que dali conduz a Santo André. Tal providência já foi pedida ao Senhor Prefeito pela Sociedade dos Amigos daquele bairro, mas ainda não ordenada ou executada, embora os bairros vizinhos, como a Cidade São Mateus, os Jardins Sonia Maria e Silvia Maria assim como outros, já dispõem daquele melhoramento público.³²⁶

Percebemos que há uma diferença entre bairros mais centrais do território como Cidade São Mateus e uma localidade relativamente mais afastada como o Parque São Rafael, no que diz respeito à chegada da iluminação pública neste período. Algo que também é digno de nota é que, mais uma vez, não temos o registro da presença de partidos mais à esquerda no reverberar das demandas populares do território na Câmara Municipal, pelo menos até a década de 1970.

Nas memórias articuladas pelo jornal local *Gazeta de São Mateus* há uma ênfase à “Sociedade de Amigos de Cidade São Mateus” e nenhuma menção às sociedades mencionadas dos bairros ao redor. Segundo o jornal, a *Sacismat (Sociedade de Amigos do Bairro de São Mateus)* teria sido fundada 1959 pelo major reformado do exército Oscar Pereira da Silva que notou que o bairro “não possuía nenhuma obra de infraestrutura, asfalto só havia na Mateo Bei. Logo ele se engajou e organizou um grupo de moradores que fundaram a Sociedade de Amigos Cidade São Mateus (Sacismat).”³²⁷ A entidade é vista como fundamental na organização dos moradores na reivindicação por serviços públicos básicos.

Segundo Paulo Fontes, “a proliferação de organizações populares nas regiões periféricas de São Paulo foi um dos fenômenos mais marcantes da década de 1950”, sendo que as Sociedades de Amigos do Bairro (SABs)

[...] ganharam proeminência pública durante a campanha de Jânio Quadros à prefeitura, quando foram fundamentais para sua vitória. A partir de então não seria possível fazer política em São Paulo sem levar em consideração as SABs e suas reivindicações.³²⁸

Essas organizações chegaram a constituir uma *Federação Municipal*, a “Fesab”, que pleiteou, entre outras coisas, a elaboração de uma cooperativa de abastecimento para driblar a carestia de preços dos gêneros alimentícios e a participação da sociedade na administração da *Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC)*, empresa pública que geria o

³²⁶ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 536ª Sessão Ordinária. 30 Set. 1968, p. 52. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

³²⁷ A GAZETA DE SÃO MATEUS. Major Oscar: o primeiro presidente da Sacismat. 09.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1995.

³²⁸ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 275.

transporte público de ônibus na cidade à época. Para Adriano Duarte tanto os CDPs como as SABs foram fundamentais para colocar as demandas urbanas no contexto político da redemocratização do país:

Do ponto de vista das classes populares, essas organizações tornaram evidente que a ideia de democracia, ou de redemocratização, estava diretamente vinculada à moradia, transporte, trabalho, saneamento, escola, postos de saúde, lazer, liberdade de organização, baixo custo de vida etc., ou seja, aquilo que se poderia emblematicamente chamar de ‘direito à cidade.’³²⁹

Tanto Fontes como Duarte, ressaltam o lugar de embate que as SABs teriam desempenhado nesta década, como foco de luta combativa contra o descaso das gestões municipais em relação aos moradores da “São Paulo que não parava de crescer”. Tinham essa postura mesmo sendo alinhadas a políticos de tendência populista. Entretanto, quando lançamos o olhar sobre as fontes relacionadas a São Mateus, suas demandas ou manifestações indicam uma articulação com quadros políticos conservadores, seja nas memórias de *A Gazeta de São Mateus* ou nos registros do legislativo municipal, sem indícios de grandes conflitos políticos. No caso das memórias, o jornal *A Gazeta de São Mateus* tende a dar ênfase à política feita por residentes ligados a centralidade comercial da região, em muitos casos simpáticos a partidos janistas ou adhemaristas, cujos parlamentares acabam aderindo à ARENA durante a Ditadura Militar.

As ligações de parte da população de São Mateus com o adhemarismo e o janismo são relatadas aos jornais locais por moradores que viviam no território desde os anos de 1950, como o professor e advogado Odom Vieira Lima, que destaca para o jornal *Cidade São Mateus*, a influência política de ambos os grupos: “os candidatos bem fortes eram o Adhemar de Barros e o Jânio Quadros na época em que ele iniciou como vereador e depois chegou a prefeito. Eles dividiam a preferência do eleitorado e faziam grandes encontros políticos por aqui.”³³⁰ As movimentações políticas de Bento Caetano, morador da região na década 1950, como a fundação de diretório janista e a participação na campanha a prefeito de Quadros em 1953 são destacadas em *A Gazeta de São Mateus*:

Previendo a possibilidade da eleição de Jânio, Caetano, Joaquim e José Moraes foram à procura do candidato em sua residência. Lá eles foram recebidos por Jânio, que prometeu ajudar o bairro, caso fosse eleito. Com a

³²⁹ DUARTE, Adriano Luiz. Em Busca de um Lugar no Mundo: movimentos sociais e política na cidade de São Paulo nas décadas de 1940 e 1950. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 42, julho-dezembro de 2008, p. 196.

³³⁰ CIDADE SÃO MATEUS. Passo a Passo na Terra dos Beis. 10.1986. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1986.

promessa, os moradores engajaram-se na campanha e alugaram um salão na avenida Mateo Bei, para que fosse implantado lá um comitê político.³³¹

Nesse contexto de mobilizações em São Mateus, também tem destaque “A Voz da Colina”, atuante na região desde o começo dos anos de 1950. A iniciativa, embora comunitária, é apresentada nas fontes como criação de um único homem, Nildo Gregório apontado, também, como indivíduo que terraplanou a Avenida Mateo Bei. *O Diário Popular* na matéria *São Matheus Guerreiro*, que trata das lutas sociais da década de 1980, traçou uma genealogia das mobilizações sociais do território, publicando depoimento de Gregório sobre sua atividade no loteamento “Cidade São Mateus”:

[...] em meio às recordações, Nildo Gregório da Silva, responsável pela terraplanagem da Avenida, conta como isso aconteceu: ‘na época eu morava em São Miguel Paulista e a minha empresa foi contratada por Mateo Bei para fazer o serviço. Não medimos esforços e sob o sol que despontava, demos início às obras num clima de euforia e dedicação.’³³²

No mesmo texto é relatado que, após a reivindicação por asfaltamento da via principal e por uma linha de ônibus regular no território, a demanda por uma escola pública também mobilizou a comunidade, o que levou ao surgimento da associação: “os problemas cresciam e a comunicação teria que ser mais rápida. É fundada em 52 a associação divulgadora “Voz da Colina”, um instrumento para as reivindicações da região.”³³³ Essa narrativa é reproduzida em diversos meios de comunicação locais, como *A Gazeta de São Mateus* e o sítio da *Subprefeitura de São Mateus*. Foi publicada, também, no *Diário Oficial do Município de São Paulo* que destaca que era uma associação de bairro “que tinha como principal instrumento uma carroça equipada com sistema de alto-falantes”.³³⁴ Paulo Fontes ressalta em seu estudo sobre São Miguel Paulista que muitas dessas lutas de bairro eram permeadas de um caráter informal, em que tinham pouco fôlego ou não se constituíam em entidades permanentes, o que não se significava, porém, que não havia luta por direitos. No caso de São Mateus, houve o surgimento de uma entidade permanente, depois atrelada às sociedades de amigos do bairro

³³¹ GAZETA DE SÃO MATEUS. A Política na Vida dos Moradores. 09.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1995.

³³² DIÁRIO POPULAR. São Matheus Guerreiro: a histórica abnegação. 20.08.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985.

³³³ Idem. 20.08.1985.

³³⁴ DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. São Mateus Festeja Seu 57º Aniversário Lembrando a Luta de Seus Pioneiros. 29.09.2005. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 2005.

(“Sociedade de Amigos do Vale do Aricanduva”), surgida a partir de uma iniciativa autônoma dos moradores.³³⁵

Nos anos de 1970, as demandas de São Mateus crescem exponencialmente com o aumento de sua população e urbanização. Os pedidos de obras públicas e de serviços se intensificam, tanto por meio da organização de movimentos populares, como na *Câmara Municipal de São Paulo*. É a década em que temos os primeiros relatos de ocupação urbana por favelas no território, além de eventos dramáticos relativos a problemas sanitários e na área de transportes. Chama atenção, mais uma vez, a participação de um político conservador na defesa de demandas para o território: Naylor de Oliveira³³⁶, da ARENA. Vereador de São Paulo nesta década, foi responsável por pelo menos 21 pedidos de obras e infraestrutura para São Mateus, entre requerimentos e indicações.³³⁷ Em um deles, Naylor procura demonstrar que estava ao lado da *Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Vera Cruz*:

Requeiro à Mesa seja oficiado ao Executivo Municipal, solicitando atenção para o ofício em anexo, no qual a Sociedade Amigos do Jardim Vera Cruz pleiteia doação de terreno ao Fundo Estadual de Construções Escolares, na Praça 4, desse bairro em São Mateus, para construção de um ginásio. Sala das Sessões, 6 de outubro de 1972.³³⁸

Sobre sua atuação política no território não possuímos mais informações além de suas intervenções na Câmara, também numerosas em outros bairros da Zona Leste. De todo modo é de se deduzir que a forte atuação de um político integrante da ARENA em bairros da periferia não era por acaso, já que o partido era base de sustentação da Ditadura Militar e, provavelmente, utilizava-se da tática de aproximação política das demandas do cotidiano dos moradores para que estas não fossem capturadas por militantes e políticos do campo progressista. Veremos a seguir que, no caso de São Mateus, essa tática não deu certo, pois é na articulação com a Igreja Católica progressista aliada aos políticos e militantes dos mais variados espectros partidários e comunitários do território que as reivindicações urbanas serão levadas ao poder público nas décadas seguintes.

3.1.2 – Pastoral Operária, CPT e CEBs: A Articulação da Luta Social em São Mateus

³³⁵ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo**: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 280-281.

³³⁶ Naylor de Oliveira foi vereador de São Paulo entre 1964 e 1977 e suplente de vereança entre 1977 e 1992 sempre pela *Aliança pela Renovação Nacional (ARENA)*. Fonte: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

³³⁷ No subitem que trata da questão da moradia traremos mais intervenções do referido vereador.

³³⁸ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **391ª Sessão Ordinária**. 22 Mai.1972. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anaeis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

As experiências comunitárias e de mobilização popular em São Mateus entre o final dos anos de 1970 e início da década de 1980 passam tanto pelo viés da ajuda mútua, quanto da reivindicação pública de direitos básicos de infraestrutura urbana, sendo que cada morador que teve contato com essas dimensões as enxergaram e/ou vivenciaram de forma distinta. Maria Elza Araújo, por exemplo, ao tratar de sua participação atual no movimento de moradia, relembra um grupo comunitário que discutia o tema da habitação nos anos de 1980, quando seu principal objetivo, como frequentadora, era retirar o *ticket* para distribuição de leite, que levava para os seus filhos:

Eu tive uma participação política muito pequena. Porque esse grupo eu frequentava para pegar o ticket de leite. Eu fui para esse grupo por conta do ticket, não foi por outro motivo. Só que lá eles tinham uns debates, tinham umas conversas, eles falavam muito de movimento de moradia, [perguntavam] quem tinha interesse de participar, mas eu não participava porque eu tinha duas crianças pequenas.³³⁹

A falta de tempo devido ao cotidiano pesado de trabalho e dos cuidados com os filhos, fez com que ela acompanhasse de relance, também, os debates sociais na Igreja Católica, sem que deixasse de reconhecer a sua importância:

Eu sempre participei da Igreja Católica, mas não assim sempre né. Muito pequena a minha participação. Mas gostava de ir. Era um período que as missas tinham uns debates calorosos de falar de busca de direitos né.³⁴⁰

Pedro Caranicolov, evocando as memórias de sua adolescência, quando era frequentador da Igreja Católica, também traz seu relato de como ela operava no Jardim Santo André:

aqui como em todo bairro operário houve a influência do PT – primeiro foi a influência da teologia da libertação, da igreja católica. A partir do final dos anos 70. Depois o movimento operário no ABC no final da década de 70 e 80 teve um reflexo direto, como falei anteriormente. Aqui é um bairro operário, então a discussão era conjunta.³⁴¹

Nesse primeiro momento destaca-se a influência da Igreja Católica na construção de uma cultura política de esquerda no território nos anos de 1970, mas também coloca a Igreja ao lado da escola como “o único lugar que você encontrava todo mundo do bairro [...] na missa, depois do grupo de jovens”³⁴² sendo a instituição um dos poucos espaços de

³³⁹ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em 04 mai. 2018.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

³⁴² Idem.

sociabilidade no Jardim Santo André, mas também de outros bairros de São Mateus e nas periferias de São Paulo em geral.

Tia Cida, participante do “Movimento de Saúde” e do trabalho comunitário da *Igreja São Mateus Apóstolo*, ressalta a importância da articulação dos padres em diferentes espaços do território de São Mateus e como suas formações eram determinantes na sua atuação junto aos moradores:

os movimentos sociais maiores saíram da Igreja e criaram pernas para caminharem sozinhos. Então, as reuniões que o Franco fazia depois da missa eram muito boas. Incentivava o pessoal a lutar pelos seus direitos. Excelente. Dona Maria que nunca tinha saído de casa para conversar com vereador, não sabia nem onde ficava a prefeitura. Trabalhei muito no Iguatemi, no Tabor, foram muitas reuniões no Tabor. O Hugo era muito amigo do Franco né. A gente trabalhou muito com o padre Hugo do Iguatemi. Eram experiências boas. Sem luta você não consegue nada.³⁴³

Aqui Tia Cida destaca a ligação quase que umbilical da Igreja com a formação de lutadoras e lutadores sociais dos bairros e a importante atuação de alguns párocos, como os padres Franco e Hugo, na coordenação das iniciativas. Diz que a Igreja gera os movimentos, que depois seguem seus passos autonomamente após o processo de formação de moradores dos bairros (principalmente, as donas de casa) que pouco entendiam antes de processos políticos. Também aponta uma articulação intra- territorial das organizações comunitárias, mostrando que não somente a já histórica sede da paróquia de São Mateus tinha trabalhos significativos, como também outras igrejas, como a *Comunidade São José do Tabor*, localizada no Jardim São Gonçalo, atual distrito do Iguatemi. Sobre esta comunidade e seu papel como local de articulação dos movimentos de bairro também trata Aldo Leite quando faz referência à construção do *Centro Profissionalizante dos Trabalhadores (CPT)*:

E a gente reunia todo o povo daquela região ali. Tinha um espaço no Tabor, como é que ele chama? O CPT parece que é. CPA, na época era CPT, Centro Profissional do Trabalhador...E foi eu e outros companheiros dali que eram também do movimento de saúde que fundamos aquilo. Que ajudamos a organizar o CPT para poder preparar as pessoas tecnicamente para trabalhar, dar alguma ideia, fazer discussão de como buscar gente, dar informação para ajudar as pessoas a se situar e ver como cuidar da vida.³⁴⁴

Neste momento da entrevista, Aldo Leite tratava da importância do Movimento de Saúde na articulação de espaços que orientassem o imigrante recém-chegado à cidade a lidar com o difícil cotidiano de trabalhar e morar em São Paulo. O CPT, atual *Centro Profissionalizante de Adolescentes (CPA)*, referência local na formação de jovens e

³⁴³ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁴⁴ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

adolescentes de forma cidadã para que atuem no mercado de trabalho, tem sua origem no final dos anos de 1970, com a proposta de um poderoso polo de formação de trabalhadores com consciência de classe. Foi construído por integrantes da *Pastoral Operária Setor São Mateus* e outros movimentos populares, demonstrando a colaboração entre os diferentes setores da luta social local. É o que podemos notar em seis boletins do periódico *O Ajudante*, da “Pastoral Operária de São Mateus”. Neles há chamados à comunidade para que colaborem no funcionamento de seu espaço, voltado à formação de operários para a indústria do período:

o Centro Profissional dos Trabalhadores funcionará na Estrada do Iguatemi, em frente ao Parque Boa Esperança. Terá cursos de torneiro, serralheiro, ajustador e outros. Trabalhamos para que as pessoas sejam voluntárias no seu trabalho de ensino, dentro do espírito comunitário que nos guia.³⁴⁵

Além da formação profissional e do espírito comunitário do CPT, o informativo reitera seu caráter de ação política no território e no espaço fabril, sempre na luta por direitos trabalhistas e urbanos:

acreditamos que nos cursos profissionais nós temos a oportunidade de criar pequenas comunidades operárias que vivem os problemas das fábricas e dos bairros. Porque somos um curso profissional da comunidade não para criar mão de obra barata, mas para criar em nós o espírito de luta por: um salário justo, o direito de não ser mandado embora, condições de trabalho humanas.³⁴⁶

A formação de uma “comunidade operária” consciente passava, também, por outras iniciativas do setor São Mateus como o *Serviço de Emprego da Comunidade*, no Jardim Colonial e os cursos profissionalizantes em São Mateus, Jardim Colonial e Tabor, além de outros grupos nos diferentes bairros da localidade. Segundo Eder Sader - por meio do trabalho de J.C. Petrini sobre as *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)* - São Mateus já tinha desde o início da década de 1970, comunidades religiosas que incentivavam o trabalho comunitário:

a comunidade São José Operário, em São Mateus, começou em fins dos anos de 1970 com um salão comunitário aberto pela paróquia. ‘Inicialmente o salão serviu para celebrar a Missa e para dar aula de catecismo para as crianças, tornando-se, aos poucos, o lugar onde diversos serviços eram prestados aos moradores, desde o curso de alfabetização de adultos, até a escolinha pré-primária e o curso de corte e costura. Foram dados, dessa forma, os primeiros passos para favorecer o conhecimento recíproco e a amizade.’³⁴⁷

³⁴⁵ O AJUDANTE. Os Cursos Profissionais no Nosso Setor: Boletim Setor São Mateus. Dezembro/1978. p. 07. In: **Acervo Eletrônico do Centro de Pesquisas Vergueiro** (CPV) São Paulo, 1978, p. 07. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁴⁶ Idem. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁴⁷ PETRINI, J. Carlos. CEBs: Um Novo Sujeito Popular. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p. 89 *apud* SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**: Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 158.

Aqui, temos o exemplo de trabalhos comunitários que fazem às vezes de serviços públicos na comunidade São José Operário, da centralidade de São Mateus, demonstrando a carência destes no território. Outras formas de organização comunitária operária, estão presentes em depoimento coletado junto a um padre não identificado por Vera Telles, em um estudo que procura demonstrar as relações entre militantes de bairros dos anos de 1960 e 1970, evidenciando que as movimentações operárias em São Mateus tinham um histórico que vinha desde o início da década:

então, por exemplo, as reflexões de 1º de maio, nós fazíamos sempre, também nas épocas mais duras de repressão, podia ser um salão pequeno com 20, 30 pessoas, até chegar um ponto de serem abertas com até 1000 pessoas [...] esse grupo, eu acho, ajudou muito nos trabalhos que foram surgindo depois.³⁴⁸

O padre em questão evoca lutas sociais que surgiram como tributárias das primeiras reuniões do início da década de 1970 sobre a questão trabalhista e celebrações litúrgicas sobre os dissídios salariais. Telles traz as experiências de sindicalistas e militantes da *Ação Operária Católica*, *Juventude Operária Católica* e sindicatos dos anos de 1960 em ações comunitárias de auxílio mútuo e luta por direitos neste período. A socióloga é contra a ideia de um “vazio” de formação de organizações entre o Golpe de 1964 e o final da década de 1970, quando ganharam visibilidade o novo sindicalismo, o Movimento de Saúde e de moradia, principalmente.³⁴⁹ História de vida que dialoga com esse contexto é a de José Zico Prado, atuante em organizações políticas do final dos anos de 1960 e início da década de 1970, conforme biografia sintetizada por Cida Ferrari.³⁵⁰ A memorialista trata, também, da participação de Zico nas mobilizações de compras comunitárias capitaneadas pela *Pastoral Operária* em São Mateus e das interfaces dessa iniciativa com o *Movimento do Custo de Vida (MCV)*, surgido na zona sul da cidade:

no início de 74, o grupo da Pastoral começa a fazer as compras comunitárias, isto é, a comprar gêneros de primeira necessidade em grande quantidade,

³⁴⁸ TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: KOWARICK, Lucio (Org.) **As Lutas Sociais e a Cidade**: Passado e Presente. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994, p. 229.

³⁴⁹ Idem, p. 220-222.

³⁵⁰ Zico organizou, segundo a memorialista Cida Ferrari dos Santos, ocupações rurais no final dos anos de 1960 em Santa Fé do Sul no interior de São Paulo, que levaram à sua migração para São Mateus, após ser perseguido no local. Aqui, como trabalhador da *Metalúrgica Mattarazo* no Pari, entrou em contato com sindicalistas dos anos de 1960 e integrou a *Ação Popular*, sendo preso e torturado no início da década de 1970 pela Ditadura Militar. Solto, passou a integrar movimentos locais e a oposição sindical metalúrgica, sendo um dos fundadores da *Pastoral Operária* e do *PT*, pelo qual se elegeu deputado estadual no início dos anos de 1990. Ver: SANTOS, Cida. **Zona Leste Meu Amor**: Personagens de Uma História de Lutas. São Paulo: Ed Marco Markovitch, 1994, p. 93-94.

distribuindo-os para 160 famílias cadastradas, que pagavam a despesa em duas parcelas, economizando cerca de 30%.³⁵¹

Tudo indica ter sido essa a principal expressão do *Movimento do Custo de Vida* em São Mateus. Segundo Thiago Nunes Monteiro, em estudo que busca demonstrar que o MCV foi a primeira grande mobilização popular a romper o cerceamento do espaço público durante a Ditadura Militar, os grupos de compra comunitária eram comuns na zona sul ao longo dos anos de 1970, espalhando-se, depois, por outros bairros das periferias de São Paulo. Ao utilizar matéria do jornal *O Estado de S. Paulo* para tratar do tema, o historiador seleciona a fala de Pe. Franco, pároco da *Igreja São Mateus Apóstolo*, revelando que as reuniões mensais em torno das compras comunitárias despertavam o interesse das pessoas por outras questões do bairro como “a deficiência do serviço de ônibus. [...] Se não houver essa reflexão, a experiência vai enfraquecendo, adquirindo conteúdo comercial.”³⁵² Assim também se dava no Jardim Colonial, de acordo com o informativo *O Ajudante* em uma de suas edições de 1979:

como será resolvido o problema da nossa alimentação? No Jardim Colonial esse problema está sendo discutido e trabalhado para tentar solucioná-lo. Assim decidimos: fazer compras em conjunto dos primeiros alimentos: arroz, feijão, batata, óleo, açúcar e outros. [...] fazemos uma reunião mensal para discutir assuntos como custo de vida, economia, organização do grupo.³⁵³

A organização das famílias para a distribuição do alimento aliada à formação política são as principais intenções da reunião do grupo, onde podemos perceber a síntese entre trabalho de base e luta política cotidiana do território típica da *Pastoral Operária*, mas também de outros agrupamentos da Zona Leste. Vera Telles também ressalta a organização das compras comunitárias em São Mateus e também no Tatuapé e em São Miguel.³⁵⁴

O que vimos nas falas de Aldo Leite, Pedro, Maria Elza e Tia Cida, nas notícias de *O Ajudante* e nos teóricos abordados, foi uma relação das iniciativas comunitárias e de movimentos sociais que se caracteriza pelo atendimento de demandas que deveriam ser supridas pelo Estado (assistência social, ensino profissionalizante, controle de preços, etc) sendo promovidas pelos próprios moradores com apoio da Igreja Católica, mas também amparadas nas lutas sindicais e na necessidade de sociabilidade de bairro para a constituição

³⁵¹ Idem, p. 94.

³⁵² MONTEIRO, Thiago Nunes. **Como Pode Um Povo Vivo Viver Nessa Carestia**: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982). São Paulo: FAPESP/Humanitas, 2017, p. 81.

³⁵³ O AJUDANTE BOLETIM SETOR SÃO MATEUS. **Cooperativa das Compras em Comum do Jardim Colonial**. Outubro/1979. São Paulo, 1979, p. 03. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁵⁴ TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. In: KOWARICK, Lucio (Org.) **As Lutas Sociais e a Cidade**: Passado e Presente. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994, p. 228.

de um território urbano, seja na infraestrutura ou na produção de espaços próprios de relações sociais como as comunidades católicas São José Operário, Jardim Colonial e Tabor. A Igreja Católica na época tributária do *Concílio Vaticano II* e da Teologia da Libertação³⁵⁵ agia como mediadora da organização popular, cobrando o Estado em uma relação muito diferente do período populista, onde a associação com o adhemarismo ou o janismo parecia ser mais determinante na organização popular em São Mateus do que a autonomia política.

Para tratar do período dos anos de 1950 e 1960, conseguimos acessar somente as memórias orais de Tia Cida e de moradores em jornais locais; alguns poucos registros na imprensa de grande circulação e dos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, o que reforça a ideia de um período de ocupação ainda incipiente do território. Enquanto que no momento pós-década de 1970, as memórias daqueles que ainda sobrevivem, os boletins e jornais locais, bem como uma maior cobertura da imprensa de grande circulação e *Anais da Câmara* reforçam a ideia de um território muito mais adensado e edificado, conforme já vimos no capítulo 02. Tanto o período de ocupação incipiente nos anos de 1950, com a chegada dos comércios, reivindicação por asfaltamento e ônibus, como o *boom* urbano de fins da década de 1970, interação com a realidade de progresso industrial da cidade e do país no primeiro momento, e de crise econômica e social no segundo, que perdurou até o momento de escrita do texto (década de 1990) de Novais e Mello:

Entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. A partir dos anos 80, entretanto, assiste-se ao reverso da medalha: as dúvidas quanto às possibilidades de construir uma sociedade efetivamente moderna tendem a crescer, e o pessimismo ganha, pouco a pouco, intensidade. [...] Entre 1945 e 1964, vivemos momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados que exigiam investimentos de grande porte as migrações internas e a urbanização ganharam um ritmo acelerado. O ano de 1964 marca uma inflexão com a mudança do ‘modelo’ econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967-68. Mas, nesse período (1964-79), as dimensões mais significativas dessa mudança não eram perceptíveis, deixando a impressão de uma continuidade essencial do progresso

³⁵⁵ Segundo Eder Sader, as *Comunidades Eclesiais de Base* organizam-se nas periferias de São Paulo de acordo com preceitos da *Teologia da Libertação* que via nesse tipo de ação a “vida” que se transformava em “libertação” da morte assim como a ressurreição de Cristo, em contraposição a um catolicismo centrado na salvação individual. Essa volta às comunidades fazia parte de uma tentativa da Igreja de se reconectar com seus fiéis e constituir um “povo de Deus” que deixaria de ser freguês passivo, para se tornar ativo e comunitário. Junto com o Novo Sindicalismo e o Marxismo, a Teologia da Libertação era uma das Matrizes Discursivas dos movimentos populares paulistanos dos anos de 1970 e 1980. Ver: SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena** - Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo: 1970-1980. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p. 147-151.

manchada, para muitos, pelo regime autoritário. A partir de 1980 (‘a década perdida’), a nova realidade se impõe. Malgrado hesitantes tentativas de reinvenção, consolida-se nas suas expressões limítrofes (estagnação econômica, superinflação, desemprego, violência, escalada das drogas, etc), nestes dias atuais em que vivemos.³⁵⁶

É nesse contexto de crise social e econômica que os movimentos sociais urbanos em São Paulo ganham forte expressão, alinhando-se à esquerda progressista que se reorganizava no final da Ditadura Militar. Vejamos nos próximos tópicos como isso se deu em São Mateus.

3.2 Movimento Popular de Saúde de São Mateus: Articulações Territoriais na Luta por Centros de Saúde, Hospital e Pronto-Socorro

As articulações comunitárias e políticas dos anos de 1970 criaram campo para que necessidades básicas urbanas como saúde, transporte e moradia tivessem seus movimentos reivindicatórios específicos ao longo da década seguinte. Teve importância fundamental neste processo o “Movimento de Saúde da Zona Leste” sustentado, em grande medida, pelas mulheres de seus territórios. Em 27 de maio de 1979, em plena vigência da Ditadura Militar, o *Movimento de Saúde de São Mateus* ocupava a praça pública em frente à *Igreja São Mateus Apóstolo*, reivindicando a abertura de postos de saúde, a estruturação dos já existentes e a instalação de um hospital com pronto-socorro no território. Aldo Leite esteve presente neste momento e narra com entusiasmo sua experiência, demonstrando a força que o movimento chegou a possuir, por trazer para o território e questionar o secretário da saúde à época, Dr. Adib Jatene³⁵⁷:

Segundo a Folha de São Paulo, 6 mil pessoas, [foram] aqui da Mateo Bei para a Igreja de São Mateus às 14h30 da tarde. Tinha um pátio enorme ali, [havam] segundo eles 6 mil pessoas quando nós conseguimos aprovar esse projeto aqui na região. Nós fizemos antes o projeto, apresentamos ao

³⁵⁶ MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio de Sociabilidade Moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARZ, Lilia Moritz. (Org). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 560-562.

³⁵⁷ Adib Jatene foi médico cardiologista e professor da *Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)* onde desenvolveu cirurgias pioneiras no país no campo de transplantes do coração. Foi ministro da saúde nos governos de Fernando Collor (1989-1992) durante oito meses e de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998). Sua atuação que mais se relaciona com o nosso tema de estudo foi entre 1979 e 1983, quando foi secretário de saúde do estado de São Paulo, durante o governo biônico de Paulo Maluf. Nesse período contribuiu com o desenvolvimento de plano de construção de hospitais e centro de saúde nas periferias de São Paulo. Ver: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-maestro-bisturi/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

secretário de saúde, na época, era o Adib Jatene e o governador era o Maluf, mas nós não estávamos nem aí, nós partimos para cima.³⁵⁸

A visão do pátio lotado junto à Igreja ao lado da avenida principal de São Mateus e a conversa de igual para igual com o secretário de saúde sobre um projeto piloto de saúde para a localidade traz um tom heroico à situação, que é legitimado por Aldo pelo registro feito por um jornal de grande circulação – no caso a *Folha de São Paulo*. Encontramos, nesse sentido, abordagem do jornal sobre o Movimento de Saúde, que traz relato sobre o mesmo evento:

Foram necessários 5 anos de luta para que o movimento pudesse mobilizar todo o contingente necessário para pressionar as autoridades. [...] Exatamente no dia 27 de maio de 79, o movimento de saúde realizava sua primeira assembleia em frente à Igreja de São Mateus que reuniu quase mil pessoas com o secretário de saúde Adib Jatene e outras autoridades. Foram apresentadas reivindicações que agora começam a ser atendidas.³⁵⁹

Marcos Napolitano, em seu trabalho sobre a retomada dos espaços públicos por movimentos sociais e entidades de classe no final da Ditadura Militar – chamado período da “abertura política” durante os governos Geisel e Figueiredo – chama atenção sobre duas características que também encontramos nesta narrativa em específico e na documentação dos movimentos de base do período em geral: 1) a organização popular que reivindica e cobra as autoridades em praça pública (não só nos gabinetes), com atos, manifestações e assembleias; 2) os registros da organização popular nos chamados “jornais liberais” como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* que, neste período colocavam-se a favor da redemocratização e oxigenação da sociedade civil, embora tenham sido apoiadores da instauração e manutenção da Ditadura Militar em diversos momentos de suas quase três décadas.³⁶⁰

Comparando o texto da *Folha de São Paulo* e a fala de Aldo Leite, temos além da divergência numérica dos participantes da assembleia, as particularidades da fala de quem acompanha o movimento por dentro e de quem se dedica a desenhar sua arquitetura “por fora”. Aldo reitera o tamanho da mobilização, sua capacidade de enfileiramento, além de valorizar o espaço local e seus referenciais, já que os partilha com um também morador do território. O periódico tem o interesse em descrever o histórico do movimento desde 1975, sua articulação com a *Pastoral da Saúde* da Igreja Católica e as conquistas que obtém do governo estadual, para exemplificar sua atuação política cidadã. Do mesmo modo, também, *O Estado de S. Paulo* produziu registros sobre o movimento na época e também em suas páginas de

³⁵⁸ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁵⁹ FOLHA DE S. PAULO. **Em São Mateus Mobilização Já Soma Vitórias**. 28.01.1981. São Paulo, 1981.

³⁶⁰ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo (1977-1984)**. Curitiba: Juruá, 2006, p. 154-158.

memória que, no ano de 1994, relembram manifestação de rua em 1983 que, segundo o jornal, contava com 3 mil pessoas na Avenida Mateo Bei. O ato tinha como principal pauta a construção de hospitais para Sapopemba e São Mateus:

carregando faixas e cartazes e gritando com muita força eles percorreram na manhã de 21 de março de 1983, cinco quilômetros da Avenida Mateo Bei. A principal reivindicação era um hospital para a população dos bairros de São Mateus, do Parque São Rafael, do Iguatemi, de Sapopemba, de Vila Antonieta e arredores.³⁶¹

Em meio a essa equação também encontramos os próprios moradores narrando suas reuniões, atos públicos e assembleias bem como as pautas do Movimento de Saúde por meio de boletins como *O Ajudante* e *Saúde Para Todos*. Em *O Ajudante* encontramos a narrativa da *Pastoral Operária/Setor São Mateus* sobre a assembleia de 1979:

como foi anunciado as comissões de saúde organizaram uma Assembleia de Saúde no dia 27.05.79 em São Mateus. Vieram quase mil moradores dos bairros trazendo faixas e cartazes com as reivindicações. Autoridades presentes Dr Adib e Dr Moraes (Secretaria de Saúde do Estado), Dr Proença e Dr Rosemberg (Secretaria de Saúde da Prefeitura)³⁶².

Logo de cara percebemos como é importante para a *Pastoral Operária*, parceira e participante do movimento, elencar tanto o número de participantes (tamanho da assembleia) como a presença das autoridades (o que reforça a legitimidade do movimento). A isso se segue uma amostra da abrangência e da articulação territorial do movimento em São Mateus, em muito coincidente com as ações da pastoral:

a assembleia foi dirigida por moradores da região, um do Iguatemi, um de São Matheus e outro do IV Centenário. Primeiro as comissões de saúde do Iguatemi, Jardim Colonial, São Mateus, IV Centenário, Aricanduva, Vila Rica e Vila Nova York apresentaram os resultados de suas pesquisas.³⁶³

Aqui o movimento destaca tanto os territórios de onde vêm as comissões de saúde e as coordenações da reunião como a troca dos resultados das pesquisas realizadas pelas mulheres do movimento sobre as principais doenças que acometiam a população além suas possibilidades de atendimento médico, tudo isso organizado com o apoio de médicos sanitaristas da *Faculdade de Saúde Pública da USP*. Segundo Carignato, o apoio dos profissionais foi decisivo na estruturação do movimento e dos serviços na Zona Leste:

Assumiram direções dos poucos postos de saúde existentes, iniciando uma ação de prevenção social das doenças que afligiam os moradores da região.

³⁶¹ O ESTADO DE SÃO PAULO. Protesto Reuniu 3 Mil em 1983. 17.11.1994. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1994.

³⁶² O AJUDANTE: BOLETIM DO SETOR SÃO MATEUS. **Saúde**. 08.1979. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁶³ Idem.

A maioria deles com uma postura crítica diante das condições sociais da periferia, dispuseram-se a realizar um trabalho social de esclarecimento perante a população. Converteram-se, com o tempo, num canal a serviço da organização popular, cumprindo um papel importante para a solidificação do movimento, papel este reconhecido até hoje por seus integrantes.³⁶⁴

A busca por um diagnóstico comum dos problemas de saúde locais levaram a uma série de reivindicações para o território, mas, além disso, demonstram como esses espaços se identificavam a ponto de pensar um projeto comum com sua noção de territorialidade. As principais demandas levadas ao secretário segundo *O Ajudante* foram:

1) conselhos populares para os centros de saúde; 2) melhorias para os centros de saúde já existentes; 3) instalação de novos centros de saúde no Iguatemi, São Matheus, São Rafael e Aricanduva; 4) Construção de Pronto Socorro na região; 5) Ambulatório do INPS na nossa região.³⁶⁵

A dimensão do conflito também aparece no relato, mostrando que a autoridade pública era suscetível à pressão popular organizada e persistente:

houve muita discussão entre autoridade e povo. Nós gritamos muito: ‘saúde para o povo’, ‘o imposto sai do nosso bolso’, ‘o povo unido jamais será vencido’, etc. Com a pressão popular os secretários reconheceram que as reivindicações são justas e culparam o governo por não dar as verbas necessárias à saúde pública. No final conseguimos a aprovação dos conselhos para os centros de saúde.³⁶⁶

Fica nítido pela fala dos secretários de saúde o quanto o movimento constrangia as autoridades que, em um jogo de “empurra”, não queriam ser responsabilizadas pelo povo pela falta de equipamentos da área no local. Ao mesmo tempo, a construção de mecanismos de participação popular para garantir o funcionamento dos centros de saúde estava no horizonte dos moradores, para além da obtenção do serviço.³⁶⁷

³⁶⁴ CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007, p. 11.

³⁶⁵ O AJUDANTE: BOLETIM DO SETOR SÃO MATEUS. **Saúde**. 08.1979. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Segundo Carignato as mobilizações ganham corpo e estruturas mais formais no final dos anos de 1970, tornando-se cada vez mais complexas ao longo da década seguinte: “No mesmo final da década, os atos, mobilizações e grupos de estudo que eram realizados nas igrejas da região e abertos a toda a comunidade, formalizaram-se em comissões de saúde permanentes e, depois, deram origem aos conselhos populares de saúde, que fiscalizavam diretamente a atuação dos funcionários nos postos e as carências estruturais das unidades. Embora não tivessem peso deliberativo, constituíram importante processo de pressão popular para melhoria dos serviços de saúde.” Ver: CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007, p. 100-101.

Produzido pelo próprio Movimento de Saúde, o boletim *Saúde Para Todos* de janeiro de 1981 também faz a sua leitura dos atos promovidos pelo movimento³⁶⁸. Logo em sua apresentação já deixa clara a sua organização territorial: “Vila Rica, Antonieta, Nova York, Centenário, Itápolis, Tietê, Tietezinho, São Mateus, São Rafael, Carrãozinho, J. Santo André, Colonial, J Augusta, Iguatemi, Laranjeiras e vilas vizinhas unidas por melhores condições de vida.”³⁶⁹ Alguns bairros como Colonial e IV Centenário também aparecem em *O Ajudante*, mas aqui há uma maior abrangência de comunidades do território, como os Jardins Santo André, Augusta, Iguatemi e vilas vizinhas. Enquanto a divisão espacial de *O Ajudante* coincidia, no geral, com a futura divisão de São Mateus em três distritos, *Saúde Para Todos* coloca uma lupa maior na ocupação espacial do movimento, focando mais nos bairros. Pedro Caranicolov tem o Movimento de Saúde como uma de suas lembranças das formas de reunião da população no Jardim Santo André dos anos de 1980:

porque geralmente a gente vai na contramão, lutando para impedir que alguma coisa de ruim venha pra cá. Mas aqui o movimento de saúde foi muito forte, uma coisa que marcou bastante. A questão do movimento de saúde, da formação dos conselhos.³⁷⁰

Pedro caracteriza o movimento como uma iniciativa propositiva para o território, tendo como horizonte a diferença dele em relação às lutas comuns no Jardim Santo André para expulsar aquilo que de ruim vinha da “cidade” para a localidade – como os aterros sanitários comuns no território. De todo modo, percebemos o quanto a organização do movimento – bastante capilar – marcou diversos bairros de São Mateus. Tia Cida também trata dessa experiência que vai além dos atos e assembleias na centralidade, quando aborda as iniciativas do movimento no bairro do Carrãozinho, onde acompanhou sua organização nos anos de 1970 e 1980:

E nesse movimento de saúde eu pedia pelo Carrãozinho e a gente ganhou o posto de saúde. Ganhamos o posto de saúde do Carrãozinho e a escola que nós temos do lado do posto de saúde, no mesmo terreno. Foram movimentos sociais que nós desenvolvemos. Muita gente não sabia nem onde ficava a área. Eu me lembro que a Erundina falou pra mim: ‘Cida Preta, levanta e mostra para gente aí no mapa esse bairro que você fala’. Ninguém conhecia.³⁷¹

³⁶⁸ Para futuras pesquisas, a exploração do acervo físico do *Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro* pode levar-nos a encontrar mais números do periódico. Essa investigação é uma das que foi realizada neste mestrado apenas por meio eletrônico, devido à pandemia do COVID-19.

³⁶⁹ SAÚDE PARA TODOS. Ano 04. In: **Acervo do Centro Pesquisa e Documentação Vergueiro**. N° 06. 02.1981. São Paulo, 1981. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

³⁷⁰ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

³⁷¹ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

Aqui a sambista e líder comunitária, em meio a uma narrativa que exalta o seu papel pioneiro na constituição do Jardim Vila Carrão (também conhecido como “Carrãozinho”), reitera que o braço do movimento no território, além de conseguir um posto de saúde, também obteve um terreno para construção de uma escola. Mais que isso, ajudou a colocar no mapa um bairro que ninguém conhecia, como nos conta citando conversa que teve com Luiza Erundina. Aldo Leite mencionando inclusive, Tia Cida e outros militantes, também destaca a presença do movimento em diversos pontos de São Mateus:

Tia Cida, participou do movimento de saúde junto com a gente também. Ela foi nossa companheira, foi militante do movimento, junto com a gente tinha outros amigos dela e amigos meus também. Aqui na baixada de São Mateus, [tinha] o Pedrão e outros né. Ali onde você mora, no Boa Esperança, tem a Neidinha que mora ali, a mãe dela participava junto com a gente também. O outro pessoal que mora ali no Jardim Ricardo hoje [também].³⁷²

Aldo, ao saber que o pesquisador tinha entrevistado Tia Cida, trata da participação dela no movimento, bem como a de outros militantes que moravam no bairro onde o entrevistador vivia (Parque Boa Esperança) e em bairros vizinhos no Iguatemi, como o Jardim Ricardo.

Todos esses tentáculos do movimento acabam ganhando uma expressão territorial similar no projeto piloto para equipamentos de saúde em São Mateus. Sobre isso Aldo Leite conta que:

nós fizemos toda uma luta pra construir isso, um projeto piloto, de onde vieram os hospitais de São Mateus e Sapopemba. A ideia era de fazer um único hospital. [...] E, na época, 16 postos de saúde nessa região. E no contexto desse projeto, foi que nós começamos a discutir a ideia de um sistema único de saúde. [...] O SUS que você conhece hoje, a ideia surgiu daqui. Daí as relações nossas do movimento de saúde.³⁷³

A ideia de um projeto de atenção básica que vai do primeiro atendimento até os casos mais graves - nos hospitais de Sapopemba e São Mateus - é vista pelo ex-visitador sanitário como decisiva para os debates do que viria a ser a implementação do *Sistema Único de Saúde (SUS)* no final dos anos de 1980. Resultado das pressões e pesquisas do movimento, o *Projeto São Mateus*, proposto pelo *Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Nacional (INAMPS)*, Secretarias Estadual e Municipal da Saúde objetivou a construção de dois hospitais de 150 leitos e 19 unidades básicas de saúde, segundo declaração de Adib Jatene ao *Estado de S. Paulo*:

³⁷² ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁷³ Idem.

A implantação total do projeto prevê a integração dos quatro postos municipais, a reinstalação dos quatro estaduais, a construção de 11 postos. Cada hospital terá 150 leitos e serviços de pronto-socorro, maternidade, pediatria e clínica geral. Os 15 postos estarão prontos no próximo ano. Mas não posso prever ainda a entrega dos dois hospitais.³⁷⁴

O texto do jornal, que dá amplo destaque às medidas do Estado e dedica poucas palavras às ações do movimento, também descreve o “chão” sobre o qual esse projeto “pioneiro” (que serviria de modelo para outros territórios da grande São Paulo em situação semelhante na falta de cobertura dos serviços de saúde) estaria assentado:

As famílias de São Mateus apresentam precários padrões de saúde [...] A mortalidade infantil é de 115 por mil nascidos vivos contra o índice de 74,8 por mil em toda a cidade de São Paulo e 77,3 no Estado. Participam dessa mortalidade: diarreias (35,1 %), pneumonias (24,9%), lesões no parto e causas perinatais (16,6%), doenças infecciosas (4,3%) e desnutrição (3,1%).³⁷⁵

Os altos índices de mortalidade infantil e dos mais diversos tipos de doenças, fizeram de São Mateus um dos casos de saúde pública mais alarmantes do município, “justificando” uma maior atenção da mídia e também uma ação do Estado que traria uma boa imagem para o governo junto à população. O jornal dá destaque ao projeto não só por meio da fala do secretário de saúde, mas também a partir de uma cartografia (Imagem 27) que traz a distribuição dos equipamentos obedecendo os principais eixos do território, demarcado por suas avenidas estruturantes: Sapopemba, Estradas da Passagem Funda (depois Estrada do Iguatemi e atualmente Avenida Ragueb Choffi) e Estrada do Caaguaçú (atual Avenida Sampaio Afonso e Souza) na bifurcação com a Avenida Rio das Pedras que marca o início da Avenida Mateo Bei (cujo traçado está no mapa, embora não nomeado).

³⁷⁴ JORNAL DESCONHECIDO. Aqui a Saúde de São Paulo Começa a Melhorar. 15 Nov.1979. *In*: Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus). São Paulo, 1979. Embora no recorte de jornal seja indicada a autoria da matéria ao Jornal O Estado de São Paulo, em breve pesquisa no Acervo do Estadão (<https://acervo.estadao.com.br/>) não conseguimos localizar a notícia neste arquivo. Optamos, portanto, por deixar a autoria desconhecida.

³⁷⁵ Idem. 15 Nov. 1979.

Imagem 27: Mapa do *Projeto São Mateus*

Fonte: JORNAL DESCONHECIDO. **Aqui a Saúde de São Paulo Começa a Melhorar.** 15 Nov. 1979.

Dessa forma, estamos diante da formação de um “território” integrado pelas demandas da área da saúde levantadas pelos atores envolvidos neste processo, de acordo com a definição do termo geográfico por Raffestin.³⁷⁶ A interação entre as comissões de saúde, primeiramente, e depois, a elaboração do *Projeto São Mateus* do Governo do Estado obedecem a uma territorialização do espaço do extremo Leste que consiste

[...] na ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa em qualquer nível). Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço.³⁷⁷

³⁷⁶ Segundo Denison Ferreira, Raffestin aborda a formação do território sobre um espaço natural preexistente de acordo com a ação de diversos atores sociais que configuram o que ele será, orientando-se por aspectos políticos, sociais e econômicos. Para o comentador, Raffestin traz (em um movimento de redescoberta do território e de suas múltiplas variáveis nos anos de 1960) novos elementos para a abordagem do que vem a ser território, avançando em relação à geografia clássica que o via somente como espaço vital de garantia de recursos naturais e riquezas para determinados Estados-Nações. No caso de São Mateus, veremos mais adiante como as diversas relações sociais e políticas levam a constituição da Regional de São Mateus, poder local e delimitação territorial desse espaço da cidade de São Paulo. Essa visão em que múltiplos poderes atuam na realidade social vem da influência da obra do filósofo Michel Foucault sobre o autor. Ver: FERREIRA, Denison da Silva. Território, Territorialidade e seus Múltiplos Enfoques na Ciência Geográfica. In: CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 116-117, abr., 2014. e VERBETE CLAUDE RAFFESTIN. https://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Raffestin. Acesso em: 09.12.2021.

³⁷⁷ RAFFESTIN, Claude. *Por Uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ed. Ática. 1993, p. 143.

Essa apropriação posta tanto pela *Pastoral Operária* como pelo Movimento de Saúde e depois pelo Governo do Estado, identifica como pertencentes ao território “São Mateus” até mesmo alguns espaços que hoje estão em outra esfera administrativa da municipalidade como Vila Rica, Vila Nova York e Vila Antonieta. Sobre este assunto o retomaremos no item 3.3 deste trabalho.

Quanto às metas do *Projeto* para São Mateus e Sapopemba, estas não foram cumpridas, a exemplo dos dois hospitais prometidos. O “Hospital Geral de São Mateus” só seria inaugurado 11 anos depois da assembleia na *Igreja de São Mateus*.³⁷⁸ A expectativa e as ações em prol da inauguração do hospital e pronto socorro foram intensas dentro do Movimento de Saúde e entre os moradores do território: “Eu acho que até ter o hospital de São Mateus, era o sonho geral ter o hospital aqui”, diz Tia Cida.³⁷⁹ Segundo o *Diário Popular*, a demanda por um hospital levava os moradores de São Mateus a dispender tempo, dinheiro e energia na busca por atendimento em outros locais da cidade. Além disso, era uma necessidade que unia os diferentes grupos comunitários do território:

Dos religiosos que atuam nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base (São Matheus conta com 14) às lideranças civis como a União dos Moradores da Baixada de São Matheus, e a Sociedade de Amigos de Cidade São Matheus - todos são unânimes em afirmar que é de um hospital que o bairro mais se ressentia. Atualmente as consultas e internações são feitas nos hospitais Santa Marcelina e Tatuapé, o que obriga a população a dispensar tempo e dinheiro diante das emergências médicas. Para se ter uma ideia são necessárias duas conduções (só de ida) de São Matheus até um daqueles locais.³⁸⁰

O *Movimento de Saúde*, além de organizar suas pautas específicas, também organizou as reivindicações em outras demandas urbanas, tendo em vista o alcance das práticas da área de saúde pública. Tia Cida faz um breve relato de como isso se deu:

Do movimento de saúde saía o movimento do asfalto, o movimento para água, o movimento para terra. Era muito grande. Cada dez pessoas estavam preocupadas com isso, com aquilo outro com aquilo outro, sabe? Movimento de saúde cresceu e se multiplicou em termos de reivindicações. Graças ao movimento de saúde que a gente conseguiu ônibus. Que a gente conseguiu mais escola. Que nós conseguimos as creches. Graças ao movimento de saúde. Foi um movimento muito grande.³⁸¹

³⁷⁸ A GAZETA DE SÃO MATEUS. Hospital: Uma Grande Conquista. 09.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1995.

³⁷⁹ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁸⁰ DIÁRIO POPULAR. São Matheus Guerreiro. 20.08.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1985.

³⁸¹ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

Aqui Tia Cida enumera os grupos que, por meio do Movimento de Saúde, passaram a atuar também em outras demandas como asfalto, creche, água, terra (provavelmente moradia) e transportes. Essa capacidade organizativa também foi observada à época pelo jornal *Folha de S Paulo* que exalta a capacidade de multiplicação das pautas e transversalidade de mobilizações do movimento:

[...] o movimento de saúde de São Mateus deu origem a outros grupos setoriais de ação reunindo 25 bairros cujas preocupações no momento são: as 36 favelas da região (de 300 a 1300 barracos cada uma), creches, problema do menor, asfalto e água.³⁸²

Em São Mateus, as mobilizações por água já se multiplicavam em 1978. São dignas de nota as articulações de bairros - em sua maioria do Iguatemi - documentadas pelo periódico *O Ajudante* que solicitava ligações de água e esgoto nesses espaços:

Eu vou falar em nome da Associação de Donas de Casa, como também de todo o povo dessa região, mais de 500 famílias que correspondem aos seguintes bairros: J São Gonçalo, J. Ricardo, J Hersel, Parque Boa Esperança, J. Iguatemi, J. Augusta, J das Laranjeiras, Vila São João, J. das Flores, J. das Rosas, Parque Iguatemi, Vila Gil, Itápolis.³⁸³

Além da abrangência territorial do problema e das dificuldades enfrentadas com a *Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP)*, as donas de casa também ressaltam uma série de problemas – inclusive de saúde que enfrentavam por não terem acesso ao abastecimento de água:

tanto sofrimento do nosso povo pela falta de água: são as crianças barrigudinhas, não de comida, mas de verme. São as mulheres cansadas de carregar água das minas. É a garotada a brincar com a água poluída dos córregos, poços e esgotos. É a desidratação, sarna, piolho, tifo, hepatite causada pela falta d'água. [...] É o poço que seca e água com ferrugem, é o cansaço da mulher grávida a puxar 20 ou 30 baldes para lavar a roupa.³⁸⁴

Os córregos não canalizados e poluídos, a água retirada de poços muitas vezes improvisados pelos moradores agravavam os problemas de saúde de uma população imigrante que se concentrava em um território que tinha muitas características geográficas e de infraestrutura rurais que não comportavam essa nova realidade. Relato semelhante faz Aldo Leite, ao tratar de sua experiência de vendedor ambulante no Iguatemi em fins dos anos de 1970 e início da década de 1980:

³⁸² FOLHA DE SÃO PAULO. Em São Mateus Mobilização Já Soma Vitórias. 28.01.1981. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1981.

³⁸³ O AJUDANTE: BOLETIM DA PASTORAL OPERÁRIA SETOR SÃO MATEUS. Assembleia da Água. p. 02-03. 12.1978. In: **Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro**. São Paulo, 1978. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 27 jul. 2021.

³⁸⁴ Idem. Acesso em: 27 jul. 2021.

eu andava de casa em casa naquela época vendendo roupa e eu ficava olhando as mães com aquelas crianças pequenas...[...] Não tinha serviço de esgoto, não tinha água encanada, e a gente via as mães correndo igual a umas doidas com criança, com febre e outras coisas saindo daqui para levar as crianças no médico no Tatuapé.³⁸⁵

Por conta do fato de também ter sido visitador sanitário, Aldo liga a questão da falta de água, com as doenças e a ausência de um hospital no território. O desespero das mães e donas de casa, expresso por elas próprias no boletim *O Ajudante* reverberava em meio a um território por urbanizar.

As cobranças relativas à constituição dos espaços urbanos nos três territórios de São Mateus marcaram este período, contando com a participação ou impulso do Movimento de Saúde. Ainda segundo matéria da *Folha de S. Paulo* os grupos específicos foram formados após pesquisa “junto a 3 mil famílias para definir as prioridades de São Mateus.”³⁸⁶ Alguns deles como o de creches ou o de asfaltamento, aparecem somente vinculados ao *Movimento de Saúde*. Outros aparecem em registros que ressaltam a sua autonomia – caso do “Movimento de Transporte” – ou em associação com o movimento, como ocorre com as demandas ambientais. De todo modo, há que ressaltar que o *Movimento de Saúde da Zona Leste* e, especificamente, sua articulação em São Mateus agiu de forma decisiva pelo menos em três frentes: formação política e cidadã da população local, principalmente das mulheres do território; articulação e estruturação urbana em termos de serviços de saúde; e impacto urbano por conta de seus desdobramentos em reivindicações por outros serviços e infraestruturas urbanas.

3.3 Os Transportes em São Mateus: Drama na Luta Pela Circulação na Cidade

A São Mateus atual vive a chegada do monotrilho ao distrito do Iguatemi, no contexto da inauguração da estação “Jardim Colonial” é, em muitos casos, a mesma que tem os acessos à cidade ainda negados ou muito dificultados como podemos ouvir/ler nas palavras da poeta do *Sarau do Vale*³⁸⁷ Midria Pereira da Silva:

Alguma coisa acontece no meu coração/Assim que pego a 3739-10 em direção ao Metrô Itaquera/ no Metrô Itaquera pego a linha vermelha/ da

³⁸⁵ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁸⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. Em São Mateus Mobilização Já Soma Vitórias. 28.01.1981. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1981.

³⁸⁷ O Sarau do Vale ocorre desde 2015 duas vezes por mês no “Bar do Zé Costa”, localizado no Recanto Verde do Sol e é responsável por reunir grande número de poetas e músicos contemporâneos e históricos de São Mateus. Ver: <https://culturaleste.com/sarau-do-vale-3-anos/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

linha vermelha vou até a República/da República faço conexão com a linha amarela, com a linha amarela vou até o Butantã/ e no Butantã pego o 8012 circular/Fazendo esse caminho todo maldito santo dia pra ir pra universidade estudar.³⁸⁸

Moradora do bairro Recanto Verde do Sol e estudante do curso de Ciências Sociais na *Universidade de São Paulo (USP)* desde 2017, Midria faz parte da geração de estudantes negros e oriundos de escola pública, que vem acessando à Universidade pública nos últimos anos, e conta aqui a saga diária de sair e voltar para um bairro da periferia de São Mateus, utilizando a linha de micro-ônibus 3739-10 (“Recanto Verde do Sol-Metrô Itaquera”) e diversas integrações de metrô que passam pelo “centro velho” da cidade até chegar ao quadrante Sudoeste da cidade, onde se encontra à Universidade. Realidade diversa da centralidade de São Mateus, que se integra cada vez mais à Linha 02- Verde do metrô por meio do monotrilho. Essa diversidade de acessos com potenciais distintos também é narrada nos versos de Luiz Poeta³⁸⁹, importante cronista e pesquisador da história de São Mateus. Neles são elencados momentos distintos da história do território em que nem a possibilidade de acesso ao metrô era aventada:

No embarque, sinal com a mão/Prensado feito sardinha/Rumo a estação da luz/Rezando pra São Cristóvão/Agradecendo a Jesus/Jardim Ester/Vera Cruz/Tietê, Colonial/Do Boa pro Iguatemi/E São Mateus em geral/As Brigas eram constantes/Nas filas do terminal/Não existia fiscal/Pra dominar o povão/Com muitos cortando a fila/Dizendo ‘ser valentão’/Virava um empurra-empurra/E começava a confusão/Tapa, faca, palavrão/Soco inglês, capoeira [...].³⁹⁰

O uso do ônibus, única alternativa de transporte público para os moradores ao longo de seis décadas, tinha em seu cotidiano problemas como a superlotação, a falta de carros e horários definidos, acidentes, dentre muitos outros comuns a diversos bairros da periferia de São Paulo. As brigas para entrar nos ônibus insuficientes no terminal São Mateus eram muito comuns nos anos de 1990, sendo que o pesquisador presenciou algumas delas em sua infância.

³⁸⁸SILVA, Midria Pereira da. **Paulistana Periférica**. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dDPZe8XPJWw>. Acesso em: 04 mar. 2020.

³⁸⁹ Sobre a trajetória tanto de Luiz Poeta, poeta e dono de bar no Parque Boa Esperança, como de Midria Pereira, Camilo Pedro dos Reis e outros artistas de São Mateus trataremos um relato mais detalhado no capítulo 04: *Memórias das Culturas e do Cotidiano em São Mateus – Vivências dos Moradores no Berço do Samba e da Literatura*.

³⁹⁰ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 25-27.

Imagem 28: Matéria do “Diário Popular” *São Mateus Guerreiro*, não por acaso, traz como símbolo dos problemas urbanos de São Mateus o ônibus lotado.



Fonte: DIÁRIO POPULAR. 20.08.1985. In: *Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)*. São Paulo, 1985.³⁹¹

Em São Mateus, como vimos no capítulo 02, os problemas com a falta de ônibus e de vias de acesso para a cidade estavam na agenda da organização comunitária dos residentes já na década de 1950, visando à obtenção dos poucos veículos precários que as empresas particulares destinavam a esses territórios. Tia Cida, ao tratar de sua experiência no local entre os anos de 1960 e 1970, traz as suas impressões sobre os ônibus que serviam o bairro:

Nossa! Primeiro ônibus da CMTC que eu vi entrar em São Mateus era daqueles azuis, azul escuro. Gente como São Mateus está evoluindo! Porque você só via [ônibus da CMTC] na Celso Garcia, não imaginava ver em São Mateus. Fantástico você acompanhar a evolução. Nossa você chegava aqui, descia das jardineiras que eram uns ônibus bem velhos.³⁹²

As jardineiras³⁹³, ônibus comuns em São Paulo entre os anos de 1950 e 1960, são utilizados por Tia Cida como exemplos da precariedade dos transportes em São Mateus, ao passo que os ônibus elétricos da CMTC que passaram a subir a Mateo Bei principalmente na década de 1980, constituíam progresso semelhante no território ao que hoje é representado pelo monotrilho. Tia Cida rememora quando a Avenida Mateo Bei passou a ter um serviço que ela só via na Avenida Celso Garcia, onde a rede de transportes era melhor articulada já na primeira metade do século XX, inclusive com a presença de bondes. Porém, até que se chegasse a este momento de relativo atendimento municipal estruturado dos transportes nos

³⁹¹ DIÁRIO POPULAR. São Mateus Guerreiro. 20.08.1985. In: *Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)* São Paulo, 1985.

³⁹² ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

³⁹³ Na matéria do jornalista Adamo Bazani para o portal da *Central Brasileira de Notícias (CBN)*, é possível vislumbrar uma caracterização mais detalhada deste tipo de veículo, cuja circulação era comum entre o centro da cidade e a região do Ipiranga na década de 1930, segundo o autor. Levando em consideração a fala de Tia Cida, é uma possibilidade que esses veículos tenham se deslocado para alguns bairros da periferia de São Paulo quando de sua formação. Ver: <https://miltonjung.com.br/2009/07/07/6224/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

anos de 1980, o predomínio das empresas particulares e de um serviço de transporte em muitos aspectos “inexistente”, constituiu o cenário da mobilidade nas periferias de São Paulo.

Segundo Nabil Bounduki, até a década de 1920 a ocupação dos loteamentos ao redor da cidade era baixíssima devido à ausência de transporte de alta capacidade (incluindo os ônibus) que pudesse ir além das áreas mais urbanizadas, já servidas por bondes e trens. Foi a paulatina regulamentação dos ônibus a partir dos anos de 1930 que permitiu a ocupação desses espaços, sendo essas empresas quase sempre particulares e muitas vezes associadas aos loteadores de terrenos nas periferias, oferecendo poucas opções de transporte e de baixa qualidade, levando à dependência histórica da população periférica em relação a esse tipo de serviço.³⁹⁴ Luiz Poeta, em seu cordel, lista algumas das empresas que atuavam em São Mateus:

O trabalhador sofria/com as mãos cheias de calo/saindo de madrugada/antes do galo/e o busão de porta aberta/lotado até o talo/Foi no lombo do cavalo/de acordo com a precisão/chegou Viação Cometa/Depois o Vila Carrão/Vila Ema/Santa Rita/E perua de lotação.³⁹⁵

Ônibus como os da “viação Cometa”, que ia até a Avenida Sapopemba³⁹⁶, da “viação Santa Rita” que atendia ao Jardim Santo André³⁹⁷ e Vila Carrão, que servia ao eixo Avenida Mateo Bei - Avenida Rio das Pedras, constituíam praticamente as únicas alternativas de acesso a outros territórios de São Paulo, para além de longas caminhadas ou uso de charretes movidas a cavalo. A empresa “Vila Carrão” é bastante recorrente tanto nos depoimentos dos nossos colaboradores como na documentação jornalística e nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*. Aldo Leite, sem dar maiores detalhes, conta que foi cobrador na empresa: “fiquei trabalhando lá na zona sul um bom tempo vendendo [...] Depois eu trabalhei como cobrador de ônibus um tempo aqui na antiga empresa Vila Carrão.”³⁹⁸ Maria Elza tinha como opção para ir ao trabalho apenas o ônibus da empresa “Vila Carrão”, o que a fez abandonar emprego na Vila Maria, conforme vimos no capítulo 01. Embora houvesse uma linha de ônibus que atendesse ao bairro da Vila Flávia no início dos anos de 1980 - que ia do bairro da

³⁹⁴ BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 2013, p. 285.

³⁹⁵ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 25-27.

³⁹⁶ Ver: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico. Acesso em: 04 mar. 2021.

³⁹⁷ JORNADA DO PATRIMÔNIO (CPDOC Guaianás). O Morro do Cruzeiro e as Lutas Sociais no Jardim Santo André. Disponível em: <https://www.facebook.com/adriano.sousa.1441/videos/3815468675164560>. Acesso em: 04 mar. 2021.

³⁹⁸ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em: 13 mai. 2017.

3ª Divisão, no Iguatemi, até o Parque Dom Pedro - ela nos conta que, quando chovia, tinha que ir até a Av. Mateo Bei para acessar o ônibus que precisava:

Os meios de transporte, como eu já mencionei, eram bem complicados. Tinha um logo depois que a gente mudou, que era o 3ª Divisão, ele ia até o Parque Dom Pedro e o final dele era 3ª Divisão. Mas tinha uma situação onde eu morava, que tinha uma baixada, então tinha um rio que não era canalizado. E quando chovia, esse rio transbordava e não tinha mais como passar o ônibus, então as pessoas ficavam sem condição. Tinha que se remeter ao único que tinha lá na Mateo Bei.³⁹⁹

Terezinha Camargo, moradora do Jardim Tietê, também tinha que encarar uma longa caminhada em ruas ainda sem asfalto para embarcar em ônibus no Jardim IV Centenário, bairro vizinho:

Foi um momento muito, muito difícil porque a gente veio morar distante, e nós fomos trabalhar na Rebouças eu e o meu esposo trabalhávamos lá e tínhamos que ir daqui para lá. E não tinha asfalto, então era tudo na lama. Era muita lama. Então a gente saía da onde a gente morava, do Tietê aqui, a gente ia lá no IV Centenário porque só tinha um ônibus lá no IV Centenário. A gente ia, ia a pé. Daí para pegar o ônibus, pegava aquele ônibus lotado e ia pra Rebouças.⁴⁰⁰

Os ônibus lotados, as longas distâncias e a dificuldade com os calçados eram a manutenção de contratos precários e ineficientes da CMTC com empresas privadas. Já em 1956, o vereador Agenor Mônaco⁴⁰¹ cobrava do prefeito que garantisse o cumprimento de contratos pela empresa “Vila Carrão”:

Indico ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal a necessidade de urgentes providências, no sentido de exigir o cumprimento dos termos contratuais, com a companhia de auto-ônibus Vila Carrão-São Mateus, cuja linha que ia de São Mateus até a Praça Dr Paulo Ribeiro da Luz, atualmente interrompe seu itinerário na Parada Rio das Pedras, determinando custosa despesa de transporte aos moradores que se servem daquela linha.⁴⁰²

Mesmo já sendo alvo de reclamações no final da década de 1960, a viação teve o seu contrato renovado pela Prefeitura, segundo matéria de *O Estado de S Paulo* que destacava o trajeto da linha que atendia São Mateus, obedecendo ao eixo Mateo Bei/Rio das Pedras: “Auto-ônibus Vila Carrão LTDA: Vila Carrão, de [numeração das casas] 83 para 350; Vila

³⁹⁹ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em 04 mai. 2018.

⁴⁰⁰ ENTREVISTA COM TEREZINHA CAMARGO. Realizada em 03 mai. 2019.

⁴⁰¹ Agenor Mônaco foi vereador entre 1956 e 1969, primeiro pelo PST e, a partir de 1966, compondo a ARENA, partido da situação durante a Ditadura Militar. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴⁰² ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **34ª Sessão Ordinária**. 23 Abr.1956, p. 29. Acervo Eletrônico do Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em 07 abr. 2021.

Manchester, 180 para 351. Cidade São Mateus, de 181 para 350.”⁴⁰³ Os registros de queixas, porém, continuaram ao longo dos anos de 1970 e 1980, como esse do vereador Nodeci Nogueira⁴⁰⁴:

Requeiro à Doua Mesa seja oficiado ao Exmo. Sr. Prefeito da Capital solicitando a S. Exa. se digne determinar providências, junto à CMTC, no sentido de se proceder averiguações no que tange aos maus serviços, que vêm sendo prestados pela empresa de transporte coletivo ‘Viação Carrão’, que serve o bairro de São Mateus e adjacências uma vez que, segundo seus usuários, as condições dos carros e dos horários são precários.⁴⁰⁵

O vereador Luiz Tenório⁴⁰⁶ já em 1984 reitera outros exemplos de empresas da Zona Leste como a “Penha-São Miguel”, “São José” e “Auxiliar” que também estavam com contratos irregulares e prestação de serviços ineficiente:

Pois é na Zona Leste que opera a famigerada empresa Penha-São Miguel, que no ano passado chegou a ser alvo de inquérito na Polícia Federal. E também lá que a população padece nas mãos do Consórcio Tabu-Pompéia, em especial os moradores dos conjuntos I e II da COHAB de Itaquera. E, entre outras como as empresas São José e Auxiliar. É também, na Zona Leste que a Viação Vila Carrão ostenta o lamentável titulo de campeã das irregularidades trabalhistas e do descumprimento dos contratos de concessão, em particular no que se refere à renovação da frota.⁴⁰⁷

É nesse período que a *Comissão de Transportes de São Mateus*, oriunda do Movimento de Saúde, estrutura-se a ponto de se apresentar como “Movimento de Transportes de São Mateus”, conseguindo interlocução constante com o poder público e questionando os problemas causados pelas empresas de transporte no território:

Os problemas sempre existiram, mas a partir do acidente ocorrido em dezembro de 1984 com o ônibus da linha Jardim Santo André/Tatuapé, da Cia Carrão, onde 8 pessoas morreram e 25 ficaram feridas é que um grupo de pessoas, inicialmente só do Jardim Santo André, resolveu trabalhar para conseguir melhores condições de transporte. O grupo cresceu e passou a contar com representantes de cada bairro da região.⁴⁰⁸

O texto, informativo produzido pelo próprio movimento e publicado no *Jornal da Sapopemba*, periódico local, destaca que a mobilização estava organizada por bairro assim

⁴⁰³ O ESTADO DE S PAULO. Prorrogados os Contratos de 80 Linhas de Ônibus. 21.06.1960. In: **Acervo Digital de O Estado de São Paulo**. São Paulo, 1960.

⁴⁰⁴ Nodeci Nogueira foi vereadora pelo MDB entre 1977 e 1979, renunciando ao cargo para assumir cadeira como deputada estadual em 1979.

⁴⁰⁵ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **117ª Sessão Ordinária**. 15 Fev. 1978, p. 04. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴⁰⁶ Luiz Tenório foi vereador de 1983 a 1988, sendo eleito pelo MDB, mas filiando-se ao PCB em 1985.

⁴⁰⁷ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **128ª Sessão Ordinária**. 20 Mar. 1984. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴⁰⁸ JORNAL DE SAPOPEMBA. Transporte: Sofrimento do Cidadão, Pouco Caso do Estado. 01 a 15.07.1986. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1986.

como o Movimento de Saúde. O acidente com vítimas fatais foi o estopim para o aumento dos grupos reunidos em torno da pauta e a exigência da presença de representantes da Prefeitura, à época ocupada por Mário Covas (*Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB*). As principais pautas do movimento eram a integração gratuita no terminal São Mateus, aumento das linhas de ônibus, fixação dos horários de sua passagem pelos pontos de ônibus e, principalmente, a intervenção da CMTC nas empresas privadas, visando o controle direto das linhas pela companhia municipal. Sobre isso também questionou a Prefeitura o vereador Luiz Tenório:

Também no último domingo, dia 18, estivemos em companhia dos nobres vereadores Dalmo Pessoa e Euripedes Sales na Igreja de São Mateus, participando de reunião das Comissões de Transportes da Zona Leste. [...] O grande mistério, a indagação até o momento sem resposta, que foi levantada na reunião de domingo último em São Mateus, é o porquê de, até agora, nenhuma das intervenções ter atingido qualquer das empresas da Zona Leste, exatamente as que com mais intensidade e frequência tripudiam sobre a população e o governo municipal.⁴⁰⁹

Tenório procura dar legitimidade à sua fala por meio da presença na reunião da Comissão de Transportes em São Mateus, reiterando as dificuldades em se conseguir a intervenção da CMTC nas empresas da Zona Leste. Isso também é levantado pelo próprio movimento que tinha esperança nas intervenções que poderiam ocorrer na gestão do PMDB e que foram, segundo seus agentes, frustradas pelo prefeito Jânio Quadros: “hoje, entretanto, ao contrário do prometido, já se fala na possibilidade da CMTC pagar as empresas particulares pelos ônibus em circulação.”⁴¹⁰ A perda ou relaxamento de algumas conquistas como a integração gratuita, horários fixados no ponto de ônibus e a maior quantidade de carros também eram motivo de reclamação do movimento, que chamava a população para suas reuniões mensais: “Venha juntar-se a nós comparecendo às reuniões realizadas todo 2º e 4º sábado do mês na Igreja de São Mateus, às 16h.”⁴¹¹ Apesar dos reveses citados, havia em parte da imprensa de grande circulação e mesmo do poder público um reconhecimento da força que o movimento tinha. Por ocasião da inauguração do terminal São Mateus da CMTC em 1985⁴¹², Mário Covas, constantemente pressionado pelos moradores, procurou dar crédito

⁴⁰⁹ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **128º Sessão Ordinária**. 20 Mar. 1984. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴¹⁰ JORNAL DE SAPOPEMBA. Transporte: Sofrimento do Cidadão, Pouco Caso do Estado. 01 a 15.07.1986. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)** São Paulo, 1986.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² A inauguração do referido terminal fez parte de um plano da CMTC de criação de terminais urbanos municipais como os de Vila Prudente, João Mendes e Casa Verde. A matéria de *O Estado de S. Paulo* destaca a inauguração da linha de trólebus da CMTC entre São Mateus e o Terminal Penha, ainda em 1981, o que ajudaria no acesso da população do território a uma integração com linha para o Parque Dom Pedro. Em 1988 foi

ao movimento pela construção e inauguração da obra: “O prefeito Mario Covas fez questão de ressaltar a um grupo de repórteres que o terminal surgiu de ideias defendidas pela população. ‘Foram mais de três mil reuniões com representantes da comunidade para que chegássemos a esse resultado.’”⁴¹³ Embora o número de reuniões pareça ter sido impresso de forma errônea, o que se depreende daí é que o movimento tentou ser voz decisiva nos rumos da obra e da organização do transporte local. Na mesma linha de apoio aos movimentos de base como sinal de uma retomada “saudável” à democracia, o jornal *O Estado de S. Paulo* também teceu elogios ao movimento:

Sempre com uma linha de ação definida e sabendo que a luta não termina quando as reivindicações são atendidas – um desses grupos conseguiu, por exemplo, quebrar o monopólio de uma empresa particular de transporte coletivo - a Vila Carrão - fazendo com que a CMTC ingressasse no bairro. [...] A luta continuou para que as passagens não ultrapassassem o preço normal.⁴¹⁴

Todas essas articulações políticas locais e repercussão do movimento sugerem que a questão dos transportes nas periferias nunca foi vista com o mesmo cuidado que o planejamento de vias públicas nas áreas centrais ou em áreas para grandes comércios, condomínios de negócios ou moradias. Segundo Sandro Oliveira, em estudo sobre a mobilidade contemporânea dos habitantes das periferias no transporte público da grande São Paulo, esse fundamento vem de um modelo de urbanização rodoviarista, baseado no tripé indústria petrolífera, de construção civil e automobilística que orientou o crescimento da cidade, acumulação de capital, relações de trabalho, moradia e imigração, principalmente a partir dos anos de 1950.⁴¹⁵ A inauguração da CMTC em 1947 coroou esse percurso com a

inaugurado o “Terminal Metropolitano” gerido pela *Empresa Metropolitana de Transporte Urbanos (EMTU)*, desta vez ligando São Mateus a Santo André e São Bernardo do Campo, por meio de corredor de ônibus exclusivo. Como podemos depreender destes elementos, São Mateus é centro desde os anos de 1980, de um espaço de articulação dos transportes municipal e intermunicipal, papel que continua com o monotrilho e que pode se intensificar no futuro se for inaugurada linha de *Sistema de Ônibus de Trânsito Rápido (BRT ou Bus Rapid Transit*, em inglês) chamada “Perimetral Leste” planejada também pela EMTU e que tem a possibilidade de ligar São Mateus ao *Aeroporto de Guarulhos*. Ver: O ESTADO DE S. PAULO. CMTC Abre Seu Novo Terminal Para Troleibus. 02.07.1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 08 abr. 2021; CORREIO PAULISTANO. Anel Viário E Troleibus Interligam Regiões. 13 a 19/08/1989. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. GAZETA DO TATUAPÉ. Inaugurado Terminal de Ônibus de São Matheus. 23 a 29/06/1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985. EMTU. Corredor BRT Metropolitano Perimetral Leste. Disponível em: <https://www.emtu.sp.gov.br/emtu/empreendimentos/empreendimentos/corredor-brt-metropolitano-perimetral-leste.fss>. Acesso em: 04 mar. 2021.

⁴¹³ GAZETA DO TATUAPÉ. Inaugurado Terminal e Ônibus de São Matheus. 23 a 29/06/1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985.

⁴¹⁴ O ESTADO DE S. PAULO. São Mateus Já Alcança Vitória. 28.01.1981. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1981.

⁴¹⁵ OLIVEIRA, Sandro. **A condição socioespacial da classe trabalhadora: Transporte e cotidiano da mobilidade perversa na metrópole de São Paulo**. (Tese de Doutorado) Campinas: UNICAMP, 2020, p. 115.

intenção de servir de ônibus os bairros onde a mão de obra que construía esse processo viria a se instalar.⁴¹⁶ Vimos aqui que, mesmo dentro desse encadeamento de circunstâncias, a chegada direta da empresa na periferia era tida, na prática, como uma conquista. A ação planejadora do Estado só integra esses territórios quando sua população é significativa para a circulação do capital e do trabalho na cidade, ao mesmo tempo em que essa intervenção só é garantida no grito pela população organizada. Algo que não será muito diferente dos cuidados com o meio ambiente, mais um momento da urbanização de São Mateus no qual as moradoras e moradores cumprem papel decisivo na luta pelo direito ao lazer e à qualidade ambiental.

3.4 A Luta Contra o Lixo: Entre Aterros, Parques e Áreas de Preservação Ambiental.

A gente não tem depósito de lixo por aqui em São Mateus né? Agora as árvores eu sinto falta, você que mora no Boa, ainda vê árvores por ali. Do lado de baixo, onde era o Tabor... [...] Quando você toma condução, que você pega o comecinho da Aricanduva ainda tem dos dois lados, você lembra um pouco do interior. [...] Essa área aqui era tudo árvore quando a gente mudou para cá. O vilarejo só vinha até o Largo. Do Largo pra cá era tudo mato. Caminhava-se um bocado para chegar até o Ester, aí você via algumas casas sendo feitas no Ester, mas os arvoredos ainda continuavam. Agora você não vê mais, só casa, casa, casa.⁴¹⁷

Neste breve relato, Tia Cida rememora em primeiro lugar a grande presença de árvores no território de São Mateus. Lembra-se, porém, da existência de um aterro sanitário na localidade, mas não consegue precisar se ele ainda existe ou não. Remete às memórias de sua juventude, quando o espaço urbano do território vinha até o Largo de São Mateus, deixando subentender que grandes áreas dos atuais distritos do Iguatemi e São Rafael eram dominadas pela Mata Atlântica, com raras exceções. A mata ainda podem ser avistada no “Boa” Esperança (bairro onde morava o pesquisador na época da entrevista) e em sua continuidade pela Avenida Aricanduva, divisa atual de Itaquera com São Mateus, correspondendo à *Área de Proteção Ambiental (APA) Parque e Fazenda do Carmo*.

Hoje, a São Mateus urbana é uma sequência quase monótona de “casa, casa, casa”, segundo Tia Cida. Porém, este predomínio do urbano é questionado por muitos moradores do território. Nas últimas duas décadas, parte dos habitantes do Jardim Santo André tem se organizado para contestar a gestão do aterro sanitário “São João II”, localizado no entorno do

⁴¹⁶ Idem, p. 120.

⁴¹⁷ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 maio. 2017.

Morro do Cruzeiro, divisa entre São Paulo, Santo André e Mauá⁴¹⁸ visando a construção do “Parque Estadual do Morro do Cruzeiro”. Essa luta social possui precedentes históricos importantes em São Mateus que remetem ao clima de mobilizações sociais dos movimentos populares influenciados pela Igreja Católica nos anos de 1980. Em 1988 era aprovado o projeto de lei que instituía a *APA da Fazenda e Parque do Carmo*, uma das poucas áreas de preservação ambiental implementadas na cidade de São Paulo, responsável por parcela importante da preservação de remanescentes de Mata Atlântica no município, fruto de uma articulação de moradoras e moradores nos bairros como comenta Aldo Leite:

A ideia que resultou na lei que transformou aquilo [área florestal entre São Mateus e Itaquera] em APA surgiu em uma discussão no Tabor. Ali tinha um núcleo em que a gente se reunia. Fizemos um processo de discussão e levamos para a Assembleia Legislativa. Para você ter uma ideia, nós trouxemos o finado Aziz Ab Saber para discutir essa questão ambiental aqui em São Mateus, para discutir a geologia de São Mateus. A estrutura geológica, a situação daquela região.⁴¹⁹

Aldo localiza no mesmo Tabor do CPT, a organização de amplo movimento pela instituição de uma área de preservação ambiental no entorno do Parque do Carmo. Essa mobilização contou, segundo Aldo, com a presença de um importante cientista brasileiro como Aziz Ab Saber, que o ex-administrador regional utiliza para demonstrar a força do processo. Segundo a geógrafa, historiadora e também educadora ambiental aposentada do Parque do Carmo, Rachel Bonomo, participaram dessa mobilização:

Os Movimentos SOS Mata do Carmo, Grupo Pierre Martin de Espeleologia (GPME), Grupo Não Degradação (GND) e Grupo Ecologia Arco-Iris (GEA) que tiveram atuação contra as queimadas, a caça, a deposição clandestina de lixo, e também mantiveram-se contra a tentativa de instalação de um conjunto residencial da COHAB dentro da área. Os grupos acima citados em contato com o deputado estadual Roberto Gouveia, encontraram o apoio legal para a defesa da área. A partir daí deu-se início a uma série de atividades do referido grupo como: atos públicos, passeatas, caminhadas dentro da mata para o despertar do espírito ecológico na população local.⁴²⁰

Aqui Bonomo elenca, também, uma série de elementos envolvidos na problemática da APA, entre os quais a ocupação do território para a destinação de parte do lixo da cidade, o

⁴¹⁸ Para maiores informações sobre o contexto social dessas lutas, ver: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/setcretarias/subprefeituras/sao_mateus/noticias/?p=95092. Acesso em: 09 mar. 2021 e JORNADA DO PATRIMÔNIO. O Morro do Cruzeiro e as Lutas Sociais no Jardim Santo André. In: **Departamento do Patrimônio Histórico**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/adriano.sousa.1441/videos/3815468675164560>. Acesso em: 09 mar. 2020.

⁴¹⁹ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

⁴²⁰ BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade**: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999, p. 116-117.

conflito de interesses com a COHAB, proprietária de parte do terreno e as atividades de divulgação das pautas ecológicas locais pelo movimento dos moradores. Aldo Leite desenha um processo intenso de conversas com diferentes atores do território para tornar a demanda cada vez mais pública:

Chamamos diretor de escola, coordenador pedagógico, professores, fizemos todo um processo nessa área inteira aqui. Chamamos o pessoal, a coordenação regional de educação, colocando em pauta de discussão nas escolas aqui da região a questão da proteção ambiental, a questão dessa área, que era um resto de mata nativa que tinha aqui.⁴²¹

Essa mobilização, que ocorre no Iguatemi, área em que a APA também se faz presente, é destacada por Bonomo como um desdobramento de algo que já ocorria entre 1984 e 1985, com protagonismo dos moradores dos Jardins 9 de Julho, IV Centenário e Nossa Senhora do Carmo, localizados entre Itaquera e São Mateus. O estopim dessa organização foi a presença de um aterro sanitário clandestino ali instalado pela Prefeitura na Fazenda do Carmo em 1984. Segundo Bonomo, a movimentação do acúmulo ilegal de lixo na área foi descoberta por médicos sanitaristas e donas de casa que compunham o Movimento de Saúde e as Comunidades Eclesiais de Base nesses territórios:

Lucinha lembra que quando começou a sentir o cheiro forte, pensou logo ser da Usina de Compostagem de São Mateus, existente desde 1977. Mas em contato com Eduardo Jorge que sempre fazia cainhadas dentro da mata - logo foi informada tratar-se de um montão de lixo. E foi então com o Eduardo Jorge e a Toninha ver o lugar. ‘Era feio, era lixo a céu aberto. Era assim, tudo, todo o tipo de lixo, tudo jogado, tudo misturado.’⁴²²

A questão teve repercussão na mídia escrita como podemos verificar nos diversos exemplares de jornais presentes no estudo de Bonomo a exemplo da matéria *São Matheus Guerreiro*, do jornal *Diário Popular*, na qual o Pe. Fernando Altemeyer (importante organizador de CEBs no território), tratando da organização dos movimentos de bairro, destaca “que a comunidade apoia também o fim do lixão do Parque do Carmo em Itaquera. Mesmo porque São Matheus é uma zona carente de recreação e o Parque do Carmo é uma das poucas opções de lazer na comunidade”⁴²³. Fala esta reforçada por Bonomo:

O Parque do Carmo (inaugurado em 1976) tem uma importância local e também regional pelo convívio que proporciona nos finais de semana para os moradores e visitantes dos bairros de Itaquera e São Mateus, bem como daqueles vindos de outros municípios, principalmente Mauá, Ferraz de

⁴²¹ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

⁴²² BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999, p. 109-110.

⁴²³ DIÁRIO POPULAR. São Matheus Guerreiro. 20.08.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (São Mateus)** São Paulo, 1985.

Vasconcelos e Santo André, população esta concentrada em torno de Itaquera, representando um segmento social com poucas opções de lazer.⁴²⁴

As reclamações dos moradores sobre o aterro do Parque do Carmo - e outros em funcionamento na Zona Leste - chegaram de forma intensa também à *Câmara Municipal de São Paulo*. Luíza Erundina⁴²⁵, à época vereadora do município, traçou em linhas gerais, as circunstâncias que se verificavam no Parque do Carmo:

Sr. Presidente e nobres Vereadores,

Domingo último estivemos no Parque do Carmo participando de um ato público no qual a população da zona leste, mais precisamente de São Mateus, manifestava seu repúdio, seu protesto contra a instalação, bem ao lado do Parque do Carmo, de um aterro sanitário que, há quase um ano, está concentrando, nada mais, nada menos do que um mil e setecentas toneladas de lixo por dia naquele pulmão verde da zona leste.⁴²⁶

O problema dos aterros sanitários afligia moradores de outros espaços da cidade como São Miguel Paulista e Itaim Paulista (que tinham que lidar com os danos causados pelo *Aterro Sanitário do Jacuí*) e os bairros Jardim Santo André, Jardim São Francisco e Parque São Rafael com o já citado *Aterro Sapopemba*, também em São Mateus. Estes residentes viviam às voltas com a ambivalência entre a promessa de um “aterro” que supostamente seguiria normas técnicas que “evitariam” a poluição e a realidade dos “lixões”, grandes acúmulos de lixo, que proliferavam diversos tipos de doença na população local:

acompanhamos uma luta da população de Sapopemba, de Jacuí, que também se rebelaram contra dois grandes ‘lixões’ nas regiões daqueles dois bairros: Sapopemba, em Vila Prudente, e Jacuí, em São Miguel Paulista. Um, pelo menos, dentro de algumas normas técnicas; o outro — Jacuí — sem nenhum cumprimento do mínimo indispensável para que um lixão fosse construído, sem sequer preservar a distância entre as residências e o local de concentração do lixo e sem o tratamento do chorume que é colocado nos córregos que atravessam aquela região que, por ser sujeita a enchentes, termina por invadir as residências.⁴²⁷

O histórico de São Mateus como destino de parte do lixo da cidade, data dos anos de 1970, com a instalação de uma Usina de Compostagem de resíduos orgânicos pela Prefeitura também no território entre o Parque e a Fazenda do Carmo. O espaço, adquirido pelo *Serviço*

⁴²⁴ BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999, p. 33-34.

⁴²⁵ Luíza Erundina foi vereadora de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT) entre 1983 e 1987, quando renunciou ao cargo para assumir cadeira como deputada em estadual. Em 1988 foi eleita prefeita de São Paulo.

⁴²⁶ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **236ª Sessão Ordinária.** 13 Mar. 1985, p. 03. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴²⁷ Idem.

Social do Comércio (SESC) e pela Prefeitura no período para a constituição de atividades de lazer e, também, para a reserva de terrenos para a COHAB, já havia sido propriedade: do empresário Oscar Americano e da *Cia Brasileira de Projetos e Obras (CBPO)* desde a década de 1950; da *Cia Agrícola e Pastoril* no início do século XX; e da antiga Fazenda Caguaçu da ordem dos carmelitas, entre os séculos XVIII e XIX.⁴²⁸ No último quartel do século XX, porém, o local estava se tornando o “Eldorado” do descarte e tratamento de lixo em São Paulo, conforme podemos ver em mais de uma matéria de *O Estado de S. Paulo* que defende o funcionamento da Usina de Compostagem:

A Usina de São Mateus a primeira de São Paulo, criada em 1970, tem capacidade de produzir diariamente 200 toneladas de composto, porém está operando com metade de sua capacidade pois duas de suas unidades estão em reforma. A Usina recebe 190 toneladas de lixo de Guaianases, Vila Prudente, Itaquera e de São Mateus e transforma em 100 toneladas de composto. Segundo Carlos Alberto Catalani, agente arrecadador da Usina de São Mateus, a usina encontra dificuldades de comercialização do seu produto devido aos problemas de acesso e localização, além do alto preço dos fretes. Por isso, as vendas de São Mateus são, na sua maioria, feitas para chacareiros e hortigranjeiros do cinturão verde da grande São Paulo, especialmente de Guarulhos, Guararema, Santa Isabel, Itaquaquecetuba, Mogi e Arujá. Em quantidade menor são feitas vendas, também, para fazendeiros de Minas, Goiás e Piauí. A usina não possui infraestrutura para estocagem do composto. Parte do material já curado é amontoado em pátio asfaltado e coberto e o restante fica a céu aberto esperando pelos compradores.⁴²⁹

Esse primeiro excerto, de 1983, descreve alguns problemas de funcionamento interno da usina, como baixa capacidade de produção e dificuldades na estocagem e acessos rodoviários, sendo a usina de São Mateus caracterizada como de alcance mais local, diferente da outra usina municipal, localizada em Vila Leopoldina, servida pelos acessos da Marginal Tietê que a ligavam a compradores de outros estados.⁴³⁰

Apesar de reconhecer os problemas de funcionamento da usina, o jornal não questionava onde são descartados os resíduos da produção (em torno de 40% do composto) e nem sobre o fato de a usina se localizar em frente a principal área de lazer dos moradores de São Mateus e Itaquera, o que ocasionava forte poluição do ar, do solo e das águas. No que

⁴²⁸ Para maiores detalhes sobre o histórico da Fazenda Caaguaçu e suas sucessivas transformações, ver: DELI, Fernando Rodrigues. **Da Fazenda Caaguaçu à Área de Preservação Ambiental: A APA do Carmo no Cerne da Zona Leste Paulistana.** São Paulo: FFLCH-USP (Dissertação de Mestrado), 2010.

⁴²⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. O Lixo Transformado em Adubo. 04.05.83. In: **Acervo Eletrônico de O Estado de São Paulo.** Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴³⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. Composto Orgânico. SUPLEMENTO AGRÍCOLA. p. 06. 04.10.1978. In: **Acervo Eletrônico de O Estado de São Paulo.** Ver: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

tange aos aterros do Parque do Carmo e Sapopemba, Luiza Erundina, explica a relação entre ambos:

Deixaram de colocar lixo em Sapopemba através de uma luta muito forte da população e passou-se a concentrar lixo ao lado do Parque do Carmo, uma das únicas áreas verdes da Cidade onde os trabalhadores que não podem ir para Santos, para o litoral, vão passar fins-de-semana nessa área verde que é o Parque do Carmo, levando suas famílias e desfrutando de um pouco de lazer e de um pouco de ar puro numa cidade tão poluída como a nossa.⁴³¹

O contexto no qual funcionava o aterro Sapopemba afetava um grande contingente populacional que abarcava os bairros do Parque São Rafael, Jardim Rodolfo Pirani, Ester, São Francisco e, principalmente, o Jardim Santo André e o Pró-Morar Rio Claro. Todos sofriam com as irregularidades, poluição e doenças que o descarte de lixo causava no território, conforme vimos na fala de Luiza Erundina. Embora o aterro tenha sido fechado no início dos anos de 1980, após intenso processo de mobilização popular, ele chegou a ser reativado na mesma década até se transformar finalmente em parque no início dos anos 2000. No começo da década de 1990, na confluência com o bairro da 3ª Divisão, divisa com o Iguatemi, foi fundado o Aterro Sanitário São João, a que se seguiu o Aterro São João II já nos anos de 2000, após a desativação do primeiro aterro. Sobre o processo de lutas e de reinstalação dos aterros, Pedro Caranicolov traz importantes percepções daquilo que viveu no Jardim Santo André:

Políticos começaram a aparecer aqui na década de 80. Antes da eleição da Erundina havia o aterro sanitário aqui em Sapopemba, que foi um movimento de fechamento. Eu não acompanhei esse movimento porque eu estudava na época, trabalhava em Santo André e estudava à noite. Então trabalhava de segunda a sábado, não tinha tempo de participar. Mas a gente assinava abaixo-assinado. O fechamento do aterro sanitário foi uma luta que marcou muito o Jardim Santo André porque teve uma adesão muito grande da população, inclusive na ocupação do aterro pra impedir a entrada de caminhões. Foi uma vitória, a partir daí [o bairro] começou a ter mais contato com os políticos. Essa questão do fechamento do aterro Sapopemba em 88 foi muito forte, foi uma coisa que movimentou muito aqui.⁴³²

Aqui Caranicolov responde à pergunta do pesquisador sobre a presença de políticos no Jardim Santo André, ressaltando que foi com a mobilização pelo fechamento do Aterro Sapopemba que eles passaram a se fazer mais presentes no território junto à comunidade. Para Pedro essa presença – positiva - revestiu-se de outro teor quando das tratativas para a implementação dos aterros sanitários seguintes e do Parque Sapopemba:

⁴³¹ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 236ª Sessão Ordinária. 13 Mar. 1985, p. 03. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴³² ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

Aqui o único movimento que teve de melhoria para o bairro foi a transformação do Aterro Sapopemba em um parque. [...] Depois passaram a rasteira na gente, venderam [o Parque Sapopemba] como compensação ambiental da ECOURBIS, mas foi colocado no plano diretor como política pública, como uma emenda popular do plano diretor de São Mateus. Nós fizemos todo esse movimento que mexeu com o bairro também, que ficou um pouco no esquecimento agora porque os atores que estavam lutando a favor do parque naquela época, começaram a apoiar a construção de mais aterros sanitários aqui atrás do Morro do Cruzeiro, então essa magia se quebrou também.⁴³³

O sentimento de traição que Pedro Caranicolov sentiu teve origem justamente na percepção que tinha de que parte dos militantes e parlamentares ligados ao PT, participantes de toda a mobilização pelo fim do Aterro Sapopemba no final dos anos de 1980, teriam aderido a uma política de compensações ambientais envolvendo a *ECOURBIS* (empresa responsável pelos aterros sanitários) que resultou na instalação dos aterros ao redor do Morro do Cruzeiro que poluem os solos, ar e mananciais locais.⁴³⁴ Hoje, militante do *Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)*, teve neste fato um dos motivadores para seu afastamento do campo político do PT. Essa percepção reforça a perspectiva histórica de nosso problema, por conta dos aterros e usinas de tratamento de lixo em São Mateus. Um exame do crescimento da Zona Leste nos leva a pensar nos interesses econômicos (compensações ambientais, comercialização de fertilizantes e recicláveis) que impõem danos ao território e pensar nas contradições e potencialidades da participação de movimentos, parlamentares e partidos políticos nessas mobilizações.

A participação e a interação com o Movimento de Saúde, as Comunidades Eclesiais de Base e parlamentares ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT) foram determinantes no fechamento dos Aterros Sapopemba e Parque do Carmo, bem como na implementação da APA do Parque e Fazenda do Carmo, pelo que percebemos das fontes reunidas neste tópico. Há, porém, uma série de questionamentos no caso do Jardim Santo André e seus aterros, com a defesa das compensações ambientais por parte dos moradores e militantes e, por outra, da forte crítica da comunidade organizada em torno do projeto do Parque do Morro do Cruzeiro,

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ A crítica de Pedro Caranicolov aos quadros do Partido dos Trabalhadores em muito tem a ver com as mudanças históricas pelas quais a agremiação passou entre os anos de 1980 e 1990. Segundo Lincoln Secco, a atuação do partido na primeira década foi predominantemente de oposição extraparlamentar, ligada aos movimentos populares e sua atuação direta, porém na década de 1990, o pêndulo muda para a ênfase na oposição parlamentar e nas políticas de Estado nas prefeituras e governos de Estado nos quais o partido foi eleito, embora o historiador ressalte que ambos os aspectos estão presentes nos dois momentos. A questão da ECOURBIS e dos aterros no Jardim Santo André parecem se enquadrar nesse pragmatismo, já que o primeiro desses aterros foi inaugurado ainda na gestão Luiza Erundina. Ver: SECCO, Lincoln. **História do PT**. 4 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 24-26.

que ainda não saiu do papel. Um campo histórico em aberto, portanto, que inspira a rememoração dos conflitos e análises dos processos históricos presentes em mobilizações como as do fechamento dos aterros do Parque do Carmo e Sapopemba.

3.5 A Questão da Moradia em São Mateus: Da Busca Por Lotes aos Movimentos de Moradia, Mutirões e Conjuntos Habitacionais

São Mateus, atualmente, é marcado predominantemente por casas autoconstruídas, ocupações recentes de moradia, favelas e conjuntos habitacionais que convivem, também, com a especulação imobiliária dos prédios que surgem no entorno de sua centralidade, nas avenidas por onde passa o monotrilho e em seus bairros lindeiros. Essa constituição explosiva do processo de urbanização no território, entre os anos de 1970 e 1990, com distribuição de moradias realizada por imobiliárias, ocupações e grilagens foi, também, a fase do crescimento da Regional desencadeado principalmente pela ação dos movimentos organizados que pautavam o Estado pelo direito à habitação. Isso levou à constituição de mutirões e conjuntos habitacionais prediais em alguns de seus bairros, em ações políticas que surgem no mesmo caldo de mobilizações do final da Ditadura Militar em fins da década de 1970 e início dos anos de 1980, ganhando sua maior expressão na virada para os anos de 1990.

Devemos, ao abordar a ocupação do território neste período, observar que independente do empreendimento ou forma de obtenção da moradia, todas tinham em comum a fragilidade da infraestrutura e da garantia de sua propriedade, sendo o Estado sempre chamado à baila para mediar relações conflituosas e de carência, assim como já vimos nas áreas da saúde, ambiental e dos transportes. Um exemplo é o que ocorreu no final da década de 1970 no atual distrito do Iguatemi, nos Jardins Laranjeiras e Helena-Augusta, onde os moradores estavam em litígio com o proprietário do loteamento e levaram o caso para a Administração Regional de Itaquera, que abarcava o território de São Mateus no período:

Os moradores dos bairros: J. Laranjeiras, J. Iguatemi, J. Augusta, J. Helena, J. São João, J. Walquiria, e outros, estão se reunindo e discutindo já há algum tempo, para a legalização de seus terrenos e propriedades. No dia 9 de janeiro cerca de 200 pessoas foram à prefeitura de Itaquera, solicitando providências da mesma, na questão. [...] Diante de tantas injustiças os moradores perguntaram qual a relação que existe entre os proprietários e a prefeitura: por que o fiscal multa a construção das pequenas casas e não multa os falsificadores dos loteamentos?⁴³⁵

⁴³⁵ O AJUDANTE: BOLETIM DO SETOR SÃO MATEUS DA PASTORAL OPERÁRIA. Terrenos Clandestinos - Assembleia Do Dia 27 Realizada No Jardim Augusta. 01.1979, p. 03. In: **Acervo Eletrônico do Centro de Pesquisa Vergueiro**. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Nesse relato, extraído do boletim *O Ajudante*, há a demanda por regularização de terrenos - constante nas periferias de São Paulo como um todo e em São Mateus, em particular – presente no território desde pelo menos os anos de 1970. Um de seus principais efeitos é a chegada de serviços públicos e infraestrutura já que o território registrado passa a ser atendido pelo poder público.⁴³⁶ No caso dos Jardins Laranjeiras e Helena-Augusta, os residentes questionaram uma ação mais incisiva da Prefeitura em relação às irregularidades dos pequenos proprietários na construção de suas casas, e sua convivência com os proprietários “falsificadores de documentos” - o que sugere a falta de registro dos terrenos e a possibilidade de grilagem por parte do proprietário.⁴³⁷ Ambos os problemas interligam-se à ausência de promoção de infraestrutura - que deveria ser de responsabilidade do proprietário – como demonstrado na carta de intenções assinada após pressão dos moradores:

(Eu) Floriberto de Oliveira co-proprietário dos loteamentos J. Laranjeiras, J. Walquiria, J. Iguatemi, assumo expressamente o compromisso de executar, sem ônus para os moradores e compradores dos referidos loteamentos, as benfeitorias aqui relacionadas: assentamento de guias e sarjetas (sic); rede de água e esgoto; rede de luz; galeria de águas pluviais; deixar espaços para áreas verdes. Em nome dos moradores alguns dos presentes na reunião conjunta realizada em 27.01.79 no Colégio do J. Augusta. O prazo para a prefeitura aprovar os projetos é de 30 dias. A prefeitura assumiu também a responsabilidade de fiscalizar a execução das obras. O prazo do loteador para executar as obras é de 8 meses.⁴³⁸

Nesse caso, o proprietário assume obrigações que historicamente sofrem um jogo de empurra entre donos de terrenos e Prefeitura nas periferias da cidade. Não sabemos se houve efetivamente o atendimento às demandas, pois a série documental do boletim de *O Ajudante*, localizada no arquivo do *Centro de Pesquisas Vergueiro (CPV)*, não mais mencionou o caso. Nabil Bonduki, em seu estudo sobre a habitação social em São Paulo, pontua que um

⁴³⁶ Exemplo disso é a ocupação da área que vai além da propriedade da COHAB no Jardim da Conquista, ocupada a partir de 1989 e somente regularizada na década de 2000, conforme vimos nos trabalhos de Tenório e no projeto *A Conquista do Conquista* elencados no capítulo 01 desta pesquisa. Ver: ALMEIDA, Valéria Tenório. Jardim da Conquista: Segregação Urbana e Mobilização Social. In: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 91-112 e A CONQUISTA DO CONQUISTA. Disponível em: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 23 jul. 2021.

⁴³⁷ A temática da grilagem e suas consequências nefastas na insegurança do direito à propriedade é abordada em detalhe e em perspectiva histórica por Teresa Pires Caldeira ao tratar da trajetória do Jardim das Camélias, localizado no distrito de São Miguel - também na zona Leste - entre a década de 1930 e sua efetiva ocupação que se dá nos anos de 1960. O preço para que o trabalhador pudesse ser proprietário em São Paulo, segundo a antropóloga, era morar nas periferias (com todas as suas carências) e com essa experiência comum de lidar com irregularidades nas propriedades. Para maiores detalhes ver: CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 65-72.

⁴³⁸ Idem, p. 04.

conjunto de legislações aprovadas desde a década de 1940 favoreceu, ao longo de mais de trinta anos, a negligência de proprietários em oferecer padrões urbanísticos mínimos para os lotes, como o *Decreto-lei n° 58*, de 1937 que priorizaria mais as garantias entre compradores e vendedores de lotes urbanos que sua infraestrutura. O mesmo Estado que foi intransigente quanto à presença de cortiços na área central da cidade no início do século XX teria sido, segundo o arquiteto, propositalmente conivente com a expansão desregulamentada e sem fiscalização dos territórios periféricos, como forma de

facilitar a construção da casa pelo próprio morador que, embora, não tivesse sido planejada, foi-se definindo na prática como um modo de viabilizar uma solução habitacional popular barata, segregada, compatível com a baixa remuneração dos trabalhadores e que ainda lhes desse a sensação, falsa ou verdadeira, de realizar o sonho de se tornarem proprietários.⁴³⁹

Ermínia Maricato, em texto clássico de 1976, aponta que essas relações tortuosas fazem parte de uma forma de produção capitalista da cidade em que os empreendimentos estatais de infraestrutura estão fortemente vinculados a investimentos empresariais, entre eles a moradia, à época agenciados pelos projetos do *Banco Nacional de Habitação (BNH)*. Restava ao trabalhador, cujo poder aquisitivo caía cada vez mais entre os anos de 1960 e 1970 – graças à política de arrocho salarial da Ditadura Militar - a opção de morar nas periferias, “longe dos centros de comércio ou negócios, sem equipamento ou infraestrutura, onde o comércio e os serviços particulares também são insignificantes enquanto forma de uso do solo.”⁴⁴⁰ Sendo assim, além de estar em territórios desprovidos de quase tudo, ainda eram expostos a relações comerciais abusivas e a um “eterno correr atrás do Estado” para suprir suas demandas:

Declarações feitas à imprensa [pela prefeitura] apontam de 2000 a 5000 o número de loteamentos clandestinos em São Paulo. Por clandestino entenda-se o loteamento não aprovado pela prefeitura, seja por irregularidades quanto à posse da terra, seja por não obedecer à legislação de uso e ocupação do solo. [...] Apesar de ser bastante flexível nas exigências com o loteador, as legislações referentes ao loteamento urbano não são cumpridas em áreas de residência da classe trabalhadora, sendo que a desobediência mais aparente se refere ao tamanho do lote.⁴⁴¹

Dentro desse modelo, a não resolução de problemas urbanísticos fazia com que outros exemplos de apelo dos moradores ao poder público ocorressem em meio a problemas mal resolvidos com vendedores de lotes – mesmo em empreendimentos cuja venda já era mediada

⁴³⁹ BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013, p. 288.

⁴⁴⁰ MARICATO, Ermínia. Autoconstrução: A Arquitetura do Possível. In: MARICATO, Ermínia (Org). **A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa-ômega, 1982, p. 82.

⁴⁴¹ Idem, 1982, p. 90.

pelo Estado. É o que ocorre na formação do residencial (atual bairro) “Cidade Satélite Santa Bárbara”, ainda em 1975, em que o vereador Naylor de Oliveira tenta atuar na defesa dos moradores que fizeram a compra de seus imóveis da *Cia Saad do Brasil* por meio de financiamento da *Caixa Econômica Federal*. A promessa feita pela imobiliária no momento da venda em nada perdia para bairros bem equipados da cidade:

a Cia. Saad do Brasil, projetou um novo bairro numa área de clima limpo, onde seriam construídas mais de 4.000 residências, que seriam servidas por centros comerciais, escolas, farmácias e padarias e cinemas, e que possuiria um clube de campo privativo aos compradores das casas, as quais teriam uma construção de 1ª qualidade e cujos moradores seriam servidos por várias linhas de ônibus.⁴⁴²

Porém, na prática o que se viu, segundo o vereador, foi a instalação de um bairro com uma linha-fantasma de ônibus entre São Mateus e o Parque Dom Pedro - gerida pela “famigerada” *Cia Vila Carrão* - casas de baixa qualidade, ausência de comércio e iluminação pública e “invasões” em áreas onde não tinham sido construídas moradias:

O grande problema pode ser dividido em vários, para melhor explicação: 1) Não há praticamente, comércio dentro do bairro. 2) Não há água suficiente, pois a mesma é particular. 3) A coleta de lixo não funciona e quando funciona apenas uma vez por semana. 4) Poucas ruas foram asfaltadas e apenas 1 avenida está iluminada. 5) As áreas destinadas a construções comerciais tornaram-se depósitos de lixo.⁴⁴³

O sonho da casa própria transforma-se em pesadelo nestas verdadeiras “sagas” em que proprietário e serviços públicos precisam ser provocados para que tomem alguma providência no sentido de promover condições mínimas de habitabilidade.

Até aqui, vimos a defesa dos direitos dos moradores seja pela *Pastoral Operária* em seu jornal, ou pelos vereadores na tribuna da *Câmara*. Porém, a questão das favelas, oriundas principalmente da ocupação de terrenos públicos na cidade a partir dos anos de 1970, começa a se tornar foco de preocupação - e preconceito - na *Câmara*, em um conjunto de falas que não reconhece a quem reside ali o direito à moradia. Tomemos, por exemplo, o pronunciamento do vereador Edson Tomaz de Lima⁴⁴⁴ quando começa a tratar do “problema do favelamento em nossa cidade que, inclusive, é habitada por elementos — por que não dizer

⁴⁴² ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 77ª Sessão Ordinária. 03 Set. 1973, p. 01. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁴³ Idem.

⁴⁴⁴ Edson Tomaz Lima foi vereador entre 1971 e 1975, pelo MDB. Renunciou ao cargo para assumir cadeira como deputado estadual. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 21 set. 2021.

— marginalizados da nossa sociedade”⁴⁴⁵. Nesta fala, Edson reduz os moradores das favelas ao estereótipo da marginalidade, sem tratar de seu direito à moradia (muito diferente da fala de Naylor de Oliveira ao se referir aos compradores da Cidade Satélite, vistos como de outra classe social). Continua abordando como se configura a questão das favelas no território de São Mateus, recomendando fiscalização sobre o que ocorre na Avenida Mateo Bei, em claro tom de reprovação da ocupação que ali ocorre:

E este vereador conhece também de perto o problema e acaba de receber de amigos nossas denúncias que dizem respeito a favelamento na Cidade São Mateus, bairro pertencente ao distrito de Itaquera ou Vila Carrão. E o pior, nobre Vereador Luiz Peixoto e nobres Vereadores, em propriedade do município localizada no centro de São Mateus. [...] (o vereador exige) fiscalização, providências no sentido de verificar de perto que está ocorrendo com a instalação de mais uma favela na cidade de São Paulo.⁴⁴⁶

O depoimento do vereador encontra-se em consonância com a visão que ainda predominava na administração pública da cidade sobre as favelas no início dos anos 1970. Segundo o arquiteto Jorge Paulino, antes da emergência de movimentos organizados de favelados no final da década, a política da Prefeitura seguia a premissa de que a favela era uma condição provisória do imigrante rural recém-chegado na cidade, sendo uma anomalia urbana que deveria ser erradicada por meio de remoções para alojamentos nas periferias e posterior transferência ou oferecimento de moradias em lotes nos mesmos territórios. A urgência dessa operação se dava, na maioria dos casos, por conta de projetos de obras públicas que ocorreriam nos locais onde as favelas estavam instaladas. Removidas, as favelas acabavam, na maioria das vezes, se consolidando no espaço urbano da cidade nas periferias por falta de políticas públicas para oferta de moradias e por conta da baixa renda dos trabalhadores.⁴⁴⁷

Se aqui a ocupação ocorre no início dos anos de 1970 na centralidade de São Mateus, sem sabermos como os moradores se organizaram para chegar e se instalar ali⁴⁴⁸, nos anos de 1990, em um contexto onde já são comuns as suas reivindicações, entramos em contato com a organização popular dos moradores da favela do Vera Cruz denominada “Comissão de Luta do Jardim Vera Cruz”, que se deu no distrito do São Rafael em 1993. Por meio de seu boletim

⁴⁴⁵ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **98ª Sessão Ordinária**. 24 Out. 1973, p. 02. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anaeis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁴⁶ Idem.

⁴⁴⁷ PAULINO, Jorge. **O Pensamento Sobre a Favela em São Paulo**: Uma História Concisa das Favelas Paulistanas. São Paulo: Dissertação de Mestrado FAU-USP, 2007, p. 108.

⁴⁴⁸ Hoje na área central de São Mateus temos três favelas que se consolidaram: Divineia, Vergueirinho e Vila Flávia. Não conseguimos precisar na leitura do depoimento do vereador se ele se referia à formação de um desses três territórios.

“Acorda Vera Cruz”, estabelecemos contato com uma outra abordagem na qual os seus problemas de infraestrutura e a perspectiva das favelas na consolidação da ocupação urbana ganham prioridade. Através de pesquisas com os residentes eram definidas as prioridades que seriam levadas à *Regional de São Mateus* e à Prefeitura:

Esse é um problema mais que urgente que nós temos que atacar: fica muito difícil sobreviver no meio da lama, pisando e pegando em tudo quanto é sujeira; adultos e crianças vivem doentes porque sem saneamento básico, é impossível ter saúde e segurança dos barracos ficarem em pé. [...] O esgoto, ou seja, toda rede de esgoto aqui da favela tem que ser canalizada e com o asfalto ou calçamento passando por cima, diminui muito os problemas de sujeira e insetos. Canalização também do riozinho que tá apavorando muita gente com enchentes que correm por ele.⁴⁴⁹

Por meio da pesquisa realizada, os problemas do esgoto e do asfalto relacionados tanto à questão sanitária e de saúde quanto à manutenção da estrutura dos imóveis foram eleitos pelos moradores como pauta prioritária envolvendo, também, a canalização de um córrego que causava as enchentes no bairro. A partir da pesquisa, publicada no *Boletim n° 01*, o movimento decidiu promover a mobilização registrada no *Boletim n° 02* em que os poderes públicos são acusados de prometer melhorias para o bairro - após passeata até a Regional - e não as cumprir:

Fomos à regional em 20 pessoas, na caminhada. Lá fomos recebidos pelo administrador e nesse mesmo dia eles vieram visitar a favela e disseram que dava para resolver os problemas de Asfalto e Esgoto nas vielas. Faz mais de dois meses e a prefeitura não fez nada.⁴⁵⁰

A organização dos moradores, que leva à produção de saberes sobre o espaço em que vivem, surge da urgência em resolver os problemas gerados pela venda irregular de terrenos e ausência do poder público. Essas formas de resistência dos residentes em alguns casos também se transformam em movimentos e mutirões que vão assumindo formas diversas a partir do final da década de 1970. Uma dessas foi a que ocorreu no Jardim Três Marias, celebrada pelo vereador Almir Guimarães⁴⁵¹, ao tratar de processo transcorrido no ano de 1985, quando os moradores organizados em mutirão promoveram o calçamento das ruas de seu próprio bairro:

⁴⁴⁹ BOLETIM ACORDA VERA CRUZ. N° 01. 04. 1993, p. 03-04. In: **Acervo Eletrônico do Centro de Pesquisa Vergueiro**. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 23 jul. 2021.

⁴⁵⁰ BOLETIM ACORDA VERA CRUZ. N° 02. 09. 1993, p. 02. In: **Acervo Eletrônico do Centro de Pesquisa Vergueiro**. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 23 jul. 2021.

⁴⁵¹ Almir Guimarães Oliveira foi vereador entre 1977 e 1996, passando por MDB, PMDB, Partido da Frente Liberal (PFL) e PTB. À época da fala citada, fazia parte do MDB. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereador> res. Acesso em: 08 abr. 2021.

No início de 1985 foi realizado, no Jardim Três Marias, o primeiro mutirão para a colocação de guias e sarjetas; que se revestiu de pleno sucesso, tornando-se um projeto de participação popular, que o então Prefeito, Engenheiro Mário Covas, planejou e expandiu para outras áreas carentes de São Paulo, num processo organizado que contou com recursos municipais no tocante a equipamentos e materiais.⁴⁵²

Embora com apoio da Prefeitura (personificada na figura do prefeito “engenheiro” que entenderia de obras urbanas), o mutirão para calçamento e asfaltamento das ruas levaram os moradores a fazer um serviço que em outros lotes urbanos da cidade seria promovido integralmente pela Prefeitura ou por loteadores. Esse modelo de constituição do espaço urbano, porém, ocorreu também em São Rafael e no Iguatemi, onde a edificação das moradias levou em consideração a cultura da autoconstrução que os moradores já possuíam nas periferias desde a década de 1950. No caso do Iguatemi, é notório o exemplo do Jardim da Conquista, já apresentado no capítulo 01 e, no São Rafael, do conjunto *Pró-Morar Rio Claro* e do mutirão do Jardim Santo André/Jardim São Francisco.⁴⁵³

Nos anos de 1970, a área do atual distrito do São Rafael tornou-se destino de moradores removidos de outros locais da cidade e de trabalhadores que não conseguiam comprar ou alugar sua casa em outros territórios mais ocupados na cidade. O apoio da Igreja Católica à organização comunitária dos novos moradores deu as bases para a constituição do conjunto habitacional *Pró-Morar Rio Claro* no início da década de 1980, estruturado pela COHAB⁴⁵⁴ para receber a população removida de favelas às margens do Aricanduva - cuja avenida passava por obras de ampliação no período - e de outros bairros do Extremo Leste como Jardim Elba e Itápolis. Segundo pesquisa do livro *Novos Bairros – Jardim São*

⁴⁵² ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 479ª Sessão Ordinária. 19 Mai. 1987, p. 07. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁵³ Alguns desses processos adotaram a partir desse período o modelo autogestionário que, segundo Evaniza Rodrigues (assistente social, arquiteta e urbanista participante dos movimentos de moradia na cidade de São Paulo), envolve o gerenciamento das obras pela própria comunidade, mesmo que de forma não totalmente autônoma, contando com financiamento estatal. Os processos nos quais a comunidade se envolve vão desde a elaboração do projeto, passando pela contratação da assessoria técnica, mão de obra e compra de materiais até a organização da vida comunitária após o término da obra. In: RODRIGUES, Evaniza Lopes. **A estratégia fundiária dos movimentos populares na construção autogestionária da moradia**. São Paulo: FAU-USP, 2013, p. 31.

⁴⁵⁴ Segundo o *Caderno das Regionais da Prefeitura* de 1993, São Mateus teve sua paisagem urbana marcada pela construção de outros conjuntos residenciais da COHAB nos anos de 1980: “a década de 80 foi marcada pela implantação dos grandes conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda, se bem que numa escala menor do que a verificada em Itaquera e Guaianazes. Os conjuntos *Pró-Morar Rio Claro* (COHAB) e *São Francisco* (Habi), localizam-se no distrito do São Rafael, o conjunto *Sítio dos França I*, Gleba do *Carrãozinho* (Habi) estão situados no distrito do Iguatemi. A Cohab possui ainda outras glebas na área da AR-São Mateus destinadas a futuros projetos residenciais.” Ver: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Base de Dados Para Planejamento**: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993, p. 12.

Francisco – Processo Global de Urbanização, o conjunto era construído pelo Estado por meio de moradias no estilo “embrião”, com estruturas básicas que dariam “espaço” para que os moradores pudessem atuar no acabamento e na expansão dos cômodos da casa:

de acordo com a proposta, os embriões poderiam ser ampliados pelos moradores, observando os limites de cada terreno. Ao receber as unidades, um manual de recomendações era entregue para as famílias, no qual estavam descritos os procedimentos corretos a serem adotados, sempre com autorização e vistoria técnica da prefeitura.⁴⁵⁵

Essa política, financiada pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), marcava uma mudança na abordagem municipal sobre as favelas que, até os anos de 1970 era pautada pela ideia de desfavelização - erradicação das favelas - e não do atendimento das demandas de seus moradores embora, na essência, ainda fosse marcada pelas remoções.⁴⁵⁶ Infelizmente, porém, a esse desafio somavam-se ao menos mais dois fatos que afetavam a população local: os problemas com o aterro sanitário Sapopemba e com a má distribuição de água para o conjunto. Em matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* fica em destaque, mais uma vez, a fragilidade do estatuto do morador de bairro periférico, mesmo quando está na expectativa de usufruir de um programa público de habitação:

Pelo menos três moradores do alojamento provisório do Pró-Morar em São Mateus, entre os 55 que foram atendidos em prontos-socorros ontem pela manhã vítimas de intoxicação ao tomar água superclorada da SABESP, voltaram aos ambulatórios médicos da zona leste com queixas de falta de ar e inchaços nos pés e nas mãos. [...] Os moradores do alojamento estão assustados com a visita de técnicos e da imprensa e em dúvida se fazem valer seus direitos, procurando a SABESP para indenização ou se deixam tudo como está, ‘para não perder a casa e o lugar para morar’.⁴⁵⁷

A trajetória de vida marcada por recentes processos de remoção e o *status* provisório do alojamento - que existia enquanto as moradias ainda não estavam erguidas - faziam com que muitos moradores ficassem com medo de perder suas casas e, por isso, acabavam não fazendo o enfretamento necessário à SABESP para reparar os danos causados à sua saúde. A presença do aterro Sapopemba no território pode provavelmente ter sido uma das fontes da poluição das águas utilizadas pelos moradores e do excesso de cloro que a SABESP adicionou a elas. Sobre ele, a então vereadora Luiza Erundina traz alguns dados desenhando o quadro das dificuldades enfrentadas pelos moradores devido à instalação do lixão:

⁴⁵⁵ FRANÇA, Elisabete. (Org). **Jardim São Francisco**: Série Novos Bairros de São Paulo. São Paulo: HABI (Superintendência de Habitação Popular), 2012, p. 39.

⁴⁵⁶ Idem, p. 37-38.

⁴⁵⁷ O ESTADO DE SÃO PAULO. Vítimas Da Água Clorada Voltam A Se Sentir Mal.14.02.1982, p. 30. *In*: **Acervo Eletrônico de O Estado de São Paulo**. Ver: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

Não bastando o fato de a área encontrar-se cercada por moradores que lá residiam há muito tempo, anteriormente à instalação do lixão e que não aceitaram o mesmo, foram construídas ainda mais 930 unidades do conjunto habitacional PRÓ-MORAR, com duas creches municipais, nos limites da área, comprometendo ainda mais as difíceis condições de moradia da população.⁴⁵⁸

Erundina destaca aqui a quantidade de moradias construídas (930) o que dá a dimensão do crescimento do território e do risco ambiental e humano que o aterro representava. A vereadora continua sua fala, detalhando os mecanismos da poluição:

O que ocorreu de fato, senhores, foi o seguinte: os líquidos provenientes do lixo não foram captados devidamente e nem chegaram ao sistema de tratamento das lagoas de estabilização. Os gases não foram devidamente coletados, havendo emanação por toda a área e a energia não foi aproveitada, e a não-compactação e cobertura adequadas fizeram com que as ratazanas proliferassem invadindo as residências dos moradores daquelas regiões. A população do PRÓ-MORAR de Sapopemba é originária da favela de Itápolis, de onde foi violentamente expulsa para dar lugar à abertura de uma avenida, sendo levada a morar naquele local contra sua vontade.⁴⁵⁹

A vereadora destaca a violência pela qual passou a população do Pró-Morar: primeiro retirada violentamente do Jardim Itápolis, passa a morar em um conjunto habitacional marcado por um aterro sanitário completamente desregulado e nocivo à vida humana que polui ar, solo e mananciais. Segundo o *Projeto Novos Bairros: Jardim São Francisco*, a Sociedade de Amigos do Jardim São Francisco já se encontrava mobilizada para a retirada do aterro “e os moradores do Pro-Morar Rio Claro corroboraram as reivindicações, pressionando o poder público até o fechamento do aterro em 1984.”⁴⁶⁰ Houve, portanto, uma soma de esforços entre residentes do Jardim São Francisco, Jardim Santo André e Pró-Morar em prol do fechamento do aterro. Erundina preocupa-se com a origem e história dos moradores, abordagem que difere dos vereadores que tratavam do mesmo tema nos anos de 1970. O que também foi preocupação marcante nos projetos de memória do território a partir da década de 2000. A história do Pró-Morar é um dos temas abordados no projeto *Meu Bairro, Minha História: Céu São Rafael*. O relato de Dona Jandira, que chega ao Pró-Morar em 1987 é um exemplo disso:

eu vim pra cá em 8 de maio de 1987. A nossa luta foi assim: a gente morava lá na favela de São Mateus, era uma favela com uma área de risco, aí a

⁴⁵⁸ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 39ª Sessão Ordinária. 10 Mai.1983, p. 04. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁵⁹ Idem.

⁴⁶⁰ FRANÇA, Elisabete. (Org). *Jardim São Francisco*: Série Novos Bairros de São Paulo. São Paulo: HABI (Superintendência de Habitação Popular), 2012, p. 39.

prefeitura se juntou com a comunidade e tirou a gente de lá. O total de casas, no começo, era 930, e a maioria da favela.⁴⁶¹

Ao longo dos anos de 1980 e, especialmente no final desta década, os discursos e práticas de valorização dos moradores das favelas, removidos e Sem Terra intensificam-se ainda mais na cidade de São Paulo. Grupos como a *Pastoral da Terra* e *Movimentos dos Sem Terra*, espalham-se pela cidade, com o apoio decisivo das Comunidades Eclesiais de Base. Religiosos italianos ligados à *Ordem dos Combonianos* chegam à “Fazenda da Juta” nesse período, por exemplo, para ajudar os residentes com questões jurídicas na luta pelo acesso à terra, serviços públicos e combate à miséria.⁴⁶² Segundo Evaniza Rodrigues, as primeiras propostas de moradias autogestionadas pelos movimentos surgem nesse momento, “com apoio da Igreja Católica e quase sem nenhum apoio governamental e à margem de qualquer política pública” e após ocupações de terra por toda a cidade, é adotado pela Prefeitura o financiamento de processos comunitários de construção de moradia através do “FUNAPS comunitário durante a gestão de Luiza Erundina (1989-1992) [...] financiando 12351 unidades habitacionais, em 93 convênios”⁴⁶³, processo do qual o mutirões do Jardim Santo André/Jardim São Francisco e Jardim da Conquista fizeram parte. Maria Elza Araújo, narra sua participação em uma dessas mobilizações, o *Movimento de Moradia Leste 01* (atualmente parte da “União dos Movimentos de Moradia”)⁴⁶⁴, um dos principais agrupamentos que atua até hoje na zona Leste com esse objetivo:

Em 96 eu já tinha construído a minha casa e me mudei para ela. Mas sempre pensando no que eu ouvia naqueles momentos de participação. E aí eu pensava: ‘poxa, eu já tenho a minha casa, mas seria importante que as outras pessoas pudessem conhecer e participar.’ Aí eu tive um período de participação em um movimento de moradia chamado Movimento de Moradia Leste I que, na época, era ali próximo do Bradesco. [...] Aí lá eu consegui levar umas pessoas que não tinham onde morar, que moravam de aluguel para elas participarem desse movimento. Então eu fui mais como incentivo. Eu sei de três pessoas que participaram que eu levei e essas pessoas conseguiram as suas casas.⁴⁶⁵

Após obter sua casa no início dos anos de 1990, Maria Elza reforça seus laços de amizade com outras mulheres no bairro ajudando-as a acessar sua moradia por meio do

⁴⁶¹ SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade** – CEU São Rafael. Painel 09.

⁴⁶² Ao longo de sua pesquisa de doutorado Deocleciana Ferreira traz a atuação da Ordem Comboniana na estruturação do bairro da Fazenda da Juta. Ver: FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018.

⁴⁶³ RODRIGUES, Evaniza Lopes. **A estratégia fundiária dos movimentos populares na construção autogestionária da moradia**. São Paulo: FAU-USP, 2013, p. 37-38.

⁴⁶⁴ Ver: <https://sp.unmp.org.br/organizacao-interna/movimentos-filiados/>. Acesso em: 22 set. 2019.

⁴⁶⁵ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em: 04 mai. 2018.

movimento. Essas relações afetivas e comunitárias, muito comuns nas periferias da cidade estão nas bases da formação de movimentos como o Leste I. Segundo Deocleciana Ferreira, a organização da *Associação de Moradores da Fazenda da Juta* - contra os arbítrios e irregularidades de um dos loteadores do bairro no fim dos anos de 1970 - e a posterior chegada de ocupantes do movimento Leste I ao território no final da década de 1980 foram essenciais para que os moradores mais ligados a uma dinâmica familiar de construção de suas casas entendessem que a organização por meio de movimentos populares ajudaria na desapropriação de glebas para interesse social por parte da Prefeitura, na luta por infraestrutura urbana e projetos diversos de moradia popular no território.⁴⁶⁶ Esses grupos, dependendo de sua organização e da política pública conquistada, fizeram mutirões para a construção de suas moradias - como o do Jardim da Conquista, em parte tributário das lutas na Fazenda da Juta - alterando a espacialidade das periferias. O Jardim Santo André tem sua geografia alterada pelo apoio aos mutirões dos moradores apoiados pela COHAB, durante a gestão da então prefeita Erundina no fim dos anos de 1980:

O Estado aqui sempre foi ausente, sempre foi arbitrário. Até a própria prefeitura mesmo...A única interferência da prefeitura que mexeu mesmo com o bairro, foi a construção do mutirão na época da Erundina. E começou a ter a mudança da configuração do bairro. E até então a gente chamava isso aqui de Vila. Até então era Vila.⁴⁶⁷

Para Pedro Caranicolov, o Jardim Santo André torna-se bairro, de fato, com a chegada dos mutirões ao local no final da década de 1980, adensando uma vila que era fortemente marcada pela paisagem rural quando chegara ali nos anos de 1970. Esse processo, de caráter popular, também é destacado por Aldo Leite, quando trata da aquisição dos terrenos para os mutirões do Jardim Santo André/São Francisco e do Jardim da Conquista:

Eu assinei o termo de compra do que é hoje a área do Jardim da Conquista bem como do São Francisco também. Eu era administrador aqui, quem assinou em nome do governo municipal o termo de compra dessas áreas na época fui eu. Isso era parte de um programa que era do partido, era de outros segmentos, era de muita gente, mas por acaso era eu que era o regional na época e assinei o termo de compra, tanto do São Francisco, quanto do Conquista, de um e de outro. Então assim, essas são coisas que eu acho interessantes, mas para mim continua sendo uma região fundamentalmente uma região dormitório.⁴⁶⁸

Esse programa de muitos segmentos, “muita gente”, que envolvia os movimentos populares, o Partido dos Trabalhadores (PT) e a Prefeitura reforçou no território, segundo

⁴⁶⁶ FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018, p. 108-111.

⁴⁶⁷ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em: 07 mai. 2018.

⁴⁶⁸ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em: 13 mai. 2017.

Aldo, a sua função de bairro dormitório. Essa crescente oferta de moradia, que tinha como endereço certo aqueles que construíam os movimentos, acabou por chamar atenção de outros trabalhadores da cidade que também necessitavam de moradia. Assim como no Jardim da Conquista, as moradias não foram suficientes, bem como havia dificuldade em se manter espaços livres para áreas de lazer e uso comum: novas levas de moradores chegavam para ocupar os espaços “vagos” no entorno dos mutirões.⁴⁶⁹ Nesse sentido, a gestão do PT teve que lidar com a contradição de promover uma reintegração de posse no bairro para manter um espaço destinado à construção de uma praça.⁴⁷⁰ A forma violenta pela qual foi realizada, ensejou a escrita de uma *mea culpa* no jornal *Folha de S. Paulo* para explicar o ocorrido:

O terreno municipal situado na Avenida Lima Bonfante, esquina com a Avenida dos Sertanistas, Jardim Santo André na região de São Mateus, havia sido destinado pela administração para constituir uma área pública de uso comum - uma praça - a serviço da comunidade local. [...] No dia 18 de agosto, porém, o terreno da avenida Lima Bonfante foi indevidamente ocupado por pessoas que começaram a construir suas moradias. [...] A forma pela qual a reintegração de posse foi realizada dia 25, porém, foi incorreta. Nada justifica o uso da violência contra cidadãos. A atual administração reconhece que errou ao permitir que máquinas de propriedade municipal fossem utilizadas na demolição de moradias. Assim a prefeitura vai indenizar - após acurado exame de cada caso - os moradores que apesar de estarem ocupando ilegitimamente um local público, tiveram seus bens destruídos.⁴⁷¹

Episódios como esse, que ocorriam mesmo no âmbito de gestões com abordagem progressista eram e continuam sendo comuns nas periferias de São Paulo, bem como as ocupações e o surgimento de novos bairros que ocorrem em São Mateus como o Jardim Nova Vitória⁴⁷², constituído nas últimas décadas no distrito do Iguatemi e que trilha caminho

⁴⁶⁹ Essa problemática já vem sendo apontada em estudos de arquitetura e urbanismo desde pelo menos 1978, quando Nabil Bonduki e Raquel Rolnik registraram essa mesma dificuldade no Jardim São Pedro, em Osasco, cujo loteador havia doado à Prefeitura um espaço reservado à construção de parques e áreas de lazer no qual, entretanto, somente foram instalados uma igreja e o restante foi ocupado por uma favela. Para maiores detalhes, ver: BONDUKI, Nabil Georges & ROLNIK, Raquel. **Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força trabalho**. São Paulo: USP, 1978, p. 29.

⁴⁷⁰ Segundo Lincoln Secco, as gestões petistas eleitas no final dos anos de 1980, como as de Diadema e São Paulo, enfrentaram uma série de conflitos com os diretórios municipais do partido e militantes de base em temas sensíveis como repressões a manifestações, participação popular/caráter deliberativo em conselhos gestores e orçamento participativo, considerados limitados à constituição de um poder popular nesses governos. Tendências mais à esquerda questionavam dentro do partido a adesão das gestões a lemas e práticas como “governar para todos” e “crescimento econômico” que fariam com que o partido aderisse à relação capital/trabalho deixando de acirrar/tencionar esse binômio, ação essencial à luta de classes. Ver: SECCO, Lincoln. **História do PT**. 4 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 126-128.

⁴⁷¹ FOLHA DE S. PAULO. A Ocupação na Região de São Mateus. 28.09.1989. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1989.

⁴⁷² Chama atenção ainda as poucas referências sobre o bairro que encontramos, sendo a única matéria do *Estado de S. Paulo* que registra a hipótese levantada por moradores de ocupação em área de preservação ambiental. Ver: O ESTADO DE S. PAULO. **Moradores do Jardim Nova Vitória denunciam área imprópria**

parecido com o dos lotes e mutirões aqui elencados na busca por serviços básicos. Os movimentos também continuam a existir como o Leste 01 e o *Movimento de Defesa do Favelado (MDF)*⁴⁷³, atuante nos três distritos de São Mateus, do qual Terezinha Camargo faz parte:

Foi através das comunidades que eu fiz a teologia da libertação e que eu estudei nas escolas da fé, vida e política. E foi ali que eu descobri que eu tinha que sair para fora. Foi onde eu conheci o movimento do MDF, o Movimento em Defesa dos Favelado. [...] Daí que eu comecei a participar das comunidades de favela, a participar junto com as mulheres das favelas e ali também foi uma escola de vida muito grande.⁴⁷⁴

A fala de Terezinha sintetiza alguns dos principais elementos dos mutirões elencados até aqui: a influência das Comunidades Eclesiais de Base, que trouxe da Comunidade São Marcos, do Jardim Tietê, e o aprendizado com as mulheres da comunidade.⁴⁷⁵ Algumas das características essenciais dos mutirões são: a vida em comunidade, organização dos movimentos populares e construção dos bairros periféricos como vimos até aqui. Essa síntese faz parte da constituição de uma territorialidade própria a São Mateus, como veremos no tópico a seguir.

3.6 A Construção de um “Poder Para os Moradores”: Administração Regional e as Territorialidades de São Mateus

Como contam os moradores, a vida social de São Mateus foi marcada por diversas problemáticas que fazem parte da vida nas periferias da cidade, por exemplo, a falta de rede de água e esgoto; dificuldade no acesso a transporte de qualidade; ausência de cobertura de atendimento básico de saúde; além da falta de moradia e de espaços de lazer com preservação

para moradia na região. 26.04.2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/blitz-estadao/moradores-do-jardim-nova-vitoria-denunciam-area-impropria-para-moradia-na-regiao/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

⁴⁷³ O Movimento de Defesa do Favelado surge no final dos anos de 1970 na Favela da Vila Prudente, inserida na Paróquia Nossa Senhora do Carmo e no contexto da Teologia da Libertação, expandindo-se na década seguinte pelos territórios de Sapopemba e São Mateus. Entre suas principais pautas esteve a de instalação de redes de água, esgoto e energia elétrica com as respectivas tarifas sociais para cada serviço. Ver: <https://www.mdf.org.br/historia>. Acesso em: 27 jul. 2021.

⁴⁷⁴ ENTREVISTA COM TEREZINHA CAMARGO. Realizada em 03 mai. 2019.

⁴⁷⁵ A predominância e protagonismo das mulheres nos movimentos de moradia das periferias de São Paulo é apontada tanto por Deoclecina Ferreira, para o caso da Juta, por meio dos relatos dos “Chás de Memória”, como por Evaniza Rodrigues ao explicar o papel da mulher nos mutirões autogestionados como um meio para que ganhem a esfera pública e política. Para maiores informações sobre o tema, ver: FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano.** (Tese de Doutorado em Serviço Social) São Paulo: PUC, 2018, p. 150. RODRIGUES, Evaniza Lopes. **A estratégia fundiária dos movimentos populares na construção autogestionária da moradia.** São Paulo: FAU-USP, 2013, p. 29.

ambiental. E essa realidade está também articulada com o histórico local de ocupação do espaço e de suas particularidades naturais, constituindo uma identidade local e territorial própria. Pedro Caranicolov, ao responder questionamento sobre qual devia ser a paisagem de São Mateus forneceu, por exemplo, importante panorama de elementos específicos da dinâmica ambiental do território:

São Mateus é um dos lugares mais lindos de São Paulo. Aqui a questão do Jardim Santo André, da natureza ela é muito presente. Assim, de preservação. Aqui é uma região rica em água, a gente tem o Morro do Cruzeiro, tem o rio Aricanduva. Aqui tem, eu sempre bato na tecla, tem que ter um olhar mais para a questão ambiental, formação de reservas.⁴⁷⁶

O morador do Jardim Santo André sugere o uso social dos recursos naturais do bairro onde reside, mas também do território de São Mateus como um todo. Todavia, a formação de reservas ambientais e sua manutenção depende de uma abordagem pontual do poder público para ser constituída e mantida.

A história de São Mateus inclui, também, o problema da diversificação da economia local voltada, basicamente, aos serviços, com geração de emprego insuficiente para manter a maior parte da população trabalhando no território. Todos os problemas elencados aqui bem como ao longo deste capítulo, fizeram com que os moradores começassem a pensar em como as questões locais poderiam ter maior atenção do poder público. Isso poderia ocorrer com a “Administração Regional”, poder local descentralizador das atribuições administrativas da cidade pela Prefeitura municipal, vista como uma referência para resolver problemas cotidianos, como nos relata Maria Elza Araújo:

A subprefeitura de São Mateus era onde hoje é a esquina da Paulino Cursi. E eu morava no final da Paulino Cursi. Então aquele prédio que hoje é o Bradesco era ali que era a subprefeitura. Então algumas coisas que a gente tinha que resolver era legal que era perto. A gente que morava ali na região falava ‘poxa a gente mora próximo de um órgão que dá pra resolver algumas coisas’. Assim tipo imposto. [...] Só depois ela veio para a Ragueb, mas eu não lembro o ano.⁴⁷⁷

A regional de São Mateus, hoje Subprefeitura, aparece nas palavras da professora, como lugar próximo de casa, ainda na centralidade de São Mateus, onde era possível resolver algumas de suas questões na relação com os entes públicos, como o pagamento de impostos, por exemplo. O prédio do Bradesco (Imagem 29) na Avenida Mateo Bei era a sede do órgão público nos anos de 1980, Atualmente a Subprefeitura encontra-se em galpão do complexo

⁴⁷⁶ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

⁴⁷⁷ ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. Realizada em 04 mai. 2017.

industrial do Parque São Lourenço, na Avenida Ragueb Choffi, em frente à estação Colonial do metrô. (Imagem 30).

Imagem 29: Edifício atual da sede da Regional de São Mateus na década de 1980, segundo Maria Elza Araújo.



Fonte: SOUSA, Adriano, 2021.

Imagem 30: Sede atual da *Subprefeitura de São Mateus* no Jardim Colonial



Fonte: SOUSA, Adriano, 2021.

Historicamente, nas suas mais variadas formas institucionais, locais ou características, as descentralizações do poder municipal fazem parte do horizonte de especialistas, gestores públicos e da população, desde os anos de 1950, por conta do crescimento horizontal da cidade, com o surgimento de novos distritos em territórios rurais. Pasquale Petrone, em reflexão de 1958 sobre o crescimento urbano de São Paulo, com periferias se espalhando pelo entorno da cidade e prédios se erguendo freneticamente no centro, sugere a necessidade do que chama de “subprefeituras” para lidar com essa nova realidade:

o desmesurado crescimento da cidade, com efeito, já não mais comporta um sistema administrativo como o atualmente existente. Tudo parece indicar a necessidade de descentralizar a administração municipal; e a criação de subprefeituras ou, mesmo, de prefeituras subordinadas a um órgão administrativo superior, parece ser a solução mais adequada à importância do problema.⁴⁷⁸

Essa necessidade acabou sendo suscitada pelas *Sociedades de Amigos de Bairros* das periferias que surgiam ou se consolidavam no período. É o caso de São Miguel Paulista que, com suas SABs, fez com que o prefeito Toledo Piza, em 1956, criasse os *Conselhos Distritais*, chamados de “CDs”, com a intenção de atender as demandas locais e impedir o fortalecimento das organizações de bairro. Embora “descentralizado”, o poder acabava sendo centralizador, já que na intenção de representar os moradores do bairro, acabava agindo também como órgão fiscalizador das movimentações sociais dos residentes. Segundo Paulo Fontes, “os conselhos não resistiriam ao término do mandato de Toledo Piza no início de 1957 e, no final dos anos de 1950, as SABs se consolidaram definitivamente como principais entidades dos bairros em São Paulo.”⁴⁷⁹ Havia críticas severas de moradores, alguns integrantes do PCB, que entendiam serem esses órgãos desarticuladores das organizações comunitárias locais. Na década de 1960, a ideia de um poder local subordinado à Prefeitura volta à tona com a criação das Administrações Regionais pelo prefeito Faria Lima (1965-1969), no período em que muitos militantes políticos perseguidos pela Ditadura Militar se refugiavam nas SABs para continuarem a atuar politicamente, sendo “antiga reivindicação das entidades de bairro, abria a possibilidade para uma maior comunicação e pressão da comunidade sobre o governo municipal” segundo Fontes.⁴⁸⁰

⁴⁷⁸ PETRONE, Pasquale. São Paulo no Século XX. In: AZEVEDO, Aroldo de (Org). **A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana Vol. II: A Evolução Urbana**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958, p. 108.

⁴⁷⁹ FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 275-276.

⁴⁸⁰ Idem, p. 283.

Nos anos de 1980, em São Mateus e também em outros bairros da zona Leste de São Paulo, cresce a pressão das entidades comunitárias de bairro sobre as SABs e as Regionais existentes. Exemplo disso é a criação da “União Democrática dos Moradores dos Jardins Itápolis, Araújo, Imperador e São José”, no setor São Mateus da *Pastoral Operária* em 1979. Formada por CEBs, grupos de loteamento, de favelas e de saúde, tinham como objetivo pressionar o poder público pelas demandas dos residentes. Seus organizadores não queriam “que [a União] funcione como as Sociedades de Amigos de Bairro, que estão distante dos moradores e são só bajuladores dos órgãos públicos.”⁴⁸¹ Também crítica da ação das Regionais e das SABs era a *União dos Moradores de Baixada de São Mateus* que, em 1985, reclamava do atrelamento político dessas entidades ao poder municipal e da lentidão da Regional – no caso a de Itaquera/Guaianases – no atendimento de demandas simples como melhorias no asfaltamento e rede de esgotos:

Também reivindicamos a canalização de 50 metros de uma viela na Rua Ernesto Manograsso, altura no número 949, que é ponto de enchentes. O prefeito Mario Covas autorizou a obra em uma semana quando esteve aqui no dia 23 de julho, mas regional de Itaquera ainda não cumpriu a ordem. Já refizemos o pedido, mas na AR IG (Itaquera-Guaianases) ninguém foi capaz de nos dar qualquer esclarecimento.⁴⁸²

A liderança em questão, Maria Antonieta, reclama do fato de as demandas do território se perderem na Regional de Itaquera-Guaianases, uma das quais o território de São Mateus estava submetido neste período. Além de ser circunscrita a esse espaço, São Mateus chega a aparecer na jurisdição de Vila Prudente e mesmo da Penha, conforme podemos ver em registros dos anos de 1970 dos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*:

Indico à Douta Mesa oficie ao Dgnº. Sr. Prefeito, solicitando sejam dotadas de guias e sarjetas todas as ruas do Jardim Araújo, bairro de São Mateus, subdistrito de Vila Prudente, principalmente as ruas Antônio Sampaio Dória e Vitotoma Mastrorosa.⁴⁸³

Indico ao Exma. Senhor Prefeito Municipal se digne determinar providências, junto ao órgão competente, no sentido de ser construído um parque infantil, em terreno da municipalidade, localizado na Rua Dr. Edemir

⁴⁸¹ O AJUDANTE: BOLETIM DO SETOR SÃO MATEUS DA PASTORAL OPERÁRIA. **União Democrática**, p. 11. Ago. 1979. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁴⁸² DIÁRIO POPULAR. São Matheus Guerreiro. 20.08.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985.

⁴⁸³ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **412ª Sessão Ordinária**. 19 Mai. 1976, p. 03. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

Witacker, esquina da Rua Embaixador Ildefonso Falcão, no bairro de São Mateus, Adm. Regional da Penha.⁴⁸⁴

Demandas como a pavimentação das ruas, a construção de sarjetas e parques, portanto, ficavam em tramitação no órgão que atendia a grandes extensões territoriais e interesses diversos dos moradores, que também conflitavam entre si nas organizações comunitárias quanto às formas de encaminhar as demandas de seus bairros. Segundo ainda matéria do *Diário Popular* de 1985, o presidente da *SAB Cidade São Mateus* via na elevação da área a distrito (com conseqüente instalação de uma Administração Regional) um meio eficaz de lidar com os problemas do território como a necessidade de um hospital e pronto socorro, por exemplo:

Embora reconheça a gravidade dos problemas até agora mencionados, o presidente da Sociedade de Amigos de Cidade São Matheus, Manoel Felismino dos Santos é da opinião que a solução para esse e outros problemas do bairro viram (sic) com a elevação de São Matheus a Distrito de Paz: ‘atualmente somos subdistrito de Itaquera e a Independência nos ajudaria bastante.’⁴⁸⁵

Embora não apareça explicitamente na documentação que pesquisamos sobre o Movimento de Saúde, de transportes ou ambiental, entendemos que a pressão que estes agentes fizeram sobre o poder público, somada à organização de diversos grupos comunitários, influenciaram a Prefeitura a pensar no desmembramento de algumas das Regionais existentes na Zona Leste. Alguns periódicos locais eram entusiastas do desmembramento como o *Jornal de Sapopemba* (distrito vizinho de São Mateus) que, em seu próprio editorial, colocava-se como um dos mais importantes apoiadores da luta pela Regional de Sapopemba, articulando extratos de profissionais liberais e comerciantes do território, além de entidades comunitárias e partidos políticos:

O *Jornal Sapopemba* entre outras entidades foi quem mais se destacou na luta pelos distritos, em especial o de Sapopemba. Entidades que também participaram, umas com mais outras com menos empenho, foram Sociedade de Amigos de Sapopemba, CDM Sapopemba, Clube de Lojistas de Sapopemba, Associação dos Moradores de Jardim Sapopemba, bem como pessoas ligadas aos mais diferentes partidos políticos.⁴⁸⁶

⁴⁸⁴ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 444ª Sessão Ordinária. 01 Set.1976, p. 03. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁸⁵ DIÁRIO POPULAR. São Matheus Guerreiro. 20.08.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985.

⁴⁸⁶ JORNAL DE SAPOPEMBA. Como Foi a Luta Pelo Distrito. 12.1985. In: **Acervo do Arquivo da Biblioteca Municipal de São Paulo**. São Paulo, 1985.

A amplitude dos diferentes agentes envolvidos na articulação das reivindicações demonstram o quanto os poderes locais eram demandados pela população de Sapopemba, mas também pela de São Mateus, que também recebeu cobertura do mesmo jornal quando de sua “elevação” a distrito em 1985:

São Mateus ganha a maioria sendo Distrito. Uma maioria acompanhada dos problemas de um nosso irmão favelado: carência de tudo. Se temos uma certa estrutura, lojas, indústrias, bancos, associações, etc., temos também inúmeros problemas que não foram solucionados antes por estarmos atrelados a outros Distritos. Veja alguns exemplos: o povo de São Mateus lutou por um hospital e ele veio; e foi instalado fora de São Mateus. São Mateus reuniu suas associações e pleitou a instalação de Cartórios, Fórum, Administração Regional, Faculdade, Mercado Municipal e biblioteca com um teatro. Foi tudo instalado em Itaquera e Guaianazes, que já são Distritos.⁴⁸⁷

Neste texto, que compara a obtenção de qualidade de distrito a uma declaração de maioria do território, a elaboração dessa conquista vai além de se ter um órgão local para demandas públicas: representa uma identidade local formada por tudo aquilo que ele contém e pelo que luta e necessita, em um tom regionalista que beira à declaração de São Mateus como um município autônomo em relação à cidade de São Paulo.⁴⁸⁸

Porém, a euforia da “elevação” ao *status* de distrito e inauguração da Regional própria, foi acompanhada de uma realidade de problemas, conflitos locais e na relação com a *Câmara Municipal* e a Prefeitura. Essas questões se desenrolam entre 1986-1991 e foram abordadas pelos jornais locais e de grande circulação, vereadores e um de seus atores, Aldo Leite, Administrador Regional entre os anos de 1989 e 1991.

Em 1986 após vitória em disputada eleição com Fernando Henrique Cardoso (PMDB), que representava a situação, Jânio Quadros (PTB) assumiu a Prefeitura do município de São Paulo pela segunda vez, tendo como um de seus objetivos a descentralização da administração municipal, representada pela inauguração de *Administrações Regionais (ARs)*. Um dos desmembramentos que mais ganhou destaque na cidade no período foi o que gerou a Regional

⁴⁸⁷ JORNAL DE SAPOPEMBA. Cidade São Mateus. 12.1985. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1985.

⁴⁸⁸ Após a conquista da Regional de São Mateus, um grupo de moradores, principalmente comerciantes e fiéis da Igreja São Mateus Apostolo, passou a pautar a emancipação do território como município criando, inclusive, uma bandeira para o distrito. Segundo matéria da *Folha de S. Paulo*, a mobilização arrefeceu após não ter obtido sucesso em 1991, quando foram criados 43 novos municípios no Estado e São Mateus não estava relacionado. Ver: FOLHA DE S. PAULO. **Bairro de São Mateus, na Zona Leste, já Tentou se Emancipar**. São Paulo, dez. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/morar/2017/12/1941836-bairro-de-sao-mateus-na-zona-leste-de-sao-paulo-ja-tentou-se-emancipar.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

do distrito de São Mateus, que congregava parte das AR-Itaquera Guaianases, Vila Prudente, Mooca e Penha.⁴⁸⁹

Segundo matéria do jornal *Cidade São Mateus*, a AR-São Mateus entrou em funcionamento mesmo sem ter ainda um quadro completo de funcionários, contando com apoio das ARs Vila Prudente, Mooca e Itaquera:

Para o administrador de Vila Prudente, José Gomes da Silva, a criação da AR-São Mateus não modifica a rotina de sua regional, pois estará até o final do ano dando apoio à Regional de São Mateus no enfrentamento dos problemas que surgirem nos bairros localizados antes na AR Vila Prudente.⁴⁹⁰

Inaugurado na data oficial do aniversário de 43 anos de São Mateus, o novo órgão ganhou destaque na edição comemorativa do periódico, que contava também com uma retrospectiva e memórias do bairro desde sua “fundação”. Em outro aniversário - de 1995 - a *Gazeta de São Mateus* também destacou o impacto do novo órgão no território nos anos de 1980:

Ter uma Administração Regional era um dos maiores desejos dos moradores na década de 80. São Mateus era administrado pela regional de Itaquera-Guaianases e conseqüentemente não tinha vida própria. O crescimento e o acúmulo dos problemas resultantes do povoamento desordenado, as carências e tudo o mais exigiam que o bairro tivesse administração própria. [...] Depois de muitas reivindicações o prefeito Jânio Quadros assinou o decreto 21970 no dia 4 de março de 1986. Sua implantação ocorreu no mesmo ano em um prédio alugado na Avenida Mateo Bei.⁴⁹¹

Havia, porém, o temor de que o órgão não viesse a funcionar a contento como no caso de outras Regionais, como alertava o vereador Aurelino Andrade⁴⁹²:

Precisamos verificar que há estudos há mais de 5 anos, propondo a criação da regional do Vale do Aricanduva, que teria uma parte de São Mateus, outra de Itaquera, de Vila Prudente, da Penha e da Mooca. A criação de regional não resolve problemas. É preciso haver infraestrutura, pré estabelecida, para não ficar como ficou a regional de Itaquera, que até hoje não funciona a contento. Foi criada por decreto e ficou até hoje com enormes dificuldades. Além de não funcionar bem, deixa deficientes outras regionais.⁴⁹³

⁴⁸⁹ Não conseguimos precisar em quais Regionais estavam cada distrito atual e/ou bairro de São Mateus. Questão que pode ser levada para estudos posteriores.

⁴⁹⁰ CIDADE SÃO MATEUS. Atendimento na Regional Já Começou. 10.1986. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1986.

⁴⁹¹ GAZETA DE SÃO MATEUS. Administração Regional: São Mateus 47 Anos. 09.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1995.

⁴⁹² Aurelino Andrade foi vereador entre 1956 e 1992, sendo um dos parlamentares que por mais tempo ocupou uma cadeira na *Câmara Municipal de São Paulo*. Foi filiado PSP adhemarista até a Ditadura Militar, quando passa a fazer parte da ARENA. Durante a redemocratização passou por PDS, PFL e pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB). Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 21 set. 2021.

⁴⁹³ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 267.ª Sessão Ordinária. 04 de Jun. 1985, p. 05. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em 07 abr. 2021.

Aurelino coloca em foco a dificuldade de se estruturar uma nova AR tributária de outras quatro (com Mooca e Penha na relação das regionais que administravam São Mateus e o Vale do Aricanduva) e o risco de parcelas de um grande território ficarem abandonados como em Itaquera. A implantação do órgão em regime de urgência trouxe, além desses temores, um “escândalo de corrupção” com denúncias de achaque de fiscais da Regional feitas por comerciantes locais, que serviram de argumento para que vereadores do PMDB questionassem a lotação de administradores, fiscais e outros funcionários janistas nas novas regionais. Pouco tempo depois de inaugurada, a Regional de São Mateus já estava no centro de uma *Comissão Especial de Inquérito (CEI)*⁴⁹⁴ para investigar essas práticas:

Vários vereadores do PMDB resolveram pedir a abertura de Comissão Especial de Inquérito, depois de prisão em flagrante de funcionários da administração regional de São Mateus que estavam extorquindo dinheiro de comerciantes da região. No dia 18 de fevereiro um fiscal, um motorista e um arquiteto foram presos por policiais militares e ficaram detidos vários dias nas celas do 49º Distrito Policial.⁴⁹⁵

O vereador Dalmo Pessoa⁴⁹⁶, repercutindo matéria do *Jornal da Tarde*, demonstra a revolta dos comerciantes locais com as cobranças indevidas de taxas para regularização de seus comércios:

nesta denúncia do ‘Jornal da Tarde’, de hoje, à página 2, o tópico final é que nos parece muito mais grave do que o ato criminoso praticado por três funcionários da Regional de São Mateus. **Diz lá:** ‘No final da tarde, enquanto os três funcionários da prefeitura eram autuados, uma comissão de proprietários de pequenos e médios estabelecimentos comerciais de São Mateus, Sapopemba e outros bairros da região foi à delegacia para protestar contra as constantes extorsões de que são vítimas.’⁴⁹⁷

Parte da população local, que tinha grandes expectativas na chegada da Regional, viu-se, portanto, vítima de práticas de extorsão e frustrada, até certo ponto, com a formação do novo distrito e estruturação dessa forma de poder local (lembrando que os lojistas e comerciantes foram importantes apoiadores da mobilização pela Regional bem como apoiadores dos jornais locais). Com a mudança de gestão, em 1988, sendo eleita a ex-vereadora e ex-deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luíza Erundina (em vitória sobre Paulo Maluf – representante do *Partido Democrático Social - PDS*), a Regional

⁴⁹⁴ Nomenclatura à época da atual *Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI*.

⁴⁹⁵ O ESTADO DE SÃO PAULO. Welson Vai à Câmara se Explicar. 08.05.1987. In: **Acervo Eletrônico de O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 1987. Ver: <https://acervo.estadao.com.br/procura/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

⁴⁹⁶ Dalmo Pessoa foi suplente da vereança em São Paulo entre 1983 e 1988 e vereador entre 1993 e 1996, sempre pelo PMDB. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁴⁹⁷ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **464ª Sessão Ordinária**. 19 Fev. 1987. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

de São Mateus passa por uma nova fase, marcada pela articulação com movimentos populares locais e pela efetiva estruturação do órgão. O jornal *Gazeta de São Mateus* também fez em, 1995, uma breve avaliação do Administrador Regional Aldo Leite da Silva, que ficou no cargo entre 1989 e 1991:

O segundo administrador foi Aldo Leite da Silva que contava com poucos recursos para a região. Ele foi responsável pela montagem da estrutura do órgão e também investiu em recursos humanos. Nessa época houve aumento do número de servidores, aquisição de máquinas pesadas para realização de trabalhos como tapa-buracos, asfaltamento, conservação de praças, etc.⁴⁹⁸

Aldo Leite dá grande destaque aos mecanismos de participação popular dos territórios durante sua administração e trata, também, dos trabalhos de asfaltamento em São Mateus, que deveriam equilibrar ao máximo o atendimento das necessidades coletivas, a ausência de recursos e as decisões democráticas:

Sempre fizemos contato com a prefeitura, o próprio povo que demandava junto com a gente. Nós dividimos essa região toda aqui em microrregiões, juntávamos o pessoal das comunidades, dos movimentos daquela região ali, algumas lideranças que encaminhavam as demandas de cada local. [...] Então, nessa época para você cavar, para você pavimentar você tinha uma quantidade de recurso e não tinha jeito, era aquilo para você fazer pavimentação. [...] A gente sempre priorizava, digamos assim, as vias principais, que eram por onde iam entrar, por exemplo, caminhão de gás, caminhão de lixo, caminhão de abastecimento, a gente ia levar abastecimento para o local. A gente discutia com o pessoal e depois as próprias lideranças também entendiam que isso era prioritário, que eram o espaço da maioria das pessoas. Mas sempre tinha aquele que achava que a frente da casa deles era a mais importante do que qualquer outra coisa.⁴⁹⁹

O próprio desenho do território que o ex-administrador faz é de um local onde muitos bairros ainda não tinham asfalto, sendo esse um motivo de disputa do recurso escasso na determinação de como as demandas já rotineiras em outros bairros da cidade, como o abastecimento e a coleta de lixo, viriam a ser atendidas pela primeira vez em São Mateus com a mediação da nova Regional. Seria a Regional, portanto, uma forma de exercício de poder mais ligada à execução e zeladoria do que a debates políticos mais estruturantes sobre a vida na cidade? Segundo Rachel Eny Bonomo, com a articulação que ocorria junto aos movimentos populares, as ARs iam além disso, como no caso do seminário *Itaquera Virou Cidade*, realizado no contexto da mobilização dos moradores de Itaquera e São Mateus pela formação da “APA do Parque e Fazenda do Carmo”. Por iniciativa das regionais de São Mateus, Itaquera-Guaianases e dos movimentos sociais da Zona Leste o seminário discutiu

⁴⁹⁸ GAZETA DE SÃO MATEUS. Administração Regional: São Mateus 47 Anos. 09.1995. In: **Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo (Pasta São Mateus)**. São Paulo, 1995.

⁴⁹⁹ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em 13 mai. 2017.

questões estratégicas da urbanização local no fim dos anos de 1980, como as obras do Anel Viário, devastação sem controle da Mata Atlântica, trânsito e necessidade de uma Universidade pública na Zona Leste. Segundo Bonomo, utilizava o lema que questionava: “porque Itaquera tem toda a cara de periferia e não de cidade?”⁵⁰⁰

Nesse mesmo contexto, porém, a articulação do Partido dos Trabalhadores com os movimentos de moradia gerou um debate tenso na relação com a nova “APA do Parque do Carmo” que se formava. O vereador Walter Feldman do *Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)* questiona a ação da regional de São Mateus nesse quesito:

podemos constatar que numa extensa área da mata do Carmo, numa grande clareira vista do ângulo do helicóptero, centenas ou talvez até milhares de árvores foram derrubadas aparentemente há pouco tempo, juntamente com a construção desorganizada de vários barracos e, até algumas casas de alvenaria. [...] Tivemos logo após um contato com o Administrador de São Mateus, Sr. Aldo Leite, como Administradora do Parque do Carmo, com representantes do Governo Estadual, com o IBAMA, e estamos neste momento em contato com a Procuradoria do Meio Ambiente do Ministério Público de São Paulo, para saber, primeiro, do conhecimento de tal ocorrência e, em seguida, quais as medidas cabíveis, seja do ponto de vista legal, seja do ponto de vista político-administrativo, para que medidas urgentes possam vir a ser tomadas.⁵⁰¹

No entanto, esse processo acabou levando ao pedido de exoneração de Aldo, por pressão da oposição - por se entender que a articulação da Regional com os movimentos de moradia entraria, na visão destes vereadores, em conflito com as ações de preservação da mata. Segundo Bonomo, de fato, havia todo um arranjo complexo entre os poderes públicos incidentes na área para atender as demandas dos diferentes movimentos interessados na ocupação do território.⁵⁰² Vereadores do PT, como Arselino Tatto⁵⁰³ saíram em defesa de Aldo Leite:

Então quero fazer a defesa, sim, do companheiro Aldo Leite, e eu o conheço pelo menos há uns 15 anos, e durante estes anos ele tem lutado no sentido de apoiar os movimentos populares, mais precisamente os movimentos de

⁵⁰⁰ BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999, p. 54-55.

⁵⁰¹ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **303ª Sessão Ordinária.** 08 Ago. 1991, p. 02. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁵⁰² BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999.

⁵⁰³ Arselino Tatto é vereador pelo PT desde 1989 reelegendo-se, desde então, até a atual legislatura (2021-2024). Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

moradia, para que obtenham a sua casa própria, para que obtenham o seu lote urbanizado. E é uma luta que o Partido dos Trabalhadores apoia.⁵⁰⁴

O apoio de Aldo aos movimentos de moradia é a defesa político-programática do PT do período⁵⁰⁵, o que fez com que uma questão local virasse um debate de âmbito municipal em torno do pedido feito pelo vereador Bruno Feder⁵⁰⁶ pela exoneração do administrador por conta das ocupações. De todo modo, tanto no caso da CEI no governo Jânio, como no debate sobre a “invasão”, as ações da recém-inaugurada Regional de São Mateus estiveram no radar de um amplo debate público, no qual as ações políticas locais são reconhecidas como de grande impacto em ao menos três setores da vida social de um bairro periférico do período: a preservação de seu meio ambiente, a crescente demanda por moradias, e o funcionamento do comércio local, prejudicado pelas relações políticas dos funcionários da Regional com vereadores da base governista. Tudo isso nos leva a perceber como são múltiplas as atuações dos sujeitos históricos que vem a constituir um distrito territorialmente com sua administração local e seus usos sociais.

Retomando Raffestin, todo território delimitado, com seus recursos, vias, pontos nodais (espaços referenciais) é fruto do trabalho, energia, informação e desejo de poder de alguns sujeitos sobre um espaço. No caso de São Mateus as vivências desse território – territorialidades – pela coletividade que tinha moradia nele nas três décadas que abordamos neste capítulo resumem, de certa forma, “a maneira pela qual as sociedades satisfazem num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos determinados, suas necessidades em energia e em informação.”⁵⁰⁷ Os pontos referenciais como a Igreja de São Mateus Apóstolo, suas comunidades, estradas e avenidas, os loteamentos e ocupações de moradia que vão surgindo entre as décadas de 1950 e 1970, são vividos na articulação com o loteamento *Cidade São Mateus* nos anos de 1950 que, ao longo das décadas de 1970 e 1980 passam a interagir com os movimentos comunitários dos bairros

⁵⁰⁴ ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. 318ª Sessão Ordinária. 12 Set. 1991, p. 06. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-aneis-da-camara-municipal-2/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁵⁰⁵ Neste momento o partido guiava-se, segundo Secco, principalmente pelas demandas de seus principais grupos fundadores, a saber: Igreja progressista, sindicalistas, intelectuais, parlamentares oriundos do MDB, marxistas e ex-combatentes da luta armada contra a Ditadura Militar. No caso em tela Aldo Leite parece ter feito a tentativa de equilibrar os interesses da pauta ambiental com os da moradia, ambos com forte presença dos movimentos de base católicos dos territórios, ponto que foi explorado pela oposição do ponto de vista de uma gestão que deveria responder rapidamente à questão do desmatamento no Parque do Carmo escolhendo um lado ou outro. SECCO, Lincoln. **História do PT**. 4 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 26-31.

⁵⁰⁶ Bruno Feder foi vereador entre 1989 e 2000, passando por diversos partidos como PL, PFL, PPB e PDS. Ver: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

⁵⁰⁷ RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ed. Ática. 1993, p. 161.

em torno das comunidades católicas que se estruturam em rede a partir das três principais vias de circulação de São Mateus. Essa territorialidade e as necessidades que unem as comunidades acabam por construir um espaço autônomo que não se vê atendido pelos poderes locais existentes, distantes, como a Administração Regional de Itaquera-Guaianases.

Não nos esqueçamos da relação de bairros presentes na articulação da saúde ou da *Pastoral Operária*, que já no final dos anos de 1970 pensavam os problemas de São Mateus em uma espacialidade e meio sociais próprios e diferenciados de outras regiões. Percepção reforçada pelos jornais locais e pela visibilidade que a demanda da Regional ganhou nos meios comunitários. Temos, portanto aqui, um exemplo de como as mobilizações populares seja em prol da saúde, transportes, meio ambiente ou moradia tem suas próprias territorialidades, que influem na territorialização dos espaços da cidade ao longo do tempo, com a correspondente estruturação de seus órgãos de poder, sintetizando um acúmulo de 40 anos de diferentes fases de luta social em um território.

CAPÍTULO 04: MEMÓRIAS DAS CULTURAS E DO COTIDIANO EM SÃO MATEUS: VIVÊNCIAS DOS MORADORES NO BERÇO DO SAMBA E DA LITERATURA

CAPÍTULO 04: MEMÓRIAS DAS CULTURAS E DO COTIDIANO EM SÃO MATEUS: VIVÊNCIAS DOS MORADORES NO BERÇO DO SAMBA E DA LITERATURA

Ao longo da introdução e dos três capítulos anteriores deste estudo travamos contato com diversas dimensões do cotidiano dos moradores de São Mateus e com as expressões subjetivas de suas memórias, que dialogam com contextos históricos distintos da construção do espaço urbano do território da Subprefeitura: a ida ao trabalho; a transição do espaço rural para o urbano; a organização popular para discutir problemas sociais urbanos com moradia, transporte, saneamento, serviços de saúde e meio ambiente; as dificuldades para se locomover até o trabalho, seus projetos de vida e de bairro.

Neste capítulo, tomando como eixos fundamentais a problemática do lazer, consumo e produção cultural, investigaremos como o cotidiano do território aparece nas construções de memórias dos residentes, seja em suas falas ou criações artísticas. No caso, entre as diversas linguagens desenvolvidas na localidade, escolhemos dar enfoque ao samba e à literatura, devido à diversidade de formatos e temas que trabalham e dos contextos históricos de suas produções, utilizando os exemplos de outros meios de expressão, quando necessário.

4.1 Diálogos Literários e Oraís sobre o Cotidiano de São Mateus

Talvez uma das questões, sobre a cidade de São Paulo, que intrigue parte dos moradores de distritos da cidade considerados centrais, ou do centro expandido (chamado por alguns teóricos atuais de subúrbios, como vimos no capítulo 02), diz respeito às notícias sobre o que acontece nos bairros periféricos e “quebradas”, seja o que efetivamente ocorre no dia a dia dos residentes, ou apenas as menções ao cotidiano de violência, pobreza e dificuldades estruturais urbanas. Mas, o que o morador das periferias pensa e vivencia da cidade e do próprio território? E quais são as suas memórias?

Uma das possibilidades dessa experiência no território que habita é narrada por Mírdria Ferreira da Silva, em seu poema *Paulistana Periférica* (Anexo C), produzido há quatro anos: “Uma vez um garoto de 10 anos foi ao Museu da Língua Portuguesa/Na entrada pediram: escreva/Nome, e-mail e cidade/Cidade.../Tiradentes!!!/O garoto de dez anos era paulistano e

nem sabia.”⁵⁰⁸ Nesse poema, percebemos que o significado de cidade para alguns de seus moradores corresponde a seu próprio território, como no caso do garoto e sua noção de cidade, que se circunscreve ao distrito de Cidade Tiradentes, no Extremo Leste de São Paulo. Muitas das dificuldades na percepção de territórios mais amplos ocorrem por conta da baixa renda e da dificuldade no acesso aos serviços de transporte público, diminuindo ou anulando o pertencimento à cidade como um todo. Dentro desse contexto, vale perguntar: se a circulação por outros espaços da cidade é tão restrita, a alcunha dada aos bairros periféricos como “dormitórios” faz sentido? Ao fazer o exercício de escuta dos moradores e leitura de suas produções literárias, perceberemos que a visão comumente elaborada sobre esses locais é extremamente limitada, principalmente quando nos reportamos às obras que relacionam passado e presente desses territórios.

Uma das dimensões, que podemos levantar sobre esse cotidiano, é a relação dos residentes com o consumo, seja no que se refere à subsistência ou à construção de suas moradias. Vejamos o que Orinho Ferreira, tem a nos dizer sobre o tema:

As compras antigamente, não existia atacadão, Carrefour, não existia nada disso. As compras eram feitas nos mercadinhos que chamavam mercearia ou ‘venda’, simplesmente venda no local. Vamos supor, eu acredito que o primeiro mercado self-service né, que você entra e pega a mercadoria, aqui da região, foi o Carrefour da Aricanduva. Isso em 80 e... eu vou pesquisar depois se interessar. [...]. Não existia comércio, pelo menos lá pela zona leste as compras você tinha que ir nas vendas, com caderneta, comprava fiado, aquelas vendas onde o dono tá por trás do balcão. Inclusive vou te mostrar aqui ó. (Imagem 31)⁵⁰⁹

⁵⁰⁸ SILVA, Mídría Ferreira da. **Paulistana Periférica**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dDPZe8XPJVw>. Acesso em: 24 abr. 2021.

⁵⁰⁹ ENTREVISTA COM ORINHO FERREIRA. **Parte II**. Realizada em: 07 fev. 2019.

Imagem 31: Orinho Ferreira no armazém/mercearia da família no Jardim Laranjeiras, jun. 1982.



Fonte: Acervo Familiar de Orinho Ferreira.

Orinho fala de duas importantes referências que devemos localizar no tempo e espaço nesta região da Zona Leste: os armazéns e pequenas “vendas”, predominantes no território ao longo dos anos de 1970, quando ele chegou ao bairro, e a vinda dos grandes mercados, a exemplo do *Carrefour*, localizado na Avenida Aricanduva, que data, segundo ele, da década de 1980. De todo modo, a relação com o comércio é vista pelos moradores como um importante indício de desenvolvimento e possibilidade de sobrevivência no território tornando-se, também, ponto de referência de localização, sociabilidade e formação de juízo sobre a estruturação da Subprefeitura. José Zico, como vimos no capítulo 01, ao desembarcar em 1969 em São Mateus, encontrou um lugar onde tudo era “mato” e uma das primeiras visões que teve aqui foi do “Empório do Rocha”.⁵¹⁰ Uma outra referência de São Mateus que pode-se destacar é a padaria *Skina*, localizada no Largo de São Mateus e fundada - segundo

⁵¹⁰ Ver: **Cidade Que Luta**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_T1XGoOtsPY. Acesso em: 07 nov. 2020.

recorte de jornal de 2006 - no final dos anos de 1950, como “Padaria São Mateus”, pelo padeiro José Agostinho Gonçalves, que havia ganhado a alcunha de “panificador do século” da *Sociedade de Amigos do Aricanduva* à época⁵¹¹ (Imagem 32 e Imagem 33).

Imagem 32: Padaria *Skina* no cruzamento da Avenida Mateo Bei com a Avenida Sapopemba (ao fundo a Estação São Mateus do Monotrilho, à esquerda)



Fonte: SOUSA, Adriano. 2019.

Imagem 33: Pequeno Comércio em São Mateus



Fonte: AUTOR DESCONHECIDO, s/d. Disponível em: <https://www.omehordobairro.com/saomateus/historia>. Acesso em: 16 jul. 2021.

Luiz Poeta, em seu cordel *São Mateus da Zona Leste*, procura dar grande ênfase às diversas formas de comércio que vão se estruturando em São Mateus desde os anos de 1950, demarcando seu papel essencial para o povoamento e abastecimento dos moradores que ali

⁵¹¹ Panificador do Século Homenageia São Mateus no seu Aniversário. Jornal Desconhecido, 09.2006. In: *Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo, 2006.

chegavam. Em um primeiro momento traz um relato da fartura dos armazéns, empórios e botecos⁵¹²:

Naquele tempo, a linguagem/Sinalizava o mercado/Boteco, empório, armazém/Vendas, ‘Secos e Molhados’/Onde se encontrava de tudo/Agulhas, foices, machados/Doce, sal e enaltados/Bridão, cela, ferradura/Martelo, prego, enxada/Cadeado, fechadura/Jabá, Manjuba, Cachaça/E Queijo de Meia-Cura/Querozene, rapadura/Peixe seco de varal/Balaio, sexto, tapete/Muita coisa artesanal/Da comida no estoque/A conserva era o sal/Carne-de-sol, bacalhau/Linguiça, banha, toucinho/E quando faltava algo/Emprestava-se do vizinho/Além de uma caderneta/Lá na venda do maninho/⁵¹³.

A compra a fiado e a aparente fartura, no entanto, não era acessada por todos os moradores, seja por conta das dificuldades de renda, ou pela oferta insuficiente de alimentos em um contexto em que a população do bairro não parava de crescer década a década⁵¹⁴. Vimos parte dessa realidade no capítulo 03, quando tratamos das ações de compras coletivas pela *Pastoral Operária Setor São Mateus*, para que muitas famílias pudessem se alimentar. No caso de Teresinha Silva, por exemplo, o trabalho diário como doméstica só supria o mínimo necessário para a subsistência:

Então eu trabalhava muito, trabalhava. Trabalhava mesmo para comer. Trabalhar durante o dia para comer de noite. Já passava na padaria, já trazia o pão, o leite para as crianças, então a vida não foi bolinho não.⁵¹⁵

⁵¹² Cida Ferrari em um de seus trabalhos de memória sobre os bairros da zona Leste destaca, em texto sobre São Mateus, a importância do comércio como elemento constituinte do território e das necessidades básicas de subsistência dos moradores já na década de 1950. Cumpre-se ressaltar que a memorialista utilizou como fontes os jornais da *Câmara de Lojistas de São Mateus (CDL)* e *A Gazeta de São Mateus*, que dão vazão a narrativa histórica dos comerciantes atuais sobre sua área de atuação: “Era chegada a hora de o comércio ocupar o seu espaço e dar um novo impulso ao bairro recente. Nesse mesmo ano, o cabloco Natalino Negrão dos Santos instalava o primeiro armazém de alvenaria no número 115 daquela avenida (Avenida Mateo Bei). Um pouco mais adiante, no número 2050, o nordestino Manoel Cabral abria o seu bar, transformado em lanchonete de propriedade de seu neto. Depois em 1949, surgiu o Empório do Eustáquio. Já, em 1950, tomam lugar o Empório do Maninho, a padaria do português Manoel Amorim, a barbearia do João Coelho e o bar do violonista e seresteiro José Martins, o Zé do Violão. Ainda nesse ano, no Largo de São Mateus, foi inaugurada a Panificadora São Mateus, de propriedade do Sr. José Agostinho Gonçalves.”. Ver: FERRARI, Cida. São Mateus. In: **Zona Leste Fazendo História**. São Paulo: Ed. Marco Marcovitch, 1997, p. 82-83.

⁵¹³ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 14-16.

⁵¹⁴ Importante ressaltar que, entre 1950 e 1991, período ao qual a maior parte dos textos e falas se refere, por exemplo, a população de São Mateus aumentou dez vezes, de 29.586 moradores a 300.446. No último censo demográfico do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* a população chegou a 426.764 habitantes. Ver: HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DA PREFEITURA DE SÃO PAULO: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php. Acesso em: 23 abr. 2021.

⁵¹⁵ ENTREVISTA COM TERESINHA SILVA. Realizada em: 03 mai. 2019.

Rose Fernandes ao tratar de sua trajetória no Jardim Colonial desde os anos de 1980, traz um panorama da chegada do grande mercado a São Mateus e da permanência até hoje do “mercadinho” de caderneta:

Quando a gente veio morar pra cá, no Colonial, o bairro não tinha tanto comércio né. Não tinha muito comércio, redes grandes de supermercados assim. Até que chegou o Barateiro né. Mas o Barateiro demorou para chegar. Tanto que a inauguração do Barateiro foi um...nossa! Ninguém nem acreditava que ia poder fazer compra num mercado grande que era o Barateiro. Mas, assim, o que eu posso dizer...Aqui até hoje existe isso onde eu moro. Existem os mercadinhos, mercadinhos pequenos. Existe essa coisa de...ainda aqui as pessoas compram no fiado. Ele ainda tem a cadernetinha onde ele anota, aí a pessoa passa e paga. Aqui os mercadinhos ainda fazem isso também. Tem a cadernetinha ainda. [...] (O Barateiro chegou na) década de 80, o Barateiro que foi assim para nós assim, tudo de bom. Ir ao Barateiro era tipo uma ida ao shopping vamos dizer assim...Ir ao Barateiro.⁵¹⁶

Visto por Rose como um acontecimento de grande impacto nas relações sociais e de consumo em São Mateus na década de 1980, o supermercado *Barateiro* (Imagem 34) é inaugurado no mesmo Largo de São Mateus onde estava presente a padaria *Skina*, marcando uma nova possibilidade de atendimento do comércio local: o hipermercado. Embora tenha possuído diversos nomes desde então, continua sendo conhecido como “Barateiro” na memória de muitos moradores como Rose, sendo também referência espacial da centralidade de São Mateus hoje com o nome *Assai*. Esse fato não passou despercebido pelos versos de Luiz Poeta, que tenta traduzir esse sentimento de empolgação local com a possibilidade de comprar outros produtos:

O comércio de expandiu/Quando veio o ‘Barateiro’/Passou para ‘Compre Bem’/O Extra fez o roteiro/Pra somar com a padaria/Que chegou ali primeiro/O ‘Assai’ por derradeiro/está marcando presença/Pra somar-se aos demais/Que vem mantendo a crença/Anos e anos na luta em busca de recompensa.⁵¹⁷

⁵¹⁶ ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES. Realizada em: 11 jul. 2020.

⁵¹⁷ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 46-47.

Imagem 34: Praça São Mateus, atual Praça Felisberto Fernandes da Silva e o supermercado *Barateiro*.



Fonte: MARQUES, Israel dos Santos. *In: Acervo do Museu da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1996.

Pontuando os diversos nomes do mercado até chegar ao atual (“Assai”), Poeta reitera que o novo comércio veio se somar à padaria que havia chegado ao Largo de São Mateus “primeiro” em clara menção à *Skina*. Nesse mesmo passo, pontua a presença do *Shopping Aricanduva* na Avenida Aricanduva, quase que como um ápice do comércio local: “Agora é o momento/O crescimento domina/Como se fosse um teatro/Abrindo a sua cortina/Com o Shopping Aricanduva/O maior da América Latina.”⁵¹⁸ Atualmente, porém, podemos observar, principalmente em bairros do distrito do Iguatemi e São Rafael, que os pequenos mercados (e não os *shoppings* ou hipermercados) ainda cumprem significativo papel de suprir as necessidades dos residentes. Pedro Caranicolov, por exemplo, ao tratar das mercadorias e serviços que consumia no Jardim Santo André ou fora dele, dá um indício disso:

Geralmente uma coisa que funciona aqui é a questão do fiado nas vendas né. Comprar pão, leite nas vendas. A coisa do dia a dia é você pegar fiado nas vendas né. A época de pagamento a gente ia pro Joana D’Arc, mercado grande, que agora é o mercado Da Praça, né, antes era o Joana D’Arc, família japonesa. Então a gente fazia a compra grande lá.⁵¹⁹

Mesmo os “armazéns” ou “vendas”, como pontuou Orinho, ainda fazem parte do cotidiano dos moradores, bem como mercados menores como o “Da Praça”, antes “Joana D’Arc” nos anos de 1980. O estudo sobre como e onde os residentes adquirem seus víveres

⁵¹⁸ FLORENTINO, Luiz Carlos. *São Mateus da Zona Leste*. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 40.

⁵¹⁹ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em: 07 mai. 2018.

básicos necessita, porém, de abordagem sociológica e antropológica para que possamos ter um diagnóstico mais seguro sobre o tema em São Mateus. Para o caso do Jardim das Camélias, periferia do distrito de São Miguel, que guarda algumas semelhanças com São Mateus, foi feito diagnóstico pela antropóloga Teresa Pires Caldeira no início da década de 1980, em que os moradores sofriam limitações de renda, lugar e itens que poderiam adquirir:

de um modo geral as famílias do Jardim das Camélias adquirem os gêneros de primeira necessidade uma ou duas vezes por mês, comumente quando recebem o pagamento. É o que eles chamam de ‘compra’ que inclui arroz, feijão, açúcar, café, sal, óleo, batata e farinha de mandioca, e que tem que ser feita fora do bairro, já que aí só existem pequenos negócios em que se compra a retalho.⁵²⁰

Podemos destacar aqui, porém, como o território de São Mateus, de diferentes formas, interage com uma realidade bastante recorrente no período de modernização e crise, que vai da industrialização e urbanização a partir dos anos de 1950 à crise inflacionária e desindustrialização a partir da década de 1980, conforme preconizado por Fernando Novais e João Cardoso de Mello: a expansão do comércio, a mudança do seu padrão e de seus produtos mesmo nos bairros mais periféricos dos grandes centros urbanos do país. Os armazéns de secos e molhados, com seus produtos a granel passam a conviver com mercados e hipermercados repletos de produtos industrializados que “encantam” e “facilitam” a vida da população mais pobre. O poder simbólico do *Barateiro* ou do *Shopping Aricanduva* (ainda que muitos moradores não consigam frequentá-lo) se deve a isso e, também, por chegarem às periferias algumas décadas depois de já serem referência nos bairros centralizados (o *Shopping Iguatemi*, por exemplo, foi inaugurado nos anos de 1960⁵²¹). Segundo os historiadores:

Os avanços produtivos acompanharam-se de mudanças significativas no sistema de comercialização. As duas grandes novidades foram certamente o supermercado e o shopping center. O supermercado, o primeiro O Disco, no Rio de Janeiro, do poeta Augusto Frederico Schmidt – vai derrotando a venda, o armazém, o açougue – suplantado, também pela casa de carnes especiais – a peixaria – mantendo-se apenas para os ricos. Vai derrotando, também, a quitanda ou a carrocinha e o caminhãozinho: suas gôndolas exibem alface, tomate, agrião, rúcula, pepino, cenoura, acelga, almeirão, repolho, vagem, espinafre, abobrinha, mamão, mamão-papaia, melão, melancia, pera, maçã, morango, uma variedade de verduras, legumes e frutas.⁵²²

⁵²⁰ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 106.

⁵²¹ NOVAIS, Fernando & MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARZ, Lilia Moritz. (Org). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 568.

⁵²² Idem, p. 566.

Se as possibilidades de acesso à alimentação em São Mateus eram precárias, ainda assim existiam dentro daquilo que cada morador conseguia adquirir com a sua renda ou organização comunitária. Essa situação não era muito diferente quando tratamos das opções de lazer. Momento em que efetivamente o trabalhador vive, o lazer pode constituir-se em uma ruptura com a rotina desgastante seja para garantir renda, seja aquela da autoconstrução, dos afazeres domésticos e da luta pela estruturação do território. Optamos aqui por explorar uma das facetas do lazer na sociedade urbana, como preconizada por Henri Lefebvre em *A Revolução Urbana*, onde a rua e o lazer podem funcionar tanto como locais de repressão da vida pública e mercantilização da vida ou como lócus do encontro, da criatividade, da vida comunitária.⁵²³ Nesse sentido, focaremos em como o segundo elemento desenvolve-se em São Mateus por meio da vida dos residentes e das produções culturais e articulações de seus agentes.

As falas de algumas das mulheres colaboradoras em nosso trabalho – Teresinha, Maria Elza, Tia Cida e Rose – são um retrato de como isso se dá no território e como essa atividade para elas é intrínseca à família. Teresinha observa que a falta de dinheiro fazia com que o seu lazer se desse em casa, nas reuniões em família e com a juventude do bairro:

Eu, essa casa para mim é o meu lazer, é o meu descanso, é o meu trabalho, são todos aqui. Porque você até hoje, quem tem dinheiro pra ir pra cinema, pra ir pra teatro, não é? Quem tem? Não, a gente...pra viajar, pra passear, a gente não tem. Então os acontecimentos na família, são todos dentro dessa casa. Então essa casa pra mim é além da moradia. É além, acho que é até por isso que eu gosto de trazer a juventude pra cá. Porque daí eu vejo eles brincando. Festa.⁵²⁴

Para Rose o trânsito entre o espaço da rua e os bailes nas casas dos amigos eram vitais para driblar a falta de recursos financeiros, equipamentos de lazer no bairro e meios de transportes para acessar outros espaços na cidade. Identifica como forma de distração atual o passeio no *Shopping*, algo impensável em sua infância, onde a relação entre lazer e consumo parecia ser ainda incipiente:

Quando eu vim para cá, pra São Mateus aqui o bairro não tinha tanta infraestrutura, de novo [a diversão] era brincar na rua e tudo mais, conversar. Uma também por causa de locomoção, o meio de transporte sempre muito difícil né. Aí depois vieram os bailes, comecei a frequentar os bailes né. Curtia meus bailes no final de semana, na adolescência. Tinha os bailes nas casas dos amigos que a gente frequentava. E que mais? Não tinha essa

⁵²³ LEFEBVRE, Henri. Da Cidade à Sociedade Urbana. In: _____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. Huminatas/Ed.UFMG, 2008, p. 29-31.

⁵²⁴ ENTREVISTA COM TEREZINHA CAMARGO. Realizada em: 03 mai. 2019.

questão de shopping, essas coisas. Eu não ia muito não. Nem para shopping, nem para cinema. Eu pelo menos não tinha esse hábito.⁵²⁵

Tia Cida também reitera que seu principal lazer no bairro do Carrãozinho sempre foi cantar e reunir os amigos em casa para suas famosas rodas de samba em seu quintal, que acabaram se tornando públicas, como veremos no tópico seguinte deste capítulo.⁵²⁶ Maria Elza, assim como Teresinha e Tia Cida, também destaca a falta de dinheiro e o espaço doméstico e familiar como principal forma de diversão, porém também traz o *Parque do Carmo* e a natureza como elemento fundamental da distração que conseguia acessar com seus filhos:

Como a gente ganhava pouco, eu trabalhava como costureira. Eu acho que se fosse hoje seria na faixa de um salário e meio, que era o que eu ganhava na época. Como eu não pagava aluguel até que não dava, não era tão ruim né. Mas a gente pouco ia para lugares que tinha que ter esse gasto. Então a gente fazia muita coisa no Parque do Carmo. Eu lembro de levar muito as crianças no Parque do Carmo. Temos bastante fotos que mostram isso. E essas festinhas de família mesmo, de aniversário, de casamento, às vezes almoçar na casa de uma família.

Por ser uma opção de lazer até certo ponto gratuita, Maria Elza tinha grande frequência no Parque, demonstrando que os espaços acessíveis no território para levar toda a família eram os que possibilitavam o contato com a natureza e as reservas ambientais públicas na região. Embora até hoje não seja reserva pública formal, a natureza pouco explorada do entorno do Morro do Cruzeiro, no Jardim Santo André, era a principal forma de lazer de Pedro Caranicolov:

aqui no bairro, o lazer que a gente tinha, eu lembro mais da infância, como aqui não havia nem mutirão, nem Cingapura, era só o Jardim Santo André mesmo era muito mato né. Então a gente tomava banho aqui no Rio Caaguaçú. A gente corria atrás de vaca nos brejos. Subia e descia o Morro do Cruzeiro. Aqui era uma...era uma aventura né. [...] Um dia aqui equivalia a uma semana porque você fazia um monte de coisa. Aqui a gente jogava bola no campo, na beira do rio. Então a gente jogava bola, do lado do campo tinha as nascentes de água.⁵²⁷

O complexo formado entre a Mata Atlântica, o Morro e as nascentes da bacia do Aricanduva, possibilitavam uma série de roteiros e formas de lazer criadas pelos próprios residentes, principalmente as crianças do bairro. A fala de Pedro localiza esse momento entre os anos de 1970 e 1980, antes de um processo de urbanização mais acelerado do bairro com a chegada do *Cingapura*, dos mutirões e do *Aterro Sanitário São João*. Demonstra uma

⁵²⁵ ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES. Realizada em: 11 jul. 2020.

⁵²⁶ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em: 13 mai. 2017.

⁵²⁷ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em: 07 mai. 2018.

dinâmica interna no território que burlava a falta de renda para estar em outros espaços da cidade, ao mesmo tempo que tornava o espaço local um polo de atração para os próprios moradores e uma das formas de resistência aos constantes projetos de aterros como o Sapopemba, abordado no capítulo 03. Sua fala tanto quanto o que trazem Tia Cida, Teresinha e Maria Elza demonstram cenário que Caldeira também enxergou no Jardim das Camélias nesse período de crise do início da década de 1980 onde

a quantidade de rendimentos impõe limites, indo determinar não só o que pode ser comido ou vestido, mas também de que maneira a própria cidade pode ser apropriada; ou seja, é a renda que vai ditar, em boa medida, a maneira de viver.⁵²⁸

Em uma outra chave, tratando da “vida boêmia” do território e de espaços de sociabilidade similares aos das áreas centrais de São Paulo, Luiz Poeta elenca uma série de lugares que fizeram ou fazem parte da rotina dos jovens do território, só que em um contexto mais comercial:

Salões e casas noturnas/No tempo, marcou balada/Samba-rock, flashback/Forró com pista lotada/Nos bailinhos de garagem/O Romantismo fez morada/Os boêmios da madrugada/Bailavam com os pés no chão/No clube verde amarelo/ ‘Xodó’ (depois Gigantão)/‘Forró’, ‘Pedro Sertanejo’/‘Cambalacho’ e ‘Barracão’/‘Negros Bar’ teve sambão/ ‘Gaivota’ foi legal/ ‘Mansão Fender’, ‘Stok News’/ E o salão paroquial/‘Mandacarú’, ‘Tico-Tico’/Lotavam no Carnaval/Aceni e Tropical/‘Tokos’, ‘Luar do Sertão’/‘Kazebre’, ‘Expresso Brasil’/ ‘Floresta Dance’ e ‘Nação’/E a lanchonete Talita/Fez parte desse rincão.⁵²⁹

Esses espaços localizavam-se nos três distritos e faziam parte da rotina daqueles que buscavam música ou algum par para relacionamentos. Alguns extintos como o *Expresso Brasil*, localizado exatamente no “mítico” encontro entre as avenidas Mateo Bei, Rio das Pedras e Aricanduva (que recebeu importantes bandas de *reggae* e *rock* nacional nos anos de 1990 e 2000) ou o *Mandacarú* (casa de forró), localizada no distrito do Iguatemi. São pontos de encontro também culturais, embora não sejam priorizados, por exemplo, no levantamento produzido pelo livro *Memórias de Um São*, o mais amplo feito no território sobre esse quesito.⁵³⁰ Inclusive, para Teresinha, Pedro e Aldo Leite, por exemplo, quando respondem sobre o que deveria existir em São Mateus, o que veio primeiro às suas mentes foi a falta de

⁵²⁸ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 105.

⁵²⁹ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 31-33.

⁵³⁰ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015. Podemos colocar como hipótese que eles não são tão priorizados no livro por serem espaços comerciais não articulados pelas lutas comunitárias como as *Casas de Cultura*, coletivos e grupos culturais autônomos que são o principal foco da obra.

espaços culturais para a juventude. Essa presença/não presença de espaços culturais, entretanto, diferentemente dos salões de festas, estaria ligada intrinsecamente aos debates públicos e à criação de uma arte mais engajada em conscientizar sobre os problemas do território:

Mas eu acho que é uma coisa que falta aqui. Isso é o zero daqui, o zero dessa região é o espaço cultural, espaço de acolhimento da criatividade desse povo. E a história, se você olhar bem a história do povo dessa região aqui, é um povo criativo. [...] aqui não tem muito espaço cultural. É aquilo que eu falei, eu acho que você tinha que ter espaços em cada local da região, aonde você pudesse ter um mínimo de centralização das coisas que acontecem na cidade, no município, na região. Mas principalmente em São Mateus, fala pra mim, qual é o espaço cultural que existe aqui em São Mateus? Nos anos 90 tinha um ali pertinho, do lado do terminal ali de ônibus de São Mateus. Por um tempo eles ficaram com aquilo ali, aí depois, aí veio Maluf, a tropa dele, tiraram.⁵³¹

Aldo Leite traz aqui a memória do *Centro Cultural São Mateus*, espaço que existia no “Largo de São Mateus” na década de 1990 e que contava com a presença de importantes representantes do *rap* nacional de então, como o *DeMenos Crime* e o grupo *Consciência Humana*, formados em São Mateus, além de outros conjuntos musicais da cidade.⁵³² Para ele deveria haver um espaço como esse que trouxesse informações sobre o que acontecia em São Mateus e na cidade de São Paulo em termos de exercício da cidadania. Para Pedro Caranicolov, a criatividade do jovem de periferia é sistematicamente desperdiçada por não haver espaços que os formassem nos elementos essenciais da produção cultural. Ao tratar daquilo que falta em São Mateus, comenta:

[...] aqui cara, eu acho que em primeiro lugar, não só equipamento cultural como teatro, cinema, mas como fomento cultural de fato. Fomento, assim, por exemplo, temos um cinema no CEU, beleza, passa filme lá. Mas porque que não a gente criar mecanismos que a própria comunidade rode seus filmes, faça seus filmes. Entendeu? Desde a fotografia, elaboração de roteiro, produção. O fomento da cultura como um todo. Eu observo um movimento que está ocorrendo na periferia como um todo é a questão dos saraus. Sarau, batalha de rima, então é como se tivessem sufocando toda uma juventude, por n fatores primeiro a questão da violência, o extermínio mesmo. Aquela disputa entre o poder entre aspas legal que seria a polícia para matar e o narcotráfico para poder utilizar como mão-de-obra. Vai ver que tem uma juventude que não opta nem por um lado nem por outro, ela procura seu próprio caminho que é a questão da cultura, da rima.⁵³³

⁵³¹ ENTREVISTA COM ALDO LEITE. Realizada em: 13 mai. 2017.

⁵³² Essas afirmações dizem respeito às memórias do próprio pesquisador que avistava o espaço sempre que passava pelo Largo de São Mateus neste período e acompanhava os grupos de *rap* e sua agenda no *Centro Cultural* pela antiga rádio *105 FM*.

⁵³³ ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em: 07 mai. 2018.

A produção de filmes e os saraus seriam para Pedro, um meio para a juventude que não optar pelo crime organizado e, ao mesmo tempo, defender-se da violência policial, fatores que levam ao alto índice de assassinatos de jovens no território, especialmente negras e negros. Teresinha clama por um espaço aberto, ecumênico, que pudesse receber a potência criativa da juventude local em suas diversas manifestações:

ah eu acho que deveria ter um espaço, mas um espaço... Eu não sei como é que é. Não é prédio. Eu acho que deveria ter um espaço assim bem aberto, cultural, mas bem cultural. Mas não essas que parece uma coisa mais fechada. Mas uma coisa bem cultural para celebrar, mas celebrar a vida do negro, celebrar a religião, sabe ecumênico? Que a gente não tem mais nas nossas comunidades. Sabe um espaço ecumênico? Que viesse todas as religião, que viesse preto, branco, amarelo. Sabe? Eu acho que falta disso.⁵³⁴

A luta por espaços culturais em São Mateus como, por exemplo, uma casa de cultura e bibliotecas é uma reivindicação dos grupos culturais do território desde os anos de 1980, sendo realizada somente em 2008, com a abertura da *Casa de Cultura de São Mateus* e, em 2016, com a inauguração da *Casa de Cultura do Parque São Rafael*, ainda insuficientes para atender a demanda de agenda cultural e formação artística tanto para os grupos culturais como para o público em geral. São, porém, grande conquista de diversos articuladores culturais, que mesmo sem esse espaço tornaram-se referência para diversos moradores da região, conforme narrado e documentado em *Memórias de Um São*.⁵³⁵ Hermes Sapiens, um desses articuladores, faz no livro uma importante reflexão sobre o lazer e a cultura como direito social, algo que, para ele, deve ser compreendido pelos coletivos culturais das periferias nas categorias eruditas utilizadas por quem elabora costumeiramente as políticas de Estado na área, para que seja possível a esses sujeitos apresentar as demandas específicas do território, conforme sua lógica de atuação e produção cultural, conforme exemplifica por meio da organização comunitária do *Fórum de Cultura* local na última década:

Ações aparentemente isoladas, ganham em estrutura e amplitude sob a filosofia do associativismo, e do poder aglutinador do Fórum de Cultura de São Mateus, fazendo com que juntos possamos criar uma cultura melhor, mais saudável e útil para a sociedade. Então um evento de grafite vira um show de música, que gera um material audiovisual, que entra em um blog ou site que, por sua vez tem um aplicativo de cultura, e por aí se vai no bom caminho da evolução cultural.⁵³⁶

⁵³⁴ ENTREVISTA COM TEREZINHA CAMARGO. Realizada em: 03 mai. 2019.

⁵³⁵ Para maiores detalhes sobre os movimentos pelas *Casas de Cultura*, seus diferentes processos de inauguração e artistas envolvidos nessa demanda, ver: FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 38-42.

⁵³⁶ Idem, p. 75.

Essa forma de atuação e alguns dos sujeitos que dela fazem parte em São Mateus é sistematizada como elaboração de memória por Danylo Paulo, poeta e desenhista de 29 anos, um dos organizadores do *Sarau do Vale* ao lado de Mídrria Pereira da Silva e morador do Recanto Verde do Sol. Em sua poética a cidade também passa pelo crivo da experiência de vida que tem na periferia de São Mateus. No texto “Memórias de Um São – Parte I” (Anexo C) cujo título inspira-se no levantamento do *Fórum de Cultura de São Mateus*, traz o panorama de algumas dessas figuras, grupos, reunindo e celebrando importantes artistas dos três distritos:

O sol ainda brilha por aqui/Evidenciando que ainda há um caminho diferente por seguir/Tem arte de um canto a outro/Afinal foi aqui que nasceu Fish, DRR Posse/ pioneiros do Hip Hop/Berço do Samba da nossa rainha Tia Cida/Sem contar que tem sarau/Urbanista Concreto, Seu Camilo/E o nosso saudoso do Vale/Nos muros arte das ruas/Explode em muitas cores/ Grafite e pichação abrindo a nossa mente para o que é a real intervenção/Salve Família Febre, Spider, Coc/E o nosso majestoso Opni/Se você procurar um lugar pra aprender e se informar/Temos duas Casas de Cultura/Rosas Periféricas a encantar/São Mateus em Movimento a inspirar/DeMenos Crime, gratidão pelo legado e influência.⁵³⁷

A lista contém alguns dos nomes basilares do *rap* nacional, já mencionados neste tópico, além de celebrar a memória de Tia Cida, também nossa colaboradora e uma das matriarcas do samba em São Mateus. Contém os espaços culturais, coletivos de teatro como o *Rosas Periféricas* e representantes da arte de rua como o *Grupo Opni*, idealizador da *Favela Galeria* na Vila Flávia.⁵³⁸ É contraposta aos problemas do território, como a violência e a moradia em área de preservação ambiental, precária e sob constante risco de reintegração de posse pelo Estado.

Esta celebração da memória da cultura em São Mateus também ocorre no *Céu São Mateus*, cuja biblioteca tem em seu nome um dos poetas que cantou o território em seus versos: Camilo Pedro dos Reis, que também inspira o *Sarau do Seu Camilo*, realizado nesta

⁵³⁷ PAULO, Danylo. **Memórias de Um São** - Parte I. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0ejQ62Ebos>. Acesso em: 24 abr. 2021.

⁵³⁸ O método de feitura de listas dos grupos com a caracterização de sua atuação e interação com o território também é frequente nos verbetes dos grupos e coletivos do livro *Memórias de Um São*, embora não tenha a mesma liberdade poética de Danylo Paulo. Cumpre-se ressaltar que nas narrativas sobre os grupos de *Rap*, que atingiram grande visibilidade nacional, a descrição da articulação comunitária está sempre no começo da narrativa, seguida do reconhecimento em espaços de mídia ou por artistas consagrados e a uma “volta” às articulações comunitárias “das origens”. Isso é o que vemos, por exemplo, na fala sobre o *De Menos Crime*, surgido em uma posse de *break*, grafite e *rap* junto a outros grupos como *Consciência Humana*, que depois recebe indicações ao *Vídeo Music Brasil (VMB)* da *Music Television (MTV)* no fim dos anos de 1990, mas a partir da década de 2000 é ressaltada novamente sua ligação – nunca rompida – com a *DRR-Posse*. Isso demonstraria que mesmo alçando voos para fora do território os laços de articulação local são sólidos a ponto de os grupos não perderem contato com São Mateus. Ver: FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 97.

biblioteca e também mencionado por Danylo em seu poema. Camilo Pedro dos Reis é tido como um “ícone” das lutas comunitárias nas regiões dos “Jardins Colonial e São Gonçalo”, que interagem com os distritos do Iguatemi e São Mateus. Morador do Jardim Colonial desde 1959, teve destacadas pela comunidade, nessa ocasião, suas ações como fundador e diretor da *Sociedade de Amigos do Jardim Colonial* em 1960, sua participação nas ações da Igreja Católica e a luta por equipamentos de saúde, tornando-se um dos conselheiros do posto de saúde do Jardim Colonial. É ressaltada sua ação como indivíduo, embora provavelmente tenha participado, pelo contexto social em que se insere, do movimento de saúde local em bairro cujas ações sociais da *Pastoral Operária* eram constantemente registradas nas páginas de *O Ajudante*, como as escolas profissionais e os mutirões para cadastro de desempregados e vagas de emprego.⁵³⁹ Tanto que, em 2003, o *Centro Profissionalizante de Adolescentes* (CPA) - cujo histórico de participação nas lutas de base foi abordado no capítulo anterior - reuniu essas informações em solicitação feita ao setor de educação da *Subprefeitura de São Mateus* para que a biblioteca do novo CEU tivesse o nome do poeta e líder comunitário.⁵⁴⁰ Parte de seus poemas como o título “Fostes Moldada Pelo Criador” (Anexo C) possuem caráter fortemente romântico, exaltando a natureza local, o desenvolvimento urbano e “os homens fortes” que construíram seu território, “caboclos” como principais sujeitos da transformação local. A saudade do período rural e bucólico tem destaque, mas deveria dar lugar à construção da cidade:

Não tinha estradas cortando estes rincões/Só tinha veredas e
arrastões/Abertos pelos braços fortes de destemidos/Lavradores/Para rodar
carros de bois, carroças e carroções/E gente simples descalça e pacata/Sem
preconceitos, egoísmos e ilusões/E o suor que caia do rosto do caboclo/Era
como a chuva em terra ressequida/Uma semente foi lançada com amor/Na

⁵³⁹ O serviço comunitário do emprego, por exemplo, funcionava na Igreja Católica do Jardim Colonial, bem como a organização das compras comunitárias e as ações de uma escola profissional para operários, além do apoio à construção do *Centro Profissionalizante do Trabalhador* (CPT) no Jardim Colonial, conforme vimos no capítulo anterior. Por ser católico e ativo no meio comunitário do bairro, entendemos que dificilmente Camilo Pedro dos Reis não se inseria nessas articulações. Ver: Boletins *O Ajudante: Setor São Mateus da Pastoral Operária*. Dez-78 a Dez 79 (Seis Números). In: **Acervo Eletrônico do Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV)**. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 26 abr. 2021.

⁵⁴⁰ Além de receber o nome do poeta, a biblioteca reuniu o acervo de poemas, cartas e recortes de jornais do poeta, por meio do qual pudemos reunir além de suas informações biográficas, algumas das produções do escritor. Na solicitação formal o diretor do CPA, à época, Flariston Francisco da Silva resalta que Camilo: “morador do Jardim Colonial a 60 anos foi um ícone da história do desenvolvimento de São Mateus, com importância particular para o desenvolvimento do distrito do Iguatemi, um currículo que conseguiu mesclar a força de uma grande liderança política com a suavidade da literatura e da poesia.”. Ver: SOLICITAÇÃO DO CPA À COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO DA SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS. In: **Acervo da Biblioteca “Camilo Pedro dos Reis” do Céu São Mateus**. São Paulo, 2003.

certeza de nascer uma nova vida/Nesta colina verde de paz e esperança/São Mateus, nova Terra Prometida!⁵⁴¹

Aqui Camilo Pedro dos Reis narra a saga dos lavradores e “caboclos” para abrir as primeiras trilhas no território “ainda inexplorado” tendo como referência “a colina”, como é conhecida a elevação topográfica onde se localiza a centralidade “Cidade São Mateus” cuja nova vida urbana que nascia, era comparada a uma “terra prometida”, alusão bíblica vinda das referências católicas do autor. Essa São Mateus mítica onde há a valorização do trabalhador dentro de determinados preceitos estéticos misturados à inspiração religiosa, aparece de forma mais concreta, embora implícita no poema-crônica “A Vida do Operário” (Anexo C) no qual Camilo narra a experiência do trabalhador no transporte e na volta do trabalho:

Ele joga água no rosto e com os cabelos despenteados toma um/Gole de café e sai correndo disparado para pegar o primeiro ônibus/Que já vem superlotado/Este ônibus que ele espera/Quando aponta na estrada, parece mais um comboio/Transportando uma boiada, o operário olha para o ônibus e de /Tristeza dá risada, aí começa mais um dia de uma penosa jornada. [...] Quando à noite chega em casa com o corpo todo quebrado por/Causa do trabalho duro, durante o dia enfrentado, num/Barraco de dois cômodos pequenos e mal acabado, junto com/a mulher e os filhos todos à mesa sentados comem um molho de Chuchu com torresmo virado/As crianças perguntam: ‘do que é esse guisado?’/O pai Responde: ‘Isto é bife mal passado.’⁵⁴²

A temática do ônibus lotado, do trajeto estafante daquele que sai da periferia para um cansativo dia de trabalho e a volta para casa com pouco dinheiro e alimentos também é recorrente nas falas de nossos colaboradores, nas lutas sociais locais, na documentação jornalística sobre o território e no poema *Paulistana Periférica*, materiais que reunimos e analisamos até aqui. Os relatos sobre o lazer, que conseguimos extrair dos colaboradores em meio a um cotidiano de baixa renda, longas jornadas de trabalho, sequer aparecem na narrativa de Camilo. Embora apresentada sem fazer menção a São Mateus e de modo “universal”, a problemática pode ser pensada a partir das experiências do autor-morador de São Mateus, ao mesmo passo que sua visão mítica e desejo de um “desenvolvimento cristão” também, se levarmos em consideração o que preconiza Nicolau Sevcenko, em estudo sobre as aspirações de sociedade em determinadas épocas e passíveis de serem elaboradas por meio de narrativas literárias:

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que

⁵⁴¹ REIS, Camilo Pedro. Fostes Moldada Pelo Criador. In: **Acervo da Biblioteca do CEU São Mateus**. São Paulo, s/d.

⁵⁴² Idem. A Vida do Operário. In: **Acervo da Biblioteca do CEU São Mateus**. São Paulo, s/d.

foram vencidos pelos fatos. Mas será que toda a realidade da história se resume aos fatos e ao seu sucesso? [...] Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?⁵⁴³

As possibilidades do que se deseja realizar como “desenvolvimento” para São Mateus ou a angústia por uma vida mais digna para o trabalhador em Camilo dos Reis, aparecem de forma descritiva tanto nos versos de Danylo quanto nos de Luiz Poeta, como um grito por reconhecimento de São Mateus como um território que possui todas as características de uma cidade, com produção cultural diversa e espaços, ruas e avenidas dotadas de significado próprio:

Somando as etnias/Globalizando a fusão/Nhá-Nhá Mello, Sapopemba/Até a Quarta Divisão/Mateo Bei com Rio das Pedras/E a Conselheiro Carrão/A Jacú Pêssego é mão/Saindo da Radial/Pegando a Ragueb Choffi/Vai até o Terminal/Se for pela Aricanduva/Vai Cair na Marginal/O mapa regional/Deixa-nos mais informados/Avenida Nordestina/Estrada do Lajeado/Pra quem usa o Rodoanel/Fica tudo interligado/Avenida do Estado/Estrada do Oratório/Quem vai pra Vila Zelina/Encontra o crematório/está dentro do território.⁵⁴⁴

Aqui Luiz Poeta descreve um território que além de suas avenidas internas, possui ligações com outros territórios por meio do “Rodoanel” e “Avenida Jacu-Pêssego”, bem como pela “Avenida Aricanduva”, “Marginal Tietê” e “Radial Leste” e, em outra direção, pela “Avenida Rio das Pedras” e “Conselheiro Carrão”. Ligações, respectivamente, com as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema (ABCD), centro da cidade e bairros da Zona Leste como “Vila Carrão.” São Mateus de território isolado passa a ser organicamente paulistano. Sua visão é permeada pela experiência de vida como operário da *Volkswagen* ao longo dos anos de 1970, vendedor ambulante e, depois, dono de bar-cultural, escritor e palestrante, acostumado com a diversidade de territórios da grande São Paulo e entusiasta do “desenvolvimento urbano”.⁵⁴⁵ Danylo Paulo, por sua vez delimita o “Oiapoque ao Chuí” de São Mateus utilizando formato parecido ao de Poeta: da Avenida Sapopemba à Bento Guelfi; do encontro dos distritos de São Rafael e São Mateus no

⁵⁴³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 29-30.

⁵⁴⁴ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 42-43.

⁵⁴⁵ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 114.

cruzamento da Avenida Mateo Bei com a Avenida Sapopemba à Avenida Bento Guelfi, que conduz ao aterro sanitário, triste ponto turístico da 3ª Divisão e Jardim Santo André:

Da ponta da Avenida Sapopemba até o cruzamento com a Bento Guelfi/Mil histórias para contar/Lágrimas, vidas perdidas, sonhos esquecidos/Nas extremidades dessa cidade cinza/Onde o cheiro podre do aterro/Invade nossas narinas/.⁵⁴⁶

Tanto Danylo como Poeta, evidenciam as avenidas de São Mateus e o que acontece nelas como marcadores da identidade local e das transformações do território. Isso não ocorre à toa, já que mesmo com muitas mudanças internas os eixos viários que estruturam São Mateus são suas referências mais duradouras em meio às transformações urbanas do território ao longo dos últimos 70 anos, dentro do contexto das vias e caminhos como permanências históricas urbanas mais duradouras, conforme vimos no capítulo 02 com as análises de Le Petit. Dentro desse contexto de crescimento urbano, temos os sofrimentos e possibilidades de São Mateus contados por moradores e cronistas literários, como exemplos de se narrar e vislumbrar os cotidianos da cidade de São Paulo por meio de seus bairros de periferia e fontes históricas, memórias e produções literárias, como vestígios daquilo que é constantemente destruído ou soterrado em sua materialidade na cidade de São Paulo, como nos alerta Raquel Glezer em seu texto *Visões de São Paulo*:

buscar a evolução urbana da cidade, torna-se uma viagem frustrante, quando ao lado dos textos, saímos à procura dos elementos materiais em conjunto que permitiam a apreensão do passado. Para nós, no final do século XX, restam apenas os textos, discursos, falas, construções ideológicas e interpretações.⁵⁴⁷

A historiadora refere-se, aqui, à dificuldade em se estudar a história da cidade de São Paulo por meio da materialidade urbana de suas construções e objetos, soterrados tanto no seu período de vila colonial, como ao longo dos séculos XIX e XX, devido à sua dinâmica do capital que prefere “o destruir ao preservar, escolhendo o simulacro ao real, defendendo a transformação brutal do uso do espaço à manutenção do patrimônio construído, opções que dificultam sua apreensão e compreensão”.⁵⁴⁸ Embora em pleno século XXI tenhamos diversas formas de registro que nos possibilitam lidar com o passado da história de São Mateus na cidade, os moradores-memorialistas e os narradores literários transformam o cotidiano e materialidade do território em locus de resistência, registro e recriação da cidade conforme

⁵⁴⁶ PAULO, Danylo. **Memórias de Um São** - Parte I. São Paulo, 2020. Ver: <https://www.youtube.com/watch?y=t0ejQ62Ebos>. Acesso em: 24 abr. 2021.

⁵⁴⁷ GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da cidade** – séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, ANPUH / FAPESP, 1994, p. 165.

⁵⁴⁸ Idem, p. 175.

nos preconiza José de Souza Martins, quando se opõe a concepções correntes nas ciências sociais e história que tratam essa dinâmica da vida cotidiana como mero lugar das repetições do dia a dia e sentidos comuns. Para o sociólogo é nessa dimensão da existência que a história realiza-se de fato:

no tempo miúdo da vida cotidiana, travamos o embate, sem certeza nem clareza, pelas conquistas fundamentais do gênero humano, por aquilo que liberta o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo: de condições adequadas de vida, de tempo para si e para os seus, de liberdade, de imaginação, de prazer no trabalho, de criatividade, alegria e de festa, de compreensão ativa de seu lugar na construção da realidade⁵⁴⁹.

As produções e falas dos moradores promovem a síntese entre o que a filósofa Agnes Heller chama de “desenvolvimento do indivíduo” e “desenvolvimento humano genérico”, sendo o primeiro essência do cotidiano na sua simplificação de raciocínios e tomadas de decisão nas atividades rotineiras e, o segundo, a capacidade de generalizar essas experiências, saindo do cotidiano e voltando a ele dialeticamente, conseguindo recriar a vida a partir da reflexão que supera a alienação:

existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humana genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção.⁵⁵⁰

Os cronistas do território, como Camilo Pedro dos Reis, que exaltam determinadas figuras e personalidades, fazem-no procurando tirar a vida social do território da invisibilidade, em estratégia semelhante a do positivismo, popular nos processos de memórias urbanas, só que aqui utilizado para marcar a diversidade das lutas e experiência de vida de um lugar tido como inexistente em muitos parâmetros urbanos e de memória da cidade. A narrativa sobre o aproveitamento dos espaços naturais do território, das sociabilidades familiares, atividades culturais e possibilidades de suprir as despesas domésticas demonstram os esforços em se viabilizar a vida em meio às limitações das classes trabalhadoras moradoras das periferias de São Paulo, principalmente nos últimos 40 anos. Nesse contexto de visibilizar as vidas cotidianas e seus territórios, Mírdia Ferreira em um de seus versos traz a possibilidade de descentralizar os cartões-postais da cidade:

Porque enquanto o cartão postal continuar a ser a Avenida Burguesa Paulista, o resto da cidade vai/ continuar sendo sempre o resto/O relegado, o deixado de lado, a borda, a horda, a várzea/A periferia/E não tem problema

⁵⁴⁹ MARTINS, José de Souza. Introdução. In: _____ . **A Sociabilidade do Homem Simples**. 3 ed. (4ª Reimpressão). São Paulo: Ed Contexto, 2020, p. 10.

⁵⁵⁰ HELLER, Agnes. A Estrutura da Vida Cotidiana. In: **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016, p. 64.

nenhum ser da periferia/Inclusive, amo minha quebrada/Salve São Mateus, salve Recanto!⁵⁵¹

Para Mídria, o monopólio dos cartões-postais da cidade por determinados espaços como a Avenida Paulista contrasta com a desqualificação dos espaços das periferias, mas ao fim exalta São Mateus, subprefeitura referência e o Recanto, bairro em que vive no distrito do Iguatemi, mostrando as possibilidades de esses espaços serem, também enquadrados nessas fotografias emblemáticas do que é importante ou não na cidade. Os versos de Mídria, bem como as palavras de Danylo Paulo, Luiz Poeta, Camilo Pedro dos Reis, movimentos populares e cada um e cada uma de nossos colaboradores formam uma rede informal de partilha da memória semelhante as que Pollack identifica quando trata das memórias nacionais (ou mesmo hegemônicas entre os oprimidos) que silenciaram grupos vitimados nas grandes guerras ou regimes autoritários do século XX.⁵⁵² Só que aqui, são memórias urbanas de um espaço silenciado em São Paulo, que não é cartão-postal, praticamente não existindo e tendo que lutar para ser relevante para se estruturar como outras localidades da cidade. Essa eclosão das narrativas de memória e da visibilidade dos espaços de São Mateus na cultura periférica (explosão de memórias subterrâneas) encontra um importante guardião que inspira e dialoga com essas iniciativas: seu samba, que além de reconhecido na cidade e fora dela, também é importante elaborador e documentador da realidade local, como veremos a seguir.

4.2 E o Samba Coloca São Mateus em “Primeiro Lugar”

Do partido ao samba de terreiro/Samba cem por cento brasileiro/Que por lá você também vai achar/O clima natural de qualquer favela/Rafael, Vera Cruz, Divinéia/São Mateus em primeiro lugar/No tempo da ‘voz da colina’/Dona Severina já era de lá/Quando chegou ‘Mateo Bei’/A família ‘My Frey’ foi recepcionar/Tia Filó, Seo Jaul, Dona Fifa/Hoje tem tia Cida a nos abençoar/São Mateus, meu reduto de bambas/Não deixe a chama do samba apagar.⁵⁵³

A canção do grupo *Quinteto em Branco e Preto*⁵⁵⁴ mobiliza uma série de estratégias comuns a muitos sambas: o canto fazendo referência ao próprio samba e seus estilos; a

⁵⁵¹ SILVA, Mídria Ferreira da. **Paulistana Periférica**. São Paulo: 2017. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=dDPZe8XPJWw>. Acesso em: 24 abr. 2021.

⁵⁵² POLLACK, Michel. A Memória, o Esquecimento e o Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 08.

⁵⁵³ QUINTETO EM BRANCO EM PRETO. Berço do Samba de São Mateus. In: **Patrimônio da Humanidade**. São Paulo: Trama, 2008.

⁵⁵⁴ Hoje o “Quinteto em Branco e Preto” não mais existe, porém os três integrantes oriundos de São Mateus (Ivson, Vitor e Everson Pessoa) hoje compõem o grupo *Berço do Samba de São Mateus*, batizado com o mesmo nome da canção, e que reúne sambistas de diversos grupos, comunidades e escolas de samba de São Mateus

reverência às bambas e bambas, ancestrais na lida do ritmo; e a exaltação dos “terreiros” onde o samba ocorre, indicados na narrativa como “favelas” e “subúrbios”. Sobre o segundo e terceiro pontos – a elaboração descritiva e de memória dos sambistas sobre o território e seus personagens – que iremos nos debruçar neste tópico. A canção, intitulada *Berço do Samba de São Mateus* (Anexo B), lançada no primeiro disco do *Quinteto em Branco e Preto* de 1997, faz referência às narrativas “oficiais” de fundação de São Mateus no imaginário local como a proeminência do loteador Mateo Bei sobre a inauguração de “Cidade São Mateus” e das lutas comunitárias a partir da entidade *A Voz da Colina*, que teria atuado de forma marcante na região ao longo dos anos de 1950 e 1960, conforme já apontamos no capítulo 03 deste trabalho. Só que aqui esta história está alinhada à narrativa dos quintais de samba das “tias” como Dona Severina, família “My Frey”, tia Filó, Seo Jaul, Dona Fifa que “já estavam lá para recepcionar”.

Desse modo, os “bambas” das então comunidades de samba já estavam naquele lugar que se tornaria São Mateus antes da família dos italianos e ali permaneceriam a partir do legado de Tia Cida dos Terreiros, com seu famoso quintal no “Jardim Vila Carrão” herdeiro de outros quintais e terreiros de samba, entre os quais o de Dona Ercília, sua mãe. Ao lado de seus sujeitos, outros territórios – onde o samba se dava – também são elencados de forma destacada como São Rafael e Vera Cruz (vizinhos no atual distrito do Parque São Rafael) e Divineia (favela presente na centralidade de São Mateus). Esse contraponto, na narrativa e no território, já oferece logo de cara uma interpretação do samba local para as memórias mais recorrentes do território, destacando espaços de cultura negra em contraposição a uma narrativa que traz, mesmo em um bairro de periferia, a atuação do sujeito histórico branco, homem e europeu na constituição da cidade, ainda que seja em um espaço constituído por população de maioria negra e nordestina. Sobre as possíveis origens dessa contradição, Sheila Alice da Silva nos alerta em seu estudo sobre a presença negra em Guaianases que:

Os territórios periféricos são comumente representados a partir da epistemologia hegemônica eurocêntrica – capitalista e elitista – que os qualifica de maneira epidemiológica como espaços dispersores da violência, mendicância, imoralidade, entre outros; espaços fechados, estáticos no tempo; uma área, enferma, selvagem [...].⁵⁵⁵

Para estabelecer uma outra narrativa que “livrasse” os bairros distantes do centro de qualquer “epíteto depreciativo”, as narrativas de famílias proprietárias e fundadoras trataria de

como Marcelo Tocão (filho de Tia Cida), Rubão (*Escola de Samba Amizade Zona Leste*) e Tim Maia (articulador do samba do “Bar do Tim Maia”).

⁵⁵⁵ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 65.

estabelecer uma relação com “as glórias” da fundação e progresso de São Paulo, abordando seus territórios como fruto do esforço de italianos, espanhóis e portugueses, donos de comércios, olarias, pedreiras e lotes, responsáveis pela organização do território, como bem nos aponta a própria Sheila Alice da Silva em artigo com Amailton Magno sobre as memórias brancas das elites de Guaianases.⁵⁵⁶ Só que essa estratégia acabou sendo suplantada pelo crescimento acelerado dos bairros, quando se tornam eles periferia da cidade de São Paulo, com forte incremento populacional e marcante presença de negros e nordestinos. Essa população, tanto em Guaianases como em São Mateus, enseja um outro caminho para narrar a história local, onde

a ideia de periferia é concebida pelo prisma da cultura e da história, deslocando-se de um olhar exclusivamente geográfico ou arquitetônico aproximou-se, muito mais de uma percepção que procurou atribuir novos sentidos a esses lugares [...] ancoradas em memórias e culturas comunitárias – negras, de caráter subversivas e de urbanização desobediente.⁵⁵⁷

Para Amailton Magno essa “urbanização desobediente” com suas culturas comunitárias vem da herança histórica de comunidades negras diversas que se articulam nas marcas das chamadas “microáfricas”, grupos negros que ressignificavam elementos da cultura africana em diversas linguagens e práticas sociais na cidade, sendo as comunidades e escolas de samba nas periferias ou na áreas centrais, exemplos dessas apropriações, seja no imediato pós-abolição ou no período das imigrações nordestinas na metade do século XX:

Passada a sanha de querer embranquecer o país com a política de imigração da República Velha, a cidade foi tomada por outras ondas migratórias, dentre elas, a de negros e mestiços do Nordeste e do Brasil Central. Com eles, as práticas rítmicas e festivas herdadas reanimaram culturalmente o centro e a periferia da metrópole, sem esquecer, contudo, das contribuições dos antigos redutos negros da cidade concentrados nos bairros da Barra Funda, Bixiga, Glicério, onde o samba paulista nasceu. Deve-se considerar também a presença das irmandades negras, como a que se formou em torno da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no antigo Largo do Rosário em 1711, transferida para a região do Largo do Paisandú em 1906.⁵⁵⁸

Esse outro caminho, perseguido por Sheila Alice da Silva em seu estudo, constitui-se em uma das essências de produções e práticas de alguns dos sambistas de São Mateus. O “Quinteto”, formado por três integrantes de São Mateus e dois de Santo Amaro, surge a partir

⁵⁵⁶ AZEVEDO, Amailton Magno & SILVA, Sheila Alice Gomes da. Discursos e Narrativas Sobre o Passado: o bairro de Guaianases em representações do tempo presente. *In: Cadernos do Tempo Presente*, n. 18, dez. 2014/jan. 2015, p. 85-97.

⁵⁵⁷ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 65.

⁵⁵⁸ AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: Um Ritmo Negro de Resistência. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP*. São Paulo, n. 70, 2018, p. 50.

do apoio de duas madrinhas de peso: Tia Cida e Beth Carvalho. Segundo matéria da revista *Carta Capital*, que faz breve narrativa do samba em São Mateus:

Ele e os irmãos, Ivisson e Vitor, são crias do quintal. ‘Quando vimos Tia Cida pela primeira vez, em 1992, foi muito forte. Nos sentimos amparados. Foi como uma mãezona abraçando os filhos. De cara ela gostou daqueles garotos que queriam fazer samba.’ Tempos depois, encontraram Magnu Souza e Maurílio de Oliveira, irmãos, músicos e moradores de Santo Amaro com quem fundaram o Quinteto em Branco e Preto. O grupo foi amadrinhado por Beth Carvalho, que se encantou com o celeiro de talentos de São Mateus.⁵⁵⁹

O depoimento de Everson Pessoa dá conta da atuação de uma “pessoa de memória” (parafrazeando o conceito de Pierre Nora para “lugares de memória”⁵⁶⁰) recorrente ao longo de nossa dissertação: Tia Cida. Seu quintal é tido como local de gestação e acolhimento daqueles que se tornariam sambistas de renome alguns anos depois. A reverência à Tia Cida como “pessoa de memória” atravessa as diferentes gerações do samba no território, chegando aos compositores surgidos no século XXI. Criado em 2004 na extensão de uma garagem de lava-rápido na Rua Maria Cursi na centralidade de São Mateus⁵⁶¹, o *Samba Maria Cursi*, por meio de seus compositores Reinan Rocha e Emerson Madureira, homenageou Tia Cida na canção homônima (Anexo B) como figura ancestral negra, deslocando suas memórias para outro lugar que morou em São Mateus, a Vila Flávia, próxima ao espaço onde está sediado grupo:

Eh Tia Cida, Eh Tia Cida/Uma mulher de coragem e uma lição de vida/Tu és como pérola negra/Jóia rara de achar/É filha de todos os santos/Abençoada pelo orixás/Vem como menina de saia rodada/Lembrando as baianas e suas magias/Quando entra na roda de samba/Faz a noite virar dia/Seu lugar é a Vila Flávia/Debaixo daquela mangueira/Sua benção majestade.⁵⁶²

A mulher negra como portadora de santos e orixás, lembrando as baianas e animando a roda de samba deve ser entendida no sentido material do espaço, da alimentação e do

⁵⁵⁹ CARTA CAPITAL. **O Berçário de Tia Cida**. 06 Jan. 2015. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6002/o-bercario-de-tia-cida>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁵⁶⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993, p. 12.

⁵⁶¹ Para saber mais sobre o surgimento e trajetória do *Samba Maria Cursi* ver: MURAL AGÊNCIA DE JORNALISMO DAS PERIFERIAS. **Moradores de São Mateus Criam Projeto de Samba em Um Lava Rápido**. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/10/27/moradores-de-sao-mateus-criam-projeto-de-samba-em-lava-rapido/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁵⁶² ROCHA, Reinan; MADUREIRA, Emerson. Tia Cida. In: **A Voz da Comunidade - Samba da Maria Cursi** (CD). São Paulo: Samba da Maria Cursi, 2015.

acolhimento que fornece e como figura de mobilização. O espaço de seu quintal e outros de São Mateus é, antes de mais nada, uma daquelas recriações da vida cotidiana do morador de periferia que, pressionado pelo trabalho estafante por um lado e pela rotina de constituição de lar e território para viver por outro, reinventa-se e transmite tradições por meio do lazer. Rose Fernandes, que faz parte de uma família negra do Jardim Colonial ressalta, também, a importância das comunidades e espaços de samba de São Mateus para os momentos de lazer e apropriação do território por sua família em um desses espaços de ressignificação da vida, o *Buteco do Tim Maia*⁵⁶³:

Até que depois de um determinado tempo vem com esse retorno das comunidades de samba, a gente começou a frequentar a comunidade né. Aí a gente começou lá com o buteco do Tim Maia. Na época ele tocava numa praça lá no São Rafael. Daí a gente ia lá de domingo curtir. Aí eu criei esse gosto de curtir as coisas que acontecem aqui pela comunidade, as atividades.⁵⁶⁴

Rose trata principalmente dos anos de 1990 e 2000, quando os espaços públicos de lazer em São Mateus já existiam em número razoável no território, embora fossem limitados. No contexto em que Tia Cida vivia, na década de 1970, sua casa era o espaço de vivência da comunidade no Carrãozinho. Entre o trabalho como assistente social, depois como diretora de creche e a militância no movimento de saúde, era atividade essencial fazer de sua casa um espaço de lazer e acolhimento das crianças do bairro, principalmente durante as reuniões de fins de semana e festas de aniversário de seus filhos:

As senhoras da área não deixavam nada de bagunça nas suas casas. Eu tinha dois homens e uma menina e ah o Marcelo tava aprendendo a tocar percussão, aprendendo a tocar violão, aprendendo a tocar banjo. E as crianças da rua vinham tudo para casa. Eu saía para trabalhar cedo, elas tinham todo o espaço do mundo. Tudo, aniversário do fulano, aniversário do cachorro, tudo era festa aqui, tudo era festa. Então as crianças foram crescendo se profissionalizando nos instrumentos e aqui em casa tava muita festa, festa. De chegar sexta-feira é aniversário de fulano, ele vai trazer farinha, vamos fazer quentão, vamos fazer bolo, a senhora faz? Então fazia,

⁵⁶³ A série de painéis *Meu Bairro, Minha Cidade: São Mateus*, traz o “Buteco do Tim Maia” como espaço tradicional do samba no Parque São Rafael, com origem nos sambas feitos no ônibus durante a volta do trabalho de um grupo de amigos do bairro nos anos de 1980 conforme relato de Altair Donizete, o Tim Maia: “‘Tinha o Jorginho, que tocava surdo no vidro, o Nenê que fazia um repinique em cima da porta, o Di, que fazia o contrasurdo. Quando a gente chegava no Parque São Rafael, tinha a Rua 12, onde se reunia o pessoal do samba. Então tinha dia de sexta-feira em que a gente amanhecia’. Hoje essa roda de samba é tradição em São Mateus. A comunidade faz do seu bairro um lugar onde vale a pena viver.” Ver: PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Meu Bairro, Minha Cidade** – CÉU São Mateus. São Paulo: Secretaria da Cultura/Educação, 2004, Painel 15.

⁵⁶⁴ ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES. Realizada em: 11 jul. 2020.

era três, quatro bolos grandes. A casa enchia de gente, pessoal tocava no quintal, nossa senhora... Não tinha uma casa mais animada que essa, sabe?⁵⁶⁵

Entre o acolhimento às crianças do bairro que não tinham onde se divertir e as festas de aniversário, seu filho Marcelo (conhecido atualmente como Tocão) aprendia a tocar banjo, aos poucos se tornando instrumentista. Além desse exercício de criação em meio ao lazer, os eventos no quintal ensejavam a circulação na cidade e os diálogos com a “irmandade do samba” fora da Subprefeitura. As fronteiras de São Mateus são dilatadas, indo além das avenidas Sapopemba, Ragueb Chohfi e Mateo Bei, fazendo com que os frequentadores do quintal estejam na Vila Formosa, Luz e Barra Funda:

Então tinha roda de samba na Contemporânea. Como é que chama...é bem perto da Estação da Luz. A gente saía pra ir na roda de samba naqueles barzinhos. Tinha dois ou três bares que eles disputavam o samba aqui. Comprava o instrumento nessa loja e fazia o samba naquela loja. As vezes que eu saía pra comprar instrumento com o Marcelo era um barato, a gente curtia. [...] Então ele tinha o sonho de ter um toca-discos. Eu me lembro de que saímos nós três para comprar uma vitrola, uma rádio vitrola lá na Vila Formosa. Nossa senhora, uma festa. E sair para comprar os discos? [...] Era disco do Almir, era disco da Beth Carvalho, cada sucesso que fazia. Então isso era uma festa, dia de pagamento saía para comprar os LPs. Ele aprendeu a tocar cedo, então precisava acompanhar os discos no cavaquinho, no banjo, incrível.⁵⁶⁶

A articulação na São Paulo não é demarcada pelos acessos ao Rodoanel, Aricanduva ou Jacu-Pêssego, mas pelas trocas, aquisições de instrumentos, discos e criações do samba em seus mais diversos estilos.⁵⁶⁷ A presença na Barra Funda, aliás, se dava na origem dos filhos de Tia Cida que também era filhos de um pintor de carros alegóricos da escola de samba *Camisa em Verde e Branco*: “a Barra Funda é casa do samba que eu te falei que praticamente as crianças...a gente foi criado lá em relação às crianças, a Camisa Verde e Branco.”⁵⁶⁸ Esses contatos que ocorrem por meio da fama do quintal de Tia Cida e da circulação de Marcelo

⁵⁶⁵ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

⁵⁶⁶ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

⁵⁶⁷ Os participantes das comunidades e escolas de samba também possuem essa fluidez pelo circuito do ritmo na cidade. Rose destaca isso ao falar que não ficava somente em São Mateus, estabelecendo contato também com a *Nenê de Vila Matilde*: “mas também minha vida não é só aqui. Também o centro da cidade, as coisas que aconteciam lá, as atividades lá no centro, quadras de escola de samba, que a gente ia muito né nos ensaios. A vida girou em torno disso, nossa diversão era essa. Eu acho que uma grande...Eu acho que aonde a gente se divertia mais, assim durante um bom tempo, era a quadra da Nenê de Vila Matilde que a gente ia muito. Minha família é Nenê de Vila Matilde. E meus primos desfilaram durante muitos anos, já tive primo da diretoria lá né. Essa coisa do samba também sempre muito ligado.” Ver: ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES: Realizada em: 11 jul. 2020.

⁵⁶⁸ ENTREVISTA COM TIA CIDA. Realizada em 13 mai. 2017.

pela cidade de São Paulo ultrapassam suas fronteiras quando entram em contato direto com Beth Carvalho, representante do samba carioca:

Um dia o Marcelo é convidado pra tocar numa boate que tinha...eu não sei o nome da boate eu não me lembro o nome lá no Anhangabaú. Nessa boate ele conheceu a Bete Carvalho. A Bete Carvalho adorava São Paulo e o Marcelo me aparece aqui com a Bete Carvalho a tira colo.⁵⁶⁹

Esse contato levou o *Quinteto em Preto e Branco* e os outros redutos do samba de São Mateus a serem conhecidos e reconhecidos fora da cidade, mas nem por isso seus grupos deixaram de fomentar dinâmicas internas do território ou de elaborar suas visões sobre o cotidiano local.

Um dos grupos que também elabora narrativas sobre a história de São Mateus em suas canções é a Escola de Samba *Amizade Zona Leste*. Sediada no Parque Boa Esperança surgiu, segundo *Memórias de Um São* como bloco carnavalesco em 1995, reunindo amigos que promoviam rodas de samba no *Bar do Bugil*, localizado no bairro:

em 2004 já no grupo especial de blocos que desfilava no Anhembi, o Amizade desfilou com 813 componentes, ficando em 4º lugar. Em 2011, já como escola de samba (grupo 4) vence o carnaval com o samba enredo 'Num Manga do Meu Dotô'.⁵⁷⁰

No ano de 2018, a escola já fazia parte do grupo 01 do carnaval da *União das Escolas de Samba de São Paulo* (UESP) que reúnem escolas de diversos bairros da cidade que buscam o acesso para os grupos da *Liga das Escolas de Samba de São Paulo* (Liga-SP)⁵⁷¹, que desfilam no Anhembi todos os anos.⁵⁷² Sua existência não foi levantada por *Carta Capital* que atribuiu o surgimento de diversos redutos de samba em São Mateus à ausência de escolas de samba no território:

⁵⁶⁹ Idem

⁵⁷⁰ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 83.

⁵⁷¹ Para saber mais sobre a dinâmica das escolas de samba que participam da UESP ver minidocumentário produzido pelo coletivo de cultura do *Centro de Pesquisa e Documentação de Histórica Guaianás (CPDOC Guaianás)*, que traz dois exemplos de escolas de samba de Cidade Tiradentes e mais duas agremiações de Guaianases narrando os desafios de manter essas coletividades de samba na periferia ao longo da última década. CPDOC GUAIANÁS. **A Periferia do Samba**. São Paulo: Ponto de Cultura (MinC/SMC), 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jgwSWMB_q7s. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁵⁷²

O fato de São Mateus não ter escola de samba pode ter influenciado a cultura das festas e redutos da música de raiz. A partir do pioneiro quintal de Tia Cida floresceram importantes núcleos como a Casa do Zezinho, Rua 12, Buteco do Timaia, quintal da Tia Filó e da Dona Ercília.⁵⁷³

Embora com um histórico de destaque nos desfiles das escolas de samba de São Paulo, a “Amizade Zona Leste” acabou não tendo destaque na matéria, ao contrário do que ocorreu com o levantamento local *Memórias de Um São* e na poética do cronista Luiz Poeta, o que indica a importância dos narradores de periferias na evidenciação da diversidade dos sujeitos históricos de seus territórios. Poeta, também morador do Parque Boa Esperança, bairro em que foi fundada a *Amizade Zona Leste*, reconstitui de forma fotográfica uma das apresentações do grupo que ficou em sua memória:

No campo do Paulistano/E no campo do Canarinho/Piratininga, o mais antigo/Que nunca andou sozinho/Alguns acharam o caminho/Chegando ao profissional/Ganhando a Copa Kaiser/Foi manchete de jornal/No Parque Boa Esperança/Foi um grande carnaval/Um desfile oficial/Moveu a comunidade/Com uma festa no campo/Chopp e Cerveja à vontade/Marcada com a percussão/Da ‘Escola de Samba Amizade’/Já desfilou na cidade/Apresentou seu enredo/Levando os foliões/Firme igual um rochedo/Com mestre e porta-bandeira/Girando feito um brinquedo/Com liberdade e sem medo/Para a geração futura/Desfilando sua arte/Com grande desenvoltura/Visitando outros espaços/Que aplaudem a sua cultura.⁵⁷⁴

Elencando alguns dos principais times de futebol de várzea do território como o *Paulistano*, *Canarinho*⁵⁷⁵ e o *Boa Esperança*, campeão da “Copa Kaiser” de 1995 e 2000⁵⁷⁶, o autor utiliza-se da festa de vitória do time nesta ocasião para apresentar a *Amizade Zona Leste*, que teria feito um “carnaval” à beira do gramado na ocasião de um dos títulos e em outros cantos da cidade sendo, por isso reconhecida. Ivson Pessoa, integrante do *Quinteto em Branco e Preto* reitera, também, essa relação entre futebol e samba em São Mateus, como algo marcante na rotina dos grupos: “‘Uma característica muito forte daqui é o samba feito na beira de campo de futebol, onde muitos músicos se formaram’, diz Pessoa.”⁵⁷⁷

⁵⁷³ CARTA CAPITAL. **O Berçário de Tia Cida**. 06 Jan. 2015. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6002/o-bercario-de-tia-cida>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁵⁷⁴ FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018, p. 33-36.

⁵⁷⁵ CANARINHO F.C. (Página de *Facebook*). Ver: <https://www.facebook.com/Canarinho-Futebol-Clube-S%C3%A3o-Mateus-457248490987128/>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁵⁷⁶ VERBETE BOA ESPERANÇA. Disponível em: <https://www.varzeapedia.com.br/equipes/boa-esperanca-de-sao-mateus/>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁵⁷⁷ CARTA CAPITAL. **O Berçário de Tia Cida**. 06 Jan. 2015. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6002/o-bercario-de-tia-cida> Acesso em: 22 set. 2021.

A própria escola em um de seus enredos também procura narrar a história de São Mateus, mesclando memórias cristalizadas com suas próprias visões do território. O enredo *A Evolução da Zona Leste: São Mateus 50 Anos* de 1999 (Anexo B), terceiro colocado no desfile de blocos daquele ano, traz uma visão entre passado e presente que articula às dificuldades do trabalhador no território com uma narrativa de progresso na região:

Este bairro admirável/Mateo Bei é o responsável pela sua criação/Nildo Gregório da Silva/Obrigado pela pavimentação. [...] E no balanço que vai/E no balanço que vem/O pau de arara/Balançava também [...] A evolução da zona leste/Com seu parque industrial.⁵⁷⁸

Articulam-se aqui o passado de urbanização incipiente na década de 1950 com o transporte coletivo por meio do pau-de-arara, no qual se agradece ao “pioneiro” Nildo Gregório pela pavimentação no local que se tornaria o bairro Cidade São Mateus. O ápice dessa história de progresso, no entanto, seria a fundação do “Parque Industrial São Lourenço.” Segundo texto presente no acervo da *Sociedade dos Amigos das Escolas de Samba de São Paulo* (SASP), onde está hospedada a letra do samba, o condomínio industrial teria sido inaugurado nos anos de 1970, entre os bairros do Parque Boa Esperança e “Cidade Satélite Santa Bárbara” destacando que:

Em 1970 fica definitivamente implantado em São Mateus o rumo da evolução. Nasce o Parque Industrial São Lourenço. São Mateus passa de um bairro dormitório para um bairro de mão-de-obra própria.⁵⁷⁹

O diagnóstico empolgado é partilhado até certo ponto pelo suplemento imobiliário do periódico *Diário Popular* de um ano antes que, ao narrar as possibilidades de investimento comercial e de moradia em São Mateus, descreve “o Parque Industrial São Lourenço, situado em São Mateus, como um grande gerador de empregos à população local.”⁵⁸⁰ O *site* do grupo *São Lourenço* que, como vimos na introdução data a inauguração do empreendimento em 1985, por óbvio, ressalta a diversidade e importância das empresas que se instalaram ali:

O Parque Industrial São Lourenço oferece uma estrutura diferenciada, com galpões e condomínios de alto padrão, planejados para abrigar fábricas, empresas de logística e prestadoras de serviços. Muitas empresas

⁵⁷⁸AMIZADE ZONA LESTE. **A Evolução da Zona Leste**. 1999. Disponível em: http://www.carnavalpaulistano.com.br/a_escola_carnaval_dados.asp?rg_carnaval=8904#.YI1pxLVKjIU. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁵⁷⁹ Idem. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁵⁸⁰ DIÁRIO POPULAR. Valorização Chega a São Mateus. 28.06.1998. *In: Acervo da Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. (Pasta São Mateus)*. São Paulo, 1998.

multinacionais, bem como líderes em seus segmentos, já encontraram no Parque São Lourenço o local ideal para a expansão de seus negócios.⁵⁸¹

Essas visões otimistas, porém, são contrastadas pela crítica de Pedro Caranicolov, que viu o *Parque São Lourenço* ser estruturado no final dos anos de 1980, durante a gestão de Luiza Erundina, identificando nele uma série de problemas:

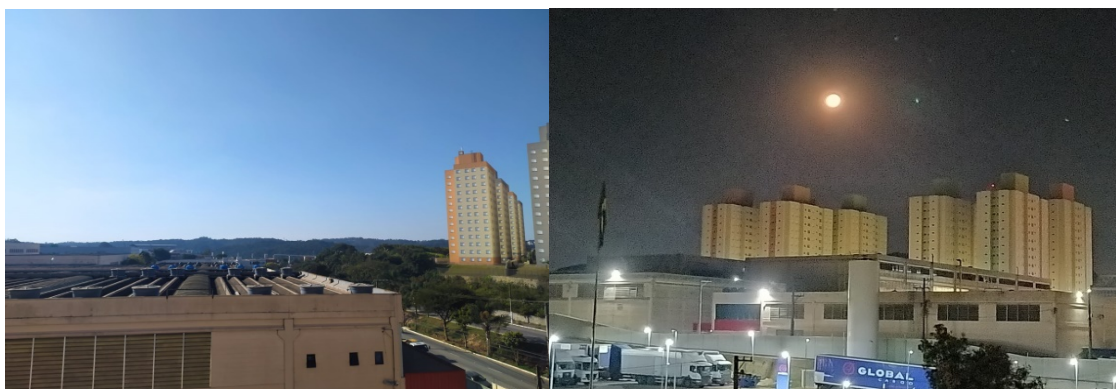
O Parque São Lourenço ele foi uma tentativa, inclusive na época da Erundina de trazer a indústria pra cá pra gerar empregos pra cá. Mas não foi isso que aconteceu infelizmente. As empresas já vieram com seus operários já. Então digamos que o impacto aqui na região foi um...foi um tiro no pé né. Porque não gera dividendo, você tem uma área enorme de terreno né, para construção das empresas e o impacto na economia local é praticamente zero. [...] E o São Lourenço ele foi um tiro no pé. Infelizmente. Tanto é que não existem galpões. Nem todos os terrenos foram utilizados para construção. Se criou um deserto ali. Questão de acesso de mobilidade. Ônibus, por exemplo, é fora de mão. O pessoal de lá é prejudicado. Na questão do acesso a São Mateus, questão do transporte público.⁵⁸²

Pedro elabora sua visão sob o ponto de vista de um morador que teve que buscar oportunidades de trabalho fora do bairro, seja em Santo André ou no centro da cidade de São Paulo, na Avenida Paulista, e levanta algumas problemáticas pertinentes à dinâmica do território: os grandes vazios nos lotes e o baixo atendimento aos trabalhadores da localidade são facilmente perceptíveis, seja pelo fluxo diário deles para outros territórios pelo transporte coletivo ou na ocupação do bairro por prédios, que podemos verificar no *Parque São Lourenço*, por meio das imagens de Glauber Aurélio Santos, um dos residentes dos novos prédios, que vem sendo construídos no bairro, em vazios deixados pela não instalação dos galpões. (Imagens 35 e 36)

⁵⁸¹ GRUPO SÃO LOURENÇO. Ver: <http://www.gruposaoLourenco.com.br/quemsomos>. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁵⁸² ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. Realizada em 07 mai. 2018.

Imagens 35 e 36: Visão Diurna e Noturna de Condomínios de Prédios Convivendo Lado a Lado com Galpões e a Mata Atlântica no *Parque São Lourenço*.



Fonte: SANTOS, Glauber Aurélio. 2019.

Essas considerações e o período em que foram elaborados tanto o samba como a matéria do *Diário Popular*, evidenciam uma preocupação implícita com o emprego industrial que, neste período, estava em baixa, devido às medidas tomadas nos anos de 1990 entre os governos Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso (FHC), para controlar a inflação aumentando as importações, o que dificultou a sobrevivência das indústrias nacionais. Segundo Novais e Mello:

Com a entrada maciça de recursos externos de curto prazo, engessamos o câmbio, abrimos a economia e multiplicamos as importações, freando a subida dos preços: nosso mais recente milagre. Nos anos 90, o desemprego nas áreas metropolitanas cresce assustadoramente, impulsionado por uma selvagem política de redução de custos e modernização do setor industrial. O desemprego atinge não somente trabalhadores comuns e qualificados, mas também profissionais de nível superior e funcionários intermediários.⁵⁸³

Entendemos, porém, que é necessário um estudo de maior fôlego sobre o *Parque São Lourenço* e seus trabalhadores, para compreendermos os processos históricos que ali se verificaram. De todo modo, não importa aqui saber quem está certo ou errado neste quesito, mas de evidenciar o quanto os grupos de samba de São Mateus mergulham em muitas das especificidades do território, de forma a não reproduzir meramente padrões que circulam em textos memorialísticos da subprefeitura, mas de levantar debates que, além de levar os moradores a refletirem sobre a realidade do território, acabam levantando a curiosidade de habitantes de outros espaços da cidade sobre o que se verifica ali. Esse esforço, para além de construir uma identidade com o samba e o carnaval em São Mateus, ajuda a compor uma

⁵⁸³ NOVAIS, Fernando & MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARZ, Lilia Moritz. (Org). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 648-649.

identidade local, com espaços de referência próprios. A *Comunidade Samba Maria Cursi*, por exemplo, além de celebrar a influência ancestral de Tia Cida na dinâmica do samba de São Mateus, também reafirma a articulação local dos diferentes grupos e ritmos desenvolvidos por seus grupos:

Sou do samba, sou da vila/Sou malandro, sou guerreiro/Venho lá de São Mateus que é terra de partideiro/Vixe minha Virgem maria/Mamãe já dizia vai começar/Samba de partido alto/Tem gente chegando de todo lugar/Olha é com muita alegria/E sabedoria que vamos cantar/A mais bela poesia/Que inspira o samba e o povo de lá.⁵⁸⁴

Os versos em si, colocam o sambista como plenamente identificado à vila que é terra de samba e de partideiro que, cumpre o papel de articular a população local e também de atrair gente de todo lugar, fazendo com que o território seja ponto de chegada para quem quiser vir de qualquer ponto da cidade. Esse poder de articulação que, como vimos, se comunica com diversos espaços da cidade, vincula-se por um lado a espaços de referência e, por outro, a trabalhos comunitários que fomentam participação da população nos eventos e fortalecimento dos redutos do samba.

Como espaços de referência no território, temos além do próprio quintal da Tia Cida, o “Buteco do Tim Maia”, que torna a “Avenida Baronesa de Muritiba”, no Parque São Rafael também um lugar de encontro e fortalecimento comunitário. Os trabalhos comunitários subsistem como tradição nos espaços de samba. Como vimos nesta dissertação, a trajetória de Tia Cida foi marcada pelo acolhimento das crianças do bairro em seu quintal, além da formação de sambistas desde jovens. Porém, essa atuação ampliou-se na articulação com o *Movimento de Saúde* e com o trabalho de assistência social na Igreja Católica chegando, por fim, ao seu trabalho como diretora de creche. A *Amizade Zona Leste*, por exemplo, promovia até 2015, uma “Escola de Percussão para Batucada, projeto focado nos jovens da comunidade, que utiliza a percussão como forma de socialização e disciplina”⁵⁸⁵. O “Samba da Maria Cursi” organizava em 2015 o projeto de formação de músicos em parceria com abrigos locais:

realizado em um lava-rápido da região, a ação também tem uma parceria com o *Abrigo de Jovens São Mateus III*, onde participam órfãos e menores

⁵⁸⁴ BOININHA, Wilson; MADUREIRA, Emerson. Terra de Bamba. In: **A Voz da Comunidade** - Samba da Maria Cursi (CD). São Paulo: Samba Maria Cursi, 2015.

⁵⁸⁵ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 83.

infratores. ‘Não é só fazer um samba por fazer, a gente cobra estar bem na escola’, afirma Rocha⁵⁸⁶.

Essa tradição, assim como a partilha do samba identificada com a organização do território, faz parte de um lastro de coletividade muito comum no samba de São Paulo, como podemos ver no trabalho de Sheila Alice da Silva sobre Guaianases, quando documenta a atividade do *Samba na Sombra*:

Outro movimento cultural constituído por dona Penha e sua comunidade é o Samba na Sombra, grupo que tem como presidente seu esposo, Faustino Rosa Severino. Surgido de uma conversa entre amigos, é um grupo negro que, sob a sombra de uma árvore na rua, passa todo último domingo de cada mês, entoando sambas, cantigas e memórias.⁵⁸⁷

Além de reunir a comunidade nos sambas, dona Penha e seu coletivo promoviam festas juninas na “Rua Antonio Tadheo”, arrecadando alimentação, roupas, remédios e brinquedos para as pessoas que precisavam desses itens no bairro. Segundo Sheila Alice da Silva, a reunião dessas duas dimensões em sua liderança comunitária revela o importante papel pedagógico e prático das mulheres no samba de São Paulo como referências sociais que fogem dos padrões pré-estabelecidos pelo racismo que colocam as mulheres negras no papel de serviçais, subalternas e objetos a serem consumidos.⁵⁸⁸

Assim como Tia Cida, Dona Penha é essa figura ancestral mobilizadora da comunidade e correia de transmissão de memórias ligadas ao samba e à vida e práticas comunitárias do grupo com qual convive e daqueles que surgem depois dela. A continuidade dos trabalhos comunitários ao estilo de Tia Cida no “Samba da Maria Cursi” e *Amizade Zona Leste* em São Mateus, além de sua celebração e identificação com os espaços, pessoas, cultura do samba ali, trazem à tona aspectos da formação da identidade social (neste caso de território) abordados pelo cientista social Michel Pollack como processo ligado à memória que atuaria como:

um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si⁵⁸⁹.

⁵⁸⁶ AGÊNCIA MURAL. Ver: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/10/27/moradores-de-sao-mateus-criam-projeto-de-samba-em-lava-rapido/>. 27.10.2015. Acesso em: 29 abr. 2021.

⁵⁸⁷ SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 172-173.

⁵⁸⁸ Idem, p. 176.

⁵⁸⁹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 204.

Essa reconstrução e coerência de grupo se dá tanto no plano da descrição do território, de sua história, como na celebração das qualidades e diversidade do samba que, no plano material e educativo, traduz-se no trabalho formativo e de apoio à comunidade local. No que tange à identificação e sentidos musicais e culturais para os espaços de São Mateus, Pollack também nos ajuda a entender como a adesão das novas gerações à tradição se dá de forma tão fluida:

locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. Aqui estou me referindo aos exemplos de certos europeus com origens nas colônias. A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer parte da herança de família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento.⁵⁹⁰

Embora as memórias partilhadas em São Mateus não digam respeito a territórios tão distantes, como no exemplo de Pollak, a convivência dos diferentes grupos, a partilha das composições e o reconhecimento das figuras ancestrais fazem com que as canções e práticas sejam reinvenções dos antigos quintais e da circulação em diferentes espaços da atual subprefeitura pelas bambas e bambas dos quintais. Muito, porém, é necessário saber ainda sobre Dona Ercília, Tia Filó ou Seo Jaul, mas Tia Cida e seu quintal já nos trazem uma bela amostra dessa vivência social que mostra como o espaço público do lazer no cotidiano pode ir muito além da mera “distração”, como pontuamos no início da unidade ao mencionarmos as possibilidades de criação comunitária preconizadas por Lefebvre. Por mais que seja reconhecido na cidade e pelos próprios integrantes como “samba de São Mateus”, ele é também do “São Rafael, Vila Flávia, Boa Esperança, Vera Cruz, Divineia e Maria Cursi” falando sobre as esperanças, festas, dores e até mesmo sobre a indústria local, sempre esbarrando na ideia de uma São Mateus autônoma, cidade. Essas canções são, também, referencial conceitual de nossa dissertação que, por meio de colaboradores e documentações de diversos bairros de São Mateus, caracterizam os processos históricos da urbanização desse território uno e diverso nas aproximações que foram passíveis de serem realizadas nestes três anos de pesquisa. E são sobre essas aproximações que trataremos a seguir em nossas considerações finais.

⁵⁹⁰ Idem, p. 202.

CONCLUSÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

Os processos de urbanização da cidade de São Paulo possuem historicidades e características muito distintas entre si bem como agentes históricos diversos contribuindo para a construção de suas espacialidades. Podemos pensar, por exemplo, nos bairros e vilas operárias com seus imigrantes de diversas nacionalidades, imbricadas aos subúrbios ferroviários no entorno do triângulo central de São Paulo (Ruas Direita, São Bento e XV de Novembro) e seus incipientes meios de comunicação, de transporte e de troca na virada do século XIX e XX.⁵⁹¹ Podemos lançar nosso olhar aos diferentes momentos da industrialização na cidade, marcados pela indústria têxtil no início do século XX, pelos complexos metalúrgicos da metade do século passado ou pela desindustrialização e império dos serviços e de escritórios de negócios financeiros e de alta tecnologia dos últimos quarenta anos.⁵⁹² Vislumbramos, também, uma cidade que, principalmente, desde os anos de 1960 e 1970, vem assistindo a um processo cada vez mais feroz de ocupação dos seus espaços pelo padrão verticalizado de prédios e condomínios residenciais e comerciais, ao mesmo tempo em que seu crescimento horizontal e estruturação viária rodoviarista se destaca na paisagem urbana como nos aponta Raquel Glezer:

O sky-line recortado e agressivo passou a existir em todos os horizontes. O processo de valorização dos terrenos urbanos expulsou grande parte da

⁵⁹¹ Interessante notar que alguns autores utilizam o termo periferia para caracterizar os territórios em questão, em períodos diversos, como sinônimo de lugares onde impera a concentração da pobreza e falta de infraestrutura ou para bairros que estão nos limites da cidade. Segawa ao tratar do relatório da *Comissão de Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços de Santa Ifigênia*, produzido em 1893, denomina como periferias bairros articulados ao centro da cidade por meio das ferrovias, como Penha, Aricanduva, Tatuapé, São Miguel, Santo Amaro, Pinheiros, Santana e Pirituba, para os quais era sugerida a transferência dos moradores dos cortiços de Santa Ifigênia para que morassem em vilas operárias a serem construídas neles. Tratando do bairro da Mooca na década de 1940, Adriano Duarte caracteriza o bairro, à época, mais populoso da cidade, como predominantemente industrial e próximo ao centro da cidade, “porém não livre dos problemas que afligiam os bairros periféricos mais distantes”. A identificação da Mooca e bairros limítrofes dela como Vila Formosa, Tatuapé e Bezezinho como similares às periferias também é recorrente na fala do pesquisador, embora suas caracterizações mais consagradas sejam como bairros operários. O distante do centro e o empobrecido, marcaram a caracterização dos bairros de periferia da cidade em diferentes momentos históricos, principalmente entre os anos de 1970 e 1990, conforme vimos nesta dissertação. Porém a chegada de infraestruturas urbanas e o desenvolvimento de sociabilidades diversas nestes locais alargam o sentido do conceito onde as permanências do padrão periférico de crescimento ainda se fazem se sentir (como veremos a seguir) e o tornam superável à medida que transformações mais profundas induzidas pelo mercado imobiliário e desindustrialização ocorrem (caso de Penha, Vila Formosa e Tatuapé, por exemplo). Para mais informações ver: DUARTE, Adriano Luiz. **O Direito à Cidade: Trabalhadores e Cidadãos em São Paulo (1942/1953)**. São Paulo: Editora Alameda, 2018, p. 81 e SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. In: PORTA, Paula (Org.). **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 351.

⁵⁹² Para mais informações ver: SAES, Flávio. São Paulo Republicana: Vida Econômica. In: PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 215-228.

população dos bairros mais antigos e permitiu a criação de centenas de outros bairros. Grandes investimentos foram realizados na cidade: início da rede metropolitana de transportes coletivos, a construção de grandes viadutos e avenidas de fundo de vale, ocupando as várzeas, fechando córregos, ribeirões e mesmo rios.⁵⁹³

Durante esta dissertação, escolhemos pensar um dos processos históricos que se inserem nesse projeto de cidade e que necessita ainda de mais atenção da historiografia, pois ainda carente de estudos neste sentido: as transformações históricas específicas da urbanização de suas periferias. Escolhemos levar adiante este exercício de tal forma que pudesse ser possível a sua realização em uma pesquisa de mestrado: por meio da escolha de um território específico - São Mateus, localizado no extremo Leste de São Paulo - que pudesse encerrar em si um conjunto de características com historicidade própria, mas que também nos fizesse refletir sobre as histórias de outros bairros periféricos de São Paulo.

Entende-se aqui por periféricos não só os bairros localizados nos Extremos Leste, Sul e Noroeste da cidade, mas aqueles habitados predominantemente por trabalhadores mal remunerados, população negra e nordestina, e marcados por culturas que refletem também o *status* de desigualdades urbanas estruturais herdadas de um padrão periférico de crescimento predominante entre os anos de 1950-1990. Esse padrão deixou permanências profundas nestes territórios por mais que centralidades ou alguns empreendimentos imobiliários, comércios e serviços complexos também façam parte de seu cotidiano, principalmente nos últimos 30 anos. Continuidades como a predominância da autoconstrução de moradias e conjuntos habitacionais; dificuldades em manter áreas verdes e de lazer preservadas para uso público de sua população; oferta insuficiente de trabalho no próprio território; abandono dos grupos culturais locais à sua própria sorte; transporte público lotado e de baixa qualidade (herança da prevalência do modelo rodoviário de circulação, uma das essências de sua formação territorial); dificuldade no acesso a equipamentos de saúde e educação de qualidade. Mas, também permanências na forma de organização de diversos movimentos populares, comunitários, religiosos e formas de associação para produzir seus espaços, interpretações do território e projetos de vida e de cidade.

Por isso, para refletir sobre essa diversidade, escolhemos além de trabalhar com depoimentos de moradores, trazer produções literárias, musicais, periódicos locais e de grande circulação, debates públicos sobre os rumos do território na *Câmara Municipal*, cartografias, fotografias e documentos de planejamento urbano municipal que muito nos ajudaram nesse

⁵⁹³ GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da cidade** – séculos XIX e XX. São Paulo: Marco Zero, ANPUH / FAPESP, 1994, p. 174.

exercício de composição das linhas gerais das principais transformações pelas quais esse território passou nos últimos 70 anos. A dissertação em sua divisão por capítulos, teve cada um deles dedicado a aspectos levantados no título do estudo: *agentes históricos, urbanização e periferias, lutas sociais e cotidiano*.

No nosso primeiro capítulo, que corresponde aos *agentes históricos*, apresentamos nossos colaboradores e respectivas trajetórias vida no trabalho, sua chegada e consolidação na localidade, tornando de carne e osso um processo de caracterização do trabalhador e morador das periferias entre os anos de 1950 a 1980, já analisado de forma urbanística e conceitual tanto pelos urbanistas da FAU-USP, como pelos cientistas sociais da FFLCH-USP, que esquadriharam os mecanismos da reprodução da mão de obra nas periferias (como a autoconstrução) e os processos de espoliação urbana aos quais estes estavam submetidos. Deste modo, traçamos histórias de vida de migração, seja do Paraná como foi o caso de Dona Terezinha, ou do Nordeste, com Aldo Leite, Orinho e Maria Elza. Também costureiras, domésticas, ambulantes, donas de casa, pequenos comerciantes e operários, que compõem o principal padrão social daqueles que vieram morar nas periferias de São Paulo. As dificuldades que tiveram para se fixar em um lote e construir suas casas também tiveram destaque aqui. Dessas narrativas, passamos aos trabalhos de memória sobre São Mateus, produzidos por “seus filhos e netos”, menos pressionados pela crueza da luta pela sobrevivência em um espaço no qual o rural ainda predominava sobre o urbano. Ao utilizar-se do acesso, ainda que precário, à *internet*, verbas públicas na área da cultura e aparelhos de celular, produziram alguns dos primeiros levantamentos históricos sobre as histórias de São Mateus e seus bairros.

No nosso segundo capítulo, que aborda *urbanização e periferias*, passamos à apresentação de uma visão interna dos processos de urbanização de São Mateus a partir do final dos anos de 1940 na sua transição de vilarejo e subúrbio, com características rurais, ao padrão periférico de crescimento. Com auxílio de cartografias de época levantadas no *Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP*, Histórico Demográfico da cidade de São Paulo e estudos de Fernando Deli, pudemos traçar um panorama das principais propriedades rurais existentes no local: “Carmo” (antiga Caaguaçú) e “Oratório.” Embora com muitas dificuldades, conseguimos relacionar caminhos e espaços apontados nessas cartografias e estudos com aqueles presentes no loteamento *Cidade São Mateus* e bairros de seu entorno, que já começava a se articular nos anos de 1950. Estudos de geógrafos como Langenbuch e Azevedo foram fundamentais para que pudéssemos ter uma reconstituição aproximada da dinâmica territorial do Extremo Leste da cidade entre as décadas de 1950 e 1970. O elemento humano

na urbanização do território foi trabalhado por meio dos depoimentos de Odom Lima, extraídos do jornal local *Cidade São Mateus* e de Tia Cida, nossa única colaboradora que trouxe memórias dos anos de 1940 e 1950. Ambos fizeram relatos que destacavam a urbanização incipiente, sem vias de ligação para a cidade, a moradia precária e a nostalgia de um cotidiano rural.

Nosso terceiro capítulo, dedicado às *mobilizações e conquistas sociais*, traz um levantamento e sistematização de um *corpus* documental sobre os principais movimentos populares e articulações de bairro de São Mateus que, principalmente entre os anos de 1950 e 1980, marcaram a organização do espaço no território e as trajetórias de vida de quem deles pode participar. Cumpre ressaltar aqui que, mais uma vez, a década de 1950 com suas articulações em torno das SABs e organizações comunitárias tiveram poucos indícios encontrados pelo pesquisador, sendo eles presentes nas publicações locais, *Anais da Câmara Municipal de São Paulo* e em *O Estado de S. Paulo*, sem conseguirmos caracterizar de forma mais detalhada suas vinculações políticas, sujeitos e práticas. Cenário muito distinto encontramos no caso dos movimentos populares articulados no final da Ditadura Militar, onde tivemos fartura de depoimentos como os de Tia Cida, Aldo Leite, Pedro Caranicolov, Maria Elza Araújo e Teresinha Silva que trouxeram significativas falas de suas participações nessas mobilizações, respectivamente, nas áreas da saúde, ambiental e da moradia. Infelizmente, não conseguimos registrar ainda depoimentos de residentes participantes do movimento de transportes, também abordado no capítulo. Os jornais da chamada imprensa liberal, interessados em apoiar qualquer iniciativa democrática no fim da década de 1970, também se empenharam em registrar essas demandas, bem como foram acalorados os debates na Câmara Municipal entre PT e PMDB, interlocutores ou articulados a esses movimentos e ocupantes da Prefeitura de São Paulo no período. De fundamental importância para entender a lógica territorial destes movimentos em São Mateus e suas principais atividades, foi o boletim *O Ajudante*, da *Pastoral Operária de São Mateus*, que também permitiu apreender a partir da própria produção de informação pelos moradores o papel que a Igreja Católica desempenhou na articulação destes movimentos.

Por último, no quarto capítulo, refletimos sobre um elo que perpassa tanto o processo de imigração e fixação dos residentes no território, como a produção de trabalhos de memória locais, suas lutas sociais e vivências da urbanização do espaço rural: *o cotidiano*. Conceito amplo, optamos por lançar um olhar sobre ele que relacionasse a questão da baixa renda dos moradores das periferias com as suas possibilidades de subsistência e lazer, entendidos aqui como meios de criação de resistências e sociabilidades em meio às limitações impostas por

estes territórios. A partir disso, ampliamos nosso olhar sobre as possibilidades de lazer em meio aos parques locais, sambas e produções literárias. Sendo que esses dois últimos são lócus privilegiado de elaboração de interpretações sobre a história e memória de São Mateus como vimos nas produções de Midria Ferreira, Danylo Paulo, Luiz Poeta e Camilo Pedro dos Reis. As experiências de Tia Cida com os quintais de samba e a posterior formação de comunidades e escolas de samba articuladas pelos jovens que seguiram os passos de sua trajetória, mostram como uma territorialidade negra constituiu-se em São Mateus, articulando esses espaços a outros núcleos negros de São Paulo ligados ao ritmo.

Para pensarmos nos elos encadeados nos capítulos sobre a relação entre história e memória nas periferias por meio de São Mateus, buscamos colocar na centralidade das análises que fizemos a construção de depoimentos do pesquisador no diálogo com seus colaboradores, através de um roteiro de entrevistas que provocou a reflexão sobre diversos aspectos de seus territórios, colocando em destaque a visão que tem da classificação feita por estudiosos, poder público, mídia e moradores de seus bairros como periferias da cidade. Uma das referências utilizadas ao longo deste estudo para contextualizar a produção cultural local, o livro *Memórias de Um São* pode ser aplicado aqui como um balizador para discutirmos como esse processo permeia as análises e fontes elencadas em nossa pesquisa. *Memórias de Um São* traz além da pesquisa sobre a trajetória dos grupos e movimentos culturais no território, uma série de ensaios interpretativos escritos por trabalhadores da cultura sobre a história cultural e urbana da região. Hermes Loco Sapiens introduz assim o projeto:

O projeto Memórias de um São, resgata histórias e *personagens de São Mateus*, que com suas *trajetórias de vida, constroem coletivamente a identidade do nosso bairro*. Pessoas com personalidades e culturas diversas, criando e sendo moldadas pelo meio, através de inúmeras situações que caracterizam *o poético cotidiano dos moradores de periferia do extremo leste da zona leste paulistana*. Localidades consideradas distantes do centro, mas que são polos de cultura, cidadania, e alegria comunitária, por cada luta, cada conquista para benefício do bairro, e bem-estar da nossa população.⁵⁹⁴

Podemos perceber outra amostra da concepção de história, memória e identidade local do projeto na descrição que Amanda Freire faz da figura de Tia Cida:

Matriarca do Berço do Samba de São Mateus, conseguimos resgatar um pouco do nosso histórico de luta e *não aceitação às condições de precariedade impostas* a partir de sua trajetória. Uma guerreira, ajudou a construir o que hoje é a morada de milhares de pessoas num *extremo urbano* em que os recursos públicos sempre são escassos. Suas lembranças surgem como contos bucólicos. Muitas imagens aparecem e assim podemos reviver

⁵⁹⁴ FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015, p. 55.

algo que nunca vivemos, porém temos presente em nossa história como formação da *identidade periférica*.⁵⁹⁵

Ambas as considerações, trazem-nos importantes características da relação entre memórias e identidades territoriais. Loco Sapiens, ao falar em *personagens de São Mateus* como *trajetórias de vida que constroem a identidade de nosso bairro*, considerando a circunscrição da subprefeitura de São Mateus aqui como um bairro. Sapiens nos coloca frente a frente com ideia semelhante de “*comunidade de destino*”, apresentada por Meihy para caracterizar memórias coletivas que podem se dar em diversos contextos, dizendo respeito a lembranças e experiências partilhadas e constituídas socialmente por determinados sujeitos, lugares e fatos específicos correspondendo a estes determinada *identidade* em relação a outras coletividades.⁵⁹⁶ Ambas as formulações podem ser utilizadas para pensar parte das memórias sociais construídas em São Mateus, no que diz respeito à experiência urbana e de articulações comunitárias e movimentos sociais na localidade.

Elencamos ao longo desta dissertação, além das lembranças dos moradores, memórias presentes em produções literárias e do samba e as selecionadas por jornais e boletins, com experiências distintas do que é viver e relembrar o território de São Mateus e os bairros presentes nele. Não podemos perder de vista, também, que os trabalhos de memória e estudos produzidos por moradores do Extremo Leste da cidade, em diversas plataformas, trouxeram elementos memorialísticos e vivências dos moradores de cada bairro documentadas e impressas em suas elaborações. Porém, em meio às experiências diversas nos três distritos, é possível se pensar em elementos comuns como veremos a seguir.

Amanda Freire ao traçar o perfil de Tia Cida fala em uma história local de *não aceitação das condições de precariedade impostas* vividas em um *extremo urbano* e na constituição de uma *identidade periférica*. Nas narrativas reunidas ao longo de nossos quatro capítulos foi possível identificar algumas das características que essas descrições carregam. E também uma que foge de boa parte delas: a fundação da “Cidade São Mateus” pela família Bei e a reverência aos pioneiros como Nildo Gregório, que privilegia uma narrativa de progresso em que as dificuldades existem, mas sempre são superadas pela capacidade de iniciativa dos sujeitos, guiada pelo espírito de trabalho do loteador e de algumas lideranças que os conduzem para a construção do território, deixando de lado as possibilidades de construções coletivas e comunitárias existentes em São Mateus principalmente do final dos anos de 1970 em diante.

⁵⁹⁵ Idem, p. 51.

⁵⁹⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 70-73.

No meio dessas possibilidades de *não aceitação das precariedades e identidade periférica* está a trajetória de Teresinha Camargo, que ajudou a erguer Comunidades Eclesiais de Base e hoje atua no Movimento de Favelas e da Agricultura Urbana e viu nesses espaços a possibilidade de estudar e acessar o debate público, limitação imposta a muitas mulheres periféricas por conta de sua rotina de trabalho e cuidados com a família.

Pedro Caranicolov também não aceita essas condições de precariedade impostas, quando se mobiliza contra o *Aterro Sanitário São João*, alimentando um projeto de Jardim Santo André com um Parque e a ressignificação de suas vivências na infância, quando seu lazer era estar nos morros e nadando no córrego Caaguaçú.

É também a não aceitação de Aldo Leite que, mesmo na Administração Regional buscava se articular às organizações populares do território para lidar com a escassez de verba e o planejamento do uso dela. A nostalgia das mobilizações de base ocupando igrejas, matas e conquistando novos equipamentos de saúde e lazer, marca sua visão de uma esfera pública de lutas sociais territoriais que vê menos articulada atualmente, a exceção da juventude da cultura periférica.

Maria Elza não esmoreceu da luta por sua moradia, dignidade familiar e depois se empenhou na mobilização pela habitação de outras moradoras do território, ao recuperar a experiência da juventude de ser beneficiária da distribuição de alimentos na Igreja Católica para, agora como professora bem estabelecida, conquistar cada vez mais a esfera pública local como articuladora comunitária.

Luiz Poeta, ao narrar os elementos que considera como constituintes do progresso de São Mateus ressalta que, antes deles serem implementados, houve uma luta constante de muitos personagens contra as precariedades de um local que viveu, principalmente entre os anos de 1950 e 1970, a dificuldade de constituição de um território urbano em meio à predominância do elemento rural. Mídrria Ferreira ressalta as dificuldades para chegar ao metrô Itaquera mas, ao mesmo tempo, declara amor por sua quebrada, e continua sua jornada de luta por uma periferia que não seja tratada apenas como cidade dormitório.

O “Quinteto em Branco e Preto”, ao exaltar Rafael, Vera Cruz, Divinéia e a organização dos sambas em seus quintais, evoca aspectos do *poético cotidiano dos moradores de periferia do extremo leste da zona leste paulistana* em contraposição à imagem mais comum das favelas e periferias como lócus unicamente de violência e precariedade. Temos, portanto, um conjunto de contribuições onde diversos sujeitos colocam visões locais dos processos de urbanização de São Mateus que se somam seja na evidenciação das dificuldades para se viver em um bairro da periferia de São Paulo ou no levantamento das possibilidades

da organização comunitária para superá-las e criar outras realidades urbanas possíveis. Esse levantamento de narrativas mostra como a história urbana pode ser estudada por meio da pluralidade das imagens das cidades, das ações e visões desses diversos sujeitos como pontua Menezes ao colocar em tela o jogo de forças sociais que atuam no processo histórico de seus espaços e que devem ser elementos chave para caracterizar a complexidade deles:

identificar as imagens urbanas é identifica-las na estrutura social: os habitantes da cidade não são puras abstrações produtoras de imagens, mas indivíduos socialmente categorizados [...]. Nesta linha, o objeto de um museu da cidade tem que tomar a cidade como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem.⁵⁹⁷

Tendo em vista essas possibilidades de construção diversa de imagens sobre a cidade e de reconhecimento das diferentes forças sociais atuantes na história vivida e construção dos espaços urbanos, focalizamos nesta dissertação as memórias que partem do cotidiano da população dos bairros periféricos da subprefeitura de São Mateus, como pontos de vista que dialogam na possibilidade de narrar a transição de um ambiente rural para uma periferia urbana, onde os moradores pelejam no dia a dia por cada meio fio, posto de saúde, verba da cultura ou casa construída. E, tendo eles suas referências no comércio, nos lutadores sociais do bairro, na natureza agredida pelo lixo, mas também nas possibilidades viárias e de transporte que interligam o território a outros espaços da cidade que, embora precárias, constituem objeto de encanto e alívio pela diminuição das distâncias da casa ao trabalho, aos locais de resolução de outros problemas rotineiros e, também, a espaços de lazer outros fora de seus territórios.

Na análise das memórias de São Mateus seguimos, portanto, caminho semelhante ao que recomenda Eclea Bosí, quando trata dos pontos de vista dos trabalhadores sobre suas trajetórias de vida. As memórias que Bosí privilegia são aquelas que partem do cotidiano, portanto com elementos que fazem sentido para a vida pessoal dos sujeitos que as elaboram e que, ao mesmo tempo, são passíveis de serem peças para a interpretação da atividade subjetiva daquele que rememora dentro dos quadros de uma sociedade capitalista e industrial, onde quem não mais trabalha é tido como destituído de função social. A fala do idoso⁵⁹⁸ carrega em si toda uma história social reconhecível a partir de sua trajetória de vida, além de

⁵⁹⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu na cidade X a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *In: Rev. Bras. De Hist.*, S. Paulo, v.5, n. 8/9, set. 1984/abr. 1985, p. 200.

⁵⁹⁸ Em nosso caso, podemos questionar enquadramento na categoria *idoso* no caso da colaboradora Maria Elza, atualmente professora da rede municipal e ainda com 47 anos. Também podemos abordar de outra maneira as lembranças de Aldo Leite e Tia Cida que, embora aposentados, ainda trabalham – ele como terapeuta holístico e ela em seus *shows* de samba em parceria com diversos grupos. E mesmo no caso de Orinho ainda ativo no comércio e de Terezinha, agricultora orgânica.

ser rememorada com a atenção de uma atividade prioritária veiculando saberes de alta significação social, em um momento em que não mais trabalha, o que para um adulto em idade ativa é atividade reservada para as horas vagas dentro dos quadros deste sistema.⁵⁹⁹

As lembranças da Avenida Mateo Bei quando ela ainda não tinha asfalto ou das reuniões comunitárias na Igreja para receber leite e discutir moradia, como nos contou Maria Elza, ou da casa autoconstruída que caiu e do mutirão dos moradores para reconstruí-la, presentes nas memórias de Tia Cida, evidenciam o precário do espaço distante das infraestruturas da cidade como um dos elementos comuns de uma possível *identidade periférica*, proveniente de uma *memória periférica*, que só é possível a partir de elementos do cotidiano e desse espaço urbano específico. Identidade essa ligada aos suportes espaciais da memória, como a praça da *Igreja São Mateus Apóstolo* apinhada de gente em 1978 para a realização da assembleia do movimento de saúde ou do Iguatemi sem asfalto ou saneamento básico, com mães sofrendo para levar crianças doentes a hospitais distantes como rememorou Aldo Leite sobre algumas das vicissitudes do território nos anos de 1970. Espaços precários que não mais existem da mesma forma e outros como a igreja que, mesmo modificados e com outras finalidades, permitem a rememoração de outros usos que já tiveram. Sobre esses suportes nos alerta LePetit, utilizando-se da base teórica de Maurice Halbwachs, para tratar de possibilidades de memória coletiva:

A cada etapa de seu desenvolvimento, a sociedade remaneja suas lembranças de forma a adequá-las às condições do momento de seu funcionamento. [...] O mesmo acontece com o espaço. Assim como o Paternon de Roma imperial abrigava todos os cultos desde que fossem cultos, a sociedade admite todas as formas (mesmo as mais antigas) desde que sejam formas, isto é, desde que possam ocupar um lugar no espaço, desde que interessem ainda aos homens de hoje, desde que eles as utilizem. O território é essencialmente uma memória, e seu conteúdo é todo constituído de formas passadas – isto é, de algumas dentre elas, das quais só subsiste o que pode ser compreendido pela sociedade que, em cada época, trabalha em seus quadros.⁶⁰⁰

Portanto, não é à toa que Luiz Poeta destaca suas reminiscências do *Barateiro*, dos *Shoppings Centers* ou da construção civil em um momento em que prédios e outras benesses da “cidade” despontam nas avenidas centrais. Ou que Aldo Leite reitera sua visão de São Mateus ser um dos epicentros dos principais movimentos sociais urbanos da cidade nas décadas de 1970 e 1980, com suportes de memória concretos que podem ser visitados e fomentar reflexões sobre tais momentos em um contexto histórico em que o neoliberalismo

⁵⁹⁹ BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 60.

⁶⁰⁰ LEPETIT, Bernard. **Por uma Nova História Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 149.

desmonta serviços públicos e direitos sociais também no território. Para o morador de um bairro de periferia a precariedade é fato dado, vivido todos os dias. Não é uma novidade. Até certo ponto, cansa, pois é rotina diária. Daí a importância do ato de lembrar e de se produzir estudos que reavivem e valorizem o conhecimento dos próprios residentes sobre que se fez e faz de história concreta e cotidiana a partir das vivências locais. Pois a superação da precariedade deve se dar, para além da vida concreta, também na autorrepresentação e reconhecimento daquilo que se é, para além das dificuldades vividas. Isso ocorre não só na operação de se olhar para o passado com o foco nos interesses do presente⁶⁰¹, como também no próprio calor da agência histórica, ação que tomaram as “Comissões de Saúde de São Mateus e Sapopemba” nos anos de 1980, ao tentarem colocar o nome de militantes do “Movimento de Saúde” nos hospitais conquistados: Sapopemba e São Mateus. A tentativa de nomear Sapopemba como Waldemar Zuninga e São Mateus como padre Antônio Meiroti foi negada pelo Estado, que preferiu manter a “neutralidade” do nome dos distritos, frustrando a tentativa do movimento de passar uma mensagem de marca territorial e de patrimônio histórico do legado de suas lutas e conquistas às próximas gerações, como bem ressaltou Carignato em seu estudo.⁶⁰²

Por fim, a resposta à problemática elaborada ainda necessita de resposta, embora alguns elementos para respondê-la já tenham sido agregados. Existe uma comunidade de destino identificável em São Mateus? Pelo exposto nesta dissertação, percebemos que os setores culturais e moradores da região com diversas atuações em movimentos sociais buscam reivindicar ou construir memórias a partir dos setores dos quais participaram ou lugares onde vivem: samba, produções literárias, movimento de moradia, movimento de saúde, fórum de cultura, movimentos ambientais e bairros diversos. Neste sentido, Hartog, em seu estudo sobre patrimônio, memória e regimes de historicidade, trata da prática contemporânea Ocidental (principalmente europeia) de se patrimonializar “tudo” para fundamentar um presente que extrai e atualiza tudo o que puder do passado, documentando-se ao máximo para

⁶⁰¹ Os colaboradores entrevistados para este trabalho, como vimos em sua relação de lembranças, reelaboram suas memórias pensando em “como cheguei e como chegamos, como território, até aqui”, sendo provocados pelo entrevistador com seu roteiro de entrevistas a pensar também naquilo que precisava ser feito em São Mateus. Essa mola propulsora, baseia-se na constatação de Meneses de que “A memória é filha do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa de qualquer projeto”. Para promover a operação de diferenciar passado de presente, papel que o historiador atribui à história na análise das memórias de indivíduos e coletividades, foi essencial a nós neste trabalho observar este ponto. Ver: MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais*. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** (IEB-USP). São Paulo, n. 34, 1992, p. 14.

⁶⁰² CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007, p. 149-152.

passar determinada imagem de si para o futuro. Essa pratica seria fruto, segundo o autor, da crise do regime de historicidade baseado na chegada da história no progresso e no futuro (dominante em parte dos séculos XIX e XX) e sua troca por um regime presentista que defende o que se faz hoje, buscando sua preservação para enfrentar um futuro incerto. Dentro dessa tendência localiza a emergência das memórias de grupos sociais territoriais que inscrevem patrimônios históricos urbanos em lugares que antes “não tinham passado”. Segundo o autor:

e quando este passado faltava, contribuindo para o mal-estar das periferias ou das cidades-dormitórios, fizeram-no aparecer. Produziu-se lugares de patrimônio urbano para construir a identidade escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada, depois mostrada, em torno da qual se organiza, em todos os sentidos, a palavra circulação.⁶⁰³

O autor continua seu raciocínio, afirmando que essa prática “trata-se, em suma, mais de patrimônio local associando memória e território e de operações visando a produzir território e continuidade para aqueles que lá habitam, hoje”⁶⁰⁴. Essas histórias, já existentes e que circulam nos subterrâneos da cidade como esquecidas e silenciadas em analogia possível que podemos fazer com as elaborações de Pollack⁶⁰⁵, hoje eclodem para lembrar das contradições do presente de um território que possui uma centralidade que “pega carona no progresso urbano”, mas que possui predominância socioespacial na precariedade, precisando lembrar-se de suas organizações comunitárias e conquistas de ontem e hoje para perceber que o caminho da visibilidade, como cidade ainda é longo e que, pelo menos para estes grupos o ser “periferia” não é em si um problema, mas uma formulação com vários sentidos para características urbanas dos lugares em que vivem.

Do ponto de vista da identidade podemos perceber, portanto, a construção de diversas memórias locais em São Mateus que podem ser lidas também como comunidades de destino peças que se configuram em partilha maior na “comunidade de destino subprefeitura”, conforme a experiência de cada morador ou grupo de residentes, algo que passa pela memória territorial definida por Hartog, mas vai além dela devido à sua multiplicidade. Em parte a experiência do *Fórum de Cultura de São Mateus* se inscreve na linha de reprodução territorial e legitimação da atuação desses grupos culturais no presente. Bem como a conquista de

⁶⁰³ HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, jul./dez. 2006, p. 268.

⁶⁰⁴ Idem, p. 270.

⁶⁰⁵ POLLACK, Michel. A Memória, o Esquecimento e o Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

equipamentos públicos pelo movimento de saúde em seus territórios e o exercício de memória de Lucirene Cagnato, Teresinha Camargo, Aldo Leite e Tia Cida. Ou nas possibilidades de vida social e lazer no samba presentes nas vivências de Rose Fernandes e sua família. Porém, cabe problematizar suas perspectivas de futuro, no que se refere a possibilidades políticas e sociais que estruturam o trabalho da cultura periférica, saúde, política ambiental, lazer e o quanto isso influencia em suas abordagens do passado.

Há, porém, os moradores que não participaram ao longo de toda a sua vida das iniciativas de memória e aqueles que vivem outros cotidianos do bairro, muitas vezes desconhecendo as narrativas históricas locais e dos movimentos e artistas, pouco trabalhadas no ensino escolar. Partilhariam eles da identidade periférica? Da não aceitação das precariedades? Da luta por reconhecimento das intervenções no território? Podemos concluir a partir disso que há a tentativa de construção de memórias e história locais, embora não se possa mensurar o seu alcance para além dos meios culturais, comunitários e acadêmicos onde são difundidas, além de ser necessário um estudo mais profundo de outras memórias possíveis nos diversos bairros que compõem a subprefeitura e que surgiram mais recentemente.⁶⁰⁶

Podemos perceber a partir do exposto nesta dissertação que há outras possibilidades historiográficas e de memória para abordar territórios da cidade ainda pouco estudados em pesquisas sobre as histórias e memórias de São Paulo. Os papéis da história e da memória das sociedades urbanas são atualmente imbricadas em diversas problemáticas. Há desde o questionamento sobre as narrativas e os mitos de fundação da cidade e dos distritos, esforço por revisão a respeito dos apagamentos históricos de determinados grupos e suas vivências em certos territórios, além da existência de estudos para recuperação/reprodução de narrativas sobre o espaço urbano.

O esforço empreendido neste mestrado teve como objetivo principal trazer o entendimento de que a participação dos agentes históricos na construção das narrativas sobre

⁶⁰⁶ Interessante reflexão faz Alessandro Portelli ao lidar com a complexidade das memórias e diversidade de origens regionais e mesmo internacionais dos moradores do território periférico romano de Centocelle no início do século XXI: “A velha e nova mobilidade, então, gera um caldeirão fundente de culturas e tradições que também pode resultar em novas, híbridas identidades. Contudo, as difíceis condições materiais e o constante reembaralhamento de pessoas e espaços torna difícil o surgimento de memórias e culturas compartilhadas. Memória e identidade são uma coisa nas partes mais consolidadas e estabelecidas de Centocelle; nos bairros adjacentes e nas áreas mais pobres, como nos grandes edifícios de Tor Tre Teste, elas são muito mais problemáticas.” Não será assim também em São Mateus se comprarmos as memórias dos novos bairros que surgiram nas últimas duas décadas, com imigrantes bolivianos, haitianos e nigerianos e novas levas de nordestinos, grupos sociais diversos daqueles que aportaram por aqui entre os anos de 1950 e 1980? Essa resposta só será possível em novos estudos e trabalhos de memória sobre estes territórios. Ver: PORTELLI, Alessandro. *A América e os Subsolos: O Início e a Construção de Identidades em uma Periferia Romana*. In: **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 129.

seus próprios territórios e fontes associadas às suas vivências locais, podem ser entendidas como formas possíveis de escrita da história urbana, expandindo o alcance territorial e social da historiografia de São Paulo para as periferias da cidade, com suas experiências sociais, espaciais e históricas específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

Livros e Artigos

ALMEIDA, Valéria Tenório. Jardim da Conquista: Segregação Urbana e Mobilização Social. *In: SARAU GOSTO DE CONQUISTA* (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014, p. 91-112.

AZEVEDO, Amailton Magno. **A Memória Musical de Geraldo Filme: Os Sambas e as Microafricanas em São Paulo**. (Tese de Doutorado em História). São Paulo: PUC, 2006.

_____. Samba: Um Ritmo Negro de Resistência. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 70, 2018.

_____ & SILVA, Sheila Alice Gomes da. Discursos e Narrativas Sobre o Passado: o bairro paulistano de Guaianases em representações no tempo presente. *In: Cadernos do Tempo Presente*, n. 18, dez. 2014/jan. 2015, p. 85-97.

AZEVEDO, Aroldo de (Org.). **A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)/Companhia Editora Nacional, 1958. (Vol. II: A Evolução Urbana e Volume IV: Subúrbios Paulistanos).

_____. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1945.

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 6 ed. São Paulo: FAPESP/Estação Liberdade, 2013.

_____ & ROLNIK, Raquel. **Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força trabalho**. São Paulo: USP, 1978.

BONOMO, Rachel Eny. **Itaquera Virou Cidade: A Luta dos Moradores de São Mateus e Itaquera Contra o Lixão e o Movimento para a Criação da APA do Parque e Fazenda do Carmo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In: _____* (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

CALAZANS, Antônia Terra. **História das Cidades Brasileiras**. Série Como Eu Ensino. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. 1 ed. São Paulo: EDUSP/Editora 34, 2000.

CARIGNATO, Lucirene Aparecida. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Metrópole de São Paulo no Contexto da Urbanização Contemporânea. *In: Estudos Avançados*. São Paulo: Edusp, vol. 23, n. 66, 2009, p. 303-14.

D'ANDREA, Pablo Tiaraju. Contribuições para a Definição dos Conceitos de Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. *In: Novos Estudos CEBRAP* (Dossiê Subjetividades Periféricas), jan.-abr. 2020.

_____. **Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. (Tese de Doutorado em Sociologia). São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

DELI, Fernando Rodrigues. **Da Fazenda Caguaçu à Área de Proteção Ambiental: A APA do Carmo no Cerne da Zona Leste Paulistana** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

_____. O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço numa Porção da Zona Leste Paulistana. *In: GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 9, n. 1, 2005.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Programa Patrimônio e Referências Culturais nas Subprefeituras: São Mateus**. São Paulo: DPH, 2013.

DUARTE, Adriano Luiz. Em Busca de um Lugar no Mundo: movimentos sociais e política na cidade de São Paulo nas décadas de 1940 e 1950. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, jul.-dez. 2008.

_____. **O Direito à Cidade: Trabalhadores e Cidadãos em São Paulo (1942/1953)**. São Paulo: Editora Alameda, 2018.

_____. & FONTES, Paulo. O Populismo Visto da Periferia. Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *In: Cad. AEL*, v. 11, n. 20/21, 2004.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, Territorialidade e seus Múltiplos Enfoques na Ciência Geográfica. *In: CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014.

FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: Uma Trilha entre o Rural e o Urbano**. (Tese de Doutorado em Serviço Social). São Paulo: PUC, 2018.

FERREIRA, Victoria; MILAN, Bruna; SILVA, Gabriele; SIMÕES, Felipe. **São Mateus Outras Histórias**. (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). São Paulo: FIAM-FAAM, 2017.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Objetiva, 2005.

FONTES, Paulo. História Oral e História Social do Trabalho: Os Migrantes Nordestinos em São Paulo Entre os Anos de 1940 e 1960. *In*: GOMES, Angela de Castro. **História Oral e Historiografia: Questões Sensíveis**. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

_____. Trabalhadores e Associativismo Urbano no Governo Jânio Quadros em São Paulo (1953-1954). *In*: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 66, p. 71-94, 2013.

_____. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

FRANÇA, Elisabete (Org). **Jardim São Francisco** (Projeto Global de Urbanização). São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2012.

FREIRE, Amanda de Sousa & LIMA Priscila Machado (Org.). **Memórias de um São**. Mapeamento e Memória Cultural da Região de São Mateus. São Paulo: MetaLibri, 2015.

GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo. *In*: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da cidade – séculos XIX e XX**. São Paulo: Marco Zero, ANPUH / FAPESP, 1994.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GRESPLAN, Jorge. Considerações Sobre o Método. *In*: PINSKY, Carla Bessani (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2018.

HARLEY, Brian. Mapa, Saber e Poder. *In*: **CONFINS**, São Paulo, n. 5, 2009.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *In*: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006, p. 261-273.

HELLER, Agnes. A Estrutura da Vida Cotidiana. *In*: _____. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

JESUS, Marcello Nascimento. A Saga Periférica: Bandeiras e Trajetórias de Luta (2013-2018). *In*: **Fórum de Cultura da Zona Leste: Nenhum Passo Atrás**. São Paulo: Forma Certa Gráfica Digital, 2019.

KOWARICK, Lúcio (Org). **As Lutas Sociais e a Cidade: São Paulo, Passado e Presente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KUVASNEY, Eliane. **A Representação da Cidade de São Paulo nos Albores do Século XX: Os Mapas Como Operadores na Construção da Cidade Espreada**. (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 2017.

LANGENBUCH, Juergen. **A Estruturação da Grande São Paulo**: estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento e Coordenação Geral/Fundação IBGE/Instituto Brasileiro de Geografia, 1971.

LANGENBUCH, Juergen; MARTINS, José de Souza; NABIL, Bonduki. Depoimentos. *In: Espaço & Debates*, São Paulo, n. 42, 2001.

LEAL, Murilo. **A Reinvenção do Trabalhismo no Vulcão do Inferno**. Um Estudo Sobre Metalúrgicos e Têxteis de São Paulo. A Fábrica, o Bairro, o Sindicato e a Política (1950-1964). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. Humanitas/Ed.UFMG, 2008.

LEMONS, Amalia Inês Gerases de & FRANÇA, Maria Cecília. **Itaquera**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1999. (História dos Bairros de São Paulo; 24).

LEPETIT, BERNARD. É Possível Uma Hermenêutica Urbana. *In: _____*. **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Por Uma Nova História Urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

LOPES, Rodrigo Herrero (Org). **Face Leste**: Revisitando a Cidade. São Paulo: Mitra Diocesana de São Miguel Paulista, 2011.

MARCELINO, Júlio Cesar José. (Coord.) **40 Anos de Janela**: Livro Comemorativo dos Quarenta Anos de COHAB I. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2019.

MARICATO, Ermínia (Org). **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982.

MARTINS, José de Souza. Introdução. *In: _____*. **A Sociabilidade do Homem Simples**. 3 ed. (4ª Reimpressão). São Paulo: Ed Contexto, 2020.

_____. **Subúrbio - Vida Cotidiana e História do Subúrbio da Cidade de São Paulo**: São Caetano, do Fim do Império ao Fim da República Velha. 1 ed. São Paulo/São Caetano: Ed Hucitec, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)*, São Paulo, n. 34, 1992, p. 9-24.

_____. O Museu na Cidade x A Cidade no Museu: Para Uma Abordagem Histórica dos Museus de Cidade. *In: Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, v. 5, n. 8/9, set.1984/abr.1985, p.197-205.

MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio e sociabilidade Moderna *In: NOVAIS, Fernando; SCHWARZ, Lilia Moritz. (Org). História da Vida*

Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTEIRO, Thiago Nunes. **Como Pode Um Povo Vivo Viver Nessa Carestia: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982).** São Paulo: FAPESP/ Humanitas, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo (1977/1984).** Curitiba: Juruá, 2006.

NETO, Murilo Leal Pereira. A Fábrica, O Sindicato, o Bairro e a Política: A Reinvenção da Classe Trabalhadora de São Paulo (1951-1964). *In: Revista Mundos do Trabalho*, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2009, p. 225-45.

_____. **A Reinvenção do Trabalhismo no Vulcão do Inferno.** Um Estudo Sobre Metalúrgicos e Têxteis de São Paulo. A Fábrica, o Bairro, o Sindicato e a Política (1950-1964). (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História.* São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

NOVAIS, Fernando; SCHWARZ, Lilia Moritz. (Org). **História da Vida Privada no Brasil:** Contrastes da Intimidade Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NUNES, Thiago Monteiro. **Como Pode um Povo Vivo Viver Nessa Carestia.** O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982). São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2017.

OLIVEIRA, Sandro. **A condição socioespacial da classe trabalhadora:** Transporte e cotidiano da mobilidade perversa na metrópole de São Paulo. (Tese de Doutorado) Campinas: UNICAMP, 2020.

PAULINO, Jorge. **O Pensamento Sobre a Favela em São Paulo:** Uma História Concisa das Favelas Paulistanas. São Paulo: Dissertação de Mestrado FAU-USP, 2007.

PETRINI, J. Carlos. CEBs: Um Novo Sujeito Popular. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p. 89 *apud* SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena:** Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). São Paulo: Paz e Terra, 1978.

PETRONE, Pasquale. São Paulo no Século XX. *In: AZEVEDO, Aroldo de (Org). A Cidade de São Paulo:* Estudos de Geografia Urbana Vol. II: A Evolução Urbana. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)/Companhia Editora Nacional, 1958.

PIRES, Walter. Arquivo Aguirra: Fonte Documental Sobre a Formação Territorial de São Paulo. *In: Anais do Museu Paulista.* São Paulo, v. 10/11, 2002-2003, p. 61-78.

POLLACK, Michel. A Memória, o Esquecimento e o Silêncio. *In: Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTA, Paula (Org.). **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **História Oral Como Arte da Escuta**. 1 ed. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. O que Faz a História Oral Diferente. *In: Proj. História* (PUC), São Paulo, v. 14, fev. 1997.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Base de Dados Para Planejamento: Cadernos Regionais – Administração Regional de São Mateus. Serviços e Equipamentos Sociais**. Secretaria do Planejamento (Prefeitura de São Paulo), São Paulo, 1993.

_____. **Cadernos de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Perímetros de Ação** (São Mateus). São Paulo: PMSP, 2016.

_____. **Meu Bairro, Minha Cidade – CÉU São Mateus**. São Paulo: Secretaria da Cultura/Educação, 2004.

_____. **São Paulo Diverso**. São Paulo: SMPPIR, 2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

REIS, Marcio. **Formação de Cidade Tiradentes**. (Trabalho de Formatura na Graduação em História). São Paulo: Universidade Camilo Castelo Branco (Unicastelo), 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Evaniza Lopes. **A estratégia fundiária dos movimentos populares na construção autogestionária da moradia**. São Paulo: FAU-USP, 2013.

ROLNIK, Raquel. **Guerra de Lugares: A Colonização da Terra e da Moradia na Era das Finanças**. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **O Que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entram em Cena - Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo: 1970-1980**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SAES, Flávio. São Paulo Republicana: Vida Econômica. *In: PORTA, Paula. História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX*. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SANTOS, Cida. **Zona Leste Fazendo História**. São Paulo: Ed. Marco Markovitch, 1997.

_____. **Zona Leste Meu Amor: Personagens de Uma História de Lutas**. São Paulo: Ed Marco Markovitch, 1994.

SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. 4 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. *In*: PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo na Primeira Metade do Século XX**. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SILVA, Rosávio de Lima. A Expressão Cultural “Cantoria” no Jardim da Conquista. *In*: SARAU GOSTO DE CONQUISTA (org.). **Jardim da Conquista – O Canto Poético**. São Paulo: Secretaria da Cultura de São Paulo (VAI), 2014.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: Cultura e Memória**. São Paulo: EDUC, 2019.

SINGER, André. As Raízes Sociais e Ideológicas do Lulismo. *In*: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP, n. 85, 2009.

SOLICITAÇÃO DO CPA À COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO DA SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS. *In*: **Acervo da Biblioteca “Camilo Pedro dos Reis” do Céu São Mateus**. São Paulo, 2003.

SVCENKO, Nicolau. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. *In*: **REVISTA USP**, São Paulo, n. 63, set./nov. 2004, p. 16-35.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos. *In*: KOWARICK, Lucio (Org.) **As Lutas Sociais e a Cidade: Passado e Presente**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa: Vol. I – A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Documentos

Anais da Câmara Municipal de São Paulo

ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Seleção de Pronunciamentos Sobre ou Relativos a São Mateus Entre 1948 e 1991.

Sites

A CONQUISTA DO CONQUISTA. Disponível em: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 15 set. 2019.

ACERVO AGUIRRA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:GLAM/Museu_Paulista/Listas/Mapas_da_cole%C3%A7%C3%A3o_Aguirra. Acesso em: 17 out. 2020.

ACERVO DO CENTRO PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO VERGUEIRO. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/acervo.php>. Acesso em: 20 jul. 2021.

AGÊNCIA MURAL. Ver: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/10/27/moradores-de-sao-mateus-criam-projeto-de-samba-em-lava-rapido/>. 27.10.2015. Acesso em: 29 abr. 2021.

CAMINHADA Ecológica S.O.S Morro do Cruzeiro. Disponível em: <https://www.gazetasaomateus.com.br/caminhada-ecologica-s-o-s-morro-do-cruzeiro/>. Acesso em: 26 set. 2020.

CANARINHO F.C. (Página de *Facebook*). Ver: <https://www.facebook.com/Canarinho-Futebol-Clube-S%C3%A3o-Mateus-457248490987128/>. Acesso em: 22 set. 2021.

CARTA CAPITAL. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/39377/aos-74-anos-tia-cida-e-personagem-central-de-resgate-e-renovacao-do-samba-na-periferia-de-sao-paulo>. Acesso em: 07 jul. 2019.

CARTA CAPITAL. O Berçário de Tia Cida. 06 Jan. 2015. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6002/o-bercario-de-tia-cida>. Acesso em: 22 set. 2021.

CARTA DA MARÉ: MANIFESTO DA I INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/noticias/3753/carta-da-mare-rio-de-janeiro-manifesto-das-periferias-as-periferias-e-seu-lugar-na-cidade>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/vereadores/>. Acesso em: 19 set. 2019.

CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>. Acesso em: 21 set. 2021.

CIDADE QUE LUTA. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCGsx1HYprO75V40st6ZSZPg>. Acesso em: 07 nov. 2020.

CPDOC GUAIANÁS. A Periferia do Samba. São Paulo: Ponto de Cultura (MinC/SMC), 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jgwSWMB_q7s. Acesso em: 28 abr. 2021.

DADOS DEMOGRÁFICOS DOS DISTRITOS PERTENCENTES ÀS SUBPREFEITURAS. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em: 04 jul. 2019.

DIA DO MEIO AMBIENTE É CELEBRADO NO MORRO DO CRUZEIRO. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/noticias/?p=95092. Acesso em: 09 mar. 2021.

DICIONÁRIO DE RUAS. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 19 set. 2019.

EMTU. CORREDOR BRT METROPOLITANO PERIMETRAL LESTE. Disponível em: <https://www.emtu.sp.gov.br/emtu/empreendimentos/empreendimentos/corredor-brt-metropolitano-perimetral-leste.fss>. Acesso em: 04 mar. 2021.

GAZETA DE SÃO MATEUS. Disponível em: <https://www.gazetasaomateus.com.br/gazeta-sao-mateus-completa-26-anos-contribuindo-para-o-progresso-do-bairro/>. Acesso em: 19 set. 2019.

GEOSAMPA – MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 17 out. 2020.

GRUPO SÃO LOURENÇO. Disponível em: <http://www.gruposaulourenco.com.br/quemsomos>. Acesso em: 12 set. 2019.

HISTÓRIA DA CONQUISTA DO CONQUISTA. Disponível em: <https://comunidadejardimda.wixsite.com/jardim-da-conquista>. Acesso em: 07 nov. 2020.

HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DA CIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg. Acesso em: 28 nov. 2020.

HISTÓRICO DEMOGRAFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/index.php. Acesso em: 19 set. 2019.

HISTÓRICO DE SÃO MATEUS. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico. Acesso em: 12 set. 2019.

HISTÓRICO SUBPREFEITURA DE SÃO MATEUS. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/historico/index.php?p=438. Acesso em: 01 dez. 2020.

JARDINEIRA faz viagem ao passado em São Paulo. Disponível em: <https://miltonjung.com.br/2009/07/07/6224/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

JORNADA DO PATRIMÔNIO (CPDOC Guaianás). O Morro do Cruzeiro e as Lutas Sociais no Jardim Santo André. Disponível em: <https://www.facebook.com/adriano.sousa.1441/videos/3815468675164560>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MEMÓRIA: duplicação da adutora do rio claro em 1976 ampliou oferta de água para a região leste. Disponível em: <http://site.sabesp.com.br/site/imprensa/noticias-detalle.aspx?secaoId=65&id=5370>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MOVIMENTO de Defesa dos Favelados. Disponível em: <https://www.mdf.org.br/historia>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MURAL AGÊNCIA DE JORNALISMO DAS PERIFERIAS. Moradores de São Mateus Criam Projeto de Samba em Um Lava Rápido. Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/10/27/moradores-de-sao-mateus-criam-projeto-de-samba-em-lava-rapido/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

OLHAR TVT. São Mateus em Movimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=6OicimSu4Dc>. Acesso em: 10 nov. 2020.

O MAESTRO DO BISTURI. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-maestro-bisturi/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

O MELHOR DO BAIRRO. Disponível em: <https://www.omelhordobairro.com/saomateus/historia>. Acesso em: 13 set. 2019.

O SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.osaopaulo.com.br/noticias/parouquia-santa-adelia-comemora-50-anos-de-testemunho-do-evangelho-na-cidade#gsc.tab=0>. Acesso em: 08 dez. 2020.

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO E DOS MUNICÍPIOS CIRCUMVIZINHOS. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg. Acesso em: 01 dez. 2020.

PROGRAMA ENSAIO. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/46423_ensaio-tia-cida-30-11-2014.html. Acesso em: 07 jul. 2019.

RESOLUÇÃO N° 06 CONPESP 2016. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Re0616TombamentoZEPEC262004142004pdf_1503077865.pdf. Acesso em: 25 mai. 2019.

SÃO MATEUS: 62 anos de progresso. Disponível em: <https://www.omelhordobairro.com/saomateus/historia>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SÃO MATEUS EM MOVIMENTO. Disponível em: <https://www.facebook.com/saomateusemmovimento/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

SARAU do Vale – 3 anos. Disponível em: <https://culturaleste.com/sarau-do-vale-3-anos/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

UNEAFFRO BRASIL. Disponível em: <http://uneafrobrasil.org/>. Acesso em: 19 set. 2019.

UNIÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA. Disponível em: <https://sp.unmp.org.br/organi-zacao-interna/movimentos-filiados/>. Acesso em: 22 set. 2019.

VERBETE BOA ESPERANÇA. Disponível em: <https://www.varzeapedia.com.br/equipes/boa-esperanca-de-sao-mateus/>. Acesso em: 22 set.2021.

VERBETE CLAUDE RAFFESTIN. https://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Raffestin. Acesso em: 09.12.2021.

Entrevistas

ENTREVISTA COM ALDO LEITE. 13 mai. 2017.

ENTREVISTA COM GERALDA FERNANDES MORAES. 24 jul. 2020.

ENTREVISTA COM MARIA ELZA ARAÚJO. 04 mai. 2018.

ENTREVISTA COM ORINHO FERREIRA. 10 out. 2018 e 07 fev. 2019.

ENTREVISTA COM PEDRO CARANICOLOV. 06 mai. 2018.

ENTREVISTA COM ROSE FERNANDES MORAES. 11 jul. 2020.

ENTREVISTA COM TEREZINHA SILVA. 03 mai. 2019.

ENTREVISTA COM TIA CIDA. 13 mai. 2017.

Músicas

AMIZADE ZONA LESTE. **A Evolução da Zona Leste**: São Mateus 50 Anos. São Paulo, 1999.

QUINTETO EM BRANCO EM PRETO. Berço do Samba de São Mateus. *In: Patrimônio da Humanidade (CD)*. São Paulo: Trama, 2008.

CONSCIÊNCIA HUMANA. Lei da Periferia. *In: ENTRE A ADOLESCÊNCIA E O CRIME*. (CD). São Paulo: DRR/Posse. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z37bj05qQtI>. Acesso em: 30 jul.2021.

BOININHA, Wilson; MADUREIRA, Emerson. Terra de Bamba. *In: A Voz da Comunidade - Samba da Maria Cursi (CD)*. São Paulo: Samba Maria Cursi, 2015.

ROCHA, Reinan; MADUREIRA, Emerson. Tia Cida. *In: A Voz da Comunidade - Samba da Maria Cursi (CD)*. São Paulo: Samba Maria Cursi, 2015.

Poemas

FLORENTINO, Luiz Carlos. **São Mateus da Zona Leste**. São Paulo: editado pelo autor, 2018.

PAULO, Danylo. **Memórias de Um São** - Parte I. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0ejQ62Ebos>. Acesso em: 24 abr. 2021.

REIS, Camilo Pedro dos. **Fostes Moldada Pela Mão do Criador**. São Paulo, Ano Desconhecido.

_____. **A Vida do Operário**. São Paulo, Ano Desconhecido.

SILVA, Midria Pereira da. Paulistana Periférica. *In: Peixe Urbano*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dDPZe8XPJWw>. Acesso em: 23 jun. 2019.

Cartografias, Imagens e Tabela

ACERVO AGUIRRA. **Planta dos Terrenos da Vila Nova York** (Detalhes do Córrego Aricanduva e Avenida do Gaaguaçú), 1947.

ACERVO FAMILIAR DE ORINHO FERREIRA. **Orinho Ferreira no armazém/mercearia da família no Jardim Laranjeiras**. São Paulo, 2021.

ACERVO PESSOAL DO PESQUISADOR. **Reprodução do Contrato 1286 da Sociedade Civil de Terrenos São Mateus**, 1952.

AUTOR DESCONHECIDO. Fazenda Oratório: Propriedade dos Sucessores de Nestor de Barros. *s/d. In: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP*.

AUTOR DESCONHECIDO. **Pequeno Comércio em São Mateus**. São Paulo, *s/d*.

AZEVEDO, Aroldo de. Planta da Cidade de São Paulo e Arredores. *In: Azevedo, Aroldo de. Subúrbios Orientais de São Paulo*. FFCL-USP, 1945, p. 45.

BERNARDES & SOUZA. Planta do Sítio do Fonseca. São Paulo, 1949. *In: Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP*.

DELI, Fernando. Reprodução de Mapa do Vale do Aricanduva no Século XVIII. *In: O Povoamento e a Circulação no Vale do Aricanduva, da Colonização ao Início da Urbanização: Momentos da Fragmentação do Espaço Numa Porção da Zona Leste Paulistana. GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 9, n. 1, 2005, p. 88.

DIÁRIO POPULAR. **São Matheus Guerreiro** (ônibus lotado). São Paulo, 1985.

GEOSAMPA. **Mapa da Subprefeitura de São Mateus com seus distritos e territórios vizinhos** (camada subprefeituras), 2021.

HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Evolução Demográfica de São Mateus por Distritos**. São Paulo, 2019.

HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Evolução Demográfica do município de São Paulo: Anos de 1950 a 1960**. São Paulo, 2019.

HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Evolução Demográfica do município de São Paulo: Anos de 1960 e 1970**. São Paulo, 2019.

HISTÓRICO DEMOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **São Paulo** (Detalhe São Mateus). São Paulo, Cia Melhoramentos, 1951.

JORNAL DESCONHECIDO. **Mapa do Projeto São Mateus** (Aqui a Saúde de São Paulo Começa a Melhorar) São Paulo, 1979.

MARQUES, Israel dos Santos. Praça São Mateus, atual Praça Felisberto Fernandes da Silva e o supermercado *Barateiro*. In: **Acervo do Museu da Cidade de São Paulo**, 1996.

SANTOS, Glauber Aurélio. **Visão Diurna e Noturna de Condomínios de Prédios Convivendo Lado a Lado com Galpões e a Mata Atlântica no Parque São Lourenço**. São Paulo, 2019.

SÃO PAULO TRAMWAY LIGHT & POWER. Detalhe das Fazendas do Sudeste da Parte Leste de São Paulo. Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos. São Paulo: 1943. In: **Histórico Demográfico do Município de São Paulo**.

SISTEMA SARA. Mappa Topogrâphico do Município de São Paulo. Folha 71. 1930. In: **Acervo Aguirra do Museu Paulista da USP**.

SOUSA, Adriano. Colaboradores em seus bairros: Referências Espaciais do Território. In: **Plataforma Google Earth**, 2021.

SOUSA, Adriano. **Edifício atual da sede da Regional de São Mateus na década de 1980**, segundo Maria Elza Araújo. São Paulo, 2021.

SOUSA, Adriano. **Padaria Skina no cruzamento da Avenida Mateo Bei com a Avenida Sapopemba**. São Paulo, 2019.

SOUSA, Adriano. **Sede atual da Subprefeitura de São Mateus no Jardim Colonial**. São Paulo, 2021.

SOUSA, Adriano. **Totem do Projeto Meu Bairro Minha Cidade no Céu São Mateus**. Parque Boa Esperança, distrito do Iguatemi. São Paulo, 2021.

SOUSA, Adriano. Trabalhos de Memória em São Mateus. In: **Plataforma Google Earth**, 2021.

Jornais

A OCUPAÇÃO na Região de São Mateus. **Folha S Paulo**, São Paulo, 28 set. 1989.

A POLÍTICA na Vida dos Moradores. **Gazeta de São Mateus**, São Paulo, set. 1995.

ADMINISTRAÇÃO Regional: São Mateus 47 Anos. **Gazeta São Mateus**, São Paulo, set. 1995.

ANEL Viário E Troleibus Interligam Regiões. **Correio Paulistano**, São Paulo, 13 a 19 ago. 1989.

AQUI a Saúde de São Paulo Começa a Melhorar. **Jornal Desconhecido**, São Paulo, 15 nov. 1979.

ASSEMBLEIA da Água. **O Ajudante: Boletim da Pastoral Operária Setor São Mateus**, São Paulo, dez. 1978, p. 02-03.

ATENDIMENTO na Regional Já Começou. **Cidade São Mateus**, São Paulo, out. 1986.

BAIRRO de São Mateus, na Zona Leste, já Tentou se Emancipar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, dez. 2017.

BOLETIM. **Acorda Vera Cruz**. São Paulo, n. 01/02. abr.-set. 1993.

CIDADE de São Mateus. **Jornal de Sapopemba**, São Paulo, dez. 1985.

CMTC Abre Seu Novo Terminal Para Troleibus. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 jul. 1981.

COMO Foi a Luta Pelo Distrito. **Jornal de Sapopemba**, São Paulo, dez. 1985.

COMPOSTO Orgânico. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 04 out. 1978, p. 06.

COOPERATIVA das Compras em Comum do Jardim Colonial. **O Ajudante: Boletim Setor São Mateus**, São Paulo, out. 1979, p. 03.

EM SÃO MATEUS Mobilizações Já Soma Vitórias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan. 1981.

GOVERNO de SP Promete Entregar Estação Colonial da Linha-15 Prata do Monotrilho em 2 Anos. **G1 Portal Globo de Notícias**, São Paulo, 27 mai. 2019.

GRANDE São Mateus. **Cidade São Mateus**. São Paulo, out. 1986.

HOSPITAL: Uma Grande Conquista. 09.1995. **Gazeta de São Mateus**, São Paulo, set. 1995.

INAUGURADO Terminal de Ônibus de São Matheus. **Gazeta do Tatuapé**, São Paulo, 23 a 29 jun. 1985.

INDUSTRIALIZAÇÃO do Lixo. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 07 set. 1979.

MAJOR Oscar: o primeiro presidente da Sacismat. **Gazeta de São Mateus**, São Paulo, set. 1995.

MORADORES do Jardim Nova Vitória denunciam área imprópria para moradia na região. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2019.

MY CLICK: São Mateus. **Jornal SP Leste São Mateus**, São Paulo, ed. 67, set. 2019.

NA CIDADE São Mateus Benção e Inauguração da Igreja do Padroeiro, **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 11. nov. 1955.

OS CURSOS Profissionais no Nosso Setor. **O Ajudante: Boletim Setor São Mateus**, São Paulo, dez. 1978, p. 07.

O LIXO Transformado em Adubo. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 04 mai. 1983.

PANIFICADOR do Século Homenageia São Mateus no seu Aniversário. **Jornal Desconhecido**, São Paulo, set. 2006.

PARÓQUIA SANTA Adélia Comemora 50 Anos de Testemunho do Evangelho na Cidade, **O São Paulo**, São Paulo, 24 abr. 2019.

PASSO a Passo na Terra dos Beis. **Cidade São Mateus**, São Paulo, out. 1986.

PRORROGADOS os Contratos de 80 Linhas de Ônibus. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 21 jun. 1960.

PROTESTO Reuniu 3 mil em 1983. **O Estado de S Paulo**, São Paulo, 17 nov. 1994.

REGIONAL: O Atendimento à População Já Começou. **Cidade de São Mateus**, set. 1986.

SÃO MATEUS Celebra Seu 57 Aniversário lembrando Suas Lutas. **Diário Oficial do Município de São Paulo**, São Paulo, 29 set. 2005.

SÃO MATEUS Festeja 47 anos de Fundação. **Gazeta de São Mateus**, set. 1995.

SÃO MATHEUS Guerreiro. **Diário Popular**, São Paulo, 20 ago. 1985.

SÃO MATEUS Tem Tradição de Luta. **Diário Popular**, São Paulo, 15 mar. 1997.

SAÚDE. **O Ajudante: Boletim do Setor São Mateus**. São Paulo, ago.1979.

SAÚDE Para Todos. **Movimento de Saúde de São Mateus**. São Paulo, Ano 04, n. 06, jan. 1981.

TERRENOS Clandestinos - Assembleia do Dia 27 Realizada no Jardim Augusta. **O Ajudante: Boletim Setor São Mateus Pastoral Operária**, São Paulo, jan. 1979, p. 03.

TRANSPORTES para o Bairro de São Mateus. **O Estado S Paulo**, São Paulo, 18 mar. 1952.

TRANSPORTE: Sofrimento do Cidadão, Pouco Caso do Estado. **Jornal de Sapopemba**, São Paulo, 1 a 15 jul. 1986.

UM LUGAR Para Lazer e Descanso. **Gazeta de São Mateus**, São Paulo, set. 1995.

UNIÃO Democrática. O Ajudante: Boletim do Setor São Mateus da Pastoral Operária, São Paulo, p. 11, ago. 1979.

VALORIZAÇÃO Chega a São Mateus. **Diário Popular**. São Paulo, jun. 1998.

VÍTIMAS da Água Clorada Voltam a se Sentir Mal. **O Estado São Paulo**, São Paulo, p. 30, 14 fev. 1982.

WELSON Vai à Câmara se Explicar. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08 mai. 1987.

ANEXOS

Anexo A – Propaganda do Empreendimento *My Click São Mateus*



Fonte: Jornal Leste São Mateus

Anexo B – Músicas

O Berço de Samba

Quinteto em Branco e Preto

Eu fui criado

Berço de samba, em São Mateus

Reduto abençoado por Deus

Terra igual a essa não há

Lá o samba brota com naturalidade

No subúrbio ou na cidade

Eu digo a verdade

Sem medo de errar - então fale

Fale quem quiser falar

Fale quem quiser falar

Do partido ao samba de terreiro

Samba cem por cento brasileiro

Que por lá você também vai achar

O clima natural de qualquer favela

Rafael, Vera Cruz, Divinéia

São Mateus em primeiro lugar

...No tempo da "voz da colina"

Dona Severina já era de lá...

...Quando chegou "Mateo Bei"

A família "My Frey" foi recepcionar

...Tia Filó, Seo Jaul, Dona Fifa

Hoje tem tia Cida a nos abençoar

...São Mateus, meu reduto de bambas

Não deixe a chama do samba apagar...

Amizade Zona Leste: A Evolução da Zona Leste – São Mateus 50 Anos

Compositores: Rubão/ Aílton do Cavaco

Este bairro admirável

Mateo Bei é o responsável pela sua criação

Nildo Gregório da Silva

Obrigado pela pavimentação

E o zé do violão, como é doce recordar

Papo furado no armazém do Natalino

E o bar do nordestino

Pra gente bebericar

E no balanço que vai

E no balanço que vem
O pau de arara
Balançava também
Adorei o seu comércio
Aliado ao progresso da sua educação
Na escrita ou falada, a imprensa é ligada
Para a comunicação
A evolução da zona leste
Com seu parque industrial
Em fevereiro sacudindo esta cidade
Despontou o "amizade" a emoção do carnaval
São cinquenta anos de pura alegria
Quem te viu e quem te vê
Na saudação da minha bateria

São Matheus mil parabéns para você.

Tia Cida (Samba Maria Cursi)

Eh Tia Cida, eh, Tia Cida

Causa em nós muita emoção

Pois por Deus é intuída

Eh, Tia Cida, eh, Tia Cida

Uma mulher de coragem e uma lição de vida

Tu és como pérola negra

Jóia rara de achar

É filha de todos os santos

Abençoada pelo orixás

Vem como menina de saia rodada

Lembrando as baianas e suas magias

Quando entra na roda de samba

Faz a noite virar dia

Vem pra roda rainha

Vem pra roda, abre o coração

No astral da sua gente

Fantástica renovação

Seu lugar é a Vila Flávia

Debaixo daquela mangueira

Sua bênção majestade

Soberana, madrinha, guerreira

Consciência Humana - Lei da Periferia

Essa é somente a vida de muitos em São Mateus;

Mas também é a vida de muitos na zona norte;

Na zona sul, na zona oeste e na nossa zona leste.

Essa é a vida de muitos em São Mateus.

A falta de dinheiro naquela goma era problema
Mais um chefe de família mantinha Deus
Como força suprema, o seu único lema
Dois pivetes frutos de um casamento bem sucedido
Mas financeiramente todo fudido
Sem emprego, roubar que nada e aí camarada
Essa vida não vai me pregar essa cartada
De manhã um bico aqui e outro ali
É assim que vai levando sem desistir
Seus pivetes os dois criados nas ruas
Fazer o que é o destino fudendo na cara dura
E o maior com apenas 15 anos
Sem o pai perceber já está se adiantando
Lei da periferia ó quem diria?
São muitos se fodendo a cada dia
O menor segue os passos do irmão mais velho
Esconde seu calibre no forro do teto
Eu não quero me foder, não quero ver nada faltar em casa
Vou ver o meu pai se foder sozinho por nossa causa?
Lamento de mãe que vê coisas chegar diferentes em casa
E o que os filhos faziam a coitada acoitava
Com medo de uma surra ou que houvesse conflitos em casa
Pois a lei era severa pelo pai nesse estilo de área, nesse estilo de área.

Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Lei da periferia ó quem diria?)
Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Pequeno e pobre, humilde mais um bairro meu)

Crueldade do tempo, o destino armou uma grande cilada
Contra aquele homem era a morte de hora marcada
Contente por ganhar um trocado com o sorriso estampado no rosto
Pra junto de Deus naquele dia ia deixar o morro
Considerado na área pela honestidade que tinha

Trabalhador o único problema é que bebia
Mas chegava junto em casa e problemas não dava
Mas sua hora estava bem perto, se aproximava
Deu o dinheiro pra sua esposa e foi pro boteco
Daí aonde conversava e uma dose de pinga bebia
Descontraído não percebeu o carro encostar
Não viu nada, nem a própria morte, bam, bam
Sua mulher escuta os sapecos e corre pra lá;
Vê o marido caído, se desespera e começa a chorar
E a única frase por ela ouvida
Se joga ladrão e você também pra não foder minha vida.

Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Lei da periferia ó quem diria?)
Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Pequeno e pobre, humilde mais um bairro meu)

A notícia chega ao mais velho e ele não chora
E fala bem alto e fudido
Eu não quero saber, vou buscar cada um desses bandidos
Buscou os safados e agora seu pai está vingado
A promessa que fora feita está cumprida
Agora é eu quem tomo conta da minha família
No começo tentou seguir o exemplo do pai
Mas o destino foi traiçoeiro e apunhalou por trás
Volta a vida que levava agora abertamente
Já é um ladrão bem sucedido, infelizmente
A polícia cresce o olho, pois estão na sua cola
Um pedágio por dia pra também não ir embora
Mas infelizmente é trombado em uma outra quebrada
Sem acerto, foi derrubado com o rosto afundado na vala
Lei da periferia ó que diria?
São muitos se fodendo a cada dia
Mais um sofrimento para aquela mulher

Primeiro é o marido, segundo o filho, vê o destino como é
Pois esta é a vida de muitos lá em São Mateus
Pequeno, pobre, humildade mais um bairro meu.

Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Lei da periferia ó quem diria?)
Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Pequeno e pobre, humilde mais um bairro meu)

Aquela sexta 13 foi pop pra mim
Primeira sexta-feira 13 pop da minha existência
Foi o dia em que prontifiquei me distanciar das negligências
De um sistema esbranquiçado
Acordei cedo desposto á ver o sol nascer
Já recebi a notícia dos que morreram
E da lista dos que tinham pra morrer
De ouvir essas idéias estou empapuçado
Espancamento, estupro, drogas, assassinato
Espero um dia acordar com as boas notícias
Sem violência, sem racista, sem polícia
Sem ouvir tiazinha chorando por que invadiram sua goma
Sem ouvir pivetada gritando ""eu não quero ir pra escola""
Sem ver a mulher brigando com o marido alcóolatra
É foda, vou dar um rolê e volto outra hora
Pra ver se a mente controla esse tempo que rola
Parei numa banca para ler o jornal, me dei mal
Por que o destaque era uma chacina que espirrava sangue
A folha de notícia é foda, esse modo de vida pra mim não dá
Vou procurar um lugar tranqüilo pra raciocinar
Preciso cuidar da minha coroa agora
Vou abandonar o crime e dar início a uma vida nova
Vou começar a outra caminhada
Voltar as aulas, trabalhar antes que os ratos conquistem meu espaço á bala
Antes que a minha coroa veja o meu corpo crivado de bala.

Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Lei da periferia ó quem diria?)
Esta é a vida de muitos em São Mateus
(Pequeno e pobre, humilde mais um bairro meu)

Anexo C – Poemas

Paulistana Periférica

Autora: Mítria Pereira da Silva

Uma vez um garoto de 10 anos foi ao Museu da Língua Portuguesa
Na entrada pediram: escreva
Nome, e-mail e cidade
Cidade....
Tiradentes!!!
O garoto de dez anos era paulistano e nem sabia

Mas eu indago, afinal de contas...
O que é ser paulistano? O que é ser paulistana?
E o que é São Paulo?
É ou não é uma cidade?
Mas independentemente da idade o que dá pra se ver é que muita gente não sente como se não pertencesse à essa Paulicéia desvairada
É que tem muita gente não se apropria desse espaço
Maior da América Latina, maior do Brasil
Uma cidade tão grande, mas que se perde em meio aos seus contrastes sociais e se torna miúda nessa insensatez

Cidade linda?!!!

Pra quem?

Porque enquanto o cartão postal continuar a ser a Avenida Burguesa Paulista, o resto da cidade vai continuar sendo sempre o resto
O relegado, o deixado de lado, a borda, a horda, a várzea

A periferia

E não tem problema nenhum ser da periferia

Inclusive, amo minha quebrada

Salve São Mateus, salve Recanto!

Mas o que eu quero dizer mesmo nesse canto é que

Alguma coisa acontece no meu coração

Assim que pego a 3739-10 em direção ao Metrô Itaquera, no Metrô Itaquera pego a linha vermelha, da linha vermelha vou até a República, da República faço conexão com a linha amarela, com a linha amarela vou até o Butantã, e no Butantã pego o 8012 circular

Fazendo esse caminho todo maldito santo dia pra ir pra universidade estudar

Às vezes mesmo com medo de que o passe-livre até o fim do mês não vai durar

E mãos para o alto, quatro conto é um assalto!

Eu quero que as distâncias dessa cidade sejam encurtadas

E que a mobilidade não restrinja mais nossos caminhos de vida

Mas isso não significa que eu queira chegar mais rápido até o centro

Eu quero um fura-fila pra cultura e pra todas vias de desenvolvimento

Bem ali perto de mim, na quebrada

Na Zl, na Zs, na Zo, na Zn

Que toda a periferia seja reconhecida em sua pluralidade

Na sua gama interminável de possibilidades

Essa Paulicéia desvairada multifacetada

Piratininga com mil caras, esconde algumas no fundo da alma

Eu sou da Leste...

Cheguei, mas pra sair fora é sempre muito chão

São Paulo é aquariana

É todo 25 de janeiro eu lhe amo um pouco mais

Mas eu peço, eu imploro pra que a relação do povo com essa cidade mude

Se remolde e deixe de cair na mesmice do molde de

Trabalho no centro, não vivo o centro, moro na periferia, durmo na periferia, não vivo a periferia, não vivo...

Revolucionária em toda medida como uma boa aquariana

Eu peço à essa cidade

Eu quero que meu bairro não seja mais um bairro-dormitório, eu quero que ali tenha vida, seja noite ou seja dia

Porque eu quero viver São Paulo

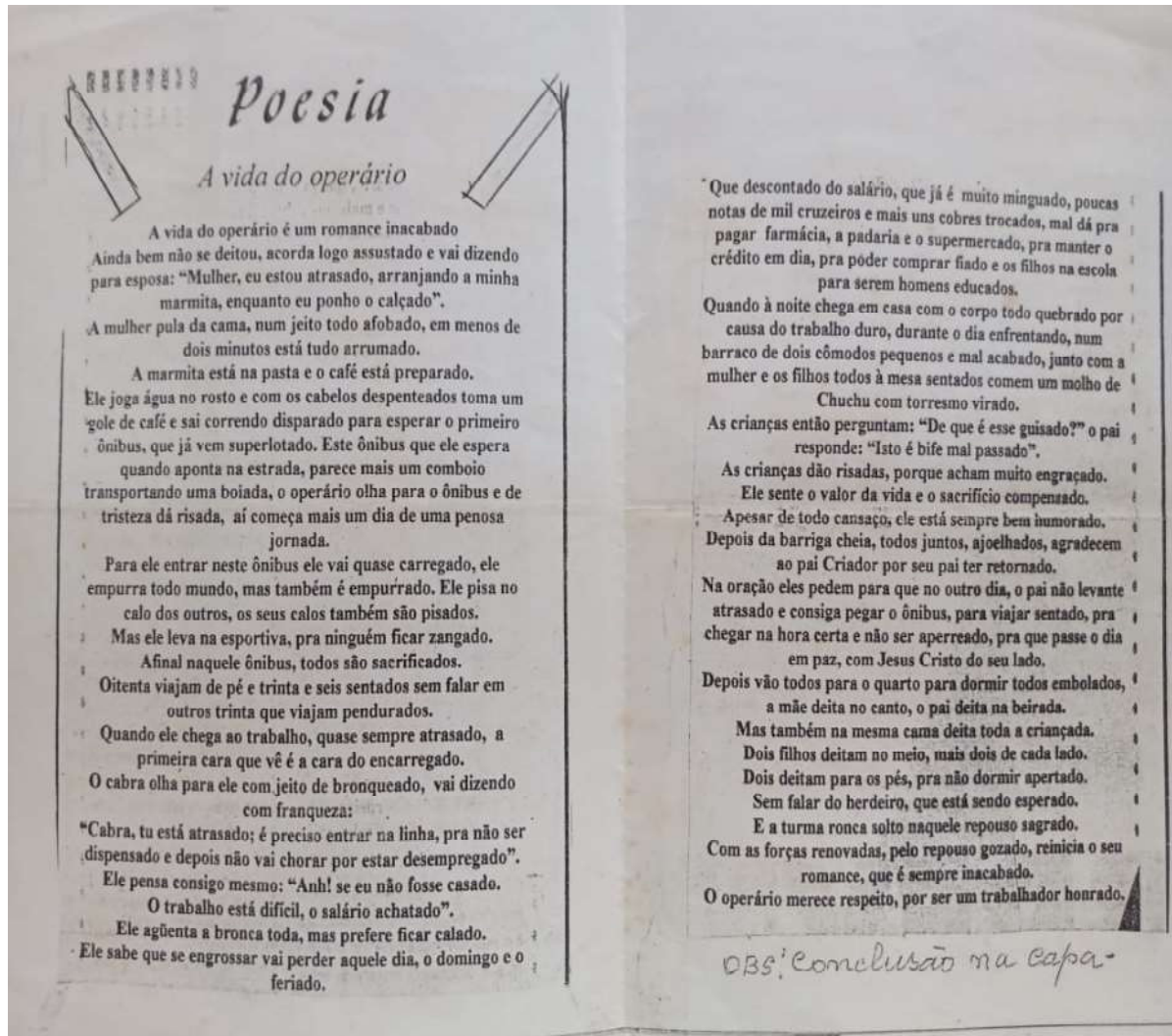
Quero dar nossa cara à ela

E se for necessário, a gente dá a cara a tapa

Pra que essa cidade seja sempre mais nossa

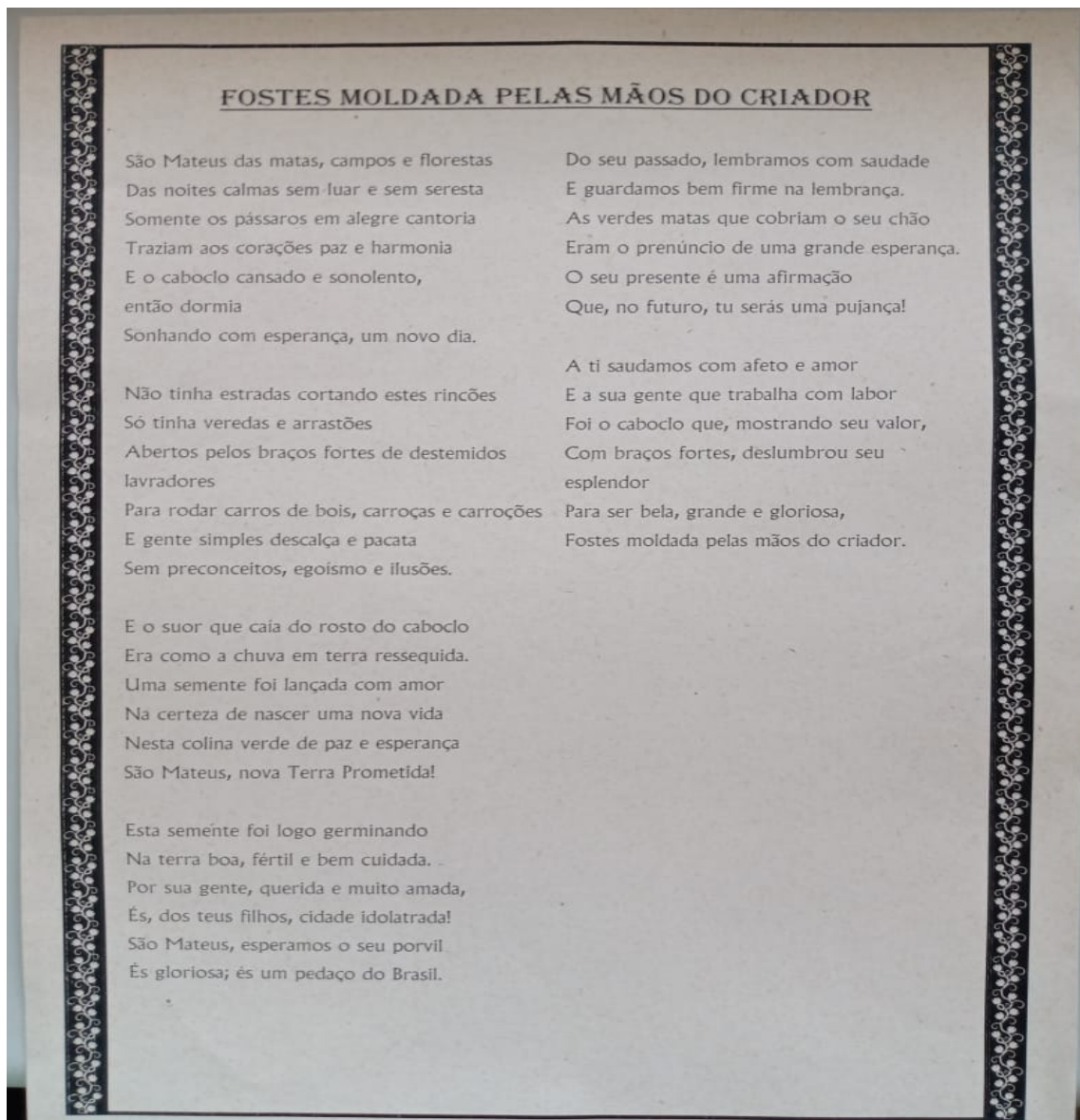
E menos deles

Camilo Pedro Reis – A Vida do Operário



Fonte: Acervo Biblioteca Camilo Pedro dos Reis – CEU São Mateus

Camilo Pedro Dos Reis – Fostes Moldada Pelas Mãos Do Criador.



Fonte: Acervo Biblioteca Camilo Pedro dos Reis - CEU São Mateus

Danylo Paulo – Memórias de Um São

Ragueb parada, busão quebrado, troca de tiro
Senhora baleada
Quem é o culpado?
Polícia, ladrão ou menor ser visão?
Na ilusão dos tolos jogou o futuro na escuridão
Quebrada moiada, fardado pra tudo que é lado

[Vai vai vai vai vai vai vai!]

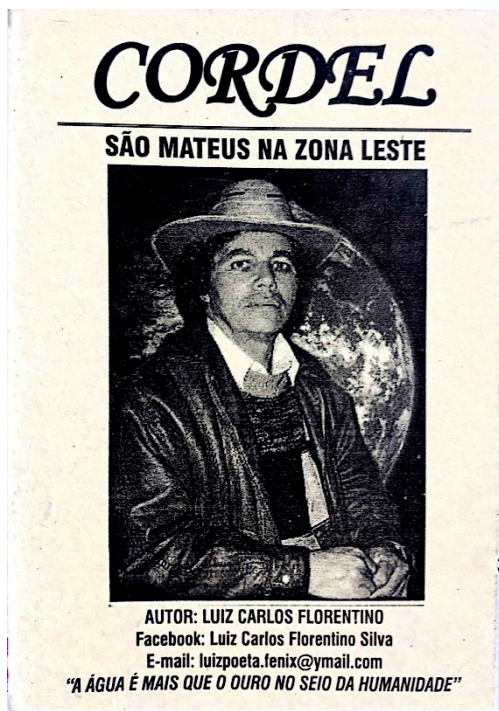
Nessas horas não existem cidadãos de bem
 Todos reféns do chamado terrorismo de Estado
 Imaginei esse ser só mais um dia comum
 Sair do trampo, ir pro curso, quem déra
 Sangue escorre na favela
 São Mateus, às vezes parece que Deus nos esqueceu
 Rotina triste que não será retratada na tela da sua novela
 Habitações salientes em áreas de proteção ambiental
 Pra quem não tem aonde ir, nada mal
 Sonhando pra hoje não rolar reintegração de posse
 Não ser pisoteado pelos cavalos do choque
 Rotina triste de um povo que está à margem
 Mesmo sem ser marginal
 Oramos ao céu pedindo uma resposta do além que não vem

Da ponta da Sapopemba até o cruzamento da Bento Guelfi
 Mil histórias pra contar
 Lágrimas, sonhos perdidos, vidas esquecidas
 Nessa extremidade da cidade cinza
 Onde o cheiro podre do aterro
 Invade nossas narinas
 Terceira divisão, campo do Piratininga
 Futebol de várzea
 Anima os domingos
 Mostrando que nem só de tristeza
 Vive nossa brava gente
 Uma gelada para referescar
 Uma cariri, só se for do Seu Zé pra animar

O sol ainda brilha por aqui
 Evidenciando que ainda há um caminho diferente a seguir
 Tem arte de um canto a outro
 Afinal foi aqui que nasceu Fish, DRR Posse

Pioneiros do Hip Hop
 Berço do Samba da nossa rainha Tia Cida
 Sem contar que tem sarau
 Urbanista Concreto, Seu Camilo
 E o nosso saudoso do Vale
 Nos muros a arte de rua
 Explode em muitas cores
 Grafite e pichação abrindo a nossa mente para o que é a real intervenção/
 Salve Família Febre, Spider, Coc
 E o nosso majestoso Opni
 Se você procurar um lugar pra aprender e se informar
 Temos duas Casas de Cultura
 Rosas Periféricas no palco a encantar
 São Mateus em Movimento a inspirar
 DeMenos Crime, gratidão pelo legado e influência.
 Aqui a vivência é a maior correria
 Mas apesar de todas as amarguras, de todas as amarguras
 Quem realmente reina é a poesia.

Luiz Poeta – São Mateus da Zona Leste (Imagem da capa do cordel)



Anexo D – Fotos do Pesquisador com Agentes Históricos



Com Terezinha Silva, no Jardim Tietê



Com Orinho Ferreira no Jardim Laranjeiras



Com Aldo Leite no Jardim Tietê



Com Maria Elza, na Cidade Satélite Santa Bárbara



Com Pedro Caranicolov no Jardim Santo André



Com Tia Cida no Jardim Vila Carrão



Com Dona Geralda *Google Meet* (Jardim Colonial)



Com Dona Geralda *Google Meet* (Jardim Colonial)



Com Rose Morais *Google Meet* (Jardim Colonial)



Com Rose Morais *Google Meet* (Jardim Colonial)